

A U S T E R L I T Z



W . G . S E B A L D

W. G. SEBALD

1944-2001



AUSTERLITZ

2001

©2001 W. G. Sebald
Título original: Austerlitz
Tradução: Telma Costa
Capa: Fernando Mateus
Paginação: Rui Migueis Almeida
Impressão e acabamento: Rainho Neves, Lda. / Santa Maria da Feira
Este livro foi impresso no mês de setembro de 2004
ISBN: 972-695-590-4
Depósito legal n.º 215464/04
Todos os direitos reservados por
EDITORIAL TEOREMA, LDA.
Rua Padre Luís Aparício, 9-1.º Frente
1150-148 Lisboa / Portugal
Telef.: 21 312 91 31-Fax: 21 352 14 80

Austerlitz

Durante a segunda metade dos anos 60, em parte por motivo de estudo, em parte por outros que eu próprio não descortino bem, viajei com frequência entre a Inglaterra e a Bélgica, umas vezes por um ou dois dias, outras por várias semanas. Numa destas excursões à Bélgica que, assim me parecia, me levavam cada vez mais longe em terra alheia, fui parar, numa gloriosa manhã do princípio do Verão, à cidade de Antuérpia, que até então apenas conhecia de nome. Logo à chegada, enquanto o comboio deslizava lentamente pelo viaduto rematado de ambos os lados por umas curiosas torrezinhas aguçadas e entrava no vão escuro da estação, fui tomado de um mal-estar, uma sensação de incômodo que não mais me largou durante todo o tempo dessa minha visita à Bélgica. Recordo ainda a insegurança dos passos com que dei uma volta pelo centro da cidade, percorri Jerusalemstraat, Nachtegaalstraat, Plikaanstraat, Paradijstraat, Immerseelstraat e muitas outras ruas e vielas, e que, por fim, afligido por uma dor de cabeça e pensamentos desagradáveis, me refugiei no jardim zoológico, perto de Astridsplein, ao lado da Centraal Station. Por ali fiquei, vendo se me sentia um pouco melhor, sentado num banco meio à sombra junto a um aviário onde esvoaçavam numerosos tentilhões e pintassilgos. Enquanto a tarde foi passando deambulei pelo parque e acabei por ir ver o Nocturama, aberto apenas há um par de meses. Foi preciso algum tempo para que os olhos se adaptassem àquela penumbra artificial e eu pudesse reconhecer os diversos animais que levavam vidas obscuras por trás da vidraça, a uma pálida luz lunar. Já não sei quais foram os animais que vi nessa visita ao Nocturama de Antuérpia. Provavelmente, foram morcegos e jerboas do Egito ou do deserto de Gobi, águias, corujas e mochos europeus, opossums didelfos, martas, arganazes e lêmures australianos a saltar de ramo em ramo, atravessando de um lado para o outro o chão de saibro amarelo-escuro ou desaparecendo num canavial de bambus. O único animal que a minha memória reteve bem foi o urso-lavador, que observei longamente, sentado junto a um riacho com uma expressão severa no focinho, lavando repetidamente o mesmo bocado de maçã, como se tivesse a

esperança de, com todas aquelas lavagens muito para além de um zelo razoável, poder escapar àquele mundo falso a que tinha chegado, por assim dizer, sem ter culpa nenhuma. Dos animais alojados no Nocturama, ficou-me na memória que vários deles tinham olhos excepcionalmente grandes e esse olhar fixo, inquiridor que se encontra em determinados pintores e filósofos que, com recurso apenas à pura observação e ao puro pensamento, procuram penetrar nas trevas que nos cercam.



Creio que me terá ficado também a pairar na cabeça uma pergunta: se ligariam a luz eléctrica ao cair da noite verdadeira para os habitantes do Nocturama, quando o jardim zoológico fecha ao público, com o que, ao fim de um dia trocado no seu universo miniatural, poderiam adormecer com algum sossego. Com o passar dos anos, as imagens do interior do Nocturama foram-se confundindo no meu espírito com as que recordava da chamada Salle des pas perdus da Central Station de Antuérpia. E hoje, quando tento descrever essa sala de espera, vejo imediatamente o Nocturama e se penso no Nocturama vem-me

logo ao espírito a sala de espera, talvez porque naquela tarde fui diretamente do jardim zoológico para a estação, tendo primeiro passado algum tempo na praça adjacente a contemplar a fachada desse fantástico edifício em que mal reparara na manhã da minha chegada. Vi então até que ponto a estação construída sob o patrocínio do Rei Leopoldo II ultrapassava as meras funções utilitárias, maravilhando-me ante o rapaz negro inteiramente coberto de verdete que há um século estaciona, com o seu dromedário, na sacada da torre esquerda da fachada da estação, sozinho, um monumento ao mundo dos animais e dos nativos do continente africano recortado no céu flamengo. Quando entrei no saguão da Central Station, com a sua cúpula a sessenta metros de altura, o meu primeiro pensamento, talvez inspirado por ter visitado o jardim zoológico e visto o dromedário, foi que aquele foyer magnífico, embora então gravemente delapidado, deveria ter, em nichos de mármore, diversas jaulas para leões e leopardos e aquários para tubarões, polvos e crocodilos, tal como muitos jardins zoológicos, por sua vez, têm um pequeno caminho de ferro em que se pode viajar para as mais remotas partes da Terra. Terá sido por causa destas ideias que em Antuérpia se insinuavam, por assim dizer, de sua livre vontade, que a sala de espera, ao que sei hoje transformada em cantina do pessoal, se tornou para mim uma espécie de segundo Nocturama, uma sobreposição naturalmente motivada por o sol estar a mergulhar atrás dos telhados da cidade no momento em que lá entrei. Ainda o reflexo dourado e prateado dos enormes espelhos de parede semiobscurecidos fronteiros à fachada das janelas não se extinguiu por completo e já um crepúsculo cavernoso enchia a sala onde um par de viajantes se sentava afastado, calados e imóveis. Tal como os animais no Nocturama, entre os quais há um número excepcional de raças anãs, minúsculos fenecos, lebres saltadoras e hamsters, também esses viajantes me pareceram encolhidos, fosse pela invulgar altura do teto da sala, fosse pela escuridão que se adensava, e creio que me assaltou a ideia, em si absurda, de que eram os últimos membros de um povo diminuto que tivesse sido expulso da sua terra ou perecido, e, por serem os únicos sobreviventes, traziam a mesma expressão triste dos animais do jardim zoológico. Uma das pessoas que aguardavam na Salle des pas perdus era Austerlitz, que nesse ano de 1967 era um homem de aparência quase juvenil, com cabelo louro curiosamente ondulado como o que eu vira no herói alemão Siegfried do filme de Fritz Lang Os Nibelungos. Dessa vez em Antuérpia, tal como em todos os nossos encontros posteriores, Austerlitz trazia umas pesadas botas de caminheiro, umas calças de trabalho de algodão azul desbotado, bem como um casaco de alfaiate mas já muito fora de moda, e distinguia-se também dos restantes passageiros por, além destes aspectos exteriores, ser o único que não ostentava um olhar indiferente, antes se ocupava em produzir anotações e

esboços claramente relativos à suntuosa sala, a meu ver mais apropriada a cerimônias públicas do que a esperar pela próxima ligação de comboio para Paris ou Ostende, em que nos encontrávamos, pois sempre que não escrevia alguma coisa o seu olhar ia-se demorando pela fiada de janelas, pelas caneluras dos pilares e outros detalhes da construção da sala. A certa altura Austerlitz tirou da sua mochila uma máquina fotográfica, uma velha Ensign com fole telescópico, e tirou diversas imagens dos espelhos entretanto já completamente às escuras, imagens que nunca mais consegui encontrar no meio das muitas centenas de fotografias, quase todas por selecionar, que ele me confiou logo após o nosso reencontro, no Inverno de 1996. Quando finalmente me dirigi a Austerlitz com uma pergunta sobre o seu interesse óbvio na sala de espera, ele não se mostrou nada surpreendido com os meus modos diretos e imediatamente me respondeu, sem a mais leve hesitação: é que, como desde então muitas vezes comprovei, os viajantes solitários que passam dias inteiros num silêncio ininterrupto normalmente agradecem que lhes dirijam a palavra. Por vezes mostram-se até dispostos, nessas ocasiões, a abrir-se sem reservas a um desconhecido. Não foi, porém, esse o caso de Austerlitz daquela vez, na Salle des pas perdus, e mais tarde pouco me contou das suas origens e percurso de vida. As nossas conversas de Antuérpia, como ele veio depois a chamar-lhes por vezes, versavam sobretudo, nos termos do seu excepcional saber especializado, a história das construções, e assim foi dessa vez em que estivemos até perto da meia-noite à mesma mesa do restaurante fronteiro à sala de espera, do outro lado do grande saguão abobadado. Os poucos comensais que se tinham demorado até aquela hora tardia foram saindo um após outro e nós ficamos na zona do bufete, concebida como uma imagem de espelho da sala de espera, até que restamos só os dois mais um solitário bebedor de Fernet e a empregada do bar, que se tinha sentado num tamborete alto por trás do balcão, de pernas cruzadas, a envernizar as unhas com total devoção e concentração. Desta dama com cabelo oxigenado repuxado para cima em ninho de pássaro disse Austerlitz, de passagem, que era a deusa do passado. A verdade é que na parede por trás dela havia, sob o leão que decora as armas do Reino da Bélgica, um grande relógio, peça dominante do lugar, em que um ponteiro dos seus seis pés de comprimento girava num mostrador que já fora dourado, mas que a fuligem ferroviária e o fumo de tabaco tinham escurecido. Durante as pausas na nossa conversa ambos reparamos que decorria imenso tempo antes que se escoasse mais um minuto e que o movimento desse ponteiro era alarmante por se assemelhar a uma espada da justiça, embora contássemos com ele de cada vez que avançava para tirar ao futuro os sessenta avos da hora seguinte e logo se deter com tão ameaçador estremecimento que quase se nos parava o coração. Pelo final do século XIX, começou Austerlitz em

resposta à minha pergunta sobre a história do edifício da estação do caminho de ferro de Antuérpia, quando a pequena mancha cinza amarelada que quase não se vê no mapa-múndi e que representa a Bélgica se estendeu até o continente africano com as suas companhias coloniais, quando, no mercado de capitais e na bolsa de matérias-primas, faziam vertiginosos negócios, os cidadãos belgas, cheios de um optimismo ilimitado, pensavam que o seu país, tanto tempo submetido ao domínio estrangeiro, internamente dividido e desunido, estava a elevar-se à posição de grande potência econômica, nesse tempo, já tão distante embora decisivo para as nossas vidas atuais, foi desejo pessoal do Rei Leopoldo, sob cujos auspícios tinham sido alcançados progressos aparentemente tão inalteráveis, que o dinheiro súbita e copiosamente disponível fosse utilizado para erguer obras públicas que dessem renome internacional ao seu ambicioso Estado. Um dos projetos assim iniciados pela mais alta instância foi, segundo risco de Louis Delacenserie, a estação central da metrópole flamenga, inaugurada no verão de 1905 após dez anos de planeamento e construção, e na presença do monarca^[1]. O modelo que Leopold recomendou aos seus arquitetos foi a nova estação de Lucerna, que o impressionara em particular pela concepção da sua cúpula, marcadamente além da modesta altura normal das gares, concepção a que Delacenserie deu, no seu edifício inspirado no Panteão romano, tão admirável expressão que ainda hoje, disse Austerlitz, exatamente como era desejo do arquiteto, logo ao chegar ao saguão de entrada somos tomados pela sensação de estarmos além de tudo que é profano, numa catedral consagrada ao tráfego e ao comércio internacionais. Os principais elementos da sua monumental estrutura, foi Delacenserie buscá-los aos palácios do Renascimento italiano, disse Austerlitz, embora lhe tenha dado também ecos bizantinos e mouriscos, e talvez eu tivesse notado, ao chegar, os torreões de granito cinzento e ao percorrer estas notas recordo que, em Fevereiro de 1971, durante uma curta estadia na Suíça, visitei, entre outros lugares, Lucerna e aí, depois de ter visto o Museu do Glaciar, passei algum tempo na ponte sobre o lago, no caminho de regresso à estação do caminho de ferro, pois a vista da cúpula do edifício da estação e dos cumes nevados do maciço Pilatus que se erguia no límpido céu de inverno por trás dela fez-me pensar na conversa que tivera com Austerlitz, na Central Station de Antuérpia, quatro anos e meio antes. Um par de horas mais tarde, na noite de 5 de fevereiro, muito depois de eu já estar a dormir profundamente no meu quarto de hotel de Zurique, irrompeu na estação de Lucerna um fogo que com grande rapidez alastrou e destruiu por completo o edifício abobadado. As imagens que no dia seguinte vi nos jornais e na televisão e que durante várias semanas não consegui tirar da cabeça trouxeram-me um desassossego e uma inquietação que se condensaram na ideia de ser o culpado,

ou pelo menos um dos culpados, do incêndio de Lucerna. Anos depois ainda vejo por vezes, em sonhos, as chamas fustigando a cúpula e iluminando todo o panorama dos Alpes nevados. Branco cujo único propósito era despertar associações medievais no espírito dos passageiros de trem. O ecletismo, em si ridículo, de que Delacenserie se serviu na Central Station para ligar passado e futuro, com a sua escadaria de mármore para o foyer e a cobertura de vidro e aço da galeria, era na realidade uma expressão estilística consequente dos novos tempos, disse Austerlitz, e assim, prosseguiu ele, muito convenientemente, na estação de Antuérpia, o mesmo plano elevado de onde os deuses contemplam quem visita o Panteão romano ostenta, por ordem hierárquica, as divindades do século XIX: minas, indústria, transportes, comércio e capital. A toda a volta do saguão de acesso, talvez eu tivesse reparado, a meia altura das paredes, encontram-se uns escudos de pedra com espigas de milho, martelos cruzados, rodas aladas e outros símbolos onde o motivo heráldico da colmeia não representa, como à primeira vista poderia pensar-se, a natureza ao serviço do homem, nem sequer o afã como virtude social, mas sim o princípio da acumulação do capital.

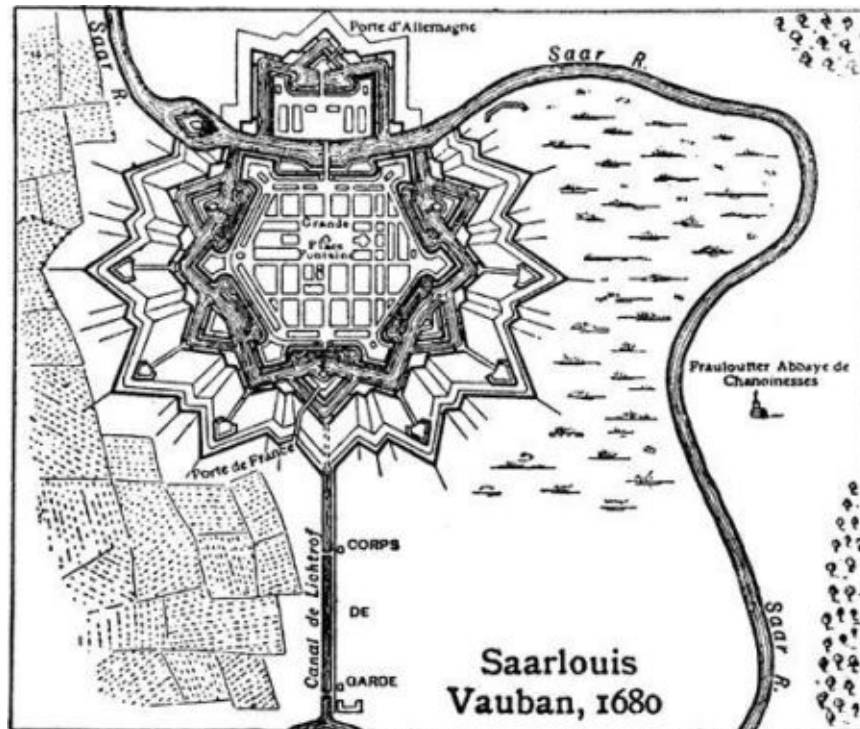


E o Tempo, disse Austerlitz, representado pelos ponteiros e o mostrador do relógio, reina supremo entre esses símbolos. Nos vinte metros acima da

escadaria cruciforme que liga o foyer às plataformas da estação, único elemento barroco de todo o conjunto, encontra-se pois o relógio, precisamente no ponto onde a imagem do César se situava no Panteão, na linha que prolonga a do portal; como senhor da nova onipotência, foi colocado por cima do escudo real e da divisa *Endracht maakt macht*, a união faz a força. Do ponto central ocupado pelo relógio na estação de Antuérpia observavam-se os movimentos de todos os viajantes e, inversamente, todos os viajantes tinham que olhar para o relógio e por ele regular as suas atividades. Com efeito, disse Austerlitz, até a sincronização dos horários de trem os relógios de Lille e de Liège davam horas diferentes dos de Gent ou Antuérpia e só com a regularização dos meados do século XIX o tempo passou a dominar o mundo sem contestação. Só seguindo o curso por ele prescrito conseguimos transpor os espaços gigantescos que nos separam uns dos outros. Com efeito, disse Austerlitz passado um bocado, ainda hoje há algo de ilusionista e ilusório na relação com o tempo e o espaço quando viajamos e é por isso que, de cada vez que regressamos, não temos bem a certeza de termos realmente estado fora. — Desde o princípio me espantou o modo como Austerlitz ordenava as suas ideias enquanto falava, como, por assim dizer, era capaz de formar frases fluidas a partir da dispersão e como, para ele, a mediação narrativa do seu conhecimento das coisas se torna uma abordagem gradual de uma espécie de metafísica da história em que o que é recordado ganha de novo vida. É para mim inesquecível que, em conclusão aos seus comentários sobre o fabrico dos grandes espelhos da sala de espera, ele, levantando uma vez mais os olhos para a superfície mate, fizesse a si próprio a pergunta *combien des ouvriers périrent, lors de la manufacture de tels miroirs, de malignes et funestes affectations à la suite de Vinhalation des vapeurs de mercure et de cyanide*. E tal como encerrara com estas palavras esse primeiro serão assim Austerlitz, no dia seguinte, para o qual combináramos encontro na esplanada junto ao Escalda, continuou as suas observações. Indicou a largueza de água cintilante ao sol da manhã e falou de um quadro pintado por Lucas von Valckenborch lá para o fim do século XVI, durante a chamada Pequena Glaciação, uma vista do Escalda gelado tomada da outra margem e por trás, muito escura, a cidade de Antuérpia e uma faixa da planície que se estende até a orla marítima. Do céu carregado por cima da torre da catedral de Nossa Senhora cai um nevão e no rio, à nossa frente uns quatrocentos anos depois, disse Austerlitz, os Anversenses se divertem no gelo, a gente comum de casacos cor de terra e as pessoas mais distintas com capas pretas e folhos de renda brancos em redor do pescoço. Em primeiro plano, no canto direito do quadro, uma senhora que caiu. Usa um vestido amarelo-canário; o cavaleiro que, preocupado, se debruça para ela, uns calções vermelhos que dão nas vistas àquela luz pálida.

Quando agora olho para lá e penso neste quadro e nas suas figuras minúsculas, disse Austerlitz, sinto que o momento descrito por Lucas van Valckenborch nunca passou, como se a dama amarelo-canário acabasse de cair ou de se afundar num desfalecimento, a touca de veludo preto só agora rolasse para longe da sua cabeça, como se o pequeno infortúnio, que por certo a maior parte dos espetadores não veem, estivesse sempre a ocorrer e nada nem ninguém pudesse pôr-lhe cobro. Nesse dia, depois de abandonarmos o nosso ponto de mira na esplanada para irmos passear no centro da cidade, Austerlitz falou longamente das marcas de dor, bem suas conhecidas, como ele disse, que sulcam a história com incontáveis linhas finas. Nos seus estudos de arquitetura das estações de caminhos de ferro, disse ele quando, no fim dessa tarde, cansados de muitas voltas nos sentamos num bistrô no mercado das luvas, nunca conseguia afastar da cabeça a dor das despedidas e o medo do desconhecido, embora essas coisas já não pertençam à história da arquitetura. Contudo, muitas vezes são os nossos projetos mais ambiciosos os que mais obviamente revelam o nível da nossa insegurança. Pode-se dizer que a construção de fortificações, de que Antuérpia fornece um exemplo excepcional, mostra bem como nos sentimos forçados a rodear-nos continuamente de defesas que vamos construindo em fases sucessivas como precaução contra invasões por potências inimigas até a ideia de círculos concêntricos que se vão alargando colidir com os limites naturais. Estudando o desenvolvimento das fortificações de Floriani, de Capri e San Micheli, passando por Rusenstein, Burgsdorff, Coehoorn e Klengel até Montalembert e Vauban, é espantosa, disse Austerlitz, a persistência com que gerações de mestres da arquitetura militar, apesar dos seus dotes indubitavelmente excepcionais, ficaram presos ao que hoje com facilidades se vê ser uma ideia fundiariamente errada, a ideia de que, elaborando um traçado ideal com bastiões rombos e ravelins bem projetados para fora, permitindo que os canhões da fortaleza cubram toda a zona da parada fora das muralhas, uma cidade se tornaria a mais segura do mundo. Mesmo hoje, disse Austerlitz, não há quem tenha uma ideia da infundável porção de literatura teórica sobre construção de fortificações, da magia dos cálculos geométricos, trigonométricos e logísticos nela contidos, do excesso hipertrofiado de terminologia da arte das fortificações e do cerco, ou compreenda os seus termos mais simples, como escarpe, courtine, fausse braie, réduit ou glacis, e no entanto até do nosso ponto de vista atual podemos reconhecer que, por volta do final do século XVII, o dodecaedro estrelado com fosso se impôs como desenho de implantação definitivamente preferível entre os vários sistemas disponíveis, uma espécie de modelo ideal derivado da Regra de Ouro, o qual, na verdade, prova-o a observação de plantas tão intrincadamente concebidas como as de Coevorden, Neuf-Brisach ou Saarlouis, imediatamente

dá ao leigo, a impressão de um emblema de absoluta força, bem como do engenho posto pelos seus criadores ao serviço dessa força.



Na prática militar, porém, as fortalezas em estrela que durante o século XVIII foram construídas e aperfeiçoadas por toda a parte, não cumpriam o seu objetivo, pois todos, presos como estavam a esse esquema, esqueceram que fortalezas maiores atraem também forças inimigas maiores e que, quanto mais se entrincheiravam, mais ficavam reduzidos à defensiva e podiam, no fim, vir a encontrar-se num lugar fortificado por todos os meios do qual lhes seria dado observar, impotentes, as tropas adversárias evoluindo num outro terreno da sua escolha e que simplesmente ignoravam as fortalezas transformadas em verdadeiros arsenais de armas, vibrantes de canhões e repletas de homens. Muitas vezes resultou daí que o recurso a medidas de fortificação que, disse Austerlitz, em geral se caracteriza por uma tendência para a elaboração paranoica, abria de par em par ao inimigo o caminho para o ponto fraco, para não falar do tempo que levavam a construir, cada vez mais longo à medida que os projetos arquitetônicos se iam tornando mais complexos, assim acarretando o risco de que, quando acabadas de construir, ou mesmo antes, estivessem já ultrapassadas por novos desenvolvimentos da artilharia e dos conceitos

estratégicos, o que explica que se impusesse a ideia de que tudo se decide em movimento e não em repouso. E quando a capacidade defensiva de uma fortaleza era verdadeiramente posta à prova, regra geral, e após um esbanjamento inaudito de material de guerra, tudo ficava mais ou menos por decidir. Não há sítio onde isto receba demonstração melhor, disse Austerlitz, do que aqui, em Antuérpia, onde, no ano de 1832, na sequência da disputa de partes do território belga que prosseguiu mesmo depois da fundação do novo reino, a cidadela, construída por Pacciolo e que o duque de Wellington mandara reforçar com um anel de baluartes, nesse momento na mão dos holandeses, esteve cercada durante três semanas por uma força francesa de cinquenta mil homens: pelos meados de Dezembro, os Franceses, a partir de Fort Montebello, já na sua mão, conseguiram destruir o baluarte meio arruinado da lunette de St. Laurent e fazer avançar as suas baterias de assalto até um ponto mesmo na base das muralhas. Durante anos, o cerco de Antuérpia, pelo seu custo e pela sua veemência, não teve rival na história da guerra, disse Austerlitz; atingiu o seu auge memorável quando os enormes morteiros inventados pelo coronel Pairhans dispararam setenta mil bombas de mil libras contra a cidadela, destruindo absolutamente tudo menos um par de casamatas. O general holandês, barão de Chassé, o idoso comandante do monte de ruínas em que se tornara a fortaleza, dera já a ordem de assentamento das minas para se fazer ir pelos ares juntamente com aquele monumento à sua lealdade e heroísmo quando lhe chegou, mesmo a tempo, uma nota do seu rei que o autorizava a render-se. Apesar de toda a loucura das fortificações e cercos ter ficado patente na tomada de Antuérpia, disse Austerlitz, a única conclusão que daí tiraram, por incrível que pareça, foi que era preciso reconstruir uma vez mais as muralhas da cidade, mais fortes e mais avançadas que antes. Em conformidade, arrasaram em 1859 a velha cidadela e a maior parte dos baluartes avançados e iniciou-se a construção de uma nova enceinte de dez milhas de comprimento e de oito fortes a meia hora de caminho desta enceinte, projeto que se revelou insuficiente ao cabo de menos de vinte anos por causa do maior alcance das peças e do crescente poder destruidor dos explosivos, de modo que, sempre ao abrigo da mesma lógica, iniciou-se a construção de mais um anel com quinze baluartes maciçamente fortificados e afastado seis a nove milhas da enceinte. Durante os bons trinta anos desta construção de que não se conhecia outra igual levantou-se a questão, disse Austerlitz, de saber se o rápido desenvolvimento industrial e comercial que levou Antuérpia para fora dos seus velhos limites não obrigaria a alargar a linha de fortes mais três milhas, com o que chegaria à vista dos arrabaldes de Malines, daí resultando que todo o exército belga seria insuficiente para uma guarnição adequada das instalações. Por isso, disse Austerlitz, continuou-se a trabalhar na

conclusão do sistema em vias de construção que, como era sabido, estava já longe de satisfazer os efetivos requisitos. O último elo da cadeia foi o Fort Breendonk, disse Austerlitz, cuja construção terminou imediatamente antes da eclosão da Primeira Guerra Mundial, tendo esta, em poucos meses, provado a sua total inutilidade para a defesa da cidade e do país. São essas instalações defensivas, disse ainda Austerlitz despreocupadamente ao levantar-se da mesa passando pelos ombros a mochila e para terminar as observações que vinha fazendo no mercado das luvas de Antuérpia, exemplo de como nós, ao contrário das aves que constroem durante séculos sempre o mesmo ninho, tendemos a impelir os nossos empreendimentos para fora dos limites do razoável. Devia haver, disse ele ainda, quem elaborasse um catálogo das nossas construções, a contar das maiores para as mais pequenas: tornar-se-ia logo evidente que a arquitetura habitacional abaixo do tamanho normal, isto é, as cabanas rurais, os eremitérios, as casinhas dos guarda-rios, os mirantes, as casinhas de brincar no jardim, é aquela que exprime um vislumbre de paz, ao passo que ninguém no seu perfeito juízo dirá que um edifício grande como, por exemplo, o Palácio da Justiça de Bruxelas, no velho Monte da Forca, lhe agrada. Quando muito, fica-se espantado, e esse espanto é já de si uma forma antecipada do horror, pois de algum modo sabemos naturalmente que os edifícios ultradimensionados lançam já a sombra da sua destruição, concebidos que são desde a origem com vista a uma existência futura enquanto ruínas. — Estes comentários que Austerlitz fez ao partir estavam ainda no meu espírito quando, na manhã seguinte, na esperança de que ele talvez voltasse a aparecer, me sentei num café no mesmo Mercado das Luvas que ele na véspera tão apressadamente abandonara. Folheando os jornais enquanto esperava, dei com um artigo, já não sei se foi na *Gazet van Antwerpen* ou no *La Libre Belgique*, sobre o forte Breendonk onde se lia que no ano de 1940, logo a seguir a, pela segunda vez na sua história, ter sido obrigado a render-se, o forte foi transformado em campo de acolhimento e detenção e assim ficou até 1944 e que, a partir de 1947, inalterado tanto quanto possível, tem servido de memorial e museu da Resistência belga. Não tivera ocorrido na véspera, na conversa com Austerlitz, o nome Breendonk, e esta indicação, mesmo que a tivesse notado, não me teria levado a ir visitar o forte nesse mesmo dia.

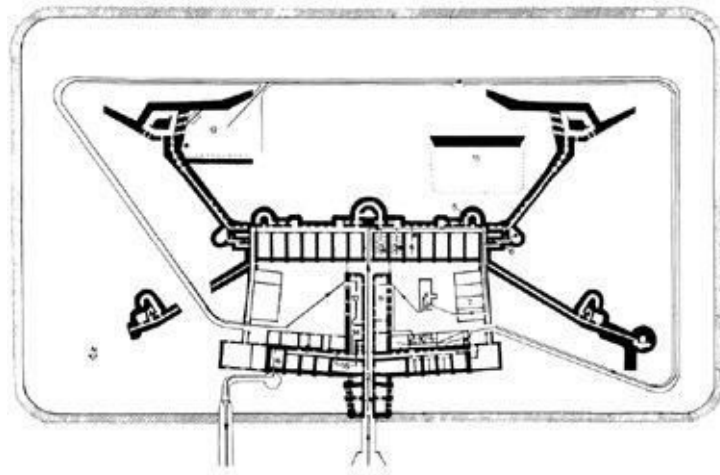
[1] Ao rever estas notas lembro-me de que em fevereiro de 1971, durante curta visita à Suíça, um dos lugares que visitei foi Lucerne. Depois de ver o Museu Glacier passei algum tempo em pé na ponte sobre o lago no meu caminho de volta para a estação, porque a visão de sua cúpula e das montanhas de neve

branca do maciço Pilatus em ascensão no céu claro de inverno havia me lembrado da minha conversa com Austerlitz em Antuérpia quatro anos e meio antes. Algumas horas mais tarde, na noite de 4 de fevereiro, muito tempo depois de estar dormindo no meu quarto de hotel em Zurique, um incêndio na estação de Lucerne se alastrou muito rapidamente e destruiu por completo o edifício abobadado. Por várias semanas não pude tirar da cabeça as imagens que vi no dia seguinte nos jornais e na televisão e elas me davam uma sensação desconfortável, ansiosa, que cristalizou a ideia de que eu era culpado, ou pelo menos um dos os culpados, do incêndio em Lucerne. Em meus sonhos, mesmo anos mais tarde, eu às vezes via as labaredas da cúpula iluminando todo o panorama dos Alpes cobertos de neve.

O trem de passageiros que tomei precisou de uma boa meia hora para o curto trajeto até Malines, de cuja estação um autocarro parte para a povoação de Willebroek em cujos arredores se ergue o forte, num terreno dos seus dez hectares, pousado nos campos como uma ilha e rodeado por um aterro, uma vedação de arame farpado e um largo fosso. Estava excepcionalmente quente para a época do ano e grossas nuvens acumulavam-se no horizonte a sudoeste quando eu, com o bilhete de ingresso na mão, atravessei a ponte. Tinha ainda presente, da conversa da véspera, a imagem de um bastião estrelado com muralhas assentes segundo uma planta rigorosamente geométrica, mas o que via diante de mim era uma massa de cimento atarracada, arredondada em todos os flancos exteriores, uma coisa horrendamente corcovada e disforme, as costas largas, pensei eu, de uma aberração saída deste corpo flamengo como uma baleia sai das ondas. Inibi-me de passar as portas negras para entrar na fortaleza propriamente dita e comecei a caminhar à sua volta, pisando a erva de um verde escuro pouco natural, quase azulado, que cresce na ilha. Procurei abranger a construção com o olhar mas, fosse qual fosse o ponto de mira, não reconhecia a planta, pois as suas saliências e reentrâncias nunca eram iguais, tão para além do meu entendimento que acabei por me sentir incapaz de relacionar aquilo com qualquer forma conhecida na civilização humana, nem sequer com as silenciosas relíquias da nossa pré e proto-história. E quanto mais olhava para ela, quanto mais ela me forçava, era o que sentia, a baixar o olhar, mais ela se me tornava incompreensível.



Parcialmente coberto de úlceras abertas de onde emergia o cascalho tosco, com incrustações de excremento semelhante a guano e sulcos calcários, o forte era a cria monolítica da feiura e da força cega.



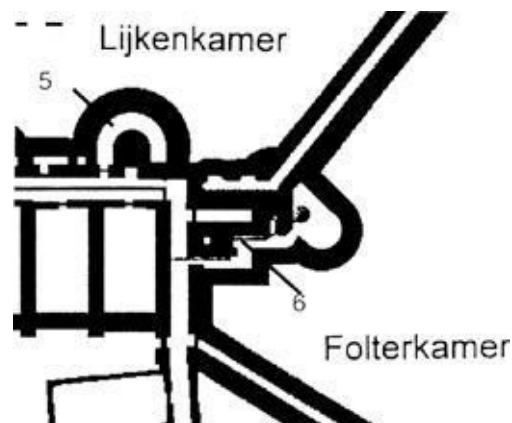
Mais tarde, quando estudei a planta simétrica com as suas excrescências de braços e garras, com os baluartes semicirculares destacando-se como olhos do alçado principal e a projeção aberta no corpo traseiro, também não fui capaz, a despeito da sua estrutura agora claramente racional, de reconhecer uma coisa concebida pelo entendimento humano, mais me parecia o esquema de algum ser em forma de caranguejo. O caminho em redor da fortaleza passava pelos postes enegrecidos do patíbulo e pelo estaleiro onde os prisioneiros, para cavar os aterros em torno das muralhas e remover um quarto de milhão de toneladas de cascalho e terra, tiveram apenas a ajuda de pás e carros de mão. Estes carros, um dos quais se pode ver ainda no saguão da fortaleza, eram já nesse tempo de um primitivismo incontestável. Consistiam numa espécie de padieira com dois punhos grossos de um lado e uma roda de madeira calçada de ferro do outro. Sobre as travessas da padieira havia um tabuleiro de faces inclinadas, toscamente montado com tábuas por aplainar: uma construção tosca semelhante às carretas em que os lavradores da nossa terra tiravam o estrume dos estábulos, só que os carrinhos de mão de Breendonk tinham o dobro do tamanho e mesmo vazios deviam pesar mais de um quintal. Foi para mim impensável como é que os prisioneiros, que só muito raramente teriam feito trabalho braçal antes da sua prisão e encarceramento, puderam puxar aqueles carros, cheios de entulho pesado, pelo chão de barro recozido pelo sol, atravessado por raízes duras como

pedra ou pelo lodaçal que se formava após um só dia de chuva: impensável, como se opunham ao peso até os seus corações quase rebentarem ou como o guarda lhes batia na cabeça com o cabo de uma pá quando não avançassem. Mas se não consegui imaginar os trabalhos sofridos dia após dia, em Breendonk e em todos os outros campos principais e secundários, quando finalmente entrei na fortaleza propriamente dita e logo olhei para a direita, através das vigias de vidro de uma porta, para o chamado casino dos SS, para as mesas e bancos, para o enorme fogão e para os diversos adágios escritos com nitidez em letra gótica, lá estavam os pais de família e os bons filhos de Vilsbiburg e Fuhlsbuttel, da Floresta Negra e dos Alpes Bavaros, no seio dos quais vivera até os meus vinte anos, ali sentados, quando acabavam o serviço, a jogar cartas ou a escrever aos seus. A minha recordação das catorze estações por que passa o visitante de Breendonk entre a entrada e a saída obscureceu-se com o correr do tempo, ou talvez se tenham obscurecido, se assim se pode dizer, logo no dia em que estive no forte, fosse porque não queria realmente ver o que ele tem para mostrar, fosse porque os contornos das coisas pareciam diluir-se num mundo iluminado apenas por umas quantas lâmpadas de luminosidade fraca, privados da luz da natureza.



Ainda hoje, quando me esforço por recordar, quando volto a examinar a planta em caranguejo de Breendonk e leio as palavras das legendas Antigo Escritório, Tipografia, Casernas, Sala Jacques Ochs, Solitária, Morgue, Relicário e Museu a obscuridade não diminui, antes se adensa quando penso o pouco que conseguimos segurar porque todas as coisas estão constantemente a cair no esquecimento a cada vida que se extingue, o quanto o mundo como que se

esvazia por a história de incontáveis lugares e objetos, em si incapazes de memória, nunca ser ouvida, nunca ser mostrada ou transmitida. Histórias que me ocorrem ao espírito pela primeira vez desde esse tempo, agora, que estou a escrever, como por exemplo a dos colchões de palha, sombras empilhadas nas tarimbas de madeira, que se tornaram mais finos e mais curtos porque o folhelho que têm dentro, com os anos, se foi desfazendo, encolhidos como se fossem os invólucros fúnebres, e lembro-me de, na altura, ter pensado o mesmo daqueles que um dia aqui se deitaram na obscuridade. E recordo também que, ao avançar dentro do túnel que forma, por assim dizer, a espinha dorsal do forte, tive que resistir à sensação que se enraizava no meu coração, uma sensação que ainda hoje me invade em lugares maus, a sensação de que, a cada passo que dou, o ar escasseia e o peso por cima de mim aumenta.



Fosse como fosse, daquela vez, naquele silencioso meio-dia do princípio do verão de 1967 que passei dentro da fortaleza de Breendonk sem ter encontrado qualquer outro visitante, quase não ousava ir até o ponto onde, no fim de um segundo túnel comprido, um corredor com pouco mais que a altura de um homem e, creio recordar, em ligeiro declive, conduz às casamatas. Esta casamata, onde sentimos imediatamente que temos por cima uma camada de cimento de vários metros de espessura, é um quarto apertado, com uma esquina aguçada de um lado e arredondado do outro e o chão pelo menos um pé abaixo da passagem que lhe dá acesso e por isso mais um calabouço que um poço. Enquanto pousava os olhos nesse chão que, ao que me pareceu, se afundava ainda mais, no empedrado de um cinzento escorregadio, na grade de esgoto ao meio e no balde de folha que havia ao lado, emergiu do abismo uma imagem da lavandaria da nossa casa em W. e, em simultâneo, talvez sugerida pelo gancho de

ferro pendurado do tecto por uma corda, a imagem do talho a que tinha sempre que passar a caminho da escola e onde, ao meio-dia, se via muitas vezes Benedikt, de avental de borracha, a Lijkenkamer Folterkamer lavar os ladrilhos com uma mangueira grossa. Ninguém sabe explicar ao certo o que se passa em nós quando se abrem as portas que escondem os terrores da nossa infância. Mas sei ainda que lá, na casamata de Breendonk, me subiu ao nariz um cheiro repugnante a sabão mole e que esse cheiro se associava, num lugar perdido da minha cabeça, à feia palavra Wurzelburste [escova de esfrega], que o meu pai gostava de usar e eu sempre detestei: começaram então a vibrar diante dos meus olhos uns traços negros e tive que apoiar a testa na parede rugosa com manchas azuladas que me pareceram exsudar gotas frias de suor. A náusea não subiu em mim foi por adivinhar a espécie de apertados interrogatórios que aqui tiveram lugar ao tempo do meu nascimento, pois somente uns anos mais tarde leria Jean Améry sobre a terrível proximidade física entre torcionários e torturados e a tortura que ele próprio sofreu em Breendonk, pendurado pelas mãos atadas atrás das costas de tal forma que os seus braços, com estalidos e rangidos, sons que, como ele diz, não tinha ainda esquecido quando se pôs a escrever o seu relato, se deslocavam dos côtilos na articulação do ombro e, com ele a balouçar, eram repuxados para trás e torcidos em cima: la pendaison par les mains liées dans le dos jusqu'à l'évanouissement, assim se chama em *Le Jardin des plantes*, o livro em que Claude Simon desce uma vez mais ao armazém da sua memória e onde, na página duzentos e trinta e cinco, começa a contar a história fragmentária da vida de um tal Gastone Novelli que, como Améry, foi submetido a esta particular forma de tortura. A narrativa arranca com uma entrada de 26 de outubro de 1943 do diário do general Rommel em que este comenta que, perante a completa impotência da polícia em Itália, é preciso deitar mãos à obra. Na sequência das medidas então introduzidas pelos alemães, Novelli, segundo Simon, foi preso e enviado para Dachau. Do que aí lhe aconteceu, prossegue Simon, nunca Novelli quis falar, excepto uma única vez, quando disse que, após a sua libertação do campo, ver um alemão, ou mesmo qualquer ser dito civilizado, fosse de sexo masculino ou feminino, lhe era tão intolerável que, ainda mal restabelecido, embarcou no primeiro navio com partida para a América do Sul para aí prospectar ouro e diamantes. Novelli viveu durante algum tempo na selva verde com uma tribo de gente pequena com a pele brilhante acobreada que um dia, sem deslocar uma folha, apareceu ao seu lado vinda do nada. Adotou seus costumes e elaborou, o melhor que pôde, um léxico da sua língua, constituída quase inteiramente por vogais, particularmente incontáveis variantes de intonação e acentuação do som da qual, escreve Simon, o Instituto Linguístico de São Paulo não registrara ainda uma só palavra. Mais tarde, regressado à sua

terra natal, Novelli começou a pintar quadros. O seu tema principal, repetidamente tratado sempre com novas expressões e composições filiforme, *gras, soudain plus épais ou plus grand, puis de nouveaux mince, boiteux* era a letra A, que inscrevia no fundo colorido que aplicara, umas vezes com a ponta de um lápis, outras com o cabo do pincel ou um instrumento ainda mais grosso, em apertadas filas juntas e sobrepostas que se erguem e abatem em vagas como um grito longamente suspenso.

AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA

Embora Austerlitz, nessa manhã de junho do ano de 1967 em que acabei por ir a Breendonk, não tenha aparecido no Mercado das Luvas de Antuérpia, os nossos caminhos voltaram a cruzar-se de uma maneira que ainda hoje me é difícil compreender, em todas as minhas excursões à Bélgica, nenhuma delas planeada. Poucos dias depois de nos termos conhecido na Salle des pas perdus da Centraal Station, encontrei-o por duas vezes num bairro industrial do limite sudoeste da cidade de Liège, aonde cheguei indo a pé de St. Georges-sur-Meuse e Flémalle, ao fim da tarde. O sol rompia de novo a barreira de nuvens azul-tinta de uma tempestade iminente e os edifícios e instalações fabris, a longa fila de casas de operários, as paredes de tijolo, os telhados de ardósia e as vidraças das janelas luziam como se expostos ao clarão de um incêndio a lavrar por dentro. Quando a chuva começou a correr pelas ruas, refugiei-me num minúsculo botequim chamado, creio, Café des Esperances onde, para minha não pouca surpresa, fui encontrar Austerlitz, a uma mesa de laminado, debruçado sobre as suas notas. Neste primeiro reencontro, como em todos os subsequentes prosseguimos a nossa conversa sem gastarmos palavras a comentar a implausibilidade do encontro naquele lugar que uma pessoa com juízo nunca procuraria. Do lugar do Café des Esperances onde nos instalamos até tarde via-se, através de uma janela dos fundos que dava para o vale, outrora talvez um prado irrigado, o reflexo dos altos-fornos de uma gigantesca fundição num fundo de céu escuro, e ainda hoje me lembro bem de Austerlitz, enquanto olhávamos fixamente este espetáculo, explicar, num discurso de mais de duas horas, como ao longo do século XIX a visão que os empresários filantrópicos tinham em mente para uma cidade operária ideal ter dado inesperadamente lugar à prática das camaratas: os nossos melhores planos, disse Austerlitz, lembro-me ainda, resultam sempre no seu absoluto contrário uma vez postos em prática. Foi vários meses depois deste encontro em Liège que dei com Austerlitz, mais uma vez inteiramente por acaso, no velho Monte da Força de Bruxelas, mais propriamente nos degraus do Palácio da Justiça que, como ele logo me disse,

constituem a maior acumulação de blocos de pedra de toda a Europa.



A construção desta singular monstruosidade arquitetônica sobre a qual Austerlitz planejava na época realizar um estudo, iniciou-se nos últimos anos oitenta do século XIX por impulso da burguesia de Bruxelas, numa empreitada afanosa, sem que o grandioso projeto apresentado por um tal Joseph Poelaert tivesse sido pormenorizado, do que resultou, disse Austerlitz, que esse enorme montão de setecentos mil metros cúbicos contém extensos corredores e escadas que não levam a lado nenhum, compartimentos e salas sem portas onde nunca alguém entrou, espaços vazios rodeados de paredes que representam o âmago profundo da autoridade sancionada. Austerlitz contou ainda que, quando buscava um labirinto usado nas cerimônias de iniciação dos pedreiros-livres, que, segundo ouvira dizer, ficava ou na cave ou no sótão do palácio, percorrera durante horas aquela montanha de pedra, atravessara florestas de pilares, passara por estátuas colossais, escada acima, escada abaixo, sem que nunca lhe perguntassem o que pretendia. Durante estas suas deambulações, ou porque se sentisse cansado ou porque quisesse orientar-se pelo céu, parou a olhar por uma das janelas inscritas nas paredes espessas para os telhados cinzentos de chumbo do palácio, encavalitados uns nos outros como gelo numa banquisa e para os barrancos e pátios interiores, como poços, onde nunca penetrava um raio de luz.

Mais para diante, disse Austerlitz, continuou por corredores, virando umas vezes à esquerda, outras à direita, progredindo sempre, e transpôs muitas portas altas, um par de vezes subiu escadas de madeira que rangiam, davam a impressão de terem sido provisoriamente montadas irradiando dos corredores principais aqui e além, que levavam meio andar para cima ou para baixo para irem acabar em becos escuros ao fundo dos quais havia armários com portas de correr, estantes, escrivaninhas, cadeiras de escritório e outras peças de mobília empilhadas, como se alguém tivesse sido obrigado a resistir por trás delas a uma espécie de cerco. Sim, afirmou Austerlitz, até ouvira dizer que, ao longo dos anos, se tinham chegado a instalar no palácio da justiça, contornando com inteligência as angulosidades internas, pequenos negócios numa ou outra das salas vazias e remotos corredores, entre os quais uma tabacaria, uma agência de apostas ou uma taberna e até um lavabo masculino colocado na cave fora convertido em sanitário público para quem passasse por um indivíduo chamado Achterbos que se instalou à entrada com uma pequena mesa e uma bandeja para receber o dinheiro e depois, durante algum tempo e mediante a aquisição de um ajudante destro na tesoura e no pente, em barbearia. Em curioso contraste com o seu habitual objetivismo rigoroso, Austerlitz não poucas vezes me contou várias destas histórias apócrifas nos nossos encontros seguintes, por exemplo, numa tranquila tarde de Novembro em que estivemos num café com bilhares, em Terneuzen — recordo ainda o asseio, uma mulher com óculos de lentes grossas que tricotava uma meia verde-relva, os tijolos em brasa na lareira, a serragem úmida no chão, o cheiro acre de chicória — e vimos por uma janela panorâmica enquadrada pelas ramagens de uma velha planta da borracha a imensa largura e a neblina cinzenta da foz do Escalda. Uma vez, perto da véspera de Natal, vi chegar Austerlitz pela alameda da Zeebrugge, caía a tarde e não se avistava viva alma. Descobriu-se que tínhamos ambos marcado bilhete para o mesmo barco e fomos os dois, vagorosamente, para o porto, com o vazio do Mar do Norte à nossa esquerda e à direita as fachadas altas dos prédios de habitação implantados nas dunas onde tremeluzia, curiosamente instável e fantasmagórica, a luz azulada dos televisores. Quando o nosso barco partiu já tinha anoitecido. Ficamos ambos no convés da popa. A esteira branca perdia-se na noite e lembro-me de nos ter parecido uma vez avistar flocos de neve à luz dos candeeiros. Foi somente nessa travessia noturna do Canal da Mancha que fiquei a saber, por uma observação que Austerlitz fez de passagem, que ele era leitor num instituto londrino de história da arte. Como fosse quase impossível falar com ele da sua vida particular e como nenhum de nós sabia nada do outro, sabia de onde era o outro, tínhamos usado sempre o francês, desde a nossa primeira conversa em Antuérpia, eu com lamentável falta de jeito, Austerlitz com tal rigor formal que

durante muito tempo o pensei criado em França. Quando mudamos para o inglês, em que eu era mais versado, tocou-me singularmente notar nele uma insegurança que até então me passara completamente despercebida e que se exprimia por um leve solecismo e ocasionais acessos de gaguez durante os quais apertava a velha caixa dos óculos que constantemente trazia na mão esquerda com tanta força que se via sob a pele o branco das articulações.

Nos anos que se seguiram, quase todas as vezes que fui a Londres visitei Austerlitz, no seu local de trabalho em Bloomsbury, não longe do British Museum. Uma, duas horas era o que passava no seu gabinete que parecia um armazém de livros e papéis onde, no meio dos maços empilhados no chão e nas estantes sobrecarregadas, restava pouco espaço para ele próprio, quanto mais para seus alunos.



Austerlitz é para mim, que ao iniciar os meus estudos na Alemanha quase nada sabia dos professores de humanísticas que tinham feito carreira nos anos 30 e 40 e ainda estavam presos a ilusões de poder, o primeiro professor que consigo ouvir desde os meus tempos de estudante. Tenho ainda presente quão fácil me era apreender as suas ideias experimentais, como ele lhes chamava, quando falava do estilo arquitetônico da era capitalista, tema que, dizia, o fascinava desde os seus tempos de estudante, em especial o compulsivo sentido da ordem e a tendência para a monumentalidade que se manifesta em palácios de justiça e edifícios prisionais, em estações de caminho de ferro e bolsas de valores, teatros de ópera e manicômios, e na planta reticulada dos bairros construídos para operários. As suas investigações, disse-me Austerlitz uma vez, há muito tinham deixado para trás o objetivo original, que tinha sido um plano de tese e dera origem aos intermináveis esboços prévios que tinha em mãos para um estudo do parentesco entre todos esses edifícios, segundo a sua visão pessoal. O que levava Austerlitz a dedicar-se a tão vasto campo, disse ele, ignorava-o. Provavelmente tinha sido mal aconselhado aquando dos primeiros trabalhos de pesquisa. Mas também é certo que continuava a obedecer a um impulso que ainda não tinha compreendido plenamente que de certo modo ligava o seu velho fascínio visivelmente arreigado com a ideia de uma rede, como por exemplo o sistema geral de caminhos de ferro. Logo no início dos seus estudos, disse Austerlitz, e mais tarde, na primeira vez que passou algum tempo em Paris, visitava quase diariamente, sobretudo às horas da manhã e do fim da tarde, uma das maiores estações de comboios, normalmente a Gare du Nord ou a Gare de l'Est, para apreciar a entrada das locomotivas a vapor sob o envidraçado negro de fuligem, ou a suave partida dos comboios pullman profusamente iluminados, cheios de mistério, que entravam na noite como navios na vastidão interminável do oceano. Nas gares de Paris, que ele sentia como lugares ao mesmo tempo de ventura e desventura, com não pouca frequência viu-se, contou ele, dominado por perigosas correntes de emoção totalmente incompreensíveis. Parece-me que ainda estou a ver Austerlitz, uma tarde, no instituto londrino, fazendo este comentário sobre o que chamava a sua mania das estações, mais para si próprio do que para mim: ficou sendo o único indício da sua vida particular que se permitiu dar-me até eu regressar, no final de 1975, à Alemanha com a intenção de aí, na pátria que se me tornara estranha após nove anos de ausência, me fixar definitivamente. Tanto quanto sei, ainda escrevi um par de vezes a Austerlitz, de Munique, mas nunca tive qualquer resposta a essas cartas, ou porque, pensei eu

na altura, Austerlitz tinha partido para qualquer parte ou, penso eu agora, porque evitava escrever para a Alemanha. Fosse qual fosse a razão do seu silêncio, o vínculo entre nós quebrou-se e eu não o renovei quando, nem um ano depois, emigrei uma segunda vez e fui de novo para a ilha. Era a mim que cabia informar Austerlitz da mudança imprevista nos meus planos. Não o fiz talvez porque, logo após o meu regresso, passei uns tempos difíceis que turvaram o meu sentido da vida de outrem e dos quais só gradualmente saí para retomar o trabalho de escrita há tanto tempo abandonado. Pelo menos não pensei muitas vezes em Austerlitz em todos esses anos e quando pensava logo o esquecia, por isso só retomamos realmente as nossas relações, que haviam sido ao mesmo tempo estreitas e distantes, duas décadas mais tarde, em Dezembro de 1966, e devido a um encadeado de circunstâncias especial. Nessa altura, encontrava-me bastante inquieto, pois descobrira, ao procurar um endereço na lista telefônica, que a capacidade de visão do meu olho direito tinha desaparecido, como da noite para o dia. Mesmo levantando os olhos da página aberta diante de mim para as fotografias emolduradas na parede, via com o meu olho direito apenas uma faixa de formas escuras invulgarmente distorcidas em cima e em baixo: as figuras e paisagens até então familiares em todos os detalhes tinham-se dissolvido indiferenciadamente num ameaçador tracejado negro. Ao mesmo tempo, permanecia, tão nítida como sempre, a vista na orla do meu campo de visão, bastando-me olhar de lado para fazer desaparecer o que a princípio tomei por uma debilidade histérica da vista. Mas, por mais vezes que tentasse, não resultou. Pelo contrário, as zonas cinzentas pareciam estar a alargar e, abrindo e fechando os olhos alternadamente para comparar os seus graus de acuidade visual, julguei que tinha também sofrido uma lesão o lado esquerdo. Já bastante inquieto por o que temia ser o progressivo declínio da minha capacidade de visão, lembrei-me de ter lido uma vez que, até bem dentro do século XIX, costumavam deitar nos olhos das cantoras de ópera antes de subirem ao palco e das jovens antes de lhes apresentarem um pretendente, umas gotas de um líquido destilado da beladona, uma planta da família das Solanáceas, com o que os seus olhos ganhavam um brilho arrebatador, quase sobrenatural, mas elas quase deixavam de poder ver. Já não sei como liguei esta reminiscência ao estado em que me encontrava naquela sombria manhã de Dezembro, à parte o fato de, no meu espírito, ela ter a ver com a falsidade das belas aparências e com o perigo da sua extinção prematura, o que me afligiu quanto à prossecução do meu trabalho, mas imediatamente se formou em mim, se assim posso dizer, uma visão libertadora em que me figurava, livre do eterno dever da leitura e da escrita, numa cadeira de vime, num jardim, rodeado por um mundo sem contornos, reconhecível apenas pelas suas cores esbatidas. Como nos dias seguintes não se

verificaram melhoras no meu estado fui a Londres, pouco antes do Natal, consultar um oftalmologista checo que me tinham recomendado e, como sempre que vou a Londres sozinho, também nessa manhã de Dezembro fui afetado por uma espécie de desespero surdo. Olhei a paisagem nua, quase sem árvores, os campos imensos e castanhos, as estações onde nunca saíria, os bandos de gaivotas que, como sempre, se tinham reunido no campo de futebol da periferia de Ipswich, as colônias de quintais operários, o mato informe recoberto de sarmentosas selvagens mortas que cresciam nas valetas, os baixios e canais mercuriados junto a Manningtree, os barcos deitados de lado, o depósito de água de Colchester, a fábrica Marconi, em Chelmsford, a pista de corrida de cães vazia em Romford, os feios fundos das casas em faixa contínua por onde passa a linha de trem que leva dos subúrbios para a metrópole, o cemitério de Manor Park e as torres de habitação em Hackney, sempre iguais, sempre as mesmas paisagens que desfilam de través diante de mim quando vou a Londres mas que nem por isso são minhas conhecidas, antes, e apesar dos muitos anos passados desde que cheguei a Inglaterra, estranhas e nada acolhedoras. Torno-me particularmente inquieto na última parte da linha, quando o comboio, mesmo antes de virar para Liverpool Street Station, tem que passar por diversas agulhagens num caminho muito apertado onde as paredes de tijolo que se erguem de ambos os lados dos carris, com os seus arcos, colunas e nichos, tudo sujo de fuligem e gásóleo, me trazem de novo ao espírito aquela manhã num columbário subterrâneo. Eram já três da tarde quando cheguei a Harley Street, a um dos seus prédios de tijolo quase todos ocupados por dermatologistas, urologistas, ginecologistas, neurologistas, psiquiatras, médicos da garganta, nariz, ouvidos e olhos, e, à luz suave de um candeeiro, fui até a janela da sala de espera um tanto sobreaquecida de Zdenek Gregor. Do céu cinzento que pairava carregado sobre a cidade caíam voltejando flocos de neve isolados que desapareciam no abismo dos pátios dos fundos. Pensei no início do Inverno na montanha, na total ausência de ruídos e no meu desejo, que sempre tive em criança, de que tudo ficasse nevado, toda a aldeia e o vale todo, até o cimo da montanha; e depois imaginava como seria quando, na primavera, com o degelo, tudo saísse de novo do gelo. E enquanto estive ali, na sala de espera, recordando a neve dos Alpes, as janelas invisíveis do quarto de dormir, a brancura da fachada, as toucas brancas sobre os isoladores dos postes telegráficos e a selha do poço por vezes gelado meses a fio, vieram-me ao espírito os primeiros versos de um dos meus poemas favoritos: *And so I long for snow to sweep across the low heights of London...* Imaginei que via lá fora, no crepúsculo que avançava, os bairros da cidade sulcados por incontáveis ruas e carris sucedendo-se uns sobre os outros para oeste e para norte, um renque de casas sobre o seguinte e o

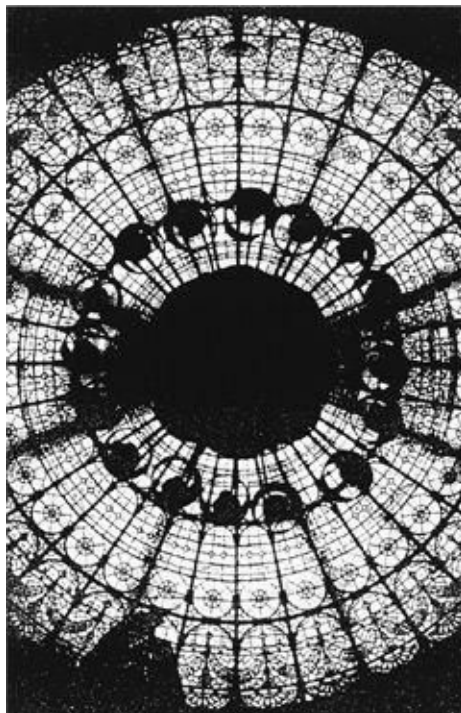
seguinte e por aí fora, para além de Holloway e Highbury, e a neve cairia sobre estas altas excrescências de pedra, lenta e regularmente, até que tudo estivesse sepultado e coberto... *London a lichen mapped on mild clays and its rough circle without purpose...* Gregor Zdenek desenhou numa folha de papel um círculo assim, com uma circunferência irregular, tentando ilustrar o tamanho da área cinzenta no meu olho direito após o chamado exame. Tratava-se, disse ele, de um defeito habitualmente apenas temporário que consistia na formação de uma bolha de líquido transparente sobre a mácula, como as bolhas sob o papel de parede. Não estava ainda esclarecida a origem deste distúrbio, que a literatura da especialidade chama coriorretinopatia central serosa. Tudo o que se sabia é que afetava quase exclusivamente homens na meia-idade que passam muito tempo a ler e a escrever. A juntar à consulta, devia fazer um exame chamado angiografia fluoresceínica para determinar com maior rigor a parte da retina afetada, isto é, fazer uma série de registros fotográficos dos meus olhos, ou melhor, se bem entendi, da parte posterior do olho através da íris, da pupila e do humor vítreo. O técnico assistente, que já me esperava numa pequena sala arranjada para o efeito, era um homem extraordinariamente nobre, com um turbante branco, parecia, pensei eu estupidamente, o profeta Maomé. Com cuidado, enrolou a manga da minha camisa e inseriu a ponta de uma agulha na veia saliente abaixo da dobra do cotovelo sem que eu sentisse a mínima coisa. Enquanto introduzia no meu sangue o produto de contraste disse que era possível que viesse a sentir-me mal dentro de algum tempo. Pelo menos, a minha pele ficaria descorada por um par de horas. Esperamos um pouco sem palavras, cada qual no seu lugar da saleta iluminada como um vagão-leito, apenas com uma lâmpada fraca, e depois ele mandou que me aproximasse e colocasse a cabeça no suporte assente numa espécie de cavalete em cima de uma mesa, com o queixo numa pequena depressão e a testa encostada à barra metálica mais acima. Estou a escrever isto e a ver outra vez os pequenos pontos de luz que estouravam nos meus olhos de cada vez que o aparelho disparava.— Meia hora depois já estava no salão de bar do Great Eastern Hotel, em Liverpool Street, à espera do comboio seguinte para casa. Tinha procurado um canto escuro, pois entretanto já me sentia realmente esquisito dentro da minha pele descorada. Já durante a viagem de táxi me ocorrera que estávamos no Luna Park, tão estranhas eram as luzes da cidade que passavam pelo para-brisa, e agora os globos foscos dos candeeiros, os espelhos atrás do bar e as baterias coloridas de garrafas de bebidas espirituosas giram diante dos meus olhos, como se eu estivesse num carrossel. Apoiei a cabeça na parede e, respirando devagar sempre que sentia subir em mim a náusea, passei um bom bocado a observar os trabalhadores das minas de ouro da City à medida que iam ocorrendo ao seu local de beber habitual dos fins de tarde, todos iguais

nos seus ternos azul-marinho, camisas listradas e gravatas vistosas, e tentei discernir os enigmáticos costumes desta espécie que não vem descrita em nenhum bestiário: o gosto pelos ajuntamentos, os seus modos meio sociáveis, meio agressivos, a livre entrega das gargantas ao esvaziar dos copos, o constante crescendo de excitação nas vozes, a súbita partida de um ou outro. E assim observando, notei, à margem da horda já vacilante, um indivíduo isolado que não podia ser outro senão Austerlitz o qual, ocorreu-me nesse momento, já não via há vinte anos. A sua aparência mantivera-se a mesma, tanto na postura como no vestuário, até trazia a mochila às costas. Apenas o seu cabelo louro ondulado, embora mantivesse o mesmo estranho jeito de ficar em pé na sua cabeça, estava mais claro. Não obstante, ele, que antes sempre me parecera uns dez anos mais velho, parecia-me agora dez mais novo do que eu, fosse por causa da minha saúde um tanto fraca, fosse por ele pertencer a esse tipo de celibatários que conservam em si até o fim algo de rapaz. Tanto quanto me lembro, fiquei um bom pedaço de tempo tomado de espanto pelo inesperado regresso de Austerlitz; pelo menos, lembro-me de que, antes de ir ter com ele, passei muito tempo a pensar na semelhança entre a sua pessoa e Ludwig Wittgenstein e na expressão de espanto que ambos ostentam no rosto. Creio que era sobretudo a mochila, que mais tarde Austerlitz me contou ter comprado por dez xelins numa loja na Charing Cross Road, de um lote de excedentes militares suecos, pouco antes de iniciar os seus estudos, e à qual se referia como o único bem verdadeiramente de confiança existente na sua vida; e terá sido esta mochila, ao que creio, o que então me deu a bizarra ideia da semelhança entre ele, Austerlitz, e o filósofo falecido de cancro em Cambridge, em 1951.

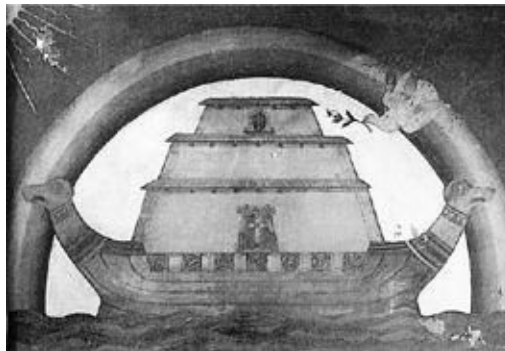


Também Wittgenstein andava sempre com uma mochila, em Puchberg e em Otterthal, bem como quando foi para a Noruega, ou para a Irlanda, ou para o Cazaquistão, ou passar o Natal a casa das irmãs na Alleegasse. Essa mochila, que Margarete diz numa carta ser-lhe tão querida como seu próprio irmão, viajava sempre com ele para toda parte, atravessou mesmo, ao que creio, o Oceano Atlântico a bordo do navio de linha *Queen Mary* e depois foi de New York para Ithaca. E hoje, cada vez que vejo aqui ou ali uma fotografia de Wittgenstein, é mais forte a sensação de ser Austerlitz quem dela me fita e quando olho para Austerlitz é como se visse esse infeliz pensador tão enclausurado na clareza do seu raciocínio lógico como no caos das suas emoções, a tal ponto é flagrante a semelhança entre os dois, na estatura, no modo que têm de estudar uma pessoa, como se de uma barreira invisível, na precária organização das suas vidas, no desejo de se bastarem com o mínimo possível e na incapacidade, tão típica de Austerlitz como de Wittgenstein, de se deterem em preliminares. Portanto, também naquele fim de tarde no bar do Great Eastern Hotel Austerlitz, sem gastar uma só palavra com a coincidência do nosso reencontro ao fim de tanto tempo, retomou a conversa mais ou menos onde ela tinha sido interrompida. Contou-me que tinha passado a tarde na Great Eastern que em breve seria totalmente remodelada, um pouco à procura sobretudo do templo maçônico que no virar do século os diretores da companhia ferroviária tinham incorporado no hotel, acabava o edifício de ser construído e equipado

com todo o luxo. Na verdade, embora eu tenha abandonado os meus estudos arquitetônicos há muito tempo, disse ele, volto com frequência aos velhos hábitos e, embora já não tome notas nem faça esboços, deslumbro-me com as coisas singulares que construímos. Precisamente o caso desse dia, em que o seu caminho o levava até perto da Great Eastern e ele, seguindo um súbito impulso, entrara no foyer e aí, ao que parece, foi muito atenciosamente recebido por um gerente português chamado Pereira, a despeito, disse Austerlitz, da natureza pouco habitual do meu pedido e da minha aparência singular. Pereira, prosseguiu Austerlitz, levou-me por uma escadaria larga até o primeiro andar e abriu-me com uma grande chave o portal do templo, uma sala revestida a placas de mármore cor de areia e ônix marroquino vermelho, o chão aos quadrados pretos e brancos e um tecto abobadado em cujo centro uma estrela solitária emitia os seus raios para as nuvens escuras em seu redor. Percorri então com Pereira todo o hotel, grande parte dele já desativado, a grande dining-room para mais de trezentos comensais sob a alta cúpula de vidro, as salas de fumo e de bilhares, entrei em suítes e subi escadas até o quarto andar, onde antes eram as cozinhas, e depois desci à primeira e segunda caves, outrora um labirinto fresco para armazenagem de vinhos do Reno, bordeaux e champagne, para a produção de milhares de artigos de pastelaria, preparação de legumes, de carnes vermelhas e aves de capoeira.



Quanto à peixaria, onde percas, lúcios, solhas, linguados e enguias tinham repousado sobre lousas negras com água a correr sobre eles sem interrupção, era, disse-me Pereira, por si só, a seu ver, toda uma necrópole, disse Austerlitz, e se já não fosse tão tarde teria dado mais uma vez a volta a tudo comigo. Gostaria sobretudo de me mostrar o templo e neste uma pintura ornamental a dourado de uma arca de três andares a navegar sob um arco-íris e a pomba que a ela regressa com o ramo verde no bico. O mais estranho, disse Austerlitz, é que nessa tarde, enquanto estava com Pereira diante desse belo tema, pensou nos nossos encontros na Bélgica, há tanto tempo, e disse a si próprio que precisava de encontrar para as suas histórias um ouvinte como o que eu tinha sido em Antuérpia, Liège e Zeebrugge.



E encontrar-me no bar do Great Eastern Hotel, sítio onde nunca na vida tinha entrado, era contra todas as probabilidades estatísticas, de uma lógica interna espantosa, absolutamente concludente. Tendo dito isto, Austerlitz calou-se ficou por momentos, pareceu-me, de olhar perdido longe. Desde a infância e a juventude, começou ele finalmente ao mesmo tempo que olhava para mim, que não sei verdadeiramente quem sou. De onde hoje me situo, vejo naturalmente que deveria ter bastado o meu nome e o ter-me sido ocultado até os quinze anos para me pôr no rastro das minhas origens, embora se me tenha tornado claro, nestes últimos tempos, porque é que uma instância de ordem maior ou mais alta que a minha capacidade de pensamento e que manifestamente domina com circunspecção algures no meu cérebro e sistematicamente me tem impedido de tirar as naturais conclusões e de empreender as pesquisas que estas sugerem. Não me tem sido fácil arranjar maneira de sair da minha timidez nem será fácil pôr as coisas numa sequência bem ordenada. Fui criado, assim começou Austerlitz nesse fim de tarde no bar do Great Eastern Hotel, na vila rural de

Bala, Gales, em casa de um pregador calvinista, antigo missionário, que se chamava Emyr Elias e era casado com uma mulher timorata de família inglesa. É sempre desagradável para mim recordar essa casa infeliz, isolada num alto fora da vila e demasiado grande para duas pessoas e um filho único. No andar de cima havia muitos quartos fechados todo o ano. Ainda hoje sonho por vezes que se abre uma dessas portas fechadas e eu transponho o limiar de um mundo mais afetuoso, menos estranho. Vários dos quartos que não estavam fechados também não se usavam. Mobilados apenas com uma cama ou uma arca, cortinas corridas mesmo durante o dia, toldavam-se numa semiobscuridade que imediatamente me anulava toda a sensação de mim. Por isso quase perdi a memória dos meus primeiros tempos em Bala, a não ser que me feriu passar a ser chamado por outro nome e como foi terrível, desaparecidas as minhas coisas, ter que andar com esses calções ingleses, peúgas até o joelho que caíam constantemente, um colete que parecia rede de pesca e uma camisa cinza-rato demasiado fina. Sei quantas vezes fiquei acordado no meu catre do vicariato, por vezes durante horas, tentando rememorar os rostos dos que me tinham abandonado, suponho que por culpa minha; mas somente quando o cansaço me tolhia e as minhas pálpebras mergulhavam no escuro via, por um inconcebível momento, a minha mãe debruçada sobre mim ou; o meu pai, sorrindo enquanto punha o chapéu. E depois desta consolação, bem pior era acordar de manhã cedo e ter que compreender a cada novo dia que já não estava em casa, mas sim muito longe, numa espécie de cativeiro. Recordei há muito pouco tempo como, enquanto vivi com o casal Elias, me sentia sempre acabrunhado por nunca se abrir uma janela e talvez tenha sido por isso que uma vez, anos depois, num dia de Verão em que passei por uma casa com todas as janelas abertas, me senti muito naturalmente fora de mim. Há um par de dias, ao pensar nesta vivência libertadora, recordei que uma das duas janelas do meu quarto de dormir tinha sido emparedada por dentro, mantendo-se igual por fora, circunstância que, como nunca se está ao mesmo tempo dentro e fora de uma casa, ignorei até a idade de treze ou catorze anos, embora deva ter-me incomodado durante toda a minha infância em Bala. E Austerlitz continuou: no vicariato estava sempre com frio, não somente no inverno, em que muitas vezes apenas o fogão da cozinha era atizado e não raramente o chão de pedra da entrada se cobria de geada, mas também no Outono e na Primavera já avançada, nos infalíveis verões chuvosos. E assim como reinava na casa de Bala o frio, reinava também o silêncio. A mulher do vigário andava sempre atarefada com a lida da casa, a limpar o pó, a esfregar os mosaicos, a fazer a barrela, a polir os amarelos das portas ou a preparar as magras refeições que comíamos sem palavras. Por vezes também se limitava a percorrer a casa para ver se tudo estava nos seus lugares, de onde, por vontade

dela, nada devia sair. Uma vez dei com ela sentada numa cadeira, num dos quartos meio vazios do andar de cima, com lágrimas nos olhos e na mão um lenço amarfanhado, molhado. Quando me viu à porta, levantou-se, disse que não era nada, apenas uma constipação que tinha apanhado e, ao sair, passou os dedos pelo meu cabelo, a única vez, tanto quanto sei, que tal coisa aconteceu. O pregador, num seu costume inalterável, ficava no seu escritório, que dava para um canto sombrio do jardim, a pensar na sua prédica do domingo seguinte. Nunca escrevia esses sermões, preferia trabalhá-los na sua cabeça, no que penava pelo menos quatro dias. A noite saía sempre do seu escritório completamente abatido, para na manhã seguinte desaparecer de novo lá dentro. Aos domingos, quando se apresentava diante da sua congregação reunida na igreja e lhes falava por vezes durante uma hora inteira, ainda me parece ouvi-lo, disse Austerlitz, e invocava aos olhos do seu rebanho, com uma eloquência verdadeiramente comovente, o Juízo Final, as cores do Purgatório, os tormentos da danação e depois, com as mais prodigiosas imagens estelares e celestiais, a entrada dos justos na bem-aventurança eterna, era um homem diferente. Conseguia sempre, na aparência sem esforço, como se inventasse as coisas mais horríveis de improviso, encher os corações dos que o ouviam com um sentimento de contrição tal que não poucos iam para casa, no fim do serviço, com os rostos brancos como giz. Pelo contrário, ele, o pregador, passava o resto do domingo com uma disposição relativamente alegre. Ao almoço, que começava sempre com uma sopa de tapioca, fazia à esposa, cansada da cozinha, uns quantos comentários instrutivos sob uma forma engraçada, inteirava-se, normalmente com a pergunta “And how is the boy?”, da minha saúde e tentava arrancar-me um pouco ao meu ensimesmamento. A terminar a refeição vinha sempre o pudim de arroz, o prato favorito do pregador, prazer que quase sempre o calava. Terminada a refeição, deitava-se a descansar no canapé durante uma hora ou, com melhor tempo, sentava-se no jardim, sob a macieira, a contemplar o vale, tão satisfeito com o labor da semana como o Senhor Deus Sabbaoth com a criação do mundo. Antes das orações da noite ia à sua escrivaninha com tampo de correr buscar a caixa de folha onde guardava o calendário publicado pela igreja dos metodistas calvinistas de Gales, um livrinho gasto quase até o fio que enunciava os domingos e feriados do ano de 1928 até o ano de 1948 e onde ele, semana após semana, fazia entradas regulares para cada data retirando o delgado lápis de tinta das costas do livro, molhando a sua ponta na língua e, devagar e com muito esmero, como um aluno sob vigilância, anotava o nome da capela onde tinha pregado nesse dia e a passagem da Bíblia de que partira, por exemplo, no dia 20 de julho de 1939: at the Tabernacle, Llandrillo — Psalms CXXVII/4, “He telleth the number of the stars and calleth them ali by their names”, ou em 3

de agosto de 1941: Chapel Uchaf, Gilboa — Zefanias III/6, “I have cut off the nations: their towers are desolate; I made their streets waste, that none passeth by”, ou em 21 de maio de 1944: Chapel Bethesda, Corwen — Isaiah XLVIII/18, “O that thou hadst hearkened to my commandments! Then had thy peace been as a river and thy righteousness as the waves of the sea!” A última entrada desse livrinho, que é das poucas coisas do pregador que ficou para mim após sua morte e que nos últimos tempos muito tenho folheado, disse Austerlitz, foi feita numa das folhas adicionadas no fim. Data de 7 de março de 1952 e diz: Bala Chapel — Psalms CII/6, “I am like a pelican in the wilderness. I am like an owl in the desert.” Como é natural, a maior parte destas prédicas de domingo, de que devo ter ouvido mais de quinhentas, mexiam com minha cabeça de criança, mas, embora o significado de certas palavras e frases tenha me escapado durante muito tempo, usasse Elias o inglês ou o galês, percebia que o sermão era sobre o pecado e o castigo da humanidade, o fogo e das cinzas e o iminente fim do mundo. No entanto, não são as imagens bíblicas de destruição o que na minha memória se liga à escatologia calvinista, disse Austerlitz, mas sim o que vi com os meus próprios olhos quando saía com Elias. Muitos dos seus irmãos de ofício mais novos foram chamados para o serviço militar logo no início da guerra e por isso Elias todos os domingos tinha que ir fazer os seus sermões a outra congregação, por vezes muito longe. A princípio, deslocávamo-nos na região numa pequena sege de dois lugares puxada por um pônei quase branco de neve na qual Elias, segundo o seu costume, fazia sempre a viagem de ida corcovado e no mais negro estado de espírito. No caminho de regresso, porém, crescia-lhe o ânimo, tal como em casa nas tardes de domingo; chegava mesmo a cantarolar sozinho, em surdina e de vez em quando fazia estalar um pouco o chicote nas orelhas do cavaleiro. E estes lados, claro e escuro, do pregador Elias tinham a sua expressão na paisagem montanhosa em nosso redor. Lembro-me, disse Austerlitz, de uma vez, em que atravessávamos o interminável vale do Tanat, nas encostas à nossa direita e à nossa esquerda apenas paus retorcidos, fetos e ervas cor de ferrugem e depois, ao entrarmos na última secção do colo, firmes rochedos cinzentos e neblina à deriva, pelo que temi que estivéssemos a aproximar-nos dos confins da Terra. De outra vez, pelo contrário, vi, justamente ao atingirmos o colo do Pennant, abrir-se nas nuvens altas acasteladas a oeste uma brecha e os raios de sol lançarem um feixe estreito no terreno do vale, a uma profundidade vertiginosa. Onde um momento atrás não houvera mais que trevas insondáveis brilhava agora, rodeada de sombras negras, uma pequena aldeia com uns pomares, prados e campos, de um verde cintilante como a Ilha da Bem Aventurança, e à medida que descíamos a estrada do colo, ao lado do cavalo e da carroça tudo se ia tornando mais e mais leve, as encostas emergiam

da escuridão muito nítidas, as ervas finas curvadas pelo vento brilhavam, os salgueiros prateados destacavam-se nas margens do regato e em breve deixamos os cumes rapados e entramos de novo no coberto dos arbustos e árvores, sob os carvalhos sussurrantes, bordos e sorveiras já carregadas de bagas vermelhas. Uma vez, creio que pelos meus nove anos, estive com Elias num lugar no sul de Gales onde tinham rasgado os flancos do monte de ambos os lados da estrada, desbastado e abatido a floresta. Já não sei como se chamava a aldeia aonde chegamos ao princípio da noite. Rodeavam-na montes de escória de carvão que descaía aqui e além para as ruas. Como alojamento, destinaram-nos um quarto em casa de um dos fabriqueiros de onde se via uma torre mineira com uma roda gigantesca que girava ora para um lado, ora para o outro no crepúsculo cada vez mais cerrado e mais adiante, na direção do vale, a intervalos regulares de três ou quatro minutos, labaredas e faúlhas saíam do forno de fundição de uma siderurgia e elevavam-se a grande altura no céu. Já eu estava na cama e ainda Elias, sentado num banco à janela, olhava para fora calado e quieto. Penso que terá sido a vista do vale, umas vezes iluminado pelo fogo, outras de novo mergulhado em escuridão, que lhe deu a prédica da manhã seguinte sobre a Revelação, um sermão sobre a ira do Senhor, sobre a guerra e a destruição das moradas dos homens com o qual, como lhe disse o fabriqueiro à partida, se superara a si próprio. Se a congregação se sentiu quase petrificada de terror durante a prédica, em mim não poderia o poder divino invocado por Elias ter ficado tão persistentemente gravado se no cineteatro da pequena aldeia à saída do vale onde Elias deveria ir nessa mesma tarde presidir às orações de vésperas, não tivesse rebentado, em plena luz do dia, uma bomba. As ruínas ainda fumegavam quando chegamos ao centro da povoação. As pessoas encontravam-se na beira da estrada, em pequenos grupos, algumas ainda com a mão a tapar a boca, de horror. Os bombeiros tinham-se atravessado em cima de um canteiro de flores redondo e na relva jaziam, vestidos com trajes domingueiros, os corpos daqueles que, e não precisava que Elias mo dissesse, tinham pecado contra o mandamento de guardar a santidade do Sabbath. E assim se foi formando na minha cabeça uma espécie de mitologia retributiva baseada no Velho Testamento, cuja peça maior reside para mim no afundamento da comunidade de Llanwddyn pelas águas da albufeira de Vyrnwy. Tanto quanto me lembro, foi no regresso de um dos seus compromissos fora, em Abertridwr ou Pont Llogel, que Elias parou a sege junto à margem desse lago, me levou até o meio da barragem e ali me contou que a casa do seu pai, lá em baixo, a uma profundidade de uns cem pés sob a água escura, e não apenas a sua casa paterna como outras quarenta casas e quintas e a igreja de S. João de Jerusalém, três capelas e três tabernas, tudo foi afundado no outono de 1888, quando a barragem ficou pronta.

Llanwddyn era particularmente famosa, contou-lhe, disse Austerlitz, Elias, nos anos que precederam o seu afundamento, pelos jogos de futebol no campo da aldeia: quando, no verão, brilhava a lua cheia, muitas vezes jogavam toda a noite, mais de dez dúzias, rapazes e homens de todas as idades, alguns também das povoações vizinhas. A história do futebol de Llanwddyn habitou durante muito tempo a minha fantasia, disse Austerlitz, sobretudo, por certo, porque Elias nunca até então ou depois disso me fez qualquer observação sobre a sua vida. Nessa única ocasião na barragem de Vyrnwy, em que ele, propositadamente ou por inadvertência, me deixou olhar para o mais íntimo do seu peito de pregador senti tão grande simpatia por ele que esse homem justo me apareceu como o único sobrevivente da inundação de Llanwddyn ao mesmo tempo que imaginava todos os outros, os seus pais, irmãos e irmãs, os seus amigos, vizinhos, todos os habitantes da aldeia, ainda lá no fundo, sentados nas suas casas, caminhando pela rua, mas sem poderem falar e com os olhos demasiado abertos. Esta minha representação da existência subaquática da população de Llanwddyn tem também algo a ver com o álbum que Elias me mostrou pela primeira vez na noite do nosso regresso a casa, que continha diversas vistas da sua aldeia natal, agora afundada sob as águas.



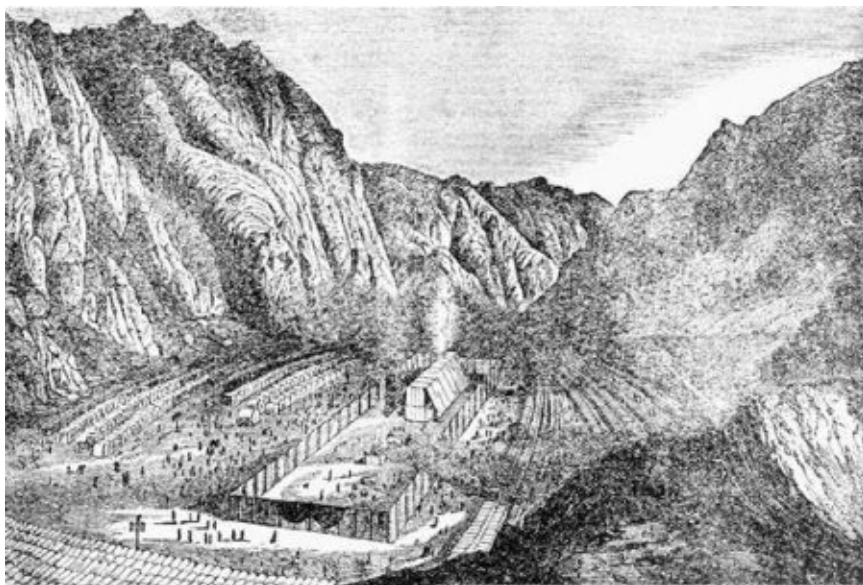
Como não havia outras imagens no presbitério, voltei muitas vezes a estas poucas fotografias que mais tarde vieram para a minha posse juntamente com o calendário calvinista, tantas que as pessoas que delas me olhavam, o ferreiro com o avental de couro, o almoxarife, que tinha sido o pai de Elias, o pastor, atravessando a aldeia com o seu rebanho, e sobretudo a menina sentada num cadeirão no jardim com o cachorrinho no colo, se tornaram tão familiares a mim como se estivesse vivendo com eles no fundo do lago. À noite, antes de adormecer no meu quarto frio, sentia-me como se também eu tivesse ido para o fundo da água escura, como se, igual às pobres almas de Vyrnwy, tivesse que manter os olhos muito abertos para captar uma luz fraca lá em cima e o reflexo quebrado pela ondulação da torre de pedra que se erguia, medonha e sozinha, na margem arborizada.



Por vezes chegava a imaginar que tinha visto um ou outro dos fotografados do álbum na rua, em Bala, ou lá por fora, nos campos, em especial nos dias quentes, por volta do meio-dia, quando não havia mais ninguém nos caminhos e o ar vibrava um pouco. Elias proibiu-me de falar nessas coisas.

Como compensação, comecei a passar todas as horas livres com Evan, o sapateiro, que tinha a sua banca perto do presbitério e fama de ver fantasmas. Com Evan aprendi também galês, de uma penada porque gostava muito mais das suas histórias do que dos intermináveis salmos e versículos bíblicos que tinha que decorar para a catequese. Ao contrário de Elias, que associava sempre doença e morte com sacrifício, justo castigo e culpa, Evan contava histórias de mortos que o destino levava prematuramente, que se sabiam defraudados no seu quinhão e por isso tentavam regressar à vida. Quem tiver olho para eles, dizia Evan, pode dar por eles com grande frequência. A primeira vista pareciam pessoas normais mas, olhando melhor, as caras deles esborratavam-se ou tremiam um pouco nos contornos. Eram também quase sempre um palmo mais baixos do que em vida, pois a experiência da morte, dizia Evan, encolhe-nos, como uma peça de linha quando se lava a primeira vez. Os mortos andavam quase sempre sozinhos, mas por vezes circulavam também em pequenos esquadrões; já os tinham visto vestidos com coloridos casacos de uniforme ou envoltos em mantas cinzentas, subindo, a marchar ao rufo dos tambores, as colinas sobranceiras à povoação que pouco mais altas eram que os muretes dos campos. Sobre o seu avô contava Evan que uma vez tivera que se desviar da estrada de Frongastell para Pyrsau para deixar passar um desses cortejos de fantasmas que o alcançara e que era exclusivamente constituído por seres de estatura anã. Passaram por ele cheios de pressa, curvados e falando entre si com voz de falsete. Na parede, acima do banco de trabalho baixo de Evan, disse Austerlitz, encontrava-se, pendurado de um prego, o véu negro que o avô tirara do esquife que as pequenas formas de capa levavam quando passaram por ele, e o certo é que Evan, disse Austerlitz, me disse uma vez que um bocado de seda como aquele é tudo o que nos separa do outro mundo. É um fato que durante todos os anos que passei no presbitério de Bala nunca perdi a sensação de que algo de muito simples, de muito evidente me era oculto. Por vezes era como se procurasse conhecer a realidade a partir de um sonho; depois voltava a parecer-me que um irmão gémeo invisível seguia ao meu lado, por assim dizer o avesso de uma sombra. Suspeitava que, por trás das histórias da Bíblia que a partir dos meus seis anos tinha que ler na catequese, se encontrava um sentido relativo à minha pessoa, um sentido muito diferente daquele que se desprendia das linhas impressas à medida que o meu dedo indicador as percorria. Vejo-me ainda, disse Austerlitz, fascinado, a murmurar para mim próprio uma vez mais a história de Moisés, soletrada pela edição em grandes caracteres pensada para as necessidades infantis que Miss Parry me tinha oferecido quando me mandaram decorar na perfeição e recitar com boa expressão o capítulo sobre a confusão das línguas. Basta-me folhear um par de páginas desse livro, disse Austerlitz, para

me lembrar como me senti angustiado na passagem em que se lê que a filha de Levi fez uma caixinha de junco, que a calafetou com barro e pez e que colocou a criança nessa caixinha e a deixou no meio dos juncos, na margem do rio: yn yr hesg arfin yr afon, eram estas as palavras, creio. Ainda na história de Moisés, mais adiante, disse Austerlitz, atraía-me particularmente o trecho em que se conta como os filhos de Israel atravessam um deserto medonho, comprido de muitos dias de viagem e largo, onde a vista, por mais longe que olhe, só alcança céu e areia. Procurei imaginar a coluna de nuvens que ia à frente do povo errante, como é chamado numa estranha expressão, e embrenhei-me, esquecendo tudo em meu redor, numa ilustração de página inteira em que o descampado do Sinai, com as suas encostas calvas todas muito juntas e um fundo com manchas cinzentas que algumas vezes via como o mar, outras como o espaço aéreo, parecia mesmo a região em que fora criado. Com efeito, disse Austerlitz numa ocasião posterior, ao mostrar-me a Bíblia para crianças em galês, sabia que o meu lugar próprio era entre as minúsculas figuras que povoavam o campo. Examinei cada polegada da superfície da ilustração na sua estranha familiaridade.



Numa zona um pouco mais clara da encosta íngreme, à direita, achei reconhecer uma pedreira e nas linhas sinuosas em baixo carris de caminho de ferro. Sobretudo dava-me que pensar a praça cercada no meio e a construção em forma de tenda ao fundo da qual se eleva uma nuvem de fumo branco. Não sei o que se passava em mim nessa altura, mas o acampamento dos Hebreus nos

montes pelados estava mais próximo de mim do que a vida em Bala, cada dia mais incompreensível, pelo menos, disse Austerlitz, é o que penso hoje. Nessa noite no bar do Great Eastern Hotel também me disse que no vicariato de Bala não havia um aparelho de rádio ou uma revista. Não me lembro, disse ele, de Elias e a sua mulher, Gwendolyn, terem alguma vez mencionado as operações militares na Europa continental. Eu não podia pensar um mundo fora de Gales. Logo a seguir ao fim da guerra as coisas começaram a mudar. Com a vitória, quando até em Bala se dançava nas ruas enfeitadas com bandeirolas coloridas, pareceu despertar uma nova época. Para mim, começou quando eu, proibido, fui pela primeira vez ao cinema e depois todos os domingos ao princípio da tarde, do cubículo do projecionista Owen, um dos três filhos do visionário Evan, via o chamado Jornal de Atualidades em imagens. Por essa época o estado de saúde de Gwendolyn deteriorou-se, a princípio quase imperceptivelmente, mas depois com crescente rapidez. Ela, que costumava ter sempre tudo na mais penosa ordem, começou a desmazelar-se, primeiro na casa, depois consigo própria. Ficava simplesmente na cozinha, desorientada, e quando Elias preparava uma refeição o melhor que pudesse, ela quase nada comia. Foi por certo por causa desta doença que fui enviado para um colégio nas proximidades de Oswestry, pelo trimestre do Outono de 1946, tinha eu doze anos. Tal como quase todos os estabelecimentos de ensino desse tipo, Stower Grange era o lugar mais inadequado que se possa imaginar para um adolescente. O reitor, de seu nome Penrith-Smith, que de manhã cedo até noite cerrada sem cessar vagueava desnorteado pelos edifícios escolares na sua toga poeirenta, era um irremediável distraído, completamente ausente, e o resto do pessoal docente, neste imediato pós-guerra, constituía também um mundo à parte, sexagenários na sua maior parte ou afetados por alguma enfermidade. A vida escolar seguia mais ou menos o seu próprio curso, não tanto graças aos notáveis pedagogos de Stower Grange, mas apesar deles. E por certo não graças a uma ética, mas segundo costumes e tradições, muitos deles claramente de carácter oriental, que remontam a muitas gerações de alunos. Aí se encontravam as mais variadas formas de grande tirania e pequeno despotismo, trabalho forçado, escravatura, servidão, concessão e privação de privilégios, culto dos heróis, ostracismo, execução e perdão de penas e através de tais medidas os educandos, sem outra autoridade, governavam-se a si e, bem se pode dizer, todo o estabelecimento, sem exclusão dos professores. Mesmo quando Penrith-Smith, que era notavelmente bondoso, por qualquer coisa que tivesse chegado ao seu conhecimento tinha que bater em algum de nós, no seu gabinete de diretor, facilmente se ficava com a impressão de que a vítima concedia ao executor do castigo um privilégio temporário que era seu por inerência. Por vezes, especialmente aos fins de semana, parecia que todos os

professores tinham partido, deixando entregues à sua sorte no estabelecimento, que ficava a pelo menos duas milhas da cidade, aqueles que lhes estavam confiados. Alguns de nós passeavam-se então conforme nos apetecia enquanto outros urdiam intrigas para expandirem a sua base de poder ou iam para o laboratório, guarnecido apenas com um bancos e escabelos e situado ao fundo do escuro corredor da cave conhecido, não se sabe por que, como Mar Vermelho, torrar pão e fazer um petisco de ovos mexidos com um sucedâneo de ovo, um pó cor de enxofre de que se guardava uma grande quantidade num dos armários de parede, juntamente com outras substâncias destinadas às aulas de química. Como é natural, dadas as condições reinantes em Stower Grange, não eram poucos os que passavam todo o seu tempo de escola sempre infelizes. A título de exemplo, disse Austerlitz, recordo um rapaz chamado Robinson tão obviamente incapaz de se conformar com a dureza e as peculiaridades da vida escolar que aos nove ou dez anos tentou várias vezes fugir, a meio da noite, descendo o cano de um algeroz e desatando a correr pelo campo fora. E de cada vez um polícia trazia-o na manhã seguinte, com o roupão de xadrez que ele, curiosamente, devia ter posto de propósito para a fuga, e entregava-o ao diretor como um delinquente comum. Para mim, porém, disse Austerlitz, os anos de Stower Grande não foram, ao contrário do pobre Robinson, tempos de prisão, mas de liberdade. Enquanto a maioria de nós, mesmo aqueles que atormentavam os colegas da mesma idade, riscavam no calendário os dias que faltavam para voltarem para casa, eu preferiria nunca voltar para Bala. Logo na primeira semana percebi que aquela escola, apesar dos inconvenientes que acarretava, era a minha única via de fuga e logo tratei de me orientar na singular confusão das incontáveis regras não escritas e da ilegalidade quase carnavalesca vigente. Favoreceu-me muito o fato de começar cedo a distinguir-me no campo de rugby, talvez porque, devido a uma dor surda, sempre latente em mim, rompia caminho através das fileiras adversárias como nenhum dos meus colegas. A temeridade por mim demonstrada nos recontros sempre disputados, bem me lembro, sob um céu frio de Inverno ou chuva torrencial, alcançou-me num curto período de tempo um estatuto especial, sem que tivesse que me esforçar por o obter por outros meios, como angariar vassalos ou subjugar rapazes mais fracos. Decisivo para o meu bom progresso na escola foi, além disso, nunca ter achado o estudo e a leitura um fardo, pelo contrário, como até então estivera confinado à Bíblia e à homilética galesas, a cada página que voltava parecia-me abrir-se uma nova porta. Li tudo o que havia na biblioteca extremamente heterogênea da escola e tudo o que pude pedir emprestado aos meus professores, livros de geografia e história, descrições de viagens, romances, biografias, e ficava até tarde de redor de obras de referência e atlas. Pouco a pouco, foi-se formando na minha cabeça

uma espécie de paisagem ideal em que os desertos da Arábia, o reino dos Aztecas, o continente antártico, os Alpes nevados, a Passagem do Noroeste, o rio Congo e a península da Crimeia se juntavam num único panorama, povoado por todas as formas pertencentes a essas paragens. E como podia mudar-me para esse mundo sempre que me apetecesse, numa aula de latim ou durante o serviço religioso, nos infundáveis fins de semana, nunca caí na depressão que afetou tantos em Stower Grange. O desalento só me atingia quando tinha que voltar a casa nas férias. Logo no primeiro regresso a Bala, pelos Finados, foi como se a minha vida ficasse de novo sob a má estrela que, tanto quanto me lembro, sempre me acompanhara. Durante os meus dois meses de ausência, Gwendolyn tinha declinado muito. Passava agora todo o dia na cama, a olhar fixamente o tecto. Elias estava um bocado com ela todos os dias, de manhã e à noite, mas nem ele nem Gwendolyn diziam palavra. Hoje, ao pensar nisso, disse Austerlitz, sinto que era como se o frio nos seus corações os estivesse a separar lentamente da vida. Não sei qual a doença que matou Gwendolyn e suponho que ela própria não saberia dizer. Nada tinha para a combater, a não ser a estranha necessidade que sobrevinha várias vezes por dia e talvez de noite também, de se empoar com um talco barato de um grande recipiente que havia na mesinha junto à cama. Gwendolyn usava essa substância pulverizada, algo gordurosa, em quantidades tais que o chão de linóleo em redor do leito e em breve todo o quarto e os corredores do andar de cima ficaram cobertos de uma camada branca que a umidade do ar tornou ligeiramente pegajosa. Só recentemente me voltou à memória este alvor em casa do vigário, disse Austerlitz, ao ler as recordações de infância e juventude de um escritor russo que falam da mesma mania de se empoar que tinha a sua avó, uma senhora que, embora passasse a maior parte do tempo num canapé e se alimentasse principalmente de pasta de uvas e leite de amêndoas, gozava de uma constituição férrea e dormia sempre de janela aberta de par em par e certa manhã, após uma noite inteira de temporal, acordou sob um manto de neve sem ter por isso sofrido o menor dano. Mas isso não acontecia no vicariato. As janelas do quarto da doente permaneciam fechadas e o pó branco que, grão a grão, foi assentando sobre todas as coisas e no qual era já visível o traçado de um caminho, nada tinha de neve cintilante. Mais parecia o ectoplasma que, contou-me Evan uma vez, os videntes deitam pela boca em grandes bolhas que depois caem no chão onde depressa secam e se transformam em pó. Não, não era neve caída de fresco o que pairava no presbitério; o que o enchia era uma coisa má que eu não sabia de onde vinha e só muito mais tarde, num outro livro, encontrei a expressão, totalmente incompreensível para mim mas esclarecedora, “terror de Ars”. Foi durante o Inverno mais frio de que há memória que fui pela segunda vez da escola em Oswestry a casa e encontrei

Gwendolyn quase já sem vida. No fogão do quarto da doente ardia um fogo de carvão. O fumo amarelado que subia do carvão incandescente e não queria ir-se logo embora misturava-se com o cheiro a fênico que pairava em toda a casa. Fiquei horas à janela, a estudar as maravilhosas formações de montanhas de gelo com duas ou três polegadas de altura acumuladas nas travessas pela água que escorria das vidraças. Da paisagem nevada emergiam por vezes figuras isoladas. Embrulhadas em xales e capas escuras, o guarda-chuva aberto contra o remoinho de flocos, subiam a custo a colina. Ouvia-as sacudir a neve das botas na entrada antes de subirem lentamente as escadas, acompanhadas pela filha do vizinho, que passara a tratar da casa do pregador. Com uma certa hesitação, como se tivessem que se vergar sob qualquer coisa, chegavam à entrada e pousavam na cômoda o que tivessem trazido, um frasco de conserva de couve roxa, uma dose de corned beef ou uma garrafa de vinho de ruibarbo. Gwendolyn já não dava por estas visitas e elas, por sua vez, não se atreviam a olhar para ela. Preferiam ficar algum tempo à janela comigo, a olhar para fora, e por vezes pigarreavam um pouco. Depois de se irem embora tudo ficava tão calmo como antes, exceptuando a respiração leve que ouvia atrás de mim e que parecia demorar uma eternidade a repetir-se. No dia de Natal, com grande esforço, Gwendolyn conseguiu sentar-se ainda uma vez na cama. Elias tinha-lhe levado uma xícara de chá açucarado, mas ela apenas molhou os lábios. A seguir disse, tão baixo que mal se podia ouvir: *What was it that so darkened our world?* E Elias respondeu-lhe: *I don't know, dear, I don't know.* Gwendolyn ainda esteve entre nós até o Ano Novo. Mas pela Epifania acercou-se da fase final. Lá fora o frio era mais intenso do que nunca e o silêncio maior. Todo o país, soube eu mais tarde, parou nesse inverno. Até o Lago Bala, que à minha chegada a Gales tomara pelo oceano, se cobriu com uma espessa camada de gelo. Pensei nos sargos e nas enguias no fundo e nos pássaros que, contaram as visitas, caíam dos ramos das árvores inteiriçados de frio. Nenhum desses dias esteve verdadeiramente claro e quando por fim um sol tremendamente distante saiu um pouco do azul nebuloso, a moribunda abriu os olhos e não os tirava da pouca luz que rompia através das vidraças. Só quando escureceu baixou as pálpebras e pouco depois começou a subir-lhe da garganta um som gutural de cada vez que respirava. Fiquei toda a noite à sua cabeceira, com o vigário. Ao alvorecer deixou de se ouvir o estertor. A seguir Gwendolyn arqueou-se um pouco e voltou a abater-se. Foi uma espécie de espreguiçar que eu já tinha sentido antes, de uma vez que apanhei um coelho ferido na beira do campo e o seu coração parou de medo na minha mão. Logo a seguir a essa distensão de morte, porém, o corpo de Gwendolyn pareceu encolher um pouco, pelo que devo ter pensado no que Evan me contara. Vi os olhos enterrarem-se nas suas órbitas e as fiadas dos seus

dentes de baixo tortos e encavalitados uns nos outros ficaram meios descobertos pela retração dos lábios finos enquanto lá fora, pela primeira vez em muitos dias, o róseo matinal roçava os telhados de Bala. Já não sei como se passaram as horas do dia subsequente à morte, disse Austerlitz. Creio que, por cansaço, me deitei e dormi muito tempo. Quando me levantei, Gwendolyn já estava no seu caixão, assente nas quatro cadeiras de mogno da sala da frente. Tinha o seu vestido de noiva, guardado todos aqueles anos num baú no andar de cima e umas luvas brancas com muitos botõezinhos de madrepérola que eu nunca tinha visto e cuja vista me trouxe lágrimas, as primeiras de sempre no presbitério. Elias estava sentado ao lado do caixão, a velar a defunta, enquanto lá fora, sozinho no celeiro vazio que rangia com o gelo, um jovem pregador ajudante que tinha vindo de Corwen num pônei, ensaiava o sermão a fazer no dia do funeral. Elias nunca se recompôs da morte da sua mulher. Luto não é a palavra adequada ao estado em que caiu depois do seu desaparecimento, disse Austerlitz. Embora na altura, com treze anos, não o tenha compreendido, percebo hoje que a infelicidade que cresceu dentro dele destruiu a sua fé no momento em que mais precisava dela. Quando voltei a casa, no verão seguinte, havia semanas que não era capaz de exercer o seu ministério. Ainda subiu ao púlpito mais uma vez. Abriu a Bíblia e, com voz entrecortada, como se lesse somente para si, debitou o versículo das Lamentações: *He has made me dwell in darkness as those who have been long dead*. Não fez o sermão. Ficou ali de pé algum tempo, a olhar por cima das cabeças da congregação paralisada de espanto com uns olhos que me pareceram os de um cego, parados. A seguir desceu lentamente do púlpito e saiu da igreja. Antes do fim do verão levaram-no para Denbigh. Fui lá visitá-lo apenas uma vez, pouco antes do Natal, com um dos fabriqueiros. Os pacientes estavam alojados numa grande casa de pedra.

Lembro-me, disse Austerlitz, que tivemos que esperar numa sala pintada de verde. Passado talvez um quarto de hora veio um enfermeiro que nos levou até Elias. Estava deitado na sua cama de grades, voltado para a parede. O enfermeiro disse: *Your son is here to see you, parech*, mas Elias, chamado uma segunda e uma terceira vez, não respondeu. Quando saímos da enfermaria, um dos outros internados, um homenzinho hirsuto, macilento, tomou-me do braço e sussurrou-me com a mão na frente da boca: *he's not a full shilling, you know*, o que na hora, curiosamente, disse Austerlitz, achei um diagnóstico apaziguador capaz de tornar tolerável a situação. — Mais de um ano após essa visita ao asilo de Denbigh, no princípio do Verão de 1949, precisamente no meio dos preparativos para os exames que determinariam o caminho seguinte, disse Austerlitz retomando a sua narrativa ao cabo de algum tempo, fui chamado, uma manhã, ao diretor da escola, Penrith-Smith. Vejo-o ainda diante de mim, com a

sua toga coçada, envolto no fumo azul do seu cachimbo, de pé, à luz do sol que penetrava obliquamente pela grade da janela de vitral, repetindo para trás e para diante no seu habitual jeito confuso que, considerando os acontecimentos dos dois últimos anos, eu me tinha comportado de modo exemplar e se nas semanas seguintes correspondesse às expectativas, indubitavelmente justificadas, que em mim depositavam os professores, ser-me-ia concedida uma bolsa dos Stower Grange Trustees para terminar o curso. Mas primeiro era seu dever advertir-me de que deveria escrever Jacques Austerlitz e não Dafydd Elias nas minhas folhas de exame. *It appears*, disse Penrith-Smith, *that this is your real name*. Os meus pais adotivos, com quem ele tinha discutido longamente o assunto aquando da minha entrada para a escola, tencionavam esclarecer-me oportunamente sobre as minhas origens antes dos exames e se possível me adotar, mas da maneira como estavam então as coisas, disse Penrith-Smith, contou Austerlitz, isso, lamentavelmente, estava fora de questão. Por si, ele sabia apenas que o casal Elias me levava para sua casa no início da guerra, era eu ainda pequeno, por isso não podia dizer-me mais. Assim que o estado de Elias melhorasse, tinha a certeza de que tudo se resolveria. *As far as the other boys are concerned, you remain Dafydd Elias for the time being. There's no need to let anyone know. It is just that you will have to put Jacques Austerlitz on your examination papers or else your work may be considered invalid*. Penrith-Smith tinha escrito o nome num papel e quando mo entregou não consegui pensar em mais nada para lhe dizer que não “Thank you, Sir”, disse Austerlitz. No princípio, o que mais me desconcertou foi que não conseguia encontrar qualquer significado para a palavra Austerlitz. Fosse o meu nome Morgan ou Jones, poderia relacioná-lo com a realidade. Até o nome Jacques conhecia de uma cançoneta francesa. Mas Austerlitz nunca tinha ouvido e desde logo me convenci de que mais ninguém se chamava assim, nem em Gales nem nas Ilhas Britânicas, nem em qualquer outra parte do mundo. Com efeito, desde que, há alguns anos, comecei a investigar a minha história nunca encontrei outro Austerlitz, nem na lista telefônica de Londres nem nas de Paris, Amsterdam e Antuérpia. Mas há não muito tempo liguei o rádio por mera distração e dei com um locutor a dizer que Fred Astaire, do qual até então nada sabia, tinha por apelido de família Austerlitz. O pai de Astaire, que, segundo esse surpreendente programa de rádio, era oriundo de Viena, trabalhara como cervejeiro numa fábrica em Omaha, Nebraska. Aí nasceu Astaire. Da varanda da casa em que vivia a família Austerlitz ouvia-se os comboios de mercadorias manobrando para trás e para diante no parque de manobras da cidade. Este barulho constante, ininterrupto, das manobras e a ideia a ele ligada de grandes viagens de comboio eram, contou Astaire mais tarde, as suas únicas recordações de infância.

E apenas um par de dias depois de ter conhecido deste modo casual a história de um homem que me era totalmente estranho, prosseguiu Austerlitz, uma vizinha que se declarou leitora apaixonada contou-me que nos diários de Kafka encontrou um homenzinho cambaio com o meu nome, o qual, como recorda Kafka, tinha sido chamado para circuncidar o seu sobrinho. Acredito pouco que estas pistas levem a algum lado, tal como poucas esperanças me dá um bilhete que encontrei há algum tempo numa documentação sobre a prática da eutanásia em que uma Laura Austerlitz fazia uma declaração a um juiz de instrução italiano, a 28 de Junho de 1966, sobre o crime cometido numa unidade de descasque de arroz na península de Saba, perto de Trieste, em 1944. de qualquer modo, disse Austerlitz, ainda não consegui descobrir esta minha homônima. Nem sei se hoje, trinta anos passados sobre a sua declaração, ainda está viva. Pelo que toca à minha própria história, como disse, até esse dia de Abril do ano de 1949 em que Penrith-Smith me entregou o bocado de papel com o nome Austerlitz escrito, nunca o tinha ouvido. Não consegui perceber que letras eram e li, soletrando três ou quatro vezes, a estranha palavra que me parecia uma contrassenha secreta, antes de levantar os olhos e dizer: *Excuse me, Sir, but what does it mean?*, ao que Penrith-Smith retorquiu: *I think you will find it is a small place in Moravia, site of a famous battle, you know.* E o certo é que no decurso do ano letivo seguinte a aldeia morava de Austerlitz foi minuciosamente falada. No programa para o penúltimo ano previa-se, nomeadamente, história da Europa, geralmente considerada um assunto complicado e nada inofensivo, pelo que, por via de regra, se confinava ao período entre 1789 e 1814, que termina com uma grande façanha inglesa. O professor encarregado de dar-nos esta época gloriosa e terrível, como ele próprio acentuava, era um tal André Hilary que acabava de tomar posse em Stower Grange depois de ter sido desmobilizado e que, como logo se viu, estava dentro dos ínfimos segredos da era napoleônica. André Hilary tinha estudado no Oriel College, mas rodeara-o em pequeno um entusiasmo por Napoleão que remontava a várias gerações da sua família. O pai, contou-me ele, disse Austerlitz, quisera batizá-lo André em honra do marechal Massena, duque de Rivoli. Hilary era efetivamente capaz de traçar no céu a órbita do Cometa Corso, como ele lhe chamava, desde os seus primórdios até a sua extinção no Atlântico Sul, com todas as constelações por que passou e os acontecimentos e pessoas que iluminou em qualquer ponto da ascensão ou do declínio sem preparação prévia e como se tivesse estado lá. A infância do imperador em Ajaccio, os seus estudos na academia militar de Brienne, o cerco de Toulon, as canseiras da expedição ao Egipto, o regresso por um mar pejado de navios inimigos, a passagem do Grande S. Bernardo, as batalhas de Marengo, Jena e Auerstedt, de

Eylau e Friedland, de Wagram, Leipzig e Waterloo: a tudo Hilary dava vida diante de nós, em parte pela narrativa — passava muitas vezes do mero relato dos acontecimentos à descrição dramática e depois para uma espécie de encenação com diversos papéis que ia desempenhando com espantoso virtuosismo — em parte estudando os lances de Napoleão e dos seus adversários com a fria inteligência de um estrategista sem partido, passando em revista todo o cenário desses anos do alto, com olhos de águia, como uma vez, e não sem orgulho, observou. As aulas de história de Hilary ficaram profundamente gravadas na maioria de nós, disse Austerlitz, porque muitas vezes, provavelmente devido a um mal da coluna, nos dava a matéria deitado de costas no chão, o que de modo nenhum achávamos cômico, pois era nesses momentos que Hilary falava com particular clareza e autoridade. O ponto alto de Hilary era indubitavelmente a batalha de Austerlitz. Longamente nos descrevia o terreno, a estrada que ia de Brünn a oeste para Olmütz, com as serras moravas à esquerda, o planalto de Pratzen à direita, o curioso monte cônico que aos veteranos do exército napoleônico fazia lembrar as pirâmides do Egito, as aldeias de Bellwitz, Skolnitz e Kobelnitz, a coutada e o cercado dos faisões situados na zona, o leito do Goldbach e os charcos e lagos a sul, o acampamento dos franceses e o dos noventa mil aliados que se estendia por nove milhas. Às sete da manhã, segundo Hilary, disse Austerlitz, os cumes dos montes mais altos emergiram da bruma como ilhas no mar e à medida que os cabeços clareavam, a neblina leitosa nos vales adensava-se visivelmente. Como uma lenta avalanche, as tropas russas e austríacas desceram os flancos dos montes e logo, na crescente insegurança do objetivo da sua manobra, começaram a andar em círculos pelas encostas e pelos prados enquanto os Franceses, num único assalto, conquistaram as posições já meio abandonadas dos montes Pratzen e daí atacaram o inimigo pela retaguarda. Hilary pintava-nos um quadro da disposição dos regimentos nos seus uniformes brancos e vermelhos, verdes e azuis, que ao longo da batalha iam assumindo constantemente novas formações, como os cristais de um caleidoscópio. Muitas vezes ouvimos os nomes de Kolovrat e Bragation, Kutuzov, Bernadotte, Miloradovitch, Soult, Murat, Vandamme e Kellermann, vimos as nuvens negras de fumo pairando sobre as peças de artilharia, as balas de canhão passando por cima da cabeça dos combatentes, o reflexo das baionetas quando os primeiros raios de sol romperam a neblina; ouvimos verdadeiramente, assim nos parecia, o embate da cavalaria pesada e sentimos como uma fraqueza nas nossas entranhas as fileiras quebrarem para dentro de si próprias sob a vaga tumultuosa do inimigo. Hilary era capaz de falar horas sobre o 2 de Dezembro de 1805, não obstante ser de opinião que tinha que encurtar muito os seus relatos porquanto, como várias vezes nos disse, levaria um tempo infinito referir de uma forma

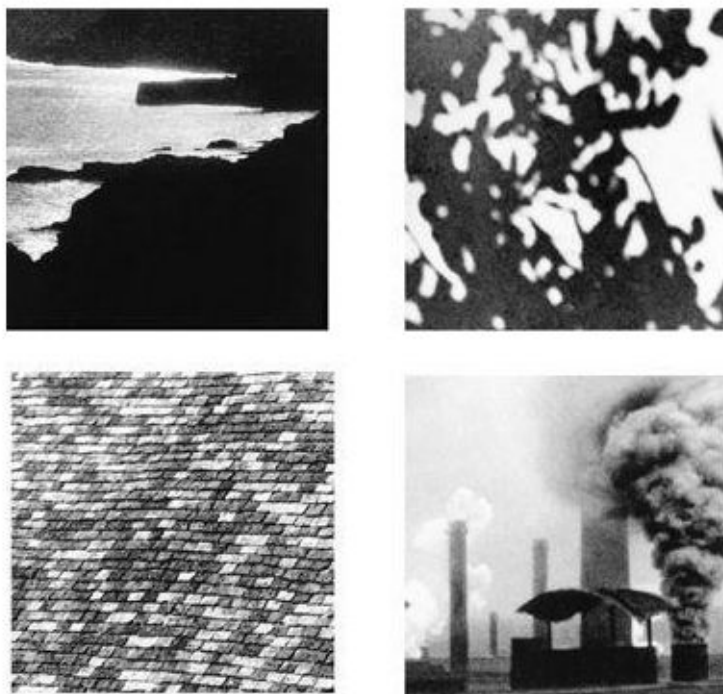
sistemática, e não podíamos pensar nisso, o que aconteceu nesse dia, quem, precisamente, onde e como, pereceu, quem saiu de lá com vida, ou dizer apenas como estava o campo de batalha ao princípio da noite, como gritavam e gemiam os feridos e moribundos. No fim não resta outra coisa a fazer senão resumir o que não se sabe na ridícula frase “A batalha andou para cá e para lá” ou qualquer outra fórmula igualmente frouxa e inútil. Todos nós, mesmo quando pensamos ter notado todas as minudências, recorremos a elementos do cenário que outros antes de nós já levaram à cena muitas vezes. Procuramos reproduzir a realidade, mas quanto mais nos esforçamos mais se insinua em nós o teatro histórico do passado: o rapaz do tambor caído, o soldado de infantaria no momento em que apunhala um outro, o olho de um cavalo saído da órbita, o imperador, invulnerável, rodeado pelos seus generais, instante retido na confusão do combate. A nossa relação com a história, assim reza a tese de Hilary, vive de imagens prévias já implantadas no interior da nossa cabeça para as quais persistimos em olhar quando a verdade está alhures, onde ainda ninguém a descobriu. Também eu, prosseguiu Austerlitz, apesar dos inúmeros relatos da batalha dos Três Imperadores que já li, fixei na memória apenas o quadro do revés dos aliados. Todas as tentativas de compreender o curso dos chamados trâmites da batalha cedem inevitavelmente a essa única cena em que a chusma dos soldados russos e austríacos foge a pé e a cavalo para os pântanos gelados de Satschen. Vejo balas de canhão suspensas, imóveis por uma eternidade, vejo outras cravar-se no gelo, vejo os infelizes de braços no ar resvalando nos declives gelados e, estranhamente, não os vejo com os meus próprios olhos, mas com os olhos míopes do marechal Davout, que veio de Viena em marcha forçada com os seus regimentos e que no meio desta batalha, de óculos bem atados por trás da cabeça com duas laçadas, parece um dos primeiros automobilistas ou aviadores. Quando hoje penso em André Hilary fazendo as suas exposições, disse Austerlitz, recordo sempre uma ideia que me surgiu nesse tempo, que estava misteriosamente ligado ao passado glorioso do povo de França. Quantas mais vezes Hilary dizia a palavra Austerlitz na aula mais ela se tornava verdadeiramente o meu nome e mais eu acreditava que o que a princípio sentia como mácula se transformava num ponto de luz constantemente em suspensão diante de mim, tão promissor como o sol sublime de Austerlitz que se ergueu nas brumas de Dezembro. Durante todo esse ano lectivo foi como se eu tivesse sido eleito, e esta ideia, que de modo nenhum, como desde logo soube, se adequava ao meu estatuto, acompanhou-me quase a vida inteira. Suponho que nenhum dos meus colegas de Stower Grange conhecia o meu novo nome e os professores, que Penrith-Smith tinha informado da minha dupla identidade, continuaram a chamar-me Elias. André Hilary foi o único a quem eu próprio disse como na

realidade me chamo. Pouco depois de termos entregado um trabalho sobre os conceitos de império e nação, Hilary, fora do horário de aulas, chamou-me ao seu gabinete e entregou-me o trabalho que tinha classificado com um A e três estrelas em mão própria e não juntamente com os outros, como ele lhes chamou, elaborados esforços. Hilary, que tinha já publicado alguma coisa em revistas de história, disse que ele não seria capaz de produzir uma análise tão sagaz em tão curto espaço de tempo e queria saber se o meu pai ou um irmão mais velho não me teriam, em casa, familiarizado com os estudos históricos. Ao responder à pergunta de Hilary tive dificuldade em não perder o controle e foi nessa situação, que senti não poder suportar, que lhe revelei o segredo do meu verdadeiro nome, o que o deixou por muito tempo inquieto. Coçou várias vezes a testa e rompeu em exclamações de espanto, como se a Providência lhe tivesse finalmente enviado o aluno que ele sempre desejara. Hilary me apoiou e estimulou de todas as maneiras possíveis durante o tempo que ainda fiquei em Stower Grange. Acima de tudo, disse Austerlitz, devo a ele ter ido muito além do resto do meu ano nos exames finais das disciplinas de história, latim, alemão e francês e poder seguir livremente meu caminho com uma bolsa generosa, pelo menos assim pensava confiantemente na época. Na despedida, André Hilary me ofereceu, da sua coleção de memorabilia napoleônica, um cartão de cor escura numa moldura dourada no qual, sob o vidro reluzente, se prendiam três folhas quebradiças de salgueiro de uma árvore da ilha de Santa Helena e um pouco de líquen semelhante a uma ponta de coral que um seu antepassado colhera, como se lia na minúscula legenda, da pesada laje de granito do túmulo do marechal Ney em 31 de julho de 1830.

Esta pequena recordação, em si destituída de valor, tenho ainda em minha posse, disse Austerlitz. Tem para mim mais significado do que qualquer outro quadro, primeiro porque as relíquias que guarda, o líquen e as ressequidas folhas de árvore lanceoladas, a despeito da sua fragilidade se mantiveram intactos por mais de um século e por outro lado porque todos os dias me recorda o professor sem o qual decerto nunca teria podido emergir das sombras do presbitério de Bala. Foi já Hilary quem, após a morte do meu pai adotivo no asilo de Denbigh no princípio de 1954, procedeu à liquidação do magro espólio e encaminhou o processo da minha naturalização, o que, dado o fato de Elias ter apagado todos os vestígios da minha origem, oferecia não poucas dificuldades. Visitou-me regularmente enquanto estive a estudar em Oriel, como ele próprio antes de mim, e fizemos, sempre que possível, excursões às casas rurais abandonadas e dilapidadas que havia em redor de Oxford, como em toda a parte nos anos a seguir à guerra. Enquanto fui estudante, disse Austerlitz, além do apoio de Hilary foi a amizade de Gerald Fitzpatrick em particular que me ajudou a ultrapassar os momentos em que duvidava de mim próprio. Como é de norma nos colégios internos, Gerald foi designado para meu factótum quando entrei para o último ano. Cabia-lhe arrumar o meu quarto, engraxar-me as botas e trazer a bandeja com as coisas do chá. Logo no primeiro dia, quando ele me pediu uma das novas fotografias da equipe de rugby em que eu sou o último da direita na fila de frente, notei que Gerald se sentia tão sozinho como eu próprio, disse Austerlitz que mal passada uma semana sobre o nosso reencontro no Great Eastern Hotel me enviou uma cópia em postal dessa fotografia de que tinha falado, sem mais comentários. Mas naquela noite de dezembro no bar do hotel onde já estava tudo calmo, Austerlitz ainda me falou mais de Gerald, das saudades que ele tinha de casa desde que chegara a Stower Grange, muito em contraste com a sua disposição naturalmente alegre.



Aproveitava, disse Austerlitz, todos os momentos livres que tinha para dar uma volta às coisas que tinha trazido de casa na sua tuck box e uma vez, pouco tempo depois de ter entrado para o meu serviço, dei com ele ao fundo de um corredor numa desolada tarde de sábado em que caía lá fora uma chuva de Outono, tentando deitar fogo a um maço de jornais empilhados no chão junto a uma porta aberta para o pátio. No contraluz cinza vi a sua forma pequena agachada e as chamas curtas que lambiam a orla dos jornais sem quererem queimar verdadeiramente. Quando lhe falei ele disse que queria fazer uma grande fogueira e ter um montão de destroços e cinzas em lugar do edifício da escola. A partir daí mantive Gerald debaixo de olho, dispensei-o de me arrumar o quarto e engraxar as botas e fazia eu o meu próprio chá, que tomava com ele, uma infração dos regulamentos reprovada pela maior parte dos meus colegas e também pelo meu bom master como se fosse contra a ordem natural das coisas. Gerald acompanhava-me muitas vezes, à noite, na câmara escura onde nessa época dava os meus primeiros passos em fotografia. O pequeno cubículo atrás do laboratório não era usado há anos, mas os armários de parede e as gavetas conservavam ainda diversas caixas com bobines de filme, uma grande provisão de papel de fotografia e uma miscelânea de máquinas fotográficas diversas, entre as quais uma Ensign como que mais tarde vim a possuir. Interessei-me desde o princípio sobretudo pela forma e contenção das coisas, o lançamento de um corrimão de escada, as caneluras na pedra de um pórtico, a incompreensível desordem dos talos de uma folha de arbusto seca.



Em Stower Grange fiz centenas de fotografias dessas, sobretudo em formato quadrado, mas sempre me pareceu abusivo voltar a objetiva da máquina para pessoa: Sempre me fascinou no trabalho fotográfico, disse Austerlitz, o momento em que as sombras da realidade, por assim dizer, emergem do nada para o papel exposto, como as recordações que assomam a meio da noite e que depois, quando tentamos agarrá-las, logo se ensombram de novo, da mesma maneira que uma prova fotográfica que se deixou no banho de revelador durante demasiado tempo. Gerald gostava de ir comigo para a câmara escura ajudar e ainda o vejo, uma cabeça mais baixo do que eu, ao meu lado no compartimento iluminado apenas com uma lâmpada vermelha fraca, a prender as fotografias nas pinças, a movê-las para trás e para diante na tina cheia de água. Nessas alturas, falava-me muitas vezes da sua casa, com particular apreço dos três pombos-correio que, assim pensava, aguardavam o seu regresso tão ansiosamente como ele o deles. Há mais de um ano, pelo seu décimo aniversário, contou-me Gerald que o seu tio Alphonso lhe oferecera dois pombos malhados de azul e um branco de neve. Sempre que podia, quando alguém ia ou vinha da aldeia de carro, ele mandava soltar os seus três pombos longe e eles, infalivelmente, encontravam o caminho de regresso a casa. Apenas Tilly, a pomba branca, ficou uma vez fora, pelo fim do verão, muito mais tempo do que o necessário para o voo de regresso, depois de ter sido despachada num voo experimental a um escasso par de milhas

acima do vale de Dolgellau e logo no dia seguinte, já ele queria abandonar a esperança, regressou enfim: apeada, pelo caminho de cascalho, com uma asa partida. Tenho pensado muitas vezes nesta história da ave que faz sozinha o longo caminho de regresso a casa, como conseguiu ela chegar ao seu destino pelo terreno abrupto, rodeando os muitos obstáculos e esta pergunta, disse Austerlitz, que ainda hoje me perturba sempre que vejo um pombo a voar, esteve sempre para mim, de uma maneira totalmente ilógica, relacionada com o modo como Gerald encontrou a morte.— Creio, prosseguiu Austerlitz ao fim de muito tempo, que foi no segundo ou terceiro dia de visita dos pais que Gerald, muito orgulhoso da relação privilegiada que tinha comigo, me apresentou à sua mãe, Adele, que na altura nem trinta anos teria e ficou muito contente por o seu filho mais novo, depois das dificuldades iniciais, ter encontrado em mim um protetor. Gerald já me tinha falado do pai, Aldous, morto nas Ardenas no último Inverno da guerra, e da mãe sabia também que vivia sozinha com um tio velho e um tio-avô ainda mais velho nos arredores da cidadezinha litoral de Barmouth, numa granja situada no ponto mais bonito, dizia Gerald, da costa galesa. Estive nessa casa, depois de Adele ter descoberto por Gerald que eu não tinha pais nem família, várias vezes, na verdade era constantemente convidado, tanto durante o serviço militar como nos tempos de estudante, e quem me dera hoje, disse Austerlitz, poder desaparecer sem deixar rastro na paz ininterrupta que ali reinava. Logo no princípio das férias escolares, quando subíamos o vale do Dee para oeste no pequeno comboio a vapor de Wrexham, o meu coração começava a exultar. Curva atrás de curva, o nosso comboio seguia os meandros do rio, e pela janela aberta da carruagem entravam os grandes prados, as casas, cinzentas de pedra ou brancas de cal, os telhados de lousa reluzentes, os ondulantes salgueiros prateados, os bosques de choupos, mais escuros, com as pastagens das ovelhas em declive por trás e mais acima os montes por vezes todos azuis e o céu onde as nuvens corriam sempre de oeste para leste. Os flocos de vapor iam ficando para trás e ouvíamos a locomotiva apitar, sentíamos na frente o frescor do deslocamento do ar. Nunca fiz viagem melhor do que essas de setenta milhas no máximo, para as quais precisávamos de três horas e meia, disse Austerlitz. Naturalmente, quando parávamos na estação intermédia de Bala, pensava no presbitério que se via no seu alto, mas toda a vida me pareceu impossível ter pertencido ao número dos seus infelizes habitantes. De cada vez que avisto o lago de Bala, em especial no Inverno, quando se agita com o mau tempo, lembro-me da história que o sapateiro Evan me contou sobre as duas nascentes, a do Dwy Fawr e a do Dwy Fach, cujas águas se diz correrem no mais fundo do lago, sem nunca se misturarem com as dele. Segundo Evan, contou Austerlitz, os dois rios receberam os nomes dos dois únicos seres humanos que um dia, há

muito tempo, se salvaram em vez de se afogarem no dilúvio bíblico. No limite superior do lago Bala o caminho de ferro entra no vale do Afon Mawddach por uma estreita crista. Os montes são aí mais altos e apertam-se cada vez mais dos lados dos carris até se chegar a Dolçellau onde se retraem de novo e as encostas se afundam, mais suaves, na foz do Mawddach. Por fim, quando deixávamos a margem esquerda virávamos para o outro lado por uma ponte de quase uma milha em robustos madeiros de carvalho, e à direita o leito do rio, inundado pela maré cheia, parece um lago de montanha, à esquerda a baía de Barmouth estendendo-se até o horizonte límpido, sentia uma alegria tão grande que nem sabia para onde olhar primeiro. Adele ia buscar-nos à estação de Barmouth, quase sempre com o pequeno carro de cavalos pintado de preto, e depois levava ainda uma meia hora até que o cascalho do acesso a Andromeda Lodge rangesse sob as rodas, o pônei alazão parasse e pudéssemos entrar no nosso albergue de férias. A casa de rés-do-chão e andar feita de pedra cinzenta clara estava protegida a norte e nordeste pelas encostas das serras de Llawr e de Llech que neste ponto eram íngremes; a sudoeste, o terreno abria-se num amplo semicírculo, de forma que do terreiro víamos a foz em toda a sua extensão, de Dolgellau até Barmouth, as duas povoações que uma saliência rochosa de um lado e do outro uma mata de loureiros excluía de um panorama quase inteiramente desprovido de habitações humanas. Somente no extremo do rio se via — em determinadas condições atmosféricas, disse Austerlitz, parecia à distância de uma eternidade pequeníssima, a aldeia de Arthog e por trás o lado da sombra de Cader Idris erguendo-se a uma altura de quase trezentos pés acima do mar cintilante. Embora o clima de toda esta região seja sobretudo temperado, neste local particularmente protegido as temperaturas andavam uns graus acima da média de Barmouth. No jardim que durante os anos da guerra se tinha asselvajado por completo e que subia o declive atrás da casa, cresciam plantas e arbustos que nunca tinha visto antes em Gales, ruibarbos gigantes e fetos da Nova Zelândia mais altos que um homem, colza e camélias, canaviais e palmeiras, e de um penhasco caía para o vale em cascata um regato cujo borrifo branco pairava constantemente na obscuridade matizada sob o coberto de folhas das árvores altas. Mas não eram apenas as plantas nativas de climas mais quentes que nos davam a sensação de estarmos num outro mundo; o exótico de Andromeda Lodge vinha em primeira linha das catatuas de penas brancas que esvoaçavam num raio de duas a três milhas em redor da casa, chamavam dos arbustos e até cair a noite se banhavam e divertiam na cascata do regato. O bisavô de Gerald tinha trazido diversos casais delas das Molucas e instalara-as no laranjal, onde depressa se multiplicaram e formaram uma numerosa colônia. Viviam em pequenos barris de sherry que tinham sido empilhados a formar uma

pirâmide contra uma parede lateral e elas, como era seu costume inato, disse Austerlitz, haviam-nos forrado com aparas de madeira de uma serração situada na margem do rio, a jusante. Até ao duro Inverno de 1947 tinha sobrevivido a maior parte delas, pois Adele manteve o velho forno do laranjal aceso durante os meses gelados de Janeiro e Fevereiro. Era uma maravilha ver, observar, disse Austerlitz, a habilidade destas aves, seguras pelo bico, a trepar pelo caramanchão, e na descida realizavam toda a espécie de evoluções acrobáticas; como entravam e saíam a voar pelas janelas abertas ou como corriam e pulavam pelo chão, sempre ativas e sempre, pelo menos era a impressão que davam, com qualquer fim em vista. Sobretudo eram muito parecidas com as pessoas. Nós as ouvíamos suspirar, rir, espirrar e bocejar. Tossiam antes de começar uma conversa na sua língua de catatuas, mostravam-se atentas, calculistas, manhosas e astutas, falsas, maldosas, vingativas e provocadoras. Certas pessoas, acima de todas Adele e Gerald, eram do seu agrado, ao passo que a outras perseguiam com verdadeiro ódio, por exemplo, a governanta galesa que só raramente se mostrava cá fora, até pareciam saber quando ela ia à igreja, sempre com um chapéu preto na cabeça e um guarda-chuva preto na mão, e nessas ocasiões que se repetiam regularmente, punham-se à espera e iam atrás dela a gritar de um modo extremamente torpe. E também eram espelho da sociedade humana na maneira como se agrupavam em bandos sempre a mudar, ou então pousavam aos pares, lado a lado, como se somente conhecessem a concórdia e fossem para sempre inseparáveis. Numa clareira rodeada de medronheiros tinham, se bem que fora da sua jurisdição, o seu próprio cemitério com uma longa fila de sepulturas e num dos quartos do andar de cima de Andromeda Lodge havia um armário de parede, obviamente construído para esse fim, cheio de caixas de cartão verde-escuro com uma série de aves mortas afins das catatuas, suas irmãs de peito vermelho ou cabeça amarela, araras azuis, periquitos e turacos, catatuas, papagaios de crista e rasteiros, todas trazidas pelo bisavô ou trisavô de Gerald da sua volta ao mundo ou então encomendados a um comerciante do Havre chamado Théodor Grace por uns quantos guinéus ou luíses de ouro, como anotado nas placas de proveniência dentro das caixas. A mais bela destas aves, entre as quais se encontravam também pica-paus, milhafres, melros e papa-formigas, era o papagaio cinzento africano. Parece-me que estou a ver, disse Austerlitz, a inscrição no seu sarcófago de cartão verde: Jaco, Ps. Erithacus L. Era oriundo do Congo e atingira no seu exílio galês, como constava do necrológio anexo, a vetusta idade de sessenta e seis anos. Tinha sido, lia-se lá, muito dócil e leal, aprendia com facilidade, falava consigo próprio e com os outros, assobiava canções inteiras e também compôs algumas, mas gostava sobretudo de imitar as vozes das crianças e de se deixar ensinar por elas. O seu

único defeito era que, se ninguém lhe desse caroços de alperce e nozes para partir, o que ele fazia com a maior facilidade, tinha um acesso de irritação e desatava a roer os móveis todos. Gerald tirava este especial papagaio da caixa muitas vezes. Media cerca de nove polegadas de comprimento e tinha, como o nome indica, plumagem cinzenta além da cauda vermelha, do bico preto e de uma fisionomia tão pálida que dir-se-ia de uma profunda tristeza. Aliás, prosseguiu Austerlitz, havia uma espécie de gabinete naturalista em cada divisão de Andromeda Lodge: caixas com diversas gavetas, algumas delas com espelho de vidro, onde se dispunham às centenas ovos redondos de papagaio; coleções de conchas, minerais, escaravelhos e borboletas; cobras, víboras e lagartos conservados em formol; cascas de caracol e estrelas do mar, caranguejos e camarões, e grandes herbários com folhas, flores e grama.



Adele tinha contado uma vez, disse Austerlitz, que a transformação de Andromeda Lodge numa espécie de museu de história natural começara em 1869, quando o antepassado de Gerald que colecionava papagaios travou conhecimento com Charles Darwin, que à data trabalhava no seu estudo sobre a descendência do homem numa casa alugada perto de Dolgellau. Darwin foi depois muitas vezes convidado dos Fitzpatrick de Andromeda Lodge e sempre tinha elogiado muito, dentro da melhor tradição da família, a vista paradisíaca que se desfruta lá de cima. Segundo lhe contou Adele, data também dessa época, disse Austerlitz, o cisma no clã dos Fitzpatrick, que se estendeu até hoje, pelo qual um em cada dois filhos de todas as gerações renega o catolicismo e se torna investigador da natureza. Assim Aldous, o pai de Gerald, tinha sido botânico enquanto o seu irmão Evelyn, quase vinte anos mais velho, se agarrara ao credo

que em Gales era considerado a pior das perversões, o papismo vigente. Na realidade, na família ali- Tinha família católica foi sempre a dos mais excêntricos e mais doidos, como] comprovava claramente o caso do tio Evelyn. No tempo em que eu ia todos os anos passar várias semanas a casa dos Fitzpatrick, disse Austerlitz, devia ele ter cinquenta e tal anos mas estava tão atacado da doença de Bechterev que tinha o aspecto de um velho e somente com grande dificuldade e todo curvado para a frente conseguia caminhar. Precisamente por essa razão e para impedir que as suas articulações enferrujassem de vez estava constantemente a mexer as pernas no seu quarto do andar de cima onde tinham fixado à parede uma espécie de corrimão, como a barra numa escola de dança. Apoiava-se nesse corrimão à medida que, polegada a polegada, a cabeça e o torso curvados quase à altura da mão, avançava gemendo. Para dar a volta aos seus aposentos, do quarto de dormir à sala, da sala ao corredor e do corredor de novo ao quarto, precisava de uma boa hora. Gerald, que nesse tempo já ganhara aversão à religião romana, afirmou certa vez, disse Austerlitz, que o tio Evelyn tinha ficado assim torto por pura avareza, da qual se justificava afirmando enviar o dinheiro que não gastasse em determinada semana, normalmente uns doze ou treze xelins, como donativo para as missões no Congo, com vista à salvação das almas negras que ainda definhavam na impiedade. No quarto de Evelyn não havia cortinados nem qualquer outro mobiliário, pois ele não queria usar nada desnecessariamente, mesmo que se tratasse de coisas compradas há muito que somente teriam que ser trazidas de uma outra parte da casa. Há uns anos mandara assentar uma estreita faixa de linóleo no chão de parquet em que sempre caminhava ao longo das paredes, para o conservar, mas os seus passos arrastados gastaram-no tanto que já quase não se pode reconhecer o padrão florido original. Só quando a temperatura ao meio-dia no termômetro junto à moldura da janela descia abaixo dos cinquenta graus Fahrenheit em vários dias seguidos a governanta tinha licença de acender um pequeno fogo na lareira que não queimava quase nada. Para poupar corrente, ia para a cama sempre ao cair da noite, no inverno logo por volta das quatro da tarde, embora estar deitado fosse porventura para ele um sacrifício maior do que andar, de modo que, normalmente, apesar do estado de exaustão que se seguia às suas constantes andanças, durante muito tempo não podia conciliar o sono. Nós ouvíamos então, através de uma grelha de ventilação que ligava o seu quarto a uma das salas do andar de baixo e que inadvertidamente funcionava como via de comunicação, chamar durante horas a fio os mais diversos santos, em especial, se a memória não me atraiçoa, as santas mártires Catarina e Isabel, a quem foi dada a mais cruel das mortes, e pedir-lhes que intercedessem por ele no caso, como ele dizia, de iminente comparência no tribunal do seu celeste senhor.



Ao contrário do tio Evelyn, assim retomou Austerlitz passado um momento as suas recordações de Andromeda Lodge, claramente emocionado e tirando do bolso do casaco uma espécie de pasta que continha um par de fotografias em formato de postal, ao contrário do tio Evelyn, disse pois Austerlitz, o tio-avô Alphonso, uns dez anos mais velho e continuador da linhagem dos Fitzpatrick naturalistas, era um espírito juvenil. Sempre com uma disposição serena, passava a maior parte do seu tempo ao ar livre, dava longos passeios mesmo com muito mau tempo ou, nos dias bonitos, sentava-se num banquinho nas imediações da casa, com a sua bata branca e o chapéu de palha na cabeça, a pintar aguarelas. Para isso usava uns óculos nos quais, em lugar das lentes, havia tecido de seda cinzento para que os olhos vissem a paisagem através de um fino véu que esbatia as cores. As imagens que Alphonso trazia para o papel, disse Austerlitz, eram apenas esboços de pinturas, aqui uma encosta rochosa, ali um bosque, além cúmulos de nuvens: mais nada, fragmentos quase sem cor fixados com umas poucas gotas de água e um grão de verde-montanha ou azul-cinza misturado de lápis-lazúli. Lembro-me, disse Austerlitz, de Alphonso ter feito uma vez ao seu sobrinho-neto e a mim uma observação: que tudo se desbota aos nossos olhos, que as cores mais belas em grande parte já desapareceram ou só existem onde não podemos vê-las, nos jardins submarinos a muitas braças de profundidade abaixo da superfície do mar. Na sua infância, dizia ele, costumava passear junto aos recifes calcários do Devonshire e da

Cornualha, onde a rebentação abria na rocha cavidades e bacias ao longo de milhões de anos, e maravilhar-se com a infinda diversidade de um reino situado a meio caminho entre os reinos vegetal, animal e mineral, zooides e coralinas, anêmonas do mar, gorgônias e penatúláceas, celenterados e crustáceos que a maré lavava duas vezes ao dia, afagados por compridos tufo de sargaço e que depois, com o recuo da água, ostentavam de novo a sua vida de maravilhosa iridescência à luz e ao ar nas poças das rochas, com todas as cores do espetro, verde metálico, escarlata e grená, enxofre e preto-veludo.



Uma orla colorida rodeava nesse tempo toda a costa sudoeste da ilha, vogando com as marés e hoje, dizia o tio Alphonso, nem meio século passado, esse esplendor está quase completamente destruído pela nossa paixão colecionista e outras agressões e influências. Numa outra ocasião, disse Austerlitz, fomos com o tio-avô subir o monte atrás da casa numa noite sem vento e sem lua para passarmos umas horas a observar o misterioso mundo das mariposas. A maior parte de nós, disse Austerlitz, não sabe nada das traças a não ser que abrem buracos nos tapetes e na roupa e por isso devem ser combatidas com cânfora e naftalina, quando elas são na verdade uma das mais antigas e admiráveis linhagens de toda a história da natureza. Assim que a noite caiu sentamos num promontório muito acima de Andromeda Lodge, as encostas mais altas atrás de nós e à nossa frente trevas imensas até o mar, e mal Alphonso colocou a sua lanterna eléctrica numa cova pouco funda cheia de pés de urze à volta e a acendeu, as borboletas noturnas, de que não tínhamos visto uma única enquanto subíamos, chegaram a voar, como se do nada, em milhares de arcos, espirais e voltas até formarem, como flocos de neve, um turbilhão silencioso em redor da luz enquanto outras adejavam já no pano estendido sob a lanterna ou, extenuadas pelos seus círculos loucos, se metiam nos alvéolos cinzentos das caixas de ovos com que Alphonso construía um receptáculo para a sua queda. Lembro-me muito bem, disse Austerlitz, de que nós dois, Gerald e eu, não saíamos do nosso enleio ante a variedade destes seres invertebrados, antes furtados aos nossos olhos e que Alphonso nos deixou contemplar e admirar durante muito tempo, mas já não sei que tipo de borboletas aterraram junto de nós, talvez Ziguenas do trevo e da filipêndula, Falenas de Espanha, Auroras noivas e casadas, Satúrnias, Vanessas negras, cabeças de morto e mariposas dos espíritos; fossem quem fossem, eram às dúzias, com formas e aspectos tão diferentes que nem Gerald nem eu pudemos perceber tudo. Umas tinham colares e capas, como os cavalheiros distintos a caminho da ópera, disse uma vez Gerald; outras eram de uma cor de base neutra e mostravam, ao baterem as asas, um revestimento fantástico por baixo, viam-se linhas oblíquas e onduladas, sombreados, manchas em crescente e outras mais claras, pintas, faixas em ziguezague, franjas e nervuras e cores que ninguém imagina, verde-musgo misturado com azul, castanho dourado e açafrão, amarelo-lima e branco acetinado e um brilho metálico como de latão ou ouro pulverizado. Muitas delas exibiam ainda asas imaculadas, outras, já deixando sua curta vida, rasgadas e amassadas. Alphonso explicou que cada uma dessas extravagantes criaturas tinha um feitio próprio e que muitas delas viviam em terreno de amieiros ou nas encostas rochosas quentes, em magras várzeas ou em pântanos. Das larvas que

tinham sido na sua vida anterior, disse ele que quase todas as lagartas ingerem um único alimento, seja ele raízes da erva dos prados, folhas dos salgueiros, uva-espim ou silvas, e empanturram-se desse alimento da sua escolha, disse Alphonso, até ficarem aturdidas, ao passo que as borboletas não comem absolutamente mais nada em todo o seu tempo de vida e tratam exclusivamente de obter sucesso na empresa da reprodução. Só pareciam por vezes sofrer de sede e em períodos de seca, muito tempo sem cair orvalho de noite, constava-se que partiam numa espécie de nuvem para procurarem o rio ou curso de água mais próximo onde, ao procurarem pousar na água corrente, se afogavam em grande número. Tenho ainda na memória o que Alphonso contou sobre o ouvido extraordinariamente apurado das mariposas, disse Austerlitz. São capazes de reconhecer o guincho dos morcegos a grande distância e ele, o próprio Alphonso, observou que à noite, quando a governanta vinha ao pátio chamar a gata Enid com a sua voz estridente, sempre levantavam voo dos arbustos e voavam para as árvores mais escuras. De dia, contou Alphonso, dormiam recatadamente, debaixo das pedras ou em fendas de rocha, no restolho do chão ou na folhagem. A maior parte delas mostra uma latência de morte quando as descobrimos e têm que se sacudir para acordarem ou rastejar pelo chão com movimentos palpitantes das asas e das pernas antes de ficarem prontas para o voo. A temperatura do seu corpo é então de trinta e seis graus, como a dos mamíferos e dos golfinhos e atuns quando nadam a toda a velocidade. Trinta e seis graus é um nível, dizia Alphonso, que na natureza sempre deu provas de ser o melhor, uma espécie de limiar mágico, e ocorria-lhe por vezes pensar, assim falava Alphonso, disse Austerlitz, que a infelicidade do homem vinha de se ter afastado em determinada altura desta norma e do estado ligeiramente febril, sobreaquecido em que nos encontramos constantemente. Nessa noite de verão, disse Austerlitz, estivemos sentados ali, acima da foz do Mawddach, na nossa cova do monte até o romper da manhã, a ver as mariposas que voavam junto de nós, uns dez milhares delas, pelo cálculo de Alphonso. Gerald admirou acima de tudo os rastros de luz que pareciam deixar atrás de si em toda a espécie de rodopios, manobras e espirais e que na realidade não existem, explicou Alphonso, apenas o seu traçado fantasma produzido pela preguiça da nossa vista, que crê ver um certo pós-reflexo no sítio de onde o insecto que a luz da lanterna iluminou somente uma fração de segundo já partiu. É a fenômenos destes, absolutamente irreais, disse Alphonso, uma súbita incursão do irreal no mundo real, determinados efeitos de luz na paisagem que temos pela frente ou nos olhos de uma pessoa amada, que se inflamam os nossos sentimentos mais profundos ou pelo menos o que tomamos por tal. Embora mais tarde não tenha seguido o estudo da natureza, disse Austerlitz, muito das dissertações de botânica e

zoologia do tio-avô Alphonso ficou-me no pensamento. Ainda há uns dias consultei a passagem de Darwin que ele uma vez me mostrou, onde se descreve um enxame de borboletas que voam ininterruptamente durante várias horas, a dez milhas do litoral sul-americano, e mesmo com um telescópio é impossível descobrir um bocado de ar desocupado visível entre as suas asas palpitantes. Mas sempre achei inesquecível o que Alphonso nos contava sobre a vida e a morte das mariposas e ainda hoje é a elas, entre todas as criaturas, que voto o maior respeito. Nos meses mais quentes, não é raro uma ou outra dessas voadoras noturnas vir do pequeno jardim nos fundos perder-se no interior da minha casa. Quando me levanto de manhã cedo, ainda a vejo pousada na parede, imóvel. Acho, disse Austerlitz, que elas sabem que se perderam, uma vez que, se não as pusermos fora com cuidado, mantêm-se onde estão, sem se mexerem, no lugar aonde as trouxe a sua má sorte até depois de morrerem, presas pelas suas minúsculas patas que o estertor da morte tornou hirtas até que uma corrente de ar as solte e as dissipe num canto poeirento.



Quantas vezes, ao ver em minha casa uma dessas mariposas caídas, me pergunto que espécie de medo e de dor elas sentem quando se perdem. Aprendera com Alphonso, disse Austerlitz, que não há propriamente uma razão para que as criaturas menores sejam desprovidas de vida anímica. Nós e os cães, e outros animais domésticos cuja sensibilidade está há muitos milhares de anos ligada à nossa, não somos os únicos a sonhar de noite, pois também mamíferos mais pequenos, os ratos e as toupeiras, vivem num mundo que só existe na sua vida íntima, como se vê pelo movimento dos seus olhos enquanto dormem e, quem sabe, disse Austerlitz, se sonham também as mariposas, se sonham as

alfaces da horta quando contemplam, à noite, a Lua. Eu próprio me senti não raro como se sonhasse nessas semanas e meses que passei na casa dos Fitzpatrick, disse Austerlitz, mesmo de dia. A vista que tinha do quarto de tecto azul a que Adele sempre chamava o meu quarto raiava na verdade o surreal. Via do alto as copas das árvores, cedros e pinheiros sobretudo, que da estrada abaixo da casa vão descendo até a margem do rio como uma serra verde, via as pregas escuras das massas montanhosas do outro lado e contemplava durante horas o Mar da Irlanda, sempre a mudar com as horas do dia e com o tempo. Quantas vezes estive àquela janela aberta sem poder agarrar uma ideia, perante esse espetáculo que nunca se repete. De manhã, lá fora, era a metade de sombra do mundo, o ar pardacento estratificado sobre a água. A tarde, vinham do horizonte sudoeste formações de nuvens imaculadamente brancas, montes e falésias a pique que se sobrepunham e trocavam de lugar, subiam cada vez mais alto, tão alto, disse-me Gerald uma vez, contou Austerlitz, como os picos dos Andes ou do Caracorum. Ou então via-se ao longe cair a chuva enxotada para terra pelo mar como o pesado pano de cena de um teatro, e nas noites de outono a neblina rolava para a praia, concentrava-se nas vertentes e forçava-se a entrar no vale. Mas sobretudo nos dias claros de Verão estendia-se por toda a baía de Barmouth uma luminosidade tão uniforme que os planos diferentes de areia e água, mar e costa, céu e terra deixavam de se distinguir. Formas e cores perdiam-se numa emanção cinza-pérola; deixava de haver contrastes, sombreados, apenas passagens fugazes de luz intermitente, uma só mancha da qual apenas os aspectos mais fugazes afloravam e, curiosamente, disso lembro-me bem, era a própria fugacidade do fenómeno que me dava o sentimento de eternidade. Uma noite, depois de termos ido às compras em Barmouth, fomos, Adela, Gerald, o cão Toby e eu, de passeio até a comprida passadeira de peões que margina a linha do caminho de ferro e que, como já referi, disse Austerlitz, atravessa a foz do Mawddach neste ponto, onde tem mais de uma milha de largo. Mediante o pagamento de meio penny por pessoa, podia-se repousar no assento de uma das cabinas protegidas de três lados do vento e do mau tempo, de costas para terra e com o mar a perder de vista. Terminava um belo dia do fim do Verão, rodeávamos o fresco ar salgado e a maré afluía, cintilando à luz crepuscular como um denso cardume de arenques a passar sob a ponte para montante com tal força e velocidade que dava a impressão de irmos em sentido contrário, num barco, a caminho do mar alto. Ficamos os quatro sentados e quietos até que o Sol se pôs. Mesmo o sempre irrequieto Toby, que tinha a mesma coroa de pelo esquisito no focinho do cãozinho da menina da fotografia de Vyrnwy, sossegou aos nossos pés, mas fascinado, com os olhos postos nos cumes onde ainda havia luz e num sem-número de andorinhas que esvoaçavam no espaço. Passado algum tempo,

durante o qual aqueles pontos escuros se foram tornando cada vez menores no seu percurso em curva, Gerald perguntou se sabíamos que aquelas viajantes nunca têm seu pouso de dormir em terra. Depois de levantarem voo, disse ele puxando Toby para si para lhe coçar o queixo, não voltam a tocar no chão. Ao anoitecer sobem duas ou três milhas no ar e ali pairam, ora para um lado, ora para o outro, só esporadicamente movendo as suas asas estendidas, às voltas, até que ao romper do dia vêm de novo ter conosco. — Estávamos tão perdidos, Austerlitz nas suas histórias galesas, eu a ouvi-lo, que não reparamos que se tinha feito tão tarde. As últimas rodadas há muito tinham sido servidas, todos os clientes saído, excepto nós dois. O empregado tinha recolhido os copos e os cinzeiros, passado um trapo nas mesas, endireitado as cadeiras, e esperava, com uma mão no interruptor da luz junto à entrada, pois queria fechar depois de sairmos. O modo como nos desejou Good night, gentlemen, com os olhos toldados de cansaço e a cabeça levemente inclinada para um lado, pareceu-me de uma extraordinária distinção, semelhante a uma sentença ilibatória ou a uma bênção. E não menos cortês e afável foi Pereira, o gerente do Great Eastern quando, logo a seguir, entramos no saguão do hotel. De camisa branca engomada e colete cinzento, a risca do cabelo impecável, encontrava-se, positivamente expectante, na recepção, uma dessas pessoas raras e por vezes algo misteriosas, foi o que pensei ao vê-lo, que se encontram infalivelmente no seu posto e que nunca deixam perceber que alguma vez sentem a necessidade de se irem deitar. Depois de combinar encontro com Austerlitz para o dia seguinte, Pereira, tendo indagado dos meus desejos, subiu comigo as escadas até o primeiro andar para me mostrar um quarto com profusão de veludo cor de vinho, brocados e móveis de mogno escuro, onde fiquei até as quatro da manhã sentado a uma secretária mal iluminada pelo candeeiro da rua — o radiador de ferro fundido estalava baixinho e só de longe em longe passava mais um táxi preto lá fora, na Liverpool Street — escrevendo, sob a forma de apontamentos e frases soltas, o mais que pude de tudo o que Austerlitz me contara nessa noite. Na manhã seguinte acordei tarde e depois do pequeno-almoço sentei-me um pouco a ler os jornais onde, a par das habituais notícias dos chamados acontecimentos do dia e do mundo, encontrei uma notícia sobre um homem qualquer que, a seguir à morte da sua mulher da qual cuidara com a máxima dedicação durante uma doença grave e prolongada, caiu numa tristeza tal que decidiu pôr termo à própria vida mediante uma guilhotina: construiu-a ele próprio, no pátio quadrado de cimento onde se situam as escadas exteriores para a cave da sua casa, em Halifax, pois enquanto artesão, e após fundamentada ponderação de outras possibilidades, pareceu-lhe o instrumento mais fiável para realizar o seu plano; e, como dizia o breve artigo, lá foi depois encontrado, jazendo de través e com a cabeça cortada por um aparelho

de decapitação de construção excepcionalmente robusta até os mais ínfimos detalhes, com uma lâmina de corte, era ainda referido, que duas pessoas fortes dificilmente levantariam. Tinha ainda na mão rígida o alicate com que cortara o arame que fez funcionar o dispositivo. Austerlitz veio buscar-me por volta das onze e enquanto seguíamos para o rio por Whitechapel e Shoreditch contei-lhe esta história; durante muito tempo ele nada disse, talvez porque, censurei-me mais tarde, achasse de mau gosto eu me deter nos aspectos absurdos do caso. Já estávamos há algum tempo na margem do rio olhando para a água marrom acinzentada que corria para terra quando ele disse, olhando direto para mim, como por vezes fazia com uns olhos muito abertos e amedrontados, que compreendia muito bem o carpinteiro de Halifax, pois não há coisa pior do que falhar o termo de uma vida infeliz. Retomamos depois em silêncio o caminho ao longo do rio para jusante, de Wapping e Shadwell até as tranquilas bacias onde se refletem as tones de escritórios das Docklands e daí para o túnel pedonal que passa por baixo da curva do rio. Subimos do outro lado e atravessamos o parque de Greenwich em direção ao Real Observatório que naquele dia frio, já perto do Natal, quase não tinha visitantes além de nós. Pelo menos não me lembro de ter encontrado alguém durante as horas que ali passamos a estudar, cada qual por seu lado, os engenhosos aparelhos de observação e medida, quadrantes e sextantes, cronômetros e reguladores, expostos em vitrinas. Apenas no quarto octogonal de observação astronômica por cima da residência do antigo astrônomo real, onde Austerlitz e eu fomos aos poucos reatando a nossa conversa interrompida, apareceu um turista japonês solitário que, surgido silenciosa e inopinadamente na entrada, deu a volta ao octógono vazio e logo desapareceu na direção indicada pelas setas verdes.



Nessa sala, a seu ver ideal, como comentou Austerlitz, maravilhei-me com a beleza simples das tábuas do soalho de diferentes larguras, das janelas invulgarmente altas, cada uma delas dividida em cento e vinte e dois quadrados de vidro com moldura de estanho através das quais os compridos telescópios se orientaram outrora para eclipses do Sol e da Lua, interseções das órbitas das estrelas com a linha dos meridianos, para a chuva de meteoritos Leônidas e para os cometas errantes que cruzam o espaço. Austerlitz tirou, como era seu hábito, umas quantas fotografias, umas às rosas brancas de estuque da santa floral que corre à volta do tecto, outras ao panorama da cidade a norte e a noroeste, para além da ponta do parque, vista das janelas de vitral, e enquanto manejava a sua máquina fotográfica iniciou uma longa dissertação, muito da qual me ficou bem gravado na memória. O tempo, disse Austerlitz na sala de astronomia de Greenwich, é de longe a mais artificial das nossas invenções e ligá-lo aos planetas que giram em torno dos seus eixos não é menos arbitrário do que, digamos, um cálculo baseado no crescimento das árvores ou no tempo que uma pedra calcária leva a desintegrar-se, à parte o fato de o dia solar pelo qual nos guiamos não forneceria medidas exatas, pelo que, para obtermos a contagem do tempo, temos que inventar um sol médio imaginário com um movimento de velocidade invariável e cuja órbita não se incline para o equador. Se Newton pensasse, disse Austerlitz, e apontou pela janela para a curva que a água desenha ao rodear a Ilha dos Cães com a última luz do dia, se Newton realmente pensou que o tempo é uma corrente como a do Tamisa, então onde é que fica a nascente do tempo e a que mar vai ele no fim desaguar? Todos os rios, como sabemos, têm que ter margens de ambos os lados. Assim sendo, onde estão as margens do tempo? Quais seriam as suas qualidades específicas, correspondentes talvez às da água que é fluida, algo pesada e transparente? Em que é que as coisas mergulhadas no tempo diferem das que ele não afeta? Qual o significado de mostrarmos as horas de luz e as de escuridão no mesmo círculo? Porque é que o tempo de um lugar fica eternamente parado e se esfuma e num outro se precipita? Não se poderá afirmar, disse Austerlitz, que o tempo ao longo dos séculos e dos milênios tem sido assíncrono? Afinal, não foi assim há muito tempo que ele se expandiu. E não tem sido a vida das pessoas em muitas partes do mundo até hoje regida menos pelo tempo do que pelas condições atmosféricas, logo, por uma grandeza não quantificável que desconhece a regularidade linear, que não avança sempre em frente, antes se move em turbilhão, que é marcada por estagnações e surtos, recorre sob formas sempre diferentes e evolui para não se sabe que direção? O estar-fora-do-tempo, disse Austerlitz, que ainda há pouco vigorava tanto nas regiões atrasadas e esquecidas

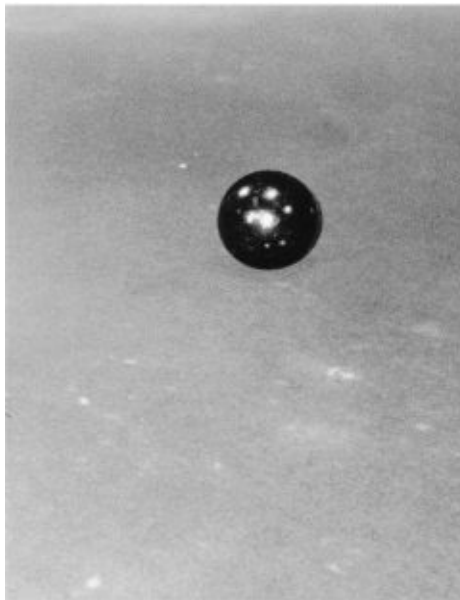
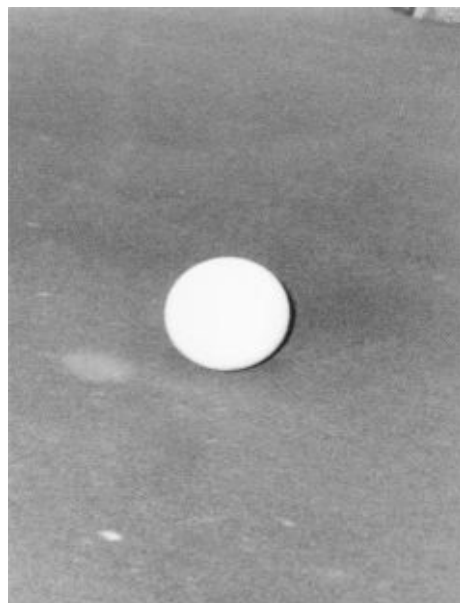
do nosso país como nos continentes por descobrir além-mar, continua a vigorar mesmo numa metrópole temporal, como Londres. Os mortos estão fora do tempo, os moribundos e todos os doentes, em casa ou nos hospitais, e não apenas estes, basta um tanto de infelicidade pessoal para nos separar do passado e do futuro. Na verdade, disse Austerlitz, nunca possuí qualquer relógio, de parede ou despertador, de bolso e muito menos de pulso. Os relógios sempre me deram vontade de rir, coisa basicamente mentirosa, talvez porque sempre resisti ao poder do tempo graças a um impulso interior que eu próprio não entendo muito bem, sempre me fechei à chamada atualidade, na esperança, penso eu hoje, disse Austerlitz, de que o tempo não passe, não seja passado, de poder ir atrás dele, de encontrar à chegada tudo como dantes, ou, melhor dizendo, de descobrir que todos os momentos do tempo existiram simultaneamente, caso em que nada do que a história conta seria verdade, os acontecimentos não aconteceram, estão à espera de acontecer no momento em que pensarmos neles, embora, naturalmente, a perspectiva pouco animadora de eterna infelicidade e interminável dor fique assim em aberto.

Eram umas três e meia da tarde e já descia o crepúsculo quando saí do observatório com Austerlitz. Ficamos ainda algum tempo na praça murada fronteira. Ouvia-se ao longe a moedeira abafada da cidade e no ar o zumbido das grandes máquinas voando baixo e, ao que me pareceu, incrivelmente devagar sobre Greenwich vindas de nordeste, a intervalos de pouco mais de um minuto, desaparecendo depois a oeste, na direção de Heathrow. Como estranhos monstros que voltam à noite a casa para dormir, pairavam sobre nós no ar que ia escurecendo, as asas que lhes saem do tronco como que retesadas. Nas faldas do parque, os plátanos nus estavam já imersos nas sombras que se erguiam do solo; à nossa frente, no sopé da colina, o grande terreiro negro como a noite, atravessado em diagonal por dois caminhos de saibro, as fachadas brancas e colunatas do Museu da Marinha; e no lado mais afastado do rio, na Ilha dos Cães, erguiam-se com a última luz as torres de vidro espelhadas nas trevas que se adensavam rapidamente. Enquanto seguíamos para Greenwich, Austerlitz contou-me que nos séculos transactos o parque tinha sido pintado muitas vezes. Nesses quadros, viam-se os gramados verdes e as copas das árvores, normalmente com pequenas figuras humanas em primeiro plano, sobretudo damas com coloridos vestidos de crinolina e sombrinhas e uns quantos espécimes de caça brancos, semidomesticados, que então se criavam no parque. Mas em fundo, por trás das árvores e das cúpulas gêmeas da Escola Naval, via-se a curva do rio e, numa faixa esbatida, como que na orla do mundo, a cidade de almas inúmeras, uma forma indefinida, uma corcova, cor de cinza ou cor de gesso, uma espécie de excrescência ou crosta na superfície da terra, e mais acima

ainda, ocupando metade ou mais de todo o quadro, o espaço celeste, talvez com chuva suspensa muito ao longe. Creio que a primeira vez que vi um destes panoramas de Greenwich foi numa das casas rurais em mau estado onde, como ontem disse, ia muitas vezes com Hilary quando estava a estudar em Oxford. Ainda me lembro, disse Austerlitz, de numa dessas nossas excursões, depois de passearmos muito tempo num parque densamente arborizado de :ordos e videiros, termos deparado com uma dessas casas abandonadas. Nos anos 50, segundo o cálculo que então fiz, demoliam uma delas de dois em dois ou de três em três dias. Nesse tempo, vimos não poucas casas a que tinham tirado praticamente tudo, estantes, apainelados e balaustradas, canalizações de aquecimento central, lareiras de mármore; casas com os telhados a cair, cheias até a altura do joelho de escombros, lixo e entulho, com excremento de ovelhas e pássaros e pedaços de gesso caído dos tectos, em pedaços pegados uns aos outros como barro. Mas Iver Grove, disse Austerlitz, uma casa que ficava no meio do matagal de um parque na base de uma encosta ligeiramente voltada a sul, parecia, pelo menos de fora, consideravelmente indemne. Não obstante, ao pisarmos os largos degraus de pedra colonizados por fetos rabo-de-macaco e outras ervas daninhas, olhando para as janelas cegas, pareceu-nos que um pasmo mudo tinha tomado conta da casa ante o seu fim iminente e vergonhoso. No interior, encontramos, numa das grandes salas de recepções do rés-do-chão, milho amontoado, como num celeiro. Num segundo salão, ornamentado com estuques barrocos, havia centenas de sacos de batatas uns ao lado dos outros. Ficamos algum tempo a olhar para aquilo até que, precisamente quando me preparava para tirar algumas fotografias, o dono de Iver Grove, um tal James Mallord Ashman, como se veio a saber, entrou na casa vindo do terreiro a oeste.



Por ele, que compreendeu o nosso interesse pelas casas que por toda a parte se iam tornando ruínas, soubemos, no decurso de uma longa conversa, que depois de a sede da família ter sido requisitada para lar de convalescença nos anos da guerra, o custo de um restauro mesmo que rudimentar passou a exceder em muito os seus meios, tendo ele] sido forçado a mudar-se para Grove Farm, do outro lado do parque, que; pertencia à propriedade e que ele próprio cultivava. Daí, nos contou Ashman, disse Austerlitz, os sacos de batatas e o milho amontoado. Iver Grove tinha sido construída por volta de 1780 por um dos antepassados de Ashman que sofria de insônias e costumava retirar-se para um observatório que instalara no telhado da casa onde se dedicava a diversos estudos astronômicos, em particular à chamada selenografia : a topografia da Lua, razão pela qual, contou-nos Ashman, mantivera contacto frequente com John Russell Guildford, miniaturista e especialista do pastel famoso para além das fronteiras da Inglaterra que nessa época passou várias décadas a trabalhar num mapa da Lua com uma área de cinco pés por cinco que pelo seu rigor e beleza superava em muito todas as cartas da Lua anteriores, as de Riccioli e Cassini bem . omo as de Thobias Meyer e de Hevelius. Nas noites em que a Lua não nascia ou estava oculta por nuvens, disse Ashman quando, chegados ao fim da ronda que fizemos juntos pela casa, entramos na sala de bilhar, em noites dessas em que o seu antepassado costumava jogar partidas de bilhar umas após outras, até romper o dia. Desde a sua morte, na véspera de Ano Novo de 1813, nunca mais ninguém pegou num taco, foi o que disse Ashman, nem o seu avô, nem o pai, nem ele próprio, Ashman, e naturalmente muito menos as mulheres. Na verdade, disse Austerlitz, tudo estava exatamente como devia ter sido há cento e cinquenta anos. A robusta mesa de mogno lastrada com placas de ardósia nela incorporadas permanecia imóvel no seu lugar; o quadro de contagens, o espelho de parede com moldura dourada, os suportes para os tacos e as suas hastes de prolongamento, o armário com muitas gavetas onde se guardavam as bolas de marfim, o giz, as escovas, os panos de polir e tudo o indispensável ao jogo de bilhar nunca mais tinham sido mexidos ou mudados de lugar. Por cima do parapeito do fogão de sala havia uma gravura feita a partir de View from Greenwich Park, de Turner, e ainda aberto numa estante o livro de registros onde o selenógrafo anotara com a sua bela caligrafia cursiva todos os jogos ganhos ou perdidos contra si próprio. As portadas interiores tinham estado sempre fechadas, a luz do dia nunca entrava. Disse Austerlitz que essa sala tinha estado tão obviamente resguardada do resto da casa que em quase século e meio apenas uma finíssima camada de pó pudera pousar-se nos móveis nobres, nos ladrilhos pretos e brancos do chão e na mesa, um universo à parte revestido de pano verde.



Era como se ali o tempo, que no entanto sempre correu inexoravelmente, tivesse parado, como se os anos que ficaram para trás de nós se situassem no futuro, e recordo, disse Austerlitz, que Hilary, quando estivemos com Ashman na sala de bilhar de Iver Grove, fez um comentário sobre a curiosa confusão de sentimentos que sobrevêm, mesmo a um historiador, num sítio assim, há tanto tempo fechado ao fluxo das horas e dos dias e à mudança das gerações. Ashman

replicou então que, em 1941, aquando da requisição; da casa, ele próprio ocultara as portas da sala de bilhar e dos quartos das crianças no andar de cima mediante a instalação de paredes falsas e quando, no Outono de 1951 ou 1952, foram retirados esses painéis, à frente dos quais haviam posto grandes roupeiros, e ele entrou no quarto das crianças pela primeira vez em dez anos, pouco faltou, disse Ashman, para que perdesse a razão. Bastou-lhe ver o comboio com as carruagens da Great Western Railway e a arca de Noé com os pares de bravos animais salvos do dilúvio a espreitar para que se abrisse diante dele o abismo do tempo, e então passou o dedo ao longo da fila de entalhes que tinha gravado aos oito anos, com uma raiva muda, na aresta da sua mesa de cabeceira, na véspera de o mandarem para a preparatory school, e foi a mesma, lembrou-se Ashman, a raiva que nele subiu, de modo que antes de saber o que fazia deus consigo lá fora, nos fundos, disparando várias vezes a espingarda contra a torre do relógio da cocheira, as marcas que fez ainda hoje lá estão.

Ashman e Hilary, Iver Grove e Andromeda Lodge, qualquer deles em que pense, disse Austerlitz enquanto descíamos as frondosas ladeiras do parque para as luzes da cidade que já se abriam em semicírculo diante de nós, tudo suscita em mim um sentimento de dissociação e de falta de apoio. Creio que foi no princípio de Outubro de 1957, continuou ele sem transição passado algum tempo, quando estava prestes a partir para Paris para prosseguir os meus estudos de história da arquitetura iniciados no ano anterior no Courtauld Institute, a última vez que estive na casa dos Fitzpatrick, em Barmouth, para o duplo funeral do tio Evelyn e do tio-avô Alphonso, que morreram com nem um dia de diferença, Alphonso de ataque cardíaco quando apanhava as suas maçãs favoritas no pomar, Evelyn na sua cama gelada, tolhido de angústia e sofrimento. As neblinas outonais enchiam todo o vale na manhã em que foram sepultados estes dois homens tão diferentes, Evelyn sempre zangado consigo próprio e com o mundo, Alphonso animado de uma venturosa serenidade. Quando o cortejo fúnebre se encaminhava para o cemitério de Cutiau, o sol rompeu as camadas de vapor sobre o Mawddach e uma brisa correu pelas suas margens. As poucas figuras de preto, o grupo de choupos, a luz a derramar-se na água, o maciço de Cader Idris do lado direito, tais eram os elementos de um cenário de despedida que, e isto é curioso, redescobri um par de semanas depois num dos esboços rápidos a aguarela que Turner fazia muitas vezes para registrar um lugar que tivesse diante dos olhos ou, mais tarde, como retrospectiva do passado. Esse quadro quase sem substância, que tem por título Funeral at Lausanne, data de 1841, portanto de uma época em que Turner já quase não podia viajar, remoía cada vez mais ideias sobre a sua própria mortalidade, e talvez por essa razão, quando uma coisa como esse pequeno cortejo em Lausanne emergia na sua

memória, ele procurava com algumas pinceladas captar essas visões que podiam desvanecer-se no momento seguinte.



O que me atraiu especialmente na aguarela de Turner, disse Austerlitz, não foi apenas a semelhança entre a cena de Lausanne e a de Cutiau, mas a recordação que despertou em mim do último passeio com Gerald, no princípio do Verão de 1966, pelos vinhedos de Morges, na margem do lago Genebra. No decurso dos meus estudos posteriores dos cadernos de esboços de Turner, deparei com o fato em si de todo insignificante mas que no entanto achei profundamente comovente, de ele, Turner, no ano de 1798, durante uma viagem pelo País de Gales, ter estado também na foz do Mawddach e ter nessa altura exatamente a mesma idade que eu tinha no funeral em Cutiau. Quando falo nisso agora, disse Austerlitz, é como se ainda ontem tivesse estado na drawing-room virada a sul de Andromeda Lodge entre as pessoas de luto, como ainda as ouvisse falar em voz baixa e Adele dizer, como então disse, que não sabia para onde se virar, agora que estava sozinha naquela grande casa. Gerald, que entretanto já estava no ano de formatura e tinha vindo de Oswestry de propósito para o funeral, informou-me de que Stower Grange não tinha mudado para melhor e chamou-lhe uma horrenda nódoa de tinta que desfigura a alma dos seus alunos para sempre. Ter entrado para os cadetes da Força Aérea e isso lhe permitir sobrevoar toda aquela miséria uma vez por semana num Chipmunk, disse Gerald, era a única coisa que lhe permitia conservar a sanidade mental. Quanto mais longe da terra subires, melhor, disse ele, e por isso mesmo tomara a resolução de seguir o estudo da astronomia. Por volta das quatro acompanhei

Gerald à estação de Barmouth. Quando voltei de lá — escurecia já, disse Austerlitz, e pairava no ar um chuvisco, aparentemente sem cair —, veio ao meu encontro, dos nebulosos fundos do jardim, Adele, embrulhada em coisas de lã marrom esverdeada com milhões de gotículas de água agarradas à vaporosa orla franjada, a formar uma espécie de resplendor prateado em seu redor. Na dobra do braço direito trazia um grande ramo de crisântemos cor de ferrugem e quando atravessamos o pátio lado a lado sem uma palavra e paramos à entrada, ela ergueu a mão livre e arrumou o cabelo da minha testa, como se soubesse que por esse único gesto seria sempre lembrada. Sim, vejo ainda Adele. Disse Austerlitz: tão bonita como era então, permanece para mim inalterável. Não raro, no fim dos dias grandes de Verão, jogávamos badminton uns com os outros no salão de baile de Andromeda Lodge vazio desde o tempo da guerra, enquanto Gerald cuidava dos seus pombos para passarem a noite. A cada pancada das raquetes, o volante com penas voava entre nós para um lado e para o outro. A trajetória que seguia, em que estava sempre a voltar-se sem se saber como, era um rastro branco a apontar a hora da tarde, e poderia jurar que Adele pairava no ar, dois palmos acima do chão de parquet, durante muito mais tempo do que a força da gravidade permite. Depois do jogo costumávamos ficar ainda algum tempo no salão de baile, a ver as imagens formadas na parede oposta à janela alta ogivada pelos últimos raios do sol incidindo baixos através dos ramos oscilantes de um espinheiro-alvar. Esses padrões esparsos que surgiam em contínua sucessão na superfície clara tinham algo de fugaz, de evanescente que não sobrevivia, por assim dizer, ao momento de nascer, e no entanto, naquele tecido de sol e sombra sempre a renovar-se, havia paisagens de montanha com glaciares e campos gelados, planaltos, estepes, desertos, canteiros de flores, ilhas marinhas, recifes de coral, arquipélagos e atóis, florestas curvadas pelo temporal, bole-bole e fumo a subir. Lembro-me de que uma vez, disse Austerlitz, estávamos todos juntos a ver este mundo em lento ocaso e Adele, inclinando-se para mim, perguntou: Estás a ver as copas das palmeiras e a caravana que vem a atravessar as dunas? Quando Austerlitz repetiu esta pergunta de Adele, para ele inesquecível, regressávamos de Greenwich à cidade. O táxi avançava lentamente no tráfego denso do fim da tarde. Tinha começado a chover, as luzes dos faróis brilhavam no asfalto e atravessavam o para-brisas coberto de pérolas argênteas. Levamos quase uma hora a fazer um percurso de não mais de três milhas Greek Road, Evelyn Street, Lower Road, Jamaica Road — até Tower Bridge. Austerlitz ia recostado com os braços em volta da sua mochila, olhando para a frente, calado. Talvez fosse de olhos fechados, pensei eu, mas não ousei olhá-lo de lado. Somente na estação de Liverpool Street, onde ele esperou comigo, no restaurante MacDonald's, a partida do meu comboio, e após um comentário casual sobre a

iluminação ofuscante que não consentia sequer um indício de sombra eterniza, como ele disse, os segundos de terror de um relâmpago e o que dá não é dia nem noite retomou Austerlitz a sua história. Não voltei a ver Adele depois do dia do funeral, começou ele, e por culpa minha, pois durante todo o tempo que estive em Paris não vim a Inglaterra uma única vez, e quando, prosseguiu, depois de arranjar um sítio em Londres, fui a Cambridge ver Gerald, que entretanto terminara os seus estudos e iniciara trabalhos de investigação, Andromeda Lodge tinha sido vendida e Adele partira para a Carolina do Norte com um entomologista chamado Willoughby. Gerald, que vivia num um cottage arrendado na minúscula aldeia de Quy, perto do aeroporto de Cambridge, e tinha comprado um Cessna com a parte da herança que lhe coube depois da liquidação dos bens, voltava sempre, nas nossas conversas, e fosse qual fosse o assunto, à sua paixão pelos aviões. Por exemplo, lembro-me, disse Austerlitz, de uma vez em que, estando nós a falar dos nossos tempos de escola em Stower Grange, ele me descreveu pormenorizadamente como, depois de eu ter partido para Oxford, passou muitas das intermináveis horas de estudo a elaborar um sistema ornitológico cujo principal critério de base era a aptidão das aves para o voo e como, modificando ele de várias maneiras este sistema, os pombos, disse Gerald, superavam sempre a manobra, não só na velocidade de voo em percursos longos como pela arte da navegação, em que se distinguem de todos os outros seres vivos. Pode-se soltar um pombo de bordo de um navio no meio de uma tempestade de neve no Mar do Norte que ele, assim lhe restem as forças, encontrará infalivelmente o caminho para casa. Até hoje, ninguém descobriu como é que estes animais, largados para a viagem no vazio assustador com o pressentimento da extensão inaudita que terão que percorrer e que quase faz estourar de medo o seu coração, rumam direitos ao seu lugar de origem. Pelo menos, as explicações científicas suas conhecidas, disse Gerald, que afirmam que os pombos se orientam pelas constelações, ou correntes de ar, ou campos magnéticos, não são mais concludentes do que as várias teorias que ele próprio elaborou, era ainda um rapaz de doze anos, na esperança de que, uma vez achada a solução para esta questão, os pombos voariam também ao contrário, por exemplo, do seu pombal em Barmouth para o exílio de Gerald em Oswestry, e estava sempre a imaginá-los pairando nessa rota lá em cima, no céu, a luz do sol filtrada através das penas das suas asas imóveis e abertas, e pousando, ao mesmo tempo que um som fraco se soltaria da sua garganta, no parapeito da janela onde, como ele dizia, passava horas sem fim. A sensação de liberdade que dele se apoderou quando pela primeira vez, num dos aparelhos da força aérea, se apercebeu da resistência do ar por baixo dele, dizia Gerald que é indescritível, e ele próprio recordava ainda, acrescentou Austerlitz, como Gerald tinha ficado

orgulhoso, positivamente radiante quando, no fim do Verão de 1962 ou 1963, descolaram os dois da pista do aeroporto de Cambridge para um voo noturno. O sol tinha-se posto pouco tempo antes de levantarmos, mas quando mergulhamos nas alturas, rodeou-nos de novo uma luminosidade cintilante que só se desvaneceu quando fomos para sul seguindo a faixa branca da costa do Suffolk, quando as sombras cresceram do fundo do mar, envolvendo-nos progressivamente até que o último raio de luz se extinguiu no horizonte do mundo ocidental. Fantasmagóricas, em breve mal se distinguiram as formas na terra abaixo de nós, as florestas e os campos esbranquiçados por ceifar, e nunca esquecerei, disse Austerlitz, a curva da foz do Tamisa a surgir como do nada diante de nós, uma cauda de dragão, negra como óleo de carro, encaracolada no desabrochar da noite, e ao seu lado apenas as luzes de Canvey Island, de Sheerness e Southend-on-Sea. Mais tarde, quando descrevemos uma curva sobre a Picardia e retomamos o rumo da Inglaterra, vimos no meio das trevas, levantando os olhos dos mostradores e indicadores luminosos e olhando através do vidro do cockpit, a grande abóbada celeste como nunca antes víramos, imóvel na aparência mas na realidade em lento movimento de rotação, com os desenhos do Cisne, Cassiopeia, Plêiades, Auriga, Corona Borealis e todas as outras com nomes quase perdidas na poeira cintilante das miríades de estrelas sem nome disseminadas por toda a parte. Foi no Outono de 1965, continuou Austerlitz depois de passar uns momentos perdido nas suas recordações, que Gerald começou a desenvolver o que hoje sabemos ser uma tese revolucionária sobre a chamada Nebulosa da Águia, na constelação da Serpente. Falava de enormes regiões de gás interestelar que, um pouco como as nuvens de trovoada, se concentraram em volumosas formações projetadas vários anos-luz no universo, onde novas estrelas nasceram por um processo de compressão que se intensifica regularmente sob a influência da gravidade. Lembro-me de Gerald dizer que há verdadeiros infantários de estrelas no espaço, afirmação que há não muito tempo vi confirmada num comentário de jornal a acompanhar os espetaculares levantamentos fotográficos da sua viagem que o telescópio Hubble tem mandado para a terra. De qualquer maneira, disse Austerlitz, a seguir Gerald abandonou Cambridge para prosseguir o seu trabalho num instituto de investigação em astrofísica situado em Genebra, onde o visitei diversas vezes, e quando saíamos juntos da cidade, ao longo das margens do lago, observei o modo como as suas ideias, tal como as próprias estrelas, iam emergindo gradualmente da nebulosa de suas fantasias astrofísicas.



Nessas visitas, Gerald falou-me também dos voos que fez no seu Cessna sobre os montes cintilantes de neve, sobre os picos vulcânicos do Puy-de-Dôme ou descendo o belo Garonne até Bordeaux.



Estava escrito que ele não voltaria de um desses voos, disse Austerlitz. Foi um dia terrível, aquele em que soube que se tinha despenhado nos Alpes saboianos, talvez o início do meu próprio declínio, quando comecei a fechar-me em mim próprio, um processo que o passar do tempo foi tornando cada vez mais doentio.

Escoou-se quase um trimestre antes que eu voltasse a Londres e visitasse Austerlitz na sua casa de Alderney Street. Ao despedir-nos, em Dezembro, combináramos que eu aguardaria notícias dele. À medida que as semanas passavam, cada vez duvidava mais de que voltasse a ter notícias dele, temi por diversas vezes ter dito alguma coisa impensada ou ter-lhe sido de algum modo antipático. Também me ocorreu que, como era seu costume, podia simplesmente ter partido com algum objetivo desconhecido e por tempo indeterminado. Tivesse eu compreendido então que para Austerlitz os momentos não têm princípio nem fim e que, por outro lado, toda a sua vida anterior lhe parecia por vezes um ponto cego sem duração, e teria sabido esperar melhor. De qualquer maneira, um dia chegou no correio um postal ilustrado dos anos 20 ou 30 que mostrava uma colônia de tendas brancas no deserto egípcio, uma imagem tirada numa campanha de que já ninguém se lembrava, em cujo verso se lia apenas Saturday 19 March, Alderney Street, um ponto de interrogação e um A grande de Austerlitz. Alderney Street fica bastante fora do East End londrino. Próxima do cruzamento chamado Mile End, onde há sempre engarrafamentos de trânsito e onde, aos sábados, os feirantes instalam no pavimento as suas bancas de roupas e tecidos atraindo centenas de pessoas, corre paralela à via larga de saída da cidade e é uma rua excepcionalmente sossegada.



Lembro-me ainda de passar por um bloco residencial baixo, com ar de fortaleza, à esquina da rua; um quiosque verde-grama no qual, apesar das mercadorias expostas, nunca vi um vendedor; uma vedação de ferro forjado à

volta de um gramado que, poderia pensar-se, nunca alguém tinha pisado; e um muro de tijolo à direita, da altura de um homem e com um comprimento de uns cinquenta metros no fim do qual encontrei a casa de Austerlitz, a primeira de uma fila de seis ou sete. No interior de aspecto espaçoso havia apenas o mobiliário essencial, sem cortinas ou tapetes. As paredes estavam pintadas com um tom claro de cinza-mate, o soalho também cinzento, mais escuro. Na sala da frente, para onde Austerlitz me levou, havia apenas, além de uma otomana antiquada e, pareceu-me, curiosamente alongada, uma mesa, também lacada a cinzento mate, sobre a qual se viam umas dúzias de fotografias, a maior parte delas já muito antigas e gastas nas arestas. Algumas dessas imagens eram já, por assim dizer, minhas conhecidas: imagens de desoladas paisagens belgas, de estações de trem e viadutos do metrô de Paris, do palmar do Jardin des Plantes, de vários insetos noturnos e mariposas, de pombais ornamentados, de Gerald Fitzpatrick no campo de aviação das proximidades de Quy e de uma série de pesadas portas e portões. Austerlitz disse-me que passava muito tempo ali sentado diante daquelas, ou outras, fotografias tiradas da sua coleção, viradas de costas, como para uma partida de paciências, e depois as virava, uma a uma, sempre com o mesmo espanto perante o que via, e as mudava de sítio, as sobrepunha, as dispunha por uma ordem baseada nas semelhanças familiares ou as ia tirando do jogo até não restar mais que o tampo cinzento claro da mesa ou até ele se cansar do trabalho de pensar e recordar e ter que ir deitar-se na otomana. Passo muitas vezes o fim da tarde aqui deitado a ver o tempo andar para trás, disse Austerlitz ao passarmos para o quarto dos fundos do térreo, onde acendeu o fogo a gás e me conduziu a uma das cadeiras ao lado do fogão de sala. Também esta sala era quase vazia de mobília, somente as pranchas cinzentas do soalho e as paredes onde, com o crepúsculo a avançar, se projetavam já as chamas azuladas e tremeluzentes. Tenho ainda no ouvido o débil silvo do gás a correr nos canos e lembro-me de ter ficado todo o tempo que Austerlitz levou na cozinha a trazer a louça do chá fascinado com a imagem de espelho do fogo, pois parecia arder a certa distância da casa, para além das portas envidraçadas da varanda, no meio dos arbustos do jardim já quase reduzidos a manchas escuras. Quando Austerlitz trouxe a bandeja do chá e se pôs diante das chamas azuis segurando o chamado *toasting fork* com fatias de pão de forma, eu fiz um comentário sobre a incompreensibilidade das imagens de espelho, ao que ele replicou que ia muitas vezes para aquela sala, depois de cair a noite, olhar para o ponto de luz, aparentemente imóvel, reflectido na escuridão exterior, e nesses momentos pensava inevitavelmente numa exposição de Rembrandt no Rijksmuseum de Amsterdam, onde ele não quis deter-se diante de uma das obras-primas de grande formato incontáveis vezes reproduzidas, mas ficou muito

tempo a ver um pequeno quadro com uns vinte por trinta centímetros, tanto quanto se lembra proveniente da coleção de Dublin, o qual, segundo a legenda, representa a Fuga para o Egito, mas onde ele não conseguiu distinguir o casal divino nem o Menino Jesus, nem o burro, apenas uma centelha de fogo no meio do verniz negro e brilhante das trevas que ainda hoje, disse Austerlitz, não se foi dos meus olhos. — Mas para onde, disse ele passado algum tempo, levar agora a minha história? Comprei esta casa, quando voltei de França, pela soma hoje positivamente ridícula de novecentas e cinquenta libras, e depois exerci a docência durante quase trinta anos, até ter pedido a reforma antecipada, recentemente, em 1991, em parte, disse Austerlitz, por causa do avanço da estupidez, reinante, como eu próprio verifiquei, até nas escolas superiores, em parte porque desejava passar ao papel as minhas investigações de história da arquitetura e da civilização, minha intenção de longa data. Talvez eu, disse-me Austerlitz, tivesse tido, logo nas nossas primeiras conversas em Antuérpia, uma noção do âmbito dos seus interesses, da direção seguida pelas suas ideias, da natureza das suas observações e comentários sempre feitos de improviso, quando muito registrados de forma provisória, mas que acabavam por cobrir milhares de páginas. Já em Paris tinha pensado em coligir os meus estudos num livro, mas fui sempre adiando a sua redação. As diversas concepções deste livro que fui acatando em diferentes épocas iam desde o plano de uma obra em vários volumes, sistemática e descritiva, até uma série de ensaios sobre temas como higiene e salubridade, arquitetura penitenciária, templos profanos, hidroterapia, jardins zoológicos, partir e chegar, sombra e luz, vapor e gás e outros mais. Claro que, à primeira vista, os papéis que trouxe do Instituto para aqui, para Alderney Street, mostravam não passar, na sua maior parte, de esboços que então me pareceram inúteis, falsos e deficientes. Comecei a separar e a ordenar tudo o que ainda servisse para recriar aos meus próprios olhos, como se nas páginas de um álbum, o aspecto da paisagem que o viandante atravessa já quase imersa no esquecimento. Mas quanto maior o esforço que ao longo de meses dediquei a esta tarefa, mais lamentáveis me pareciam os resultados e mais o mero abrir dos maços e virar das incontáveis páginas por mim escritas me invadia um sentimento de relutância e de asco, disse Austerlitz.



E no entanto ler e escrever tinha sido sempre a sua atividade favorita. Como gostava, disse Austerlitz, de me sentar com um livro ao cair da tarde até já não conseguir decifrar as palavras e o pensamento começar a andar em círculos, como me sentia protegido quando me punha à secretária, na minha casa às escuras, e via à luz do candeeiro a ponta do lápis correndo atrás da sua sombra, como se por vontade própria e com perfeita lealdade enquanto essa sombra se deslocava paulatinamente da esquerda para a direita, linha a linha, sobre o papel pautado. Contudo, tornou-se tão difícil para mim escrever que precisava de um dia inteiro para uma só frase, e assim que essa frase, produzida com extraordinário esforço, ficava escrita, logo mostrava a penosa inautenticidade das minhas construções e a inadequação do conjunto de palavras que tinha usado. Quando por vezes, iludindo-me a mim próprio, sentia que apesar de tudo tinha ganho o meu dia, era certo que, ao lançar o primeiro olhar à folha na manhã seguinte, encontraria os piores erros, incongruências e dislates. Muito ou pouco que tivesse escrito parecia sempre, a uma leitura posterior, tão destituído de fundamentos que tinha que o destruir sem demora e começar de novo. Em breve se me tornou desagradável dar sequer o primeiro passo. Como um equilibrista que deixa de saber como se põe um pé à frente do outro no arame, sentia apenas a plataforma instável por baixo de mim e via, aterrado, que as pontas reluzentes da vara de equilíbrio, bem no limite do meu campo de visão, já não eram como outrora a minha luz de guia, mas malignos incitamentos a que me atirasse para o vazio. Uma vez por outra desenhava-se com inteira clareza na minha cabeça uma linha de pensamento, embora eu soubesse, mal ela se

formava, que seria incapaz de a reter, pois logo que pegava no lápis as infinitas possibilidades da linguagem a que antes podia abandonar-me com toda a confiança tornavam-se uma miscelânea de frases de tremendo mau gosto. Não havia pertinência das expressões que não se revelasse uma miserável muleta, nem palavra que não soasse a falso e a oco. E neste vergonhoso estado de espírito me mantive durante horas, dias a fio, de cara virada para a parede, a atormentar a alma, e gradualmente fui percebendo como é horrível descobrir que a mínima tarefa ou dever, por exemplo, a arrumação de uma gaveta com várias coisas, está para além das nossas forças. Foi como se uma doença em mim latente há muito procurasse declarar-se, como se se tivesse apossado de mim um aturdimento, uma prostração que lentamente acabaria por me paralisar todo. Sentia já na minha frente o terrível torpor que anuncia a degradação da personalidade, que na realidade já não possuía memória nem capacidade de pensamento, nem sequer vida própria, que toda a minha existência tinha sido passada a extinguir-me e a apartar-me de mim e do mundo. Se alguém tivesse vindo então buscar-me para me levar para o local de execução ter-me-ia deixado ir calmamente, sem dizer uma palavra, sem abrir os olhos, como as pessoas que, ao atravessarem, por exemplo, o Mar Cáspio num vapor, sofressem de tão violento enjoo que não oferecessem a mínima resistência a quem viesse informá-las de que iam ser lançadas borda fora. Fosse o que fosse que se passava em mim, disse Austerlitz, o sentimento de pânico com que encarava o início da escrita de qualquer frase sem saber como começar essa frase ou qualquer outra não tardou a abranger essa outra ocupação em si mais simples que é a leitura, até que comecei a cair inevitavelmente num estado do maior desconcerto sempre que procurava abarcar uma página inteira. Se pudermos considerar a linguagem uma velha cidade com um emaranhado de ruas e praças, com bairros que remontam longe no tempo, com quarteirões demolidos, limpos e construídos de novo e subúrbios que se vão alargando ao campo circundante, eu serei uma pessoa que, após uma longa ausência, já não consegue encontrar o caminho neste aglomerado, já não sabe para que serve uma paragem de autocarro, o que é um saguão, um cruzamento, uma avenida ou uma ponte. Todo o articulado da língua, o ordenamento sintáctico de cada elemento, pontuação, conjunções e por fim até mesmo os nomes das coisas vulgares, tudo ficou mergulhado numa neblina impenetrável. Também o que eu próprio havia escrito no passado, isso particularmente, deixei eu de entender. Estava sempre a pensar: portanto, uma frase, uma coisa pretensamente cheia de sentido, é na verdade quando muito um expediente medíocre, uma espécie de excrescência da nossa ignorância com a qual tacteamos às cegas a escuridão que nos rodeia, do mesmo modo que muitas plantas e animais marinhos usam os seus tentáculos. Precisamente o que de

costume contém a expressão de uma inteligência bem orientada, a exposição de uma ideia mediante certa competência estilística, não passava, parecia-me então, de empresa de todo arbitrária ou ilusória. Já não via coerência alguma, as frases diluíam-se em muitas palavras isoladas, as palavras numa série de conjuntos de letras aleatórios, as letras em sinais desmantelados e estes num rastro cor de chumbo com reflexos prateados aqui e além que alguma criatura rastejante tivesse segregado e deixado como rastro e cuja visão me enchia cada vez mais de sentimentos de horror e vergonha.

Uma noite, disse Austerlitz, peguei em todos os meus papéis soltos ou em maços, nos blocos e cadernos de apontamentos, nas fichas e notas de leitura, tudo o que tivesse sido escrito por mim, tirei tudo de casa e levei para o extremo mais afastado do jardim, para o monte do composto, onde enterrei aquilo sob camadas de folhas podres e pazadas de terra alternadas. Nas semanas seguintes, enquanto arrumava as divisões da casa e renovava a pintura de chãos e paredes julguei-me aliviado do peso da minha vida, mas em breve me apercebi das sombras que iam pousando em mim. Sobretudo à hora do crepúsculo, que antes era a minha favorita, invadia-me uma angústia a princípio difusa, depois cada vez mais densa, com o que o belo espetáculo do empalidecer das cores se transformava numa lividez execrável e baça, me comprimia no peito o coração até um quarto do seu tamanho natural e na minha cabeça sobrava apenas uma ideia: ir a uma casa de Great Portland Street, onde, uns anos antes, a seguir a uma consulta com um médico, tivera o estranho capricho de subir ao patamar do terceiro andar, transpor a balaustrada e lançar-me no poço escuro da escada. Procurar as pessoas conhecidas, aliás pouco numerosas, ou conviver de uma maneira normal tornou-se impossível para mim. Sentia horror só de escutar alguém, pior ainda sendo eu a falar, disse Austerlitz, e enquanto isto se passava fui percebendo como estava isolado, como sempre tinha estado, entre os Galeses como entre os Ingleses e os Franceses. Nunca me ocorreu pensar sobre as minhas verdadeiras origens, disse Austerlitz. Também nunca senti pertencer a uma classe, a uma categoria profissional ou a um credo. Sentia-me tão incômodo entre artistas e intelectuais como na vida burguesa e já há muito tempo que não cultivava amizades. Mal acabava de conhecer uma pessoa e logo pensava ter-me aproximado em demasia, mal alguém se voltava para mim logo eu começava a retrain-me. Acabei por estar ligado a outras pessoas somente por meras formas de cortesia que eu levava a extremos e que, sei-o hoje, disse Austerlitz, observava não tanto em função dos outros, mas por me permitirem ignorar que, tanto quanto me lembrava, sempre me tinha movido no terreno de um desespero irrefutável. Foi também nessa época, depois de concluir o trabalho de destruição no jardim e de ter arrumado a casa, que iniciei as minhas deambulações noturnas

por Londres como forma de escapar à tortura crescente que eram as insônias. Creio que foi ao longo de mais de um ano, disse Austerlitz, saía de casa ao princípio da noite e ia cada vez mais longe, pela Mile End Road e Bow Road por Stratford até Chigwell e Romford, cortava por Bethnal Green e Canonbury, atravessava Holloway e Kentish Town e depois ia até Hampstead Head, ou então passava o rio para sul, até Peckam e Dulwich, ou para oeste até Richmond Park. Efetivamente, pode-se ir quase numa só noite a pé de uma ponta a outra desta cidade gigantesca, disse Austerlitz, e assim que uma pessoa se habitua a andar sozinha e a só encontrar pelo caminho uns quantos espectros noturnos, depressa estranha que por toda a parte, nas incontáveis casas, em Greenwich como em Bayswater ou Kensington, Londrinos de todas as idades, aparentemente com base numa convenção estabelecida há muito tempo, estejam todos aconchegados nas suas camas e, pensam eles, em segurança, quando na realidade estão todos estendidos de cara para o chão, como os que outrora repousavam a meio da travessia do deserto. Os meus passeios levaram-me até os mais remotos bairros, às portas da metrópole aonde de outro modo nunca teria ido, e ao nascer do dia voltava de metrô a Whitechapel juntamente com as outras pobres almas que a essa hora afluem da periferia para o centro. Ao passar as estações, aconteceu por diversas vezes que entre os que vinham na minha direção pelos corredores revestidos a azulejo, pelas escadas rolantes que mergulham a pique nas profundezas ou atrás das janelas cinzentas de um comboio que parte, pensei reconhecer um rosto outrora, há muito tempo, me teria sido familiar. Estes rostos conhecidos tinham sempre algo de diferente de todos os outros, algo que poderia dizer indistinto, e por vezes perseguiam-me e inquietavam-me dias a fio. Na realidade, comecei nessa época, normalmente no caminho de regresso das minhas excursões noturnas, a ver as formas e as cores com uma corporeidade por assim dizer diminuída, através de uma espécie de fumo ou de véu adejante, imagens de um mundo desbotado, uma flotilha de veleiros saindo à luz do ocaso do cintilante estuário do Tamisa para as sombras no mar, uma carruagem de praça em Spitalfields com um cocheiro de cartola, uma transeunte num vestido dos anos 30 que baixou os olhos ao passar por mim. Era em momentos de especial fraqueza, quando pensava que não poderia continuar, que ocorriam essas alucinações. Por vezes tinha a impressão de que a toda a volta o burburinho da cidade morria e o tráfego seguia pelo pavimento sem ruído, ou que alguém me tinha puxado pela manga. Ouvia também pessoas que falavam nas minhas costas uma língua estrangeira, lituano, húngaro ou qualquer outra muito exótica, pensava eu, disse Austerlitz. Na Liverpool Street Station, aonde as minhas deambulações sempre me levavam de novo irresistivelmente, tive várias dessas vivências. Esta estação, cujo saguão principal se encontra uns dez a

vinte pés abaixo do nível da rua, era, antes das obras de remodelação iniciadas no final dos anos 80, um dos lugares mais lúgubres e mais sinistros de Londres, uma espécie de porta do Inferno, como muitas vezes foi chamada. O balastro entre os carris, os dormentes rachados, as paredes de tijolo, os socos de pedra, as molduras e vidraças das janelas altas laterais, as guaritas de madeira dos revisores, as finas colunas de ferro fundido com os seus capitéis em forma de folha de palma, tudo isto enegrecido por uma camada de sujidade que ao longo de um século o pó de carvão, a fuligem, o vapor, o enxofre e o carburante foram formando. Mesmo em dias de sol, apenas um cinzento difuso, que a luz dos globos mal iluminava, se filtrava pela cobertura de vidro e neste eterno lusco-fusco cheio do ruído abafado de vozes, de um surdo arrastar e matraquear de passos, pessoas sem conta desembarcavam ou embarcavam nos comboios juntando-se, apartando-se, contidas pelas barreiras e passagens estreitas como água junto a uma represa. Sempre que, no meu regresso ao East End, saía na estação de Liverpool Street, disse Austerlitz, detinha-me por lá uma, duas horas, sentado num banco com os outros, passageiros ou sem-abrigo já cansados logo de manhã, ou encostado a uma balaustrada em qualquer sítio e sentia em mim esta moedeira, uma espécie de dor cardíaca causada, começava eu a desconfiar, pelo arrastro do tempo passado. Eu sabia que o terreno onde se erguia a estação tinha sido uma planície pantanosa que se estendia até as muralhas da cidade e que, durante os invernos frios da chamada pequena glaciação, permanecia gelada meses a fio, os Londrinos fixavam lâminas de osso às solas para virem patinar como patinavam os Anversenses no Escalda, à luz bruxuleante vinda das achas a arder em pesadas braseiras colocadas aqui e além, muitas vezes até meio da noite. Mais tarde os pântanos foram sendo drenados, plantaram-se ulmeiros, instalaram jardins, tanques com peixes e caminhos de saibro branco onde os cidadãos podiam passear depois do trabalho e em breve se iniciou a construção de pavilhões e casas de campo até Forest Park e Arden. No terreno hoje ocupado pelo saguão central da estação e pelo Great Eastern Hotel, contou ainda Austerlitz, situou-se até o século XVII o mosteiro da ordem de Santa Maria de Belém que um tal Simon FitzMary fundou em sinal de gratidão por se ter salvado miraculosamente das mãos dos Sarracenos numa cruzada, para que os irmãos e irmãs pios pudessem daí em diante rezar pela salvação da alma do fundador, dos seus antepassados, parentes e descendentes. Ao mosteiro próximo de Bishopsgate pertenceu também o hospital para alienados ou outros necessitados que ficou na história com o nome de Bedlam. Sempre que estava na estação, disse Austerlitz, tentava, era quase uma obsessão, imaginar onde seriam os quartos dos internados deste asilo, para lá dos muros mais tardios que várias outras alterações e muitas vezes perguntei a mim próprio se as penas e as dores

que ali se acumularam em séculos se teriam verdadeiramente dissipado ou ainda hoje lá estariam, que é o que pensava quando por vezes me parecia sentir na frente um sopro frio a cruzar-se no nosso caminho de idas e vindas pelas plataformas da estação ou subidas e descidas nas escadas. Imaginava também ver os campos de coradouros que se estendiam para oeste de Bedlam, via as peças de pano branco estendidas na erva verde, as figuras diminutas dos tecelões e das lavadeiras e, na outra ponta dos coradouros, o sítio onde enterravam os mortos quando as igrejas de Londres passaram a não os poder comportar. Quando estão demasiado apertados, os mortos, tal como os vivos, mudam-se para zonas menos densamente povoadas onde possam encontrar repouso com uma distância decente entre si. Mas continuam sempre a chegar mais, numa sucessão sem fim, e então, quando já está tudo ocupado, abrem campas atravessadas noutras campas para os alojar, a ponto de as ossadas de todo o cemitério ficarem cruzadas e atravessadas. Ali, onde outrora ficavam a necrópole e os coradouros, nos terrenos da estação de Broad Street construída em 1865, as escavações realizadas por baixo de uma praça de táxis durante os trabalhos de demolição de 1984 puseram a descoberto mais de quatrocentos esqueletos. Nessa época ia lá com bastante frequência, disse Austerlitz, em parte devido aos meus interesses pela história da arquitetura, em parte por outros motivos para mim inexplicáveis, tirar fotografias dos restos mortais e lembro-me de um dos arqueólogos com quem conversei me ter dito que tinham encontrado em média ossadas de oito pessoas por cada metro cúbico de terra removida da fossa. Por cima desta camada de terra misturada com o pó e os ossos de corpos decompostos, a cidade foi-se desenvolvendo ao longo dos séculos XVII e XVIII num emaranhado cada vez mais confuso de ruelas e casas insalubres, atamancadas com barrotes, bocados de gesso e outros materiais de construção que houvesse à mão para alojar os habitantes mais pobres de Londres. Por volta de 1860 e 1870, antes do início dos trabalhos de construção dos dois terminais norte, esses quarteirões miseráveis foram evacuados compulsivamente e grandes quantidades de terra misturada com o que nela havia enterrado foram escavadas e removidas para que as linhas férreas, que nos desenhos dos engenheiros pareciam músculos e feixes de nervos num atlas anatômico, pudessem ser levadas até os arredores da cidade. Depressa esta zona à frente de Bishopsgate se tornou um lamaçal cinzento e castanho, uma terra de ninguém onde não parava vivalma. O ribeiro de Wellbrook, as valas e charcos, as galinhas-d'água, galinholas e garças cinzentas, os olmos e amoreiras, o parque de cervos de Paul Pindar, os internados de Bedlam e os indigentes famintos de Angel Alley, Peter Street, Sweet Apple Court e Swan Yard, todos se foram, idos também os milhões e milhões de pessoas que todos os dias e durante todo um século passaram pelas

estações de Broadgate e Liverpool Street. Mas a mim, nesse tempo, disse Austerlitz, parecia que os mortos regressavam do seu exílio e enchiam a penumbra em meu redor com a sua atividade estranhamente lenta mas incansável. Lembro-me, por exemplo, de numa tranquila manhã de domingo, sentado num banco na plataforma de chegada dos comboios de barcos de Harwich, que era particularmente sombria, ter estado algum tempo a observar um homem com um turbante de uma alvura impecável e farda de ferroviário puída que juntava com uma vassoura o lixo espalhado aqui e além pelo pavimento. Para essa função, cuja insignificância lembrava as penas eternas que teremos que sofrer, disse Austerlitz, é o que dizem, depois da vida, esse homem que em profunda abstração executava os mesmos movimentos não utilizava uma pá do lixo como deve ser, mas um caixote de cartão a que tinha sido tirado um dos lados e que ele ia empurrando à sua frente com um pé ao longo da plataforma, primeiro para um lado, depois para o outro até voltar ao ponto de partida, uma porta baixa aberta no taipal colocado até a altura de um segundo andar à frente da fachada interior da estação da qual tinha saído uma meia hora antes e por onde voltou a desaparecer, aos sacões, pareceu-me. Ainda hoje não sei explicar o que me levou a segui-lo, disse Austerlitz. Damos quase todos os passos decisivos da vida motivados por um confuso movimento interior. Adiante. Naquela manhã de domingo achei-me do lado de dentro do taipal, de frente para a entrada da chamada Ladies Waiting Room de cuja existência nesta parte da estação não tivera até aí qualquer noção. O homem do turbante já não se via em lado algum. Nos andaimes também não havia ninguém. Hesitei em transpor a porta de vaivém mas assim que pus a mão no puxador de latão logo atravessei uma cortina de feltro pendurada do lado de dentro para evitar as correntes de ar, entrando numa ampla sala, visivelmente sem uso há vários anos, como um ator, disse Austerlitz, que entra em cena e no momento da entrada se apercebe de que esqueceu completa e irremediavelmente não apenas o que tinha aprendido de cor como o papel já muitas vezes representado. Podem ter passado minutos, ou horas, enquanto eu, sem poder mexer-me do sítio, me deixei ficar naquela sala que me parecia ter um pé-direito fabuloso, olhos virados para cima, para a claridade de um cinza-gelo lunar que vinha do fenestral corrido ao longo ao tecto abobadado e pairava acima de mim como uma rede ou um tecido ralo com bocados em franja. Embora esta luz fosse muito clara lá em cima, uma espécie de poeira cintilante, por assim dizer, ao baixar parecia ser absorvida pelas paredes e pelas regiões inferiores da sala, adicionar-se à penumbra e correr em estrias negras, um pouco como água da chuva descendo pelos troncos lisos das bétulas ou por uma fachada de cimento desmoldado. Por vezes, quando lá fora, sobre a cidade, a cortina de nuvens se rasgava, entravam feixes de raios

isolados na sala de espera, mas quase sempre se extinguíam a meio caminho. Outros raios de luz seguiam trajetórias curiosas, contra as leis da física, desviavam-se da linha reta e contorciam-se em espirais e remoinhos antes de serem absorvidos pelas sombras vacilantes. Em menos de um piscar de olhos vi abismos escancarar-se, filas de pilares e colunatas a perder de vista, abóbadas e arcos de alvenaria suportando andares e andares, escadas de pedra e escadarias que puxavam o olhar cada vez mais para cima, pontões e pontes levadiças que ligavam os mais profundos abismos sobre as quais se amontoavam minúsculas figuras, prisioneiros, pensei eu, disse Austerlitz, procurando fugir dos calabouços, e quanto mais para cima olhava com a cabeça dolorosamente dobrada para trás, mais me parecia que o interior onde me encontrava se expandia, como se, por um efeito de encurtamento da perspectiva dos mais inverossímeis, avançasse e simultaneamente se encurvasse, de um modo só possível num universo assim falso, regressando ao interior de si próprio. A dada altura pensei ver, muito no alto, uma cúpula rendilhada com uma bordadura na qual cresciam fetos, salgueiros jovens e outras árvores pequenas em cujos ramos as garças tinham construído grandes ninhos mal feitos, e vi-as abrir as asas e voar para o céu azul. Lembro-me, disse Austerlitz, que a meio deste espetáculo de prisão e libertação perseguiu-me a pergunta: o sítio onde tinha entrado seria uma ruína ou uma construção ainda no toco? De determinado ponto de vista, numa época em que a nova estação se erguia literalmente das ruínas da velha na Liverpool Street, ambas as hipóteses estavam certas e, no fundo, não era na minha pergunta recreativa, mas sim nos farrapos de memória que começavam a pairar nos subúrbios da minha consciência, imagens, por exemplo, de uma tarde do fim de Novembro do ano de 1968 em que estive com Marie de Verneuil, que conhecia dos meus tempos de Paris e de quem terei mais para dizer, na nave da maravilhosa igreja de Salle, em Norfolk, que se ergue solitária no meio da campina, e eu não fui capaz de dizer as palavras que devia ter-lhe dito. No exterior, uma neblina branca tinha subido dos campos e nós ficamos em silêncio a vê-la galgar lentamente a soleira do pórtico, rodopio encrespado de bruma que foi recobrando gradualmente todo o chão de pedra, cada vez mais densa e cresceu de tal modo que por fim apenas metade de nós emergia dela, em breve poderia até cortar-nos a respiração. Foram recordações como estas que me vieram ao espírito na Ladies waiting room abandonada da estação de Liverpool Street e por trás delas e dentro delas escondiam-se coisas ainda mais antigas, sempre encadeadas umas nas outras como as abóbadas labirínticas que julgava reconhecer no pó, à luz cinzenta, e que se sucediam infundavelmente. Na realidade tive a sensação, disse Austerlitz, de que a sala de espera onde me encontrava como que deslumbrado encerrava todas as horas do meu passado, as

minhas angústias, os meus desejos desde sempre reprimidos, sufocados, de que os losangos pretos e brancos das placas de pedra sob os meus pés eram um xadrez que abrangia toda a superfície do tempo e onde se jogaria o jogo final da minha vida. Talvez por isso, vi também, à média luz da sala, duas pessoas de meia idade vestidas à moda dos anos 30, uma mulher com um casaco leve de gabardine e um chapéu posto à banda sobre o penteado e ao lado dela um homem de terno escuro e colarinho de prior. Sim, e não vi apenas o pastor e a sua mulher, disse Austerlitz, vi também o rapaz que eles tinham vindo buscar. Estava sentado sozinho, à parte, num banco. As pernas, metidas numas meias brancas altas, ainda não chegavam ao chão e se não fosse a pequena mochila que ele tinha no regaço acho que não o teria reconhecido, disse Austerlitz. Reconheci-o, contudo, por essa pequena mochila, recordei-me, pela primeira vez desde que tenho memória, de mim e nesse momento percebi que deve ter sido por essa sala de espera que cheguei a Inglaterra, mais de meio século antes. O estado em que então me encontrava, disse Austerlitz, como tantas outras coisas, não sei descrever; foi como se qualquer coisa se rasgasse, o que senti em mim, e vergonha, e mágoa, ou outra coisa muito diferente, de que não sei falar porque me faltam as palavras, tal como me tinham faltado então, quando aqueles dois estrangeiros cuja língua não entendia vieram ter comigo. Sei apenas que, ao ver o rapaz sentado no banco, tomei consciência, no meio do meu torpor apático, do efeito destrutivo que em mim teve o abandono a que estive votado durante os muitos anos passados e um terrível cansaço me invadiu ao pensar que nunca estive verdadeiramente vivo ou de só nesse momento estar a nascer, quase na véspera da minha morte. Sobre as razões que levaram o vigário Elias e a sua pálida esposa a recolher-me em sua casa no Verão de 1939, mais não posso que conjecturar, disse Austerlitz. Como não tinham filhos, talvez albergassem a esperança de obstar ao embotamento dos seus sentimentos que de dia para dia se tornava mais insuportável dedicando-se a criar um rapaz de quatro anos e meio, ou então talvez se julgassem obrigados por uma instância superior a ir além do grau normal da caridade mediante a dedicação e a abnegação. E também possível que se achassem no dever de salvar da danação eterna a minha alma, intocada pela fé cristã. Também não sei dizer como foram os primeiros tempos em Bala à guarda do casal Elias. Da roupa nova, que tão infeliz me fez, lembro-me, bem, como do desaparecimento não esclarecido da pequena mochila verde e recentemente pensei que ainda me apercebi do desvanecimento da minha língua materna, de ela, mês após mês, se ir transformando num rumor que creio ter ainda permanecido em mim durante algum tempo como o surdo bater ou raspar de uma coisa aprisionada que por medo se interrompe e se cala por menos que se lhe preste atenção. É certo que as palavras tão depressa esquecidas e tudo o que a

elas pertence teria ficado soterrado no fundo do meu espírito se, por uma série de coincidências, não tivesse entrado naquela manhã de domingo na velha sala de espera da estação de Liverpool Street, escassas semanas antes de os trabalhos de reconstrução a fazerem desaparecer para sempre. Não imagino quanto tempo terei estado na sala de espera, disse Austerlitz, nem me lembro como saí de lá e que caminho segui, por Bethnal Green ou por Stepney, até chegar finalmente a casa ao cair da noite e, exausto como estava, me deitar com a roupa molhada e cair num sono profundo, torturado, do qual só viria a sair, como descobri depois mediante diversos cálculos, a meio da noite do dia seguinte. Neste sono em que o meu corpo se fazia de morto enquanto a minha cabeça revolia pensamentos febris, estive no centro de uma fortaleza em estrela num calabouço separado do mundo de onde tentava sair por longos corredores de tecto baixo que me levavam por todos os edifícios que visitei e descrevi. Foi um sonho mau, interminável, em que a ação principal era muitas vezes interrompida por diversos episódios em que tive uma vista aérea de uma paisagem sem luz atravessada por um pequeno comboio a alta velocidade, doze vagões miniaturais e uma locomotiva preta de fuligem sob um penacho de fumo que corria horizontalmente para trás e cuja ponta, como uma grande pena de avestruz, se agitava constantemente para um e outro lado por efeito da velocidade. Depois, pela janela do meu compartimento, vi um pinhal escuro, um vale muito cavado, cristas de nuvens no horizonte e moinhos de vento destacando-se acima do telhado das casas baixas muito juntas em seu redor, as suas grandes velas cortando golpe após golpe a alvorada cinzenta. No meio destes sonhos, disse Austerlitz, ele sentiu, por trás dos seus olhos, que estas imagens, de uma imediatidade avassaladora, queriam por força sair dele, mas depois de acordar mal se recordava sequer dos seus contornos. Vi então, disse ele, como tinha exercitado pouco a minha memória, que, pelo contrário, devia ter sempre feito grandes esforços para recordar o menos possível e evitar tudo o que de algum modo se relacionasse com o meu passado desconhecido. Por isso, por mais inconcebível que isso hoje me pareça, não sabia nada da conquista da Europa pelos Alemães, do Estado escravagista que eles instauraram, nada das perseguições a que tinha escapado ou, se alguma coisa sabia, não era mais do que sabe, por exemplo, uma caixa de loja sobre a peste ou sobre a cólera. Para mim, o mundo terminava no final do século XIX. Daí não ousava sair, embora toda a história da arquitetura e da civilização da era burguesa, que eu estudava, apontasse numa direção com todos os sinais de uma catástrofe.

Não lia jornais porque, sei-o hoje, temia revelações desagradáveis, o rádio, só o ligava a certas horas, apurava constantemente as minhas reações defensivas e criei uma espécie de sistema de quarentena e imunização para me

proteger de tudo o que pudesse estar de perto ou de longe ligado à história passada de uma pessoa, eu, confinada a um espaço cada vez mais restrito. Além disso, estava constantemente ocupado a acumular conhecimentos, atividade que já contava décadas e que me servia de memória de substituição, de compensação e se, como não poderia deixar de ser e a despeito de todas as minhas medidas de proteção, deparasse com alguma novidade perigosa, seria bem capaz de me fazer cego e surdo e de esquecer a coisa, como se se tratasse de um banal contratempo. Esta censura que exercia sobre o meu pensamento, o constante repúdio de qualquer recordação que emergisse em mim, continuou Austerlitz, exigia de uma vez para outra um acréscimo de esforço, o que acabou por levar à paralisação quase total da capacidade de me exprimir, à destruição de todas as minhas notas e escritos, às minhas intermináveis deambulações noturnas por Londres e às alucinações cada vez mais frequentes que me atormentaram ao ponto de, no Verão de 1992, ter entrado em ruptura total. Sobre o modo como passei o resto do ano, disse Austerlitz, não sei dar qualquer informação; sei apenas que na Primavera seguinte, tendo encontrado algumas melhoras no meu estado de saúde, entrei num alfarrábio perto do British Museum onde antes ia regularmente à procura de gravuras de arquitetura. Distraidamente, vasculhei as diferentes gavetas e caixas, fiquei longos minutos a contemplar uma abóbada em estrela ou um friso aos losangos, um eremitério, um monópteros ou um mausoléu sem saber para que olhava ou porquê. A alfarrabista, Penelope Peacefull, uma senhora muito bonita que eu admirava há muitos anos, estava, como sempre de manhã, sentada a uma secretária ajoujada de livros e papéis preenchendo com a mão esquerda o problema de palavras cruzadas da última página do Telegraph. Sorria-me de vez em quando e a seguir, imersa em pensamentos, olhava a rua. A loja estava em silêncio, com exceção das vozes discretas que vinham da pequena telefonia que Penélope sempre tinha ao lado, e estas vozes, que a princípio me eram quase imperceptíveis mas logo se tornaram mais distintas, fascinaram-me de tal modo que esqueci as gravuras expostas diante de mim e fiquei estático, como se não devesse deixar escapar uma só das sílabas que vinham do aparelho um bocado rouco. O que ouvia era as vozes de duas mulheres falando uma com a outra sobre as condições em que, no Verão de 1939, ainda crianças, tinham sido enviadas para Inglaterra num transporte especial. Mencionaram uma série de cidades — Viena, Munique, Danzig, Bratislava, Berlim — mas somente quando uma delas disse que o seu transporte, ao fim dos dois dias que durou a viagem para atravessar o Reich alemão e a Holanda, onde vira do comboio as grandes velas dos moinhos de vento, partira finalmente de Hoek no transbordador Prague pelo mar do Norte com destino a Harwich, só então soube sem margem para dúvidas que esses fragmentos de memória pertenciam também à minha própria

vida. O susto que tal revelação me causou deixou-me incapaz de anotar as moradas e números de telefone dados no fim do programa. Só me via à espera num cais, numa longa fila de crianças, duas a duas, a maior parte com sacos ou mochilas. Vi de novo as grandes lajes sob os meus pés, a mica nas pedras, a água cinza e marrom do porto, os cordames e as correntes da âncora subindo enviesadas, a proa do navio mais alta que as casas, as gaivotas que rondavam no alto e soltavam gritos estridentes, o sol rompendo as nuvens e a rapariga ruiva com a capa de xadrez e a boina de veludo que tinha olhado pelos mais pequeninos da nossa carruagem durante a viagem de comboio através de terras obscuras com a qual, anos mais tarde, como agora recordo, tive sonhos recorrentes: ela tocava para mim numa espécie de concertina uma melodia alegre num sítio iluminado por uma luz noturna azulada. — *Are you all right?* — ouvi eu repentinamente, como de muito longe. Levei um certo tempo a perceber onde estava e a compreender que Penélope talvez se tivesse inquietado com a minha súbita imobilidade. Perdido em pensamentos, lembro-me de lhe ter respondido, o espírito alhures, em Hoek, Holanda, *as a matter of fact*, ao que Penélope, erguendo ligeiramente o seu bonito rosto, sorriu com ar de plena compreensão, como se ela própria costumasse também se deter não poucas vezes nesse porto tristonho. — *One way to live cheaply and without tears?* — perguntou-me ela sem transição, batendo com a ponta da esferográfica nas crosswords do seu jornal dobrado; mas quando eu ia para lhe dizer que nunca tinha conseguido resolver sequer o mais simples desses tortuosos problemas ingleses já ela dizia: *Oh, it's rent free!* e tratou de escrever as oito letras em falta nas casas vazias. Depois de nos separarmos, fiquei uma hora sentado num banco sob os altos plátanos de Russell Square, ainda despídos. Estava um dia de sol. Uma quantidade de estorninhos andavam a passear pela relva com o habitual ar afadigado, debicando as flores dos crocos. Observei-os, vi como os tons verde-dourado se destacavam na sua plumagem escura conforme se viravam para o lado da luz e cheguei à conclusão de que, embora não soubesse se tinha vindo para Inglaterra a bordo do Prague ou de outro navio, a simples menção do nome da cidade no contexto dado bastava para me convencer de que devia lá voltar. Pensei nas dificuldades com que deparou Hilary nos últimos meses que passei em Stower Grange quando fez as primeiras diligências para a minha naturalização e não conseguiu averiguar absolutamente nada, nem junto dos diversos serviços sociais do País de Gales, nem no Foreign Office, nem nas comissões de auxílio sob cujos auspícios os transportes de crianças refugiadas tinham chegado à Inglaterra mas de cujo material se tinham perdido arquivos durante os bombardeios de Londres com as muitas evacuações e mudanças efetuadas nas mais difíceis condições e quase exclusivamente por pessoal não

treinado. Informei-me na embaixada checa do endereço das repartições a consultar num caso como o meu e, assim que cheguei ao aeroporto de Ruzyòe num dia demasiado claro, quase com luz a mais, em que as pessoas, disse Austerlitz, apresentavam um aspecto cinzento e doente como se fossem fumadores crônicos a dois passos do fim, apanhei um táxi para ir à Larmelitská, na Mala Strana, o “Pequeno Bairro”, onde os Arquivos do Estado estão instalados num edifício bem peculiar que, como aliás tantas coisas nesta cidade, remonta muito atrás no tempo, para não dizer que está fora do tempo. Entra-se por uma porta estreita que abre para a entrada principal e primeiro encontramos um saguão sombrio com abóbada circular por onde antigamente passavam os coches e as caleches para um pátio interior com pelo menos uns cinquenta por vinte metros e coberto por uma claraboia envidraçada e com três andares de galerias em redor dando acesso às salas das repartições cujas janelas dão para a viela, de modo que o conjunto do edifício que do exterior mais parece uma residência urbana é constituído por quatro alas com uma profundidade de, quando muito, uns três metros, que corre todo o perímetro interior como que a criar um cenário ilusório, sem corredores nem patamares, a exemplo do que conhecemos da arquitetura prisional da época burguesa em que o modelo constituído por alas de celas em redor de um pátio retangular ou circular com passagens a ligar ao interior se impôs como o mais adequado à execução de penas. Mas não foi somente em prisões que o pátio interior dos Arquivos da Karmelitská me fez pensar, disse Austerlitz, sugeriu-me também um claustro, uma escola de equitação, um teatro de ópera ou um manicômio e todas essas imagens se misturaram dentro de mim enquanto olhava para a luz difusa no alto através da qual pensei ver, nas filas de galerias, uma multidão compacta com pessoas que agitavam chapéus ou lenços, como fazem os passageiros de um paquete na largada para o mar. Levei portanto um certo tempo a recompor-me e a dirigir-me à guarita junto da entrada, de onde o porteiro não tirava os olhos de mim desde que transpusera a soleira pois, atraído pela luz do pátio interior, passara sem nele atentar. Quem quisesse falar ao porteiro tinha que se dobrar em dois para chegar ao guiché, tão baixo que o homem parecia estar ajoelhado no chão do cubículo. Mesmo tendo adotado de imediato a posição exigida, não houve maneira de me fazer compreender, disse Austerlitz, ao que o porteiro, sem interromper um arrazoado de que não percebi mais que as palavras anglicky e Anglièan muitas vezes repetidas com particular insistência, acabou por telefonar para o interior do edifício, para uma das arquivistas que efetivamente e quase de imediato, estava eu ainda a preencher um impresso de visitante na mesa junto ao cubículo, apareceu ao meu lado brotando do chão, como se costuma dizer, disse Austerlitz. Tereza Ambrosová, assim se me apresentou, logo perguntando no seu

inglês um pouco hesitante mas até inteiramente correto o que eu pretendia. Era uma mulher pálida, quase transparente, de uns quarenta anos.



Enquanto subíamos ao terceiro andar num elevador muito apertado e que raspava a parede com um dos seus lados, em silêncio e embaraçados pela pouco natural proximidade dos corpos a que obrigava aquela caixa, notei na curva de uma veia azul sob a pele da têmpora direita dela uma pulsação quase tão rápida como os batimentos na parte inferior do pescoço dos lagartos quando param numa pedra ao sol. Alcançamos a repartição de D. Tereza Ambrosová seguindo por uma das galerias que rodeavam o pátio. Eu quase não me atrevia a olhar por cima da balaustrada para baixo, para onde estavam estacionados dois ou três automóveis que de cima pareciam curiosamente alongados ou pelo menos muito mais compridos do que na rua. No gabinete, diretamente acessível da galeria, havia por toda a parte, em armários com portas de rolo, em prateleiras que cediam sob o peso, num pequeno carro obviamente destinado a transportar documentos, sobre um velho sofá de orelhas encostado à parede e em duas secretárias colocadas frente a frente, altas resmas de fascículos atados com cordel, muitos dos quais escurecidos pela luz do dia e já com as arestas quebradiças. Entre estas montanhas de papel havia uma boa dúzia de plantas de interior em vulgares vasos de barro bem como em majólicas coloridas, mimosas e mirtos, aloés de folhas carnudas, gardênias e também um grande melianto todo enroscado num suporte para trepadeiras. D. Tereza, que com toda a cortesia

puxou para junto da sua secretária uma cadeira a mim destinada, ouviu atentamente, com a cabeça um pouco inclinada para o lado, quando comecei pela primeira vez na minha vida a explicar a outra pessoa que, devido a circunstâncias diversas, desconhecia as minhas origens, que por outras razões nunca tinha investigado sobre mim próprio e presentemente, na sequência de um certo número de acontecimentos importantes, me tinha convencido ou pelo menos conjecturava que tinha saído de Praga com quatro anos e meio nos meses imediatamente anteriores à eclosão da guerra, num dos chamados transportes de crianças que então partiam da cidade e por isso vinha ao Arquivo na esperança de encontrar nos registros o endereço de pessoas com o meu apelido que tivessem vivido ali entre 1934 e 1939. Ao dar estas explicações que não só eram muito sumárias como me pareceram de súbito francamente absurdas, fui tomado de tal pânico que comecei a gaguejar, sem poder dizer mais palavra. De repente senti o calor vindo do radiador maciço, muitas vezes recoberto com uma tinta a óleo de má qualidade, colocado sob a grande janela aberta e deixei de ouvir tudo o que não fosse o ruído que subia da Karmelitská, o pesado rodado do elétrico, o uivo das sirenes dos carros de polícia e das ambulâncias ao longe, e só me acalmei quando Tereza Ambrosová, cujos olhos cor de violeta estranhamente profundos não tinham cessado de me olhar com inquietação, me estendeu um copo de água; e enquanto bebi lentamente esse copo de água que tive que segurar com as duas mãos ela disse que os registros dos habitantes da época em questão estavam integralmente preservados, que não sendo o nome Austerlitz efetivamente dos mais comuns não deveria ter especial dificuldade em me fornecer, na manhã seguinte, os respetivos extratos.

Ela própria se encarregaria disso. Já não sei que palavras usei para me despedir de D. Tereza Ambrosova, como saí do Arquivo ou para onde me dirigi a seguir; sei apenas que procurei um quarto perto da Karmelitská, num pequeno hotel da ilha de Kampa, e por lá fiquei sentado à janela até escurecer, a contemplar as águas acastanhadas e indolentes do Moldova, a olhar para além do rio, para essa cidade que agora temia me fosse completamente desconhecida e de nenhum modo relacionada comigo. As ideias passavam--me pela cabeça com pungente lentidão, cada qual mais confusa e inapreensível que a anterior. Passei parte da noite sem dormir, outra parte atormentado por sonhos maus em que tinha que subir e descer escadas, bater em vão em centenas de portas até que, num arrebalde muito afastado que já não pertencia à cidade, um porteiro chamado Bartolomej Smeèka, vestido com um velho casacão puído do exército imperial sobre um colete florido atravessado pela corrente de relógio de ouro, emergiu de uma espécie de masmorra subterrânea e, depois de estudar o bilhete que lhe entreguei, encolheu os ombros e disse que, infelizmente, a tribo dos Aztecas estava extinta há muitos anos, quando muito sobreviveria aqui e ali um papagaio que talvez ainda compreendesse as palavras da sua língua.

No dia seguinte, continuou Austerlitz, voltei ao arquivo público de Karmelitská onde, para me restabelecer um pouco, comecei por tirar algumas fotografias do grande pátio interior e da escadaria de acesso às galerias que, pela sua configuração assimétrica, me faziam lembrar as torres construídas sem qualquer fim determinado que tantos fidalgos ingleses mandam erguer nos seus jardins e parques. Acabei, porém, por subir essa escada, detendo-me em cada patamar para passar algum tempo a olhar pelas aberturas irregulares na pedra para o pátio vazio atravessado apenas uma vez por um dos funcionários do arquivo com a bata de trabalho, cuja perna direita, com o andar, flectia ligeiramente para dentro. Quando penetrei no gabinete de Tereza Ambrosová ocupava-se ela a regar os pés de gerânio plantados em vasos sortidos sobre o parapeito entre a janela interior e a janela exterior. Davam-se melhor naquela atmosfera sobreaquecida do que em casa, ao frio primaveril, disse ela. O aquecimento a vapor há muito que não se deixava regular e por isso o lugar, particularmente nessa época do ano, mais parecia uma estufa. Talvez tenha sido por isso, disse ela, que o senhor se sentiu mal ontem. Os endereços dos Austerlitz constantes do registro, já lhos copiei todos. Tal como supunha, não há mais que uma meia dúzia. D. Tereza Ambrosová pôs de parte o seu pequeno regador verde e estendeu-me por cima da secretária uma folha de papel. Austerlitz Leopold, Austerlitz Viktor, Austerlitz Toma, Austerlitz Jeronym, Austerlitz Edvard e Austerlitz Frantiek alinhavam-se em coluna e no fundo, nitidamente isolada, Austerlitzová Agáta. Aos nomes seguia-se a profissão de cada um grossista de têxteis, rabino, fabricante de ligaduras, chefe de escritório, ourives, patrão tipógrafo, cantora e adiante o bairro e o endereço: VII U vozovsky, II Betlémská, etc. D. Tereza aconselhou-me a que iniciasse as minhas pesquisas, antes de atravessar o rio, no Pequeno Bairro, a não mais de dez minutos dali, disse ela, na šporkova, uma ruazinha logo acima do palácio Schönborn onde, segundo o registro dos habitantes para o ano de 1938, Agáta Austerlitzová tinha a sua casa no nº 12. E foi assim, disse Austerlitz, que mal chegado a Praga reencontrei o lugar da minha primeira infância do qual, tanto quanto sei, todos os vestígios se haviam apagado na minha memória. Desde logo, virar as esquinas de rua, passar pelos largos e pelas casas entre a Vlaska e a Nerudova, sobretudo subir a rampa sentindo sob os pés a calçada irregular da šporkova foi para mim como se já outrora tivesse feito estes caminhos, como se em mim se abrisse a memória, não por um esforço de reflexão, mas porque os meus sentidos tanto tempo anestesiados e agora despertos. É certo que não tinha

a certeza de reconhecer as coisas, contudo tinha que parar a cada passo porque o meu olhar ficava preso na grade forjada de uma janela, na garra de ferro de um batente ou nos raminhos de uma amendoeira que galgavam o muro de um jardim. A certa altura permaneci muito tempo diante da entrada de uma casa, disse Austerlitz, a contemplar um meio relevo inscrito no reboco liso da pedra de fecho do portal, com não mais de meio pé quadrado, que, sobre um fundo verde-mar, representava um cão azul com um ramo na boca e que eu, como logo percebi até as raízes dos cabelos, acabava de importar do meu passado. E a seguir o ar fresco na zona da entrada para o n° 12 da šporkova, a caixa de chapa do contador eléctrico embutida na parede com o símbolo do relâmpago e a flor de oito pontas em mosaico cinza-pombo e branco no artístico chão de pedra granitado do saguão, o cheiro a calcário úmido, a escada de inclinação suave, os nós de ferro em forma de avelã a intervalos regulares sob o corrimão da balaustrada: outras tantas letras e sinais da caixa de tipos das coisas esquecidas, pensei eu, e logo entrei num tal estado de confusão dos sentidos, a um tempo feliz e ansioso, que por mais que uma vez tive que me sentar nos degraus da escada sossegado e apoiar a cabeça na parede.



Deve ter decorrido uma hora até que, enfim, toquei à campainha do último andar direito e decorreu meia eternidade, assim me pareceu, até ouvir barulho no interior, a porta se abrir e me ver diante de Vera Ryanová que, nos anos 30, quando estudava Românicas na Universidade de Praga, como não demorou a contar, era vizinha de Agáta, a minha mãe, e tinha sido minha ama.



Embora ela não tivesse mudado apesar do envelhecimento, se não a reconheci logo, isso se deveu, creio, disse Austerlitz, ao estado de agitação em que me encontrava e em que não confiava nos meus olhos. Por isso, limitei-me a balbuciar a frase penosamente decorada na véspera: *Promiòte prosím, e Vás obtiuji. Hledám paní Agátu Austerlitzovou, která zde mona v roce devatenáct set toicet osm bydlela*. Procuro uma tal D. Agáta Austerlitzová que talvez tenha morado aqui em 1938. Num gesto assustado, Vera cobriu o rosto com duas mãos que no mesmo momento, foi o que me cruzou o espírito, me foram infinitamente familiares, olhou para mim pelos intervalos entre as pontas dos dedos e, muito baixo mas com uma clareza para mim verdadeiramente maravilhosa, disse apenas estas palavras em francês: *Jacquot*, disse ela, *est-ce que c'est vraiment toi?* Nós nos abraçamos, demos as mãos, nos abraçamos outra vez, não sei quantas vezes, e depois Vera fez-me atravessar o vestíbulo até uma sala onde tudo estava na mesma há cerca de sessenta anos. Os móveis que Vera herdara em maio de 1933 juntamente com a casa da tia-avó, o contador com um polichinelo mascarado de Meissen à esquerda e a sua amada Colombina à direita, a estante envidraçada com os cinquenta e cinco tomos vermelhos da *Comédie humaine*, a escrivaninha, a comprida otomana e a manta de pelo de camelo dobrada aos pés, a aguarela azulada com os montes da Boêmia, os vasos de flores no parapeito da

janela, tudo isso, durante todo o tempo desta minha vida que agora se derramava sobre mim, esteve sempre no seu lugar, pois Vera, como ela própria me disse, disse Austerlitz, depois de ter perdido a minha mãe, que era para ela como uma irmã, e a mim, não podia suportar alterações. Já não sei por que ordem Vera e eu, naquele fim de tarde e serão de Março, contamos um ao outro as nossas histórias, mas penso que, depois de eu ter relatado de um modo conciso e com omissão das coisas deprimentes o correr dos tempos, se tratou a seguir dos meus falecidos pais, Agáta e Maximilian. Maximilian Aychenwald, natural de S. Petersburgo onde o seu pai teve um negócio de especiarias até o ano da revolução, foi funcionário e ativista do partido social-democrata checoslovaco, disse Vera, e conheceu a minha mãe, quinze anos mais nova e que iniciava então a sua carreira de atriz apresentando-se em diversas cidades de província, em Nikolsburg, por ocasião de uma das muitas viagens que fazia como orador em eventos públicos e assembleias de fábrica. Em Maio de 1933, tinha eu acabado de me mudar para cá, para a šporkova, disse Vera, eles vieram morar juntos cá para o prédio, embora não fossem casados: regressavam então de uma estadia em Paris onde, como não se cansavam de repetir, tinham vivido acontecimentos e encontros maravilhosos. Agáta e Maximilian, disse Vera, tinham ambos uma particular predileção por tudo o que fosse francês. Maximilian era profundamente republicano e sonhava fazer da Checoslováquia, no meio da maré fascista que alastrava inexoravelmente por toda a Europa, uma espécie de segunda Suíça, uma ilha de liberdade; Agáta, por sua vez, tinha do mundo ideal uma ideia mais atabalhoada, inspirada em Jacques Offenbach, que ela admirava sobremaneira e do qual, aliás, disse Vera, eu herdara um nome tão invulgar entre os Checos. Foi o interesse pela civilização francesa sob todas as suas formas de expressão que eu, romanista apaixonada, partilhava com Agáta e também com Maximilian, que desde a nossa primeira conversa, no dia em que eles se mudaram, esteve na origem da amizade que começou a despertar entre nós e essa amizade levou muito naturalmente, contou-me Vera, disse Austerlitz, a que ela, podendo dispor muito mais livremente do seu tempo do que Agáta e Maximilian, se oferecesse, a seguir ao meu nascimento, para tomar conta de mim nos anos que levasse até entrar para a escola primária, oferta essa, disse Vera, de que nunca veio a arrepender-se pois assim que comecei a falar sempre lhe parecia que ninguém a compreendia melhor do que eu e, além disso, ainda antes dos três anos já a entretinha muito agradavelmente graças aos dotes de conversador. Quando passeávamos entre as pereiras e cerejeiras nos socalcos do pomar do seminário ou, nos dias quentes, pelas sombras do jardim do palácio de Schönborn, era o francês a língua em que conversávamos, conforme combinado com Agáta, e somente no regresso a casa, ao fim da tarde, enquanto ela nos fazia

o jantar, falávamos em checo de coisas mais domésticas e, por assim dizer, mais infantis.

No meio destes comentários a própria Vera, suponho que insensivelmente, disse Austerlitz, foi alternando entre uma língua e outra, e eu, que nem no aeroporto, nem no arquivo público, nem quando decorei a frase que, fora a morada incorreta, não me teria permitido avançar, estava muito longe de pensar que o checo me diria alguma coisa, entendia quase tudo o que dizia Vera, como um surdo que por milagre recuperasse o ouvido, e já só queira fechar os olhos e ficar para sempre a ouvir essa torrente de palavras polissilábicas. Em particular no tempo quente, disse Vera, a primeira coisa que sempre fazia ao regressar do passeio quotidiano era tirar os gerânios para o parapeito para que, do meu lugar favorito no vão da janela, eu pudesse ter vista para o jardim dos lilases e para a casa baixa em frente onde Moravec, o alfaiate corcunda, tinha a sua oficina, e enquanto ela cortava o pão e punha a chaleira ao lume, eu ia mantendo um comentário ininterrupto sobre aquilo em que se ocupava Moravec, fosse consertar a bainha coçada de um casaco, remexer na sua caixa de botões ou pespontar o forro acolchoado de um sobretudo. Mas, contou Vera, o que mais me importava, disse Austerlitz, era não perder o momento em que Moravec pousava a agulha e a linha, a grande tesoura e as outras ferramentas do seu ofício, desimpedia a mesa coberta de feltro, abria sobre ela a dupla folha do jornal e sobre essa dispunha o jantar que estivera saboreando por antecipação, refeição que variava conforme a época do ano e que podia ser queijo fresco com cebolinho, um rábano comprido, uns tomates com cebola, arenque fumado ou batatas cozidas. Agora arruma no armário a forma das mangas, agora entra na cozinha, agora traz a cerveja, agora amola a faca, serve-se de uma fatia de chouriço, dá uma grande golada no copo, limpa a espuma da boca com as costas da mão, assim ou parecido, sempre o mesmo e sempre um pouco diferente, eu contava quase todas as noites, disse Vera, o jantar do alfaiate e muitas vezes tinha que me chamar a atenção para que não esquecesse a fatia de pão com manteiga que tinha na frente. Enquanto me falava do meu poder de observação, Vera tinha-se levantado e aberto a janela interior e a exterior para que eu pudesse ver o jardim do vizinho onde, justamente, o lilás estava em flor, tão branco, tão denso que, naquele lusco-fusco que se acentuava, se diria ter nevado em plena Primavera. E a fragrância adocicada que subia do jardim murado, o Quarto Crescente da Lua já nascida sobre os telhados, o repicar dos sinos das igrejas lá em baixo, na cidade, e a fachada amarela com a varanda verde da casa do alfaiate onde Moravec, que, como disse Vera, tinha morrido há bastante tempo, vinha com frequência sacudir ao vento o seu pesado ferro de engomar cheio de brasas, estas imagens e outras mais, disse Austerlitz, desfilaram umas após

outras e, por mais que tivessem estado mergulhadas e encerradas na minha memória, ressurgiram luminosas enquanto estive a olhar pela janela e mais ainda quando Vera, sem uma palavra, abriu a porta do quarto onde, ao lado da cama de baldaquino com colunas torneadas e enormes almofadas herdada da sua tia-avó, estava ainda o pequeno canapé onde eu sempre dormia quando os meus pais não estavam em casa. O crescente lunar iluminava o quarto escuro e havia uma blusa branca pendurada do fecho da janela entreaberta (como tantas vezes tinha havido, eu lembro-me, disse Austerlitz); via Vera como ela tinha sido, sentada ao lado do meu divã, a contar-me a contar-me histórias da Montanha do Gigante e da floresta da Boêmia, via os seus olhos de uma beleza rara, algo esfumados, crepusculares, quando, chegada ao final feliz, tirava os óculos de lentes espessas e se debruçava para mim. Mais tarde, enquanto ela estudava pelos seus livros ali ao lado, lembro-me agora bem, muito gostava de ficar algum tempo acordado, sabendo-me protegido pela minha atenta guardiã e pelo clarão do círculo de luz que lhe iluminava a leitura. Mínimo foi então o meu esforço de vontade para tudo imaginar, o alfaiate corcunda, a essa hora por certo também já no seu quarto, a lua que ia dando a volta à casa, os motivos do tapete e do papel de parede, até o desenho das fissuras nos ladrilhos do grande fogão de sala.

Quando me cansava da brincadeira e queria dormir, bastava-me escutar Vera voltando a página seguinte, e ainda hoje intuo, disse Austerlitz, ou sinto de novo a consciência esvair-se entre as papoulas e as ramagens no vidro foscado da porta precedendo a suave restolhada do virar da página seguinte. Regressados ao salão, Vera estendeu-me com duas mãos inseguras uma xícara de chá de menta e contou ainda que nos nossos passeios nunca fomos além do pomar do seminário, dos jardins de Khotek e outros espaços verdes do Pequeno Bairro. Algumas vezes apenas, de verão, no carrinho que tinha preso, talvez eu me lembrasse, um moinho de vento colorido, as nossas excursões iam até mais longe, até a ilha Sofia, à escola de natação na margem do Moldava ou ao mirante do monte Petřín de onde, ao longo de uma hora ou mais, contemplávamos a cidade aos nossos pés com as suas muitas torres cujos nomes eu conhecia, todos, tão bem como os das sete pontes que cruzam o rio cintilante. Desde que deixei de poder sair e de ver coisas novas, disse Vera, as imagens que tanto nos haviam alegrado regressam com uma nitidez quase fantasmagórica. Sinto-me muitas vezes como se estivesse outra vez na infância, em Reichenberg, a ver um diorama, a caixa cheia de um estranho fluido com personagens figuradas a meio de um movimento desordenado que pareciam dever a sua aparência de vida, assaz estranhamente, à sua extrema pequenez. Ao longo da vida, nunca mais vi nada tão mágico como no diorama de Reichenberg, o deserto sírio de cor amarela, a alvura luminosa dos picos nos Alpes Zittertal erguendo-se acima da

sombria floresta de coníferas ou ainda o momento para sempre fixado em que o poeta Goethe, em Weimar, com uma sobrecasaca cor de café curta e adejante, entra para a mala-posta onde estão já arrumadas as malas de viagem. E eis que estas reminiscências da minha infância se associam à lembrança das pequenas excursões que fazíamos juntos da šporkova para o Pequeno Bairro.

Quando chegam as lembranças, parece por vezes que vemos os tempos idos através de uma montanha de vidro e agora, ao contar-te estas coisas, disse Vera, se cerro as pálpebras, vejo-nos a ambos reduzidos às nossas pupilas patologicamente dilatadas, contemplando do alto da torre de Petřín a verde colina que ainda agora o funicular trepava, qual enorme lagarta, enquanto ao longe, na cidade do outro lado, entre as casas no sopé do Vyhrad, o trem que sempre esperavas com ansiedade atravessa vagorosamente o rio pela ponte, trazendo atrás uma nuvem branca de vapor. Muitas vezes, quando o tempo estava ruim, disse Vera, fomos visitar a minha tia Otýlie na luvaria da šeríková que ela tinha já desde antes da Grande Guerra e onde reinava essa atmosfera abafada dos santuários ou templos que inibe todo o pensamento. A tia Otýlie foi uma senhora solteira de uma fragilidade inquietante. Usava sempre uma túnica de seda preta plissada com gola postiça de renda branca e deslocava-se imersa numa pequena nuvem de perfume de lírios-do-vale. Sempre que não estava a atender uma das suas, como ela dizia, excelentíssimas clientes, ocupava-se incansavelmente do seu sortido de centenas ou mesmo milhares de pares de luvas diversos, desde as de algodão, para usar todos os dias até as criações exclusivas de Paris e Milão, de veludo ou pelica, segundo uma ordem e uma hierarquia por ela criadas e observadas ao longo de décadas contra todas as vicissitudes da história e que por certo só ela própria entendia verdadeiramente. Mas quando íamos visitá-la, disse Vera, só tinha atenção para ti, mostrava-te isto e aquilo, deixava-te correr as gavetas muito baixas que deslizavam com invulgar leveza e permitia-te não só tirar luva após luva como prová-las, explicando-te com toda a paciência cada modelo, como se visse em ti o seu sucessor presuntivo no negócio. E lembro-me, contou-me Vera, que foi com a tia Otýlie, disse Austerlitz, que aos três anos e meio aprendeste a contar, graças a uma fila de botõezinhos de malaquite pretos e brilhantes cozidos numa luva de veludo de meio cano de que gostavas especialmente — *jeden, dvě, tři*, Vera ia contando, e eu, disse Austerlitz, continuei a contar, *čtyři, pět, šest, sedm* —, sentindo-me como quem arrisca passos inseguros no gelo. Tanto me emocionei na primeira visita à šporkova, que hoje não me lembro de todas as histórias que Vera me recordou, disse Austerlitz, mas penso que da luvaria da tia Otýlie, os meandros da conversa levaram ao Teatro das Três Ordens, onde Agáta fizera a sua estreia em Praga, no Outono de 1938, como Olímpia, papel com que sonhava desde o

início da sua carreira. Nos meados de Outubro, disse Vera, terminados os ensaios da opereta, fomos juntos ao ensaio geral e, assim que entramos pela porta dos artistas, disse ela, eu, apesar de nunca me ter calado enquanto atravessávamos a cidade, caí num silêncio reverente. Também durante a representação de um encadeado de cenas mais ou menos aleatório e depois, no eléctrico de regresso a casa, estive sempre invulgarmente calado e recolhido. Foi por causa desta observação algo casual de Vera, disse Austerlitz, que na manhã seguinte me dirigi ao Teatro das Três Ordens e por lá me deixei ficar sozinho muito tempo, na plateia, mesmo por baixo do fecho da cúpula, depois de ter negociado com o porteiro, a troco de uma gorjeta insignificante, a autorização para tirar algumas fotografias da sala, então acabada de remodelar. Rodeavam-me as filas de cadeiras cujos ornamentos dourados emitiam uma luz difusa e ascendente; diante de mim, o proscênio, onde outrora se apresentara Agáta, era como um olho cego. E quanto mais me esforçava por encontrar em mim ao menos um vestígio da sua figura, mais a sala do teatro parecia ir estreitando e eu próprio encolhendo até me tornar um Pequeno Polegar dentro de um estojo ou de um cofre forrado de veludo. Só passado algum tempo, quando alguém atravessou lesto o palco por trás da cortina corrida produzindo com o seu passo um movimento ondulatório nas pregas do tecido pesado, as sombras começaram a animar-se e então vi, dentro do fosso de orquestra, o maestro, num fraque luzidio como um escaravelho, e outras figuras negras manuseando toda a espécie de instrumentos, ouvi a confusão dos sons de os afinarem e a certa altura julguei avistar, entre a cabeça de um dos músicos e o braço de um contrabaixo, na faixa de luz forte entre o tablado e a orla da cortina, um sapato azul celeste bordado a lantejoulas prateadas. Quando, ao serão desse mesmo dia, procurei Vera na sua casa da šporkova e ela, em resposta à minha pergunta, confirmou que Agáta, com o seu traje de Olímpia, usava realmente sapatos azul-celeste com lantejoulas, pensei que qualquer coisa se tinha despedaçado no meu cérebro. Vera contou que eu tinha vindo do ensaio geral no Teatro das Três Ordens profundamente impressionado e acima de tudo, supunha ela, por temer que Agáta se tivesse transformado verdadeiramente num personagem que, sendo embora mágico, não deixava de ser para mim uma entidade estranha e eu próprio, continuou Austerlitz, me recordei então de ter andado imerso num pesar até aí desconhecido certa vez que, já muito depois da minha hora de deitar, fiquei de olhos muito abertos no divã aos pés da cama de Vera à escuta dos quartos de hora no carrilhão da torre até Agáta chegar em casa, até ouvir na porta o carro que a trazia do outro mundo, ela entrar finalmente no quarto e vir sentar-se junto de mim envolta num singular cheiro de teatro feito de uma mistura de emanações de perfume e de pó. Usa um corpete de seda cinza com cordões na

frente, mas não consigo distinguir seu rosto, apenas um véu irisado, baço e leitoso toldando a pele dela e então, disse Austerlitz, vejo que o xale cai de seu ombro direito quando ela pousa a mão na minha testa.

No meu terceiro dia em Praga, continuou Austerlitz a narrar depois de ter se recomposto um pouco, subi de manhã cedo ao jardim do seminário. As cerejeiras e pereiras de que Vera tinha falado tinham sido abatidas e no seu lugar tinham plantado outras novas, cujos ramos finos tão cedo não dariam frutos. O caminho subia às curvas entre os canteiros úmidos de orvalho. A meio da subida encontrei uma senhora idosa com um Dachshund fulvo e gordo pouco firme nas pernas, que parava por vezes, de sobrolho franzido, a olhar para o caminho à sua frente. Ao vê-los, recordei-me de que, nos meus passeios com Vera encontrávamos muitas vezes senhoras de idade com este mesmo tipo de cães pequenos e rabugentos quase sempre com aços de arame, talvez por isso mesmo fossem melindrosos e ruins. Sentei-me depois num banco, ao sol, até cerca do meio-dia, a olhar, para além das casas do Pequeno Bairro e do Moldava, o panorama da cidade que parecia, como o verniz de um velho quadro, cruzada pelas fissuras e rachas sinuosas que o passar do tempo produz. Um segundo padrão destes que nascem assim sem que se possa saber sob que leis, disse Austerlitz, descobri-o pouco depois no emaranhado de raízes aos pés de um castanheiro implantado num terreno de grande inclinação, ao qual, segundo soube por Vera, muito gostava de trepar em criança. Os teixos verde-escuro que cresciam sob as árvores altas também eram meus conhecidos, tanto quanto o ar fresco que encontrei no fundo da ravina e os incontáveis ranúnculos bravos que cobriam o solo da floresta, já a murchar, sendo Abril, e compreendi então por que motivo, uns anos antes, no decurso de uma das minhas expedições com Hilary em busca das casas rurais, fiquei sem voz quando visitamos, no Gloucestershire, um parque de disposição muito semelhante aos jardins de Schönborn e inesperadamente nos encontramos num declive virado a norte revestido pelas folhas tão tenras e pelas flores de Março imaculadas da *Anemona nemerosa*. E assim, com o nome botânico desses ranúnculos amantes da sombra, concluiu Austerlitz, naquele serão do fim do inverno de 1997 passado na casa de Alderney Street que me parecia imersa num silêncio insondável, um vasto trecho da sua história.



Um quarto de hora, talvez meia hora decorreu ainda à luz uniforme da chama azulada e diminuta do pequeno aquecedor a gás até que Austerlitz se levantou e disse que talvez fosse melhor eu passar a noite sob o seu teto e, precedendo-me na escada, me conduziu a um quarto tão despido como as divisões do térreo. Havia apenas uma espécie de cama de campanha aberta contra uma parede, com punhos de ambos os lados, de modo que se assemelhava a uma maca. Junto à cama uma embalagem de Château Gruaud-Larose com um brasão gravado a ferro quente e sobre este caixote, à luz suave do candeeiro com quebra-luz, um copo, um frasco com água e um rádio antigo com caixa de baquelite castanho escuro. Austerlitz desejou-me repouso e fechou a porta ao sair. Fui até a janela olhar para uma Alderney Street deserta, voltei para trás, sentei-me na cama, desapertei os atacadores dos sapatos e pensava em Austerlitz, cujos passos ouvia no quarto ao lado, quando, ao levantar de novo os olhos, vi na meia-luz, sobre a chaminé, a pequena coleção de sete caixas de baquelite de diversas formas, não mais altas que duas ou três polegadas e que, ao

abri-las uma por uma à luz fraca do candeeiro, vi conterem os restos mortais de uma das mariposas que nesta casa — como Austerlitz me tinha contado — terminara a sua vida. Fiz cair uma delas do seu recipiente de baquelite para a palma da minha mão direita, um ser sem peso, cor de marfim, cujas asas dobradas eram tecidas não se sabe como. As patas, dobradas sob as escamas prateadas do abdômen como se prestes a saltar um último obstáculo, eram tão finas que mal conseguia distingui-las. Também a antena que abarcava em arco todo o corpo se situava no limite do visível. O olho, porém, muito negro e fixo e um pouco saliente da cabeça, era bem nítido e estudei-o longamente antes de voltar a meter no seu apertado túmulo este espírito noturno que, morto talvez há anos, não apresentava o menor sinal de decomposição. Antes de me deitar, liguei o rádio que estava junto à cama sobre a caixa de bordéus. No disco luminoso apareceram os mesmos das cidades e postos que em pequeno costumava associar às mais exóticas representações Monte Ceneri, Roma, Liubliana, Estocolmo, Beromünster, Hilversum, Praga e outras mais. Pus o volume muito baixo e escutei uma língua que não compreendi vinda de muito longe pelo éter, uma voz feminina que por vezes desaparecia nas ondas, depois reaparecia, sobrepondo-se ao trabalho de duas mãos cuidadosas que num lugar que ignorava corriam o teclado de um Bösendorfer ou de um Pleyel trazendo para dentro do meu sono frases musicais, creio que de O Cravo Bem Temperado. De manhã, quando acordei, saía da fina rede metálica de proteção do altifalante apenas um silvo débil e arranhado. Pouco depois, ao pequeno almoço, quando falei do misterioso rádio, disse Austerlitz que sempre imaginava que essas vozes que atravessam o éter depois do escurecer e que poucos de nós conseguem captar têm, como os morcegos, uma vida própria e fogem à luz do dia. Muitas vezes, nas longas noites sem sono destes últimos anos, ao escutar as locutoras de Budapeste, Helsinque ou La Coruña, vi-as estender para longe as suas linhas denteadas e desejei estar já em sua companhia. Mas, voltando à minha história... Foi depois dessa ida aos jardins de Schönborn, de novo sentados em casa de Vera, que ela me falou pela primeira vez com mais pormenor dos meus pais, das suas origens, na medida do que sabia, da vida que levavam e da extinção desta no espaço de uns escassos anos. A tua mãe Agáta, começou ela, creio eu, disse Austerlitz, a despeito do seu feitio taciturno e algo melancólico, era uma mulher extremamente confiante, propensa, até, a levar as coisas de ânimo leve. Nisso, saía inteiramente ao pai, o velho Austerlitz, que possuía em Sternberg uma fábrica de fez e pantufas por ele fundada no tempo dos Austríacos e parece que deitava para trás das costas todas as contrariedades. Uma vez em que ele veio cá de visita, ouvi-o falar da assinalável expansão do seu negócio desde que os homens de Mussolini andavam com uns chapéus à oriental, afirmando que tinha

dificuldade em satisfazer as encomendas para Itália. Também Agáta pensava então, entusiasmada com o reconhecimento conquistado mais rapidamente do que contava na sua carreira de cantora de ópera e opereta, que mais tarde ou mais cedo tudo correria pelo melhor, ao passo que Maximilian, apesar do feitio jovial em que não era diferente de Agáta, estava convencido, desde que o conheci, contou-me Vera, disse Austerlitz, de que os parvenus chegados ao poder na Alemanha, as corporações e outros conjuntos de indivíduos que proliferavam sem fim sob o novo regime e lhe causavam, como muitas vezes dizia, verdadeiro horror, se entregavam desde o princípio ao anseio cego da conquista e da destruição, cujo ponto focal era a palavra mágica mil que o chanceler do Reich repetia incessantemente nos seus discursos, como se podia ouvir na rádio. Mil, dez mil, vinte mil, mil vezes mil, mil e mais mil vezes mil, tal era o refrão com que a sua voz rouca inculcava nos Alemães a ideia da sua própria grandeza e da iminência da sua consumação. Contudo, Vera dizia, prosseguiu Austerlitz, que Maximilian de modo algum pensava que o povo alemão estava a ser arrastado para a sua desgraça; pelo contrário, a sua opinião era que o povo alemão se tinha inteiramente recriado, segundo as aspirações individuais e o sentimento reinante nas famílias, sob esta forma perversa e promovido então, como expoentes simbólicos das suas mais profundas emoções, essas sumidades nazis que Maximilian considerava, sem excepção, uns inúteis sem nada na cabeça. Vera recordou-se, disse Austerlitz, de que Maximilian contava de quando em quando que em certa ocasião, no princípio do Verão de 1933, a seguir a uma reunião sindical em Teplitz, subiu um pouco o monte mineiro, o Erzgebirge, e lá em cima, no jardim de uma estalagem, deu com um grupo de excursionistas que vinham de comprar, numa aldeia do lado alemão, toda a espécie de coisas e entre elas um novo tipo de bombons cobertos de uma massa de açúcar com uma suástica desenhada a cor de framboesa, pronta para derreter ao contacto com a língua. Ao ver essas guloseimas nazis, dissera Maximilian, percebeu subitamente que os alemães haviam reorganizado inteiramente a sua produção, da indústria pesada ao fabrico de artigos tão insignificantes, não porque a tal fossem obrigados, mas de moto próprio, por causa do seu entusiasmo pelo progresso nacional. Vera contou ainda, disse Austerlitz, que nos anos 30 Maximilian foi várias vezes à Alemanha e à Áustria para poder avaliar a evolução geral e que se lembra de ele, acabado de regressar de Nuremberg, lhe ter descrito a recepção colossal que a cidade dispensara ao Führer que ali se deslocara para participar no congresso do partido. Horas antes da sua chegada, toda a população de Nuremberg e gente ida de toda a parte, não apenas da Francônia e da Baviera mas de zonas do país mais afastadas, como o Holstein e a Pomerânia ou mesmo a Silésia e a Floresta Negra, estava já postada, ombro com ombro, ardendo de

impaciência, ao longo de todo o percurso previsto, até que finalmente, no meio de um júbilo ruidoso, surge a cavalgada motorizada de pesados Mercedes rompendo a passo pela estreita faixa que separava os rostos extasiados e os ansiosos braços estendidos. Nas palavras de Maximilian, contou Vera, ele sentiu, no meio dessa multidão que se agitava em estranhas contrações convulsivas como um único ser vivo, um corpo estranho prestes a ser pulverizado e depois segregado. Da praça da Igreja de S. Lourenço, onde tinha estado, viu o cortejo passar lentamente pelas massas ondulantes em direção à Cidade Velha cujas casas de frontão pontiagudo ou sinuoso com os moradores apinhados nas janelas como cachos de uvas faziam pensar num gueto desesperadamente sobrepovoado onde, como disse Maximilian, o salvador há muito esperado fizesse a sua entrada. Dentro deste mesmo espírito, disse Vera, contou Maximilian mais tarde e repetidamente o espetacular filme do congresso do partido, que tinha visto num cinema de Munique e que confirmara a sua convicção de que os Alemães, mal refeitos da humilhação passada, tinham desenvolvido uma imagem de si como povo com uma missão messiânica universal. Não era só o respeito que se apoderava dos espetadores quando viam o avião do Führer romper as nuvens espessas para descer lentamente sobre a terra; não era só a tragédia da história comum evocada numa cerimônia de homenagem aos mortos em que Hitler, Hess e Himmler, como descreveu Maximilian, ao som de uma marcha fúnebre capaz de comover até o fundo a alma de toda a nação, desciam a larga avenida formada pela fileiras retilíneas de colunas e companhias criadas pelo poder do novo Estado com aqueles corpos alemães inúmeros e imóveis; não era só ver-se os guerreiros dispostos a morrer pela pátria, a gigantesca floresta de bandeiras ondulando misteriosamente, desfraldadas na noite à luz dos archotes — não, disse Vera, Maximilian contou-nos que havia também uma vista aérea de uma cidade de tendas brancas estendendo-se até o horizonte, de onde saíam alemães, ao amanhecer, sozinhos, aos pares, em pequenos grupos formando, um encadeado silencioso, cada vez mais compacto, sempre na mesma direção, como se seguissem um chamamento vindo do alto e estivessem, após longos anos no deserto, a caminho da Terra prometida. Decorreu ainda um par de meses após esta sessão de cinema a que Maximilian assistira em Munique até sermos fustigados pela rádio com uma vaga de gritaria das centenas de milhares de austríacos que se tinham reunido na Heldenplatz de Viena e que durou horas, disse Vera. O paroxismo colectivo das massas vienenses, disse ela, marcou, na opinião de Maximilian, a viragem decisiva. Soava ainda nos nossos ouvidos o seu eco sinistro quando, passado o Verão, começaram a chegar aqui, a Praga, os primeiros refugiados expulsos do que passou a chamar-se a Ostmark, espoliados pelos seus conterrâneos até ficarem somente com alguns xelins; e na esperança,

que sabiam falsa, de manterem a cabeça erguida em terra estranha, andavam de porta em porta como vendedores ambulantes de ganchos e travessas para o cabelo, lápis e papel de carta, gravatas e outras miudezas, tal como os seus antepassados outrora haviam percorrido a Galícia, a Hungria e o Tirol. E Austerlitz disse que Vera se lembrava, de um desses vendedores ambulantes, um tal Saly Bleyberg, que na Leopoldstadt, não muito longe da Estrela do Prater, tinha tido um negócio de garagem na dura época entre as duas guerras, e que, convidado por Agáta para tomar um café, nos contou as mais horripilantes histórias da infâmia dos Vienenses: por que meios o forçaram a ceder o negócio a um certo Haselberger, como tinha sido depois defraudado no dinheiro da venda, apesar de ridículo, como tinham desviado os seus depósitos bancários e títulos, confiscado todo o seu mobiliário e o seu carro Steyr e como, por fim, ele, Saly Bleyberg e os seus, sentados nas malas no saguão do seu prédio, tiveram que assistir às negociações entre o encarregado bêbado e o par jovem, nitidamente casados de fresco, que tinha ido ver a habitação ora devoluta. Embora o relato do pobre Bleyberg, que na sua raiva impotente não parava de retorcer o lenço nas mãos, desse uma ideia das coisas muito pior do que poderíamos ter imaginado e embora, após os acordos de Munique, a situação se apresentasse desesperada, disse Vera, Maximilian passou ainda em Praga todo o inverno, fosse por causa do seu trabalho no partido, que então se revestia de urgência, fosse por se ter recusado tanto tempo quanto possível a deixar a crença de que o direito existe para nos proteger. Agáta, por seu lado, não estava disposta a partir para a França sem Maximilian, embora este a tenha aconselhado repetidas vezes e por isso, contou-me Vera, seu pai, disse Austerlitz, numa situação de extremo perigo, só veio a partir na tarde de 14 de março, quando já era quase tarde demais, por avião, de Ruzyni para Paris. Recordo ainda, disse Vera, que quando veio se despedir usava um belo terno trespasseado cor de ameixa e um chapéu de feltro preto de aba larga com fita verde. Na manhã seguinte, ao romper do dia, os alemães entraram efetivamente em Praga, no meio de uma forte tempestade de neve que fazia com que parecessem surgir do nada, e quando atravessaram a ponte e os blindados começaram a percorrer a Narodní, caiu sobre toda a cidade um pesado silêncio. As pessoas viraram costas e a partir desse momento passaram a andar mais devagar, como sonâmbulos, como seja não soubessem para onde. Vera observou, disse Austerlitz, que houve uma coisa que os perturbou particularmente, a mudança sem transição para a condução pela direita. Muitas vezes, disse ela, o meu coração falhou uma batida quando via surgir um carro do lado direito da rua, pois inevitavelmente pensava termos passado a viver num mundo falseado. É evidente, continuou Vera, que se tinha tornado muito mais difícil, mais para Agáta do que para mim, orientar-se neste

novo regime. Desde que os Alemães tinham promulgado os seus decretos relativos à população judia, ela só podia ir às compras a certas horas; não podia andar de táxi; só podia andar de eléctrico na última carruagem, não podia entrar num café nem num cinema, assistir a um concerto ou a todo e qualquer evento público. Também deixou de poder subir ao palco e frequentar as margens do Moldava, os jardins e parques de que tanto gostava. Não posso ir a nenhum lugar onde haja verde, disse ela uma vez e acrescentou ter percebido pela primeira vez verdadeiramente que bom é encostar-se à amurada de um navio, sem preocupações. A lista das proibições aumentava de dia para dia — ouço ainda Vera referir, disse Austerlitz, que em breve foi proibido aos Judeus caminhar nos passeios do lado do parque, ir a uma lavandaria ou a uma tinturaria ou utilizar cabinas telefônicas — e acabou por pôr Agáta à beira do desespero. Parece que estou a vê-la, a andar para trás e para diante na sala, disse Vera, bater na testa com a palma da mão e gritar, escandindo as sílabas uma a uma: não com pre en do! Não compreendo! Nunca vou compreender!! Não obstante, ela continuou a ir à cidade sempre que pôde, apresentou-se em não sei quais e quantas instâncias, passou horas na única estação de correios que os quarenta mil judeus de Praga podiam utilizar para enviar um telegrama; pediu informações, mexeu cordelinhos, depositou dinheiro, forneceu atestados e garantias e depois, de regresso a casa, matava a cabeça pela noite dentro. Mas por mais tempo e esforços que empenhasse, diminuía sempre a esperança de vir a obter uma autorização para sair do país, por isso, no Verão, quando já se falava da guerra iminente que sem dúvida traria consigo restrições ainda mais duras, ela decidiu enfim, contou-me Vera, disse Austerlitz, enviar-me pelo menos para Inglaterra, pois, por intermédio de um dos seus amigos do teatro, conseguira já inscrever o meu nome num dos raros transportes de crianças de Praga para Londres. Vera lembrava-se, disse Austerlitz, de que o alegre entusiasmo que Agáta sentiu ao obter este primeiro resultado dos seus esforços foi ensombrado pela ansiedade e apreensão de imaginar como me sentiria eu, uma criança com menos de cinco anos que sempre estivera protegida, numa viagem de trem tão longa e depois no meio de gente estranha numa terra estranha. Por outro lado, disse Vera, Agáta tinha esperança de que, dado o primeiro passo, talvez se abrisse para ela uma saída e pudessem viver todos juntos em Paris. Vivia portanto dilacerada entre as suas esperanças e o receio de dar um passo irresponsável, imperdoável; e quem sabe, disse--me Vera, talvez ela te tivesse afinal conservado junto de si se tivéssemos tido mais alguns dias antes da tua partida de Praga. Conservo apenas uma imagem indistinta, algo confusa, da hora da despedida na estação de Wilson, disse Vera, acrescentando, após um momento de reflexão, que levava as minhas coisas numa pequena mala de couro e provisões numa mochila — *un*

petit sac à dos avec quelques viatiques, disse Austerlitz, tinham sido essas as exatas palavras de Vera, que resumem, pensa ele agora, toda a sua vida posterior. Vera lembrava-se também da menina de doze anos com uma concertina a quem me confiaram, de um álbum de Chaplin comprado no último momento, dos lenços brancos, esvoaçando como um bando de pombos que levanta voo, com que os pais que ficavam se despediam dos seus filhos e da impressão que teve de que o trem, depois de ter arrancado com infinita lentidão, não chegara a partir, antes se deslocara apenas um pouco, numa espécie de manobra ilusória, para além da parede envidraçada, menos de meio comprimento, e se tinha afundado. Agáta, porém, a partir desse dia, transformou-se, continuou Vera, disse Austerlitz. O que de alegria e confiança conservara a despeito de todas as dificuldades toldou-se então num abatimento contra o qual, claramente, ela nada podia. Creio, disse Vera, que ainda fez mais uma tentativa de comprar a sua liberdade, mas depois nunca mais saiu de casa, temia abrir as janelas, sentava-se, imóvel, durante horas, na poltrona de veludo azul no canto mais escuro do salão ou deitava-se no sofá com as mãos a cobrir o rosto. Mais não fazia que esperar o que viesse, mas esperava sobretudo o correio de Inglaterra e de Paris. De Maximilian, tinha diversos endereços, o de um hotel junto ao Odéon, de um pequeno alojamento alugado perto da estação de metrô Glacière e um terceiro, disse Vera, já não sei em que bairro, e atormentava-a a ideia de poder confundir, num momento crucial, estes endereços e por culpa sua extraviar a correspondência, ao mesmo tempo que temia que as cartas de Maximilian para ela tivessem sido confiscadas pelos serviços de segurança à sua chegada a Praga. E o fato é que a caixa do correio esteve sempre vazia até o Inverno de 1941, o período durante o qual Agáta ainda viveu na šporkova, de modo que, disse-me ela uma vez de um modo estranho, era como se as mensagens em que depositávamos as nossas últimas esperanças fossem precisamente aquelas que os maus espíritos que sulcavam o ar à nossa volta desencaminhavam ou engoliam. Só mais tarde, disse Vera, compreendi com que justeza este comentário de Agáta se aplicava aos invisíveis terrores que então acoassavam a cidade de Praga, quando soube a que ponto os alemães perverteram o direito e os atos de violência por eles cometidos quotidianamente nas caves do Palácio Petschek, na prisão Pancrác e no terreno das execuções, fora, em Kobylisy. Por um delito, uma simples infração dos regulamentos vigentes, podia-se ser condenado à morte, era dado à pessoa um período de noventa segundos para se defender diante do juiz e depois enforcavam-na imediatamente na sala de execuções anexa à do tribunal que tinha uma barra de ferro a todo o comprimento do tecto na qual empurravam um pouco mais os corpos sem vida para arranjar lugar conforme as necessidades. A factura pelas custas deste processo sumário era

enviada aos parentes do enforcado ou guilhotinado, informando que podia ser paga em prestações mensais. Embora nessa época quase nada disto transpirasse para o exterior, o medo dos Alemães espalhou-se por toda a cidade como um miasma insidioso. Agáta asseverava que se infiltrava até pelas portas e janelas fechadas, cortando a respiração. Quando revejo esses dois anos que se seguiram à chamada eclosão da guerra, disse Vera, é como se nesse tempo tudo estivesse a ser sugado cada vez mais depressa para dentro de um turbilhão. Na rádio, corriam, lidas pelos locutores num tom singularmente agudo, como se tivessem a laringe comprimida, as notícias dos sucessos ininterruptos da Wehrmacht que em pouco tempo ocupara todo o continente europeu e cujas campanhas, uma após outra e segundo uma lógica aparentemente implacável, abriam aos Alemães a perspectiva de um império mundial onde todos eles, por pertencerem ao povo eleito, poderiam ingressar nas mais brilhantes carreiras. Vera disse-me estar convencida, disse Austerlitz, de que nesses anos do rol de vitórias, até os últimos alemães ainda cépticos foram tomados por uma espécie de embriaguez das alturas, ao passo que nós, os oprimidos, vivíamos como se abaixo do nível do mar, forçados a ver as SS penetrarem na economia de todo o país, um negócio após outro passar para as mãos de administradores alemães. Até a fábrica de fez e pantufas de Sternberg eles arianizaram. O que quer que Agáta tivesse ainda a seu dispor mal chegava para as necessidades mais prementes. As suas contas bancárias estavam congeladas, pois fora obrigada a entregar uma declaração de rendimentos de oito páginas, com dúzias de rubricas. Estava também rigorosamente proibida de dispor de objetos de valor como quadros ou antiguidades e lembro-me, disse Vera, de ela ter mostrado um dia, numa das proclamações da potência ocupante, uma passagem onde se lia que em caso de infração tanto o judeu em causa como o comprador incorriam nas mais severas medidas policiais. O judeu em causa!, exclamara Agáta, acrescentando: Como escreve esta gente! Até faz fugir a vista. Creio que foi no fim do outono de 1941, disse Vera, que Agáta teve que entregar no Centro de Recolha Obrigatória o seu rádio, o gramofone com os discos que tanto amava, o binóculo e as lunetas de ópera, instrumentos musicais, joias, peles e o guarda-roupa que Maximilian não tinha levado. Por um qualquer erro inadvertidamente cometido nessa ocasião, mandaram-na, num dia gélido — o Inverno, disse Vera, chegou muito cedo nesse ano — limpar neve à pá para o campo de aviação de Ruzyni e às três da manhã do dia seguinte, no silêncio da noite, os dois emissários da comunidade religiosa com quem ela contava há já algum tempo vieram com a notícia de que Agáta devia preparar-se para ser levada dali a seis dias. Vera, disse Austerlitz, descreveu-me estes emissários, dois indivíduos extremamente semelhantes, com rostos algo indistintos, de contornos vagos, que traziam uns casacos cintados

com diversas pregas, bolsos, lapelas com botões e cinto que, sem que se pudesse ver claramente a sua utilidade, pareciam muito convenientes. Estiveram algum tempo a falar com Agáta em voz baixa e entregaram-lhe um maço de impressos nos quais, como depois se viu, tudo estava dito e registrado até o último pormenor: onde e quando a pessoa convocada devia apresentar-se, que peças de vestuário — saia, capa, gorro quente, proteção para as orelhas, luvas, camisola, roupa interior etc. — devia levar, objetos de uso pessoal aconselháveis, por exemplo, estojo de costura, graxa, fogareiro a álcool e velas; total da mala grande, que não deveria exceder os cinquenta quilos, o que devia ser levado como bagagem de mão e provisões de boca, a rotulagem das malas, com nome, destino e o número atribuído; todos os impressos deviam ser preenchidos e devidamente rubricados e não era permitido levar coxins ou outras partes de objetos de mobiliário nem fazer mochilas ou sacos de tapetes persas, casacos de inverno ou retalhos de tecidos valiosos; proibido usar fósforos, isqueiros e fumar no local de embarque e depois também; e todas as ordens emanadas dos órgãos oficiais eram para ser seguidas sem excepção. Logo vi, disse Vera, que Agáta seria incapaz de respeitar todas estas instruções expressas numa linguagem verdadeiramente nauseante; em vez disso, atirou com umas quantas coisas absolutamente nada práticas para um saco, como quem parte para um fim de semana, por isso, por mais difícil que me fosse e por mais que o gesto me tenha feito sentir culpada, acabei eu por fazer as malas enquanto ela se limitava a ficar à janela, de costas voltadas para mim, a olhar para a rua vazia. De manhã cedo, no dia aprazado, ainda escuro, partimos, com a bagagem dela atada a um trenó e, sem trocarmos uma palavra, no meio da neve a remoinhar à nossa volta, fizemos o longo caminho pela margem esquerda do Moldava, através do parque, até o Palácio das Exposições de Holešovice. A medida que nos aproximávamos desse lugar fomos vendo surgir das trevas pequenos grupos de pessoas muito carregadas que penosamente seguiam na mesma direção sob o nevão cada vez mais espesso, de forma que pouco a pouco foi-se formando uma caravana descontínua com a qual, por volta das sete horas, chegamos à entrada parcamente iluminada por uma única luz eléctrica. Ali aguardamos no meio da multidão dos que tinham sido convocados, que de tempos a tempos um murmúrio angustiado percorria e onde havia velhos e crianças, gente distinta e gente simples, e todos, segundo as instruções recebidas, com o respetivo número de transporte pendurado ao pescoço por um fio. Agáta em breve me pediu que a deixasse. A despedida, abraçou-me e disse: O parque Stromovka é ali em frente. Vais lá passear por mim, algumas vezes? Gostei tanto desse lugar tão lindo. Talvez, se olhares para a água escura dos lagos, um dia destes vejas a minha cara. E pronto, disse Vera, voltei para casa. Levei mais de duas horas a regressar

à šporkova. Tentei imaginar onde estaria Agáta então, se aguardava ainda à entrada ou estava já dentro do recinto da Feiras Industrial. Vários anos depois soube como era o lugar, pela boca de um sobrevivente. Os selecionados para o transporte foram guardados numa barraca de madeira sem aquecimento, glacial no meio do Inverno. Era um lugar desolado onde, à luz fraca das lâmpadas, reinava a maior confusão. Muitos dos que acabavam de ser trazidos viram as suas bagagens revistadas, dinheiro, relógios e outros objetos de valor entregues a um Hauptscharführer chamado Fiedler, temido pela sua brutalidade. Sobre uma mesa, uma porção de baixelas de prata, ao lado de peles de raposa e capas de astracã. Anotavam características pessoais, distribuía questionários e a chamada legitimação civil com o carimbo EVACUADO ou GUETOIZADO. Os funcionários alemães e os seus auxiliares checos e judeus corriam afadigados em todas as direções e havia muita gritaria, correrias e também pancada. Os que iam partir tinham que permanecer nos lugares que lhes tinham destinado. A maior parte dessas pessoas estava calada, muitos choravam em silêncio, mas não raro havia acessos de desespero, gritos sonoros e crises de fúria. Ficaram vários dias nessa barraca do Palácio de Exposições até que por fim, a uma hora matutina, quando não havia quase ninguém no caminho, foram levados sob escolta, a marchar, até a estação de Holešovice, ali perto, onde ao longo de três horas estiveram a metê-los em camiões. Mais tarde, disse Vera, fiz muitas vezes o caminho de Holešovice, do parque de Stromovka até a feira industrial e costumava visitar o lapidário ali instalado nos anos 60, passava horas a ver as amostras minerais nas vitrinas, cristais de pirite, malaquites da Sibéria verde-escuro, micas da Boêmia, granito e quartzo, basaltos negros como pez, calcário isabelino, e perguntava-se em que alicerces assenta o nosso mundo. Na šporkova, contou-me Vera, disse Austerlitz, no mesmo dia em que Agáta teve que sair de casa, apareceu um delegado do Centro de Administração dos Bens Requisitados, que afixou um letreiro na porta. Entre o Natal e o Ano Novo, apareceu um grupo de indivíduos extremamente obscuros para levar tudo o que restava, móveis, candeeiros e lustres, tapetes e cortinados, livros e partituras, o vestuário que houvesse nos armários e gavetas, roupa de cama, almofadas, estofos, cobertores, atoalhados, louças e utensílios de cozinha, as plantas em vasos e os guarda-chuvas, os alimentos não consumidos, como os frascos de peras e cerejas há anos esquecidos na cave e as batatas que restavam, tudo, até a última colher, levaram para um dos cinquenta ou mais depósitos onde estes bens ora sem dono eram, com o rigor exaustivo próprio dos Alemães, eram um a um registrados, avaliados, e se necessários lavados, escovados ou consertados e por fim arrumados em prateleiras. Por fim, disse Vera, apareceu ainda na šporkova um funcionário da desinfecção. Este saneador pareceu-me um indivíduo

particularmente sinistro, com uns olhos de mau que me trespassavam. Ainda hoje me persegue em sonhos, vejo-o fumigando os quartos, envolto numa nuvem de fumaça branca venenosa. — Quando Vera chegou ao fim do seu relato, prosseguiu Austerlitz naquela manhã em Alderney Street, entregou-me, após uma longa pausa durante a qual o silêncio na casa da šporkova parecia acentuar-se a cada respiração, duas fotografias de pequeno formato, talvez nove por seis centímetros, que estavam na mesinha ao lado da sua cadeira, fotografias que encontrara por acaso na véspera dentro de um dos cinquenta e cinco volumes de Balzac encadernados de vermelho e que já não sabia como tinham ido parar em suas mãos. Vera disse que não se lembrava de abrir as portas de vidro nem de tirar o livro da série de todos os outros, apenas se via sentada ali, naquela poltrona, a folhear, pela primeira vez desde aquele tempo, insistiu ela em frisar, as páginas dessa história que, como é sabido, tratam da grande injustiça de que é vítima o Coronel Chabert. Como teriam as duas fotografias ficado entre as suas páginas, era um mistério, disse Vera. Provavelmente, Agáta teria pedido o livro emprestado enquanto ainda ali vivia, na šporkova, nas semanas que precederam a chegada dos Alemães. De qualquer modo, uma das fotografias mostra um palco de teatro de província, talvez em Reichenau, em Olmütz, ou noutro dos sítios onde Agáta se apresentava por vezes antes do seu primeiro contrato em Praga. À primeira vista, contou Vera, pensara, disse Austerlitz, que as duas pessoas na esquerda baixa eram Agáta e Maximilian — eram tão minúsculas que não se reconheciam bem —, mas depois viu, naturalmente, tratar-se de outras pessoas, talvez o empresário, ou um ilusionista com a sua assistente. Perguntava a si própria, disse Vera, que gênero de espetáculo da época poderia fazer-se naquele cenário medonho e pensara, por causa da alta montanha em fundo e do ar agreste do terreno arborizado, que poderia ser Guilherme Tell ou La Sonnambula, ou então a última peça de Ibsen.



Imaginei o rapaz suíço com a maçã sobre a cabeça ; vivi o instante de terror em que o sobrado se abate sob os pés da sonâmbula e pressenti que, das paredes rochosas lá no cimo, iria desprender-se a avalanche que havia de arrastar aquela pobre gente perdida (senão, como teriam ido até tão ermas paragens?), para as profundezas. Passaram alguns minutos durante os quais também eu julguei ver a massa de neve esmagar-se no vale, até ouvir de novo Vera, que falava do insondável que são as fotografias arrancadas ao esquecimento. Tem-se a impressão, disse ela, de que alguma coisa nelas mexe, como se captássemos gemidos de desespero, *des gémissements de désespoir*, sugeriu ela, disse Austerlitz, como se as imagens tivessem uma memória própria e se recordassem de nós, os sobreviventes, e a nós recordassem quem fomos e quem foram os outros, os que já não estão conosco. Sim, e aqui, na outra fotografia, disse Vera um tempo depois, és tu, Jacquot, no mês de fevereiro de 1939, meio ano antes de teres partido de Praga. Tinhas sido autorizado a ir com Agáta a um baile de máscaras em casa de um dos seus admiradores influentes e confeccionaram-te este terno branco especialmente para a ocasião. Jacquot Austerlitz, pae rúové královny, está escrito no verso, na caligrafia do teu avô, que deve ter vindo de visita nessa altura. Tinha a fotografia na minha frente, disse Austerlitz. mas não me atrevia a tocar-lhe. Martelavam-me a cabeça as palavras pae ruové královny, pae ruové královny, até que de muito longe me chegou o seu significado e vi de novo o quadro vivo da Rainha das Rosas com o menino que lhe leva a cauda do vestido.



Mas, por mais que tentasse, nessa noite e depois, não me lembrava de mim nesse papel. Conhecia bem a pouco habitual linha do cabelo atravessada na testa, mas de resto tudo em mim se perdia num sentimento fortíssimo de obsolescência. Desde então, tenho estudado muitas vezes a fotografia, o campo plano e nu onde me encontro e que não faço ideia onde se situava; a zona escura esbatida no horizonte, o halo claro e fantasmagórico que emoldura o cabelo encaracolado do rapaz, a mantilha sobre o seu braço que parece dobrado ou, pensei eu uma vez, disse Austerlitz, partido ou em talas, os seis grandes botões de madrepérola, o chapéu extravagante com penacho e mesmo as rugas das meias, examinei à lupa todos os detalhes sem encontrar o mínimo indício. Senti-me sempre trespassado pelo olhar inquiridor do pajem que tinha vindo reclamar o seu quinhão e ali aguardava, à luz cinzenta da alvorada, no campo deserto, que eu levantasse a luva e evitasse o seu infortúnio futuro. Na šporkova, naquela noite, quando Vera me pôs na frente a imagem do menino-cavaleiro, não fiquei, como seria de esperar, comovido ou perturbado, disse Austerlitz, mas sim sem fala e aturdido, incapaz de raciocinar. E mais tarde, quando pensava no pajem de cinco anos, enchia-me de um pânico cego. Uma vez, sonhei que voltava à casa de Praga após uma longa ausência. Todos os móveis estão no devido lugar. Sei que os pais estão para chegar de férias e que tenho que lhes dar uma coisa

importante. Não tenho conhecimento de que morreram há muito tempo. Sei simplesmente que são muito velhos, por volta dos noventa ou cem anos, que é o que na realidade deviam ter se ainda fossem vivos. Mas quando finalmente chegam à porta, têm trinta e muitos anos. Entram, dão a volta à casa, pegam nisto e naquilo, sentam-se por momentos no salão e conversam um com o outro na linguagem enigmática dos surdos-mudos. Não dão por mim. Pressinto que em breve partirão para o lugar onde agora moram, na montanha. Não me parece que conheçamos bem as normas que regem o retorno do passado, antes sinto cada vez mais que o tempo não existe, pelo contrário, há apenas diversos espaços que se interligam segundo as leis de uma estereometria superior, que vivos e mortos podem deslocar-se neles como lhes aprouver e quanto mais penso nisso mais me parece que nós, os que ainda vivemos, somos, aos olhos dos mortos, irrealidades que somente com certa luz e conforme as condições atmosféricas se tornam seres. Tanto quanto me lembro, disse Austerlitz, sempre me senti como se não tivesse lugar na realidade, como se não existisse, e nunca essa sensação foi tão forte como no serão da šporkova, quando o olhar do pajem da Rainha das Rosas me trespassou. Também no dia seguinte, na viagem para Terezín, não consegui saber onde estava e quem era. Lembro-me de ter passado por uma espécie de transe na plataforma da desolada estação de Holešovice, de os carris parecerem perder-se no infinito de ambos os lados, de tudo se me afigurar confuso e depois, no trem, de me ter debruçado de uma janela do corredor, ter olhado para fora e visto desfilar os arrabaldes de norte, os campos do Moldava, as vivendas e casas de férias na outra margem. A certa altura vi, do outro lado do rio, uma imensa pedreira abandonada, depois muitas cerejeiras em flor, umas quantas aldeias afastadas umas das outras e por fim nada além da terra bávara vazia. Quando, cerca de uma hora depois, saí do trem em Lovosice, parecia estar a viajar há semanas, sempre para leste e sempre para o passado. A praça à frente da estação estava deserta, com excepção de uma camponesa com vários casacos enfiados uns sobre os outros que esperava atrás de uma banca improvisada que alguém lhe comprasse as couves à sua frente, arrumadas como uma poderosa fortificação. Não se via um táxi, por isso meti a pé pelo caminho de Lovosice para Terezín. Quando começa a ficar para trás a cidade, cujo aspecto não sei recordar, disse Austerlitz, abre-se a norte um vasto panorama: no primeiro plano, um campo verde-veneno, mais atrás um complexo petroquímico já meio devorado pela ferrugem, de cujas torres e chaminés de arrefecimento saem nuvens de fumo branco, provavelmente sem cessar e há muitos anos. Mais ao longe, as formas cônicas dos montes boêmios, desenhando um semicírculo em torno da chamada bacia de Bohuovice e os cumes mais altos que, nessa manhã fria de neblina, desapareciam nas nuvens. Fui seguindo pela beira da estrada

reta, sempre a ver se aparecia a silhueta da fortaleza que não devia estar a mais de hora e meia de caminho.



Imaginei uma enorme cabeça erguendo-se na planície, mas Terezín, pelo contrário, está tão enterrada nos terrenos baixos e alagadiços da confluência do Eger com o Elba que, como li mais tarde, mesmo das colinas de Leitmeritz, e muito menos das imediações, tudo o que se vê é a chaminé da fábrica de cerveja e a torre de igreja. As paredes de tijolo erigidas no século XVIII segundo uma planta em estrela, sem dúvida à custa de trabalho escravo, erguem-se numa cova e não vão muito além do nível dos campos circundantes. Além disso, com o passar do tempo o antigo talude e as rampas silvadas tinham sido invadidos por toda a espécie de arbustos e matos, pelo que Terezín mais parece uma cidade camuflada, em grande parte enterrada no solo pantanoso da faixa alagável do que uma praça forte. De qualquer maneira, quando, naquela manhã úmida e fria, vinha de Lovosice a caminho de Terezín, só no último momento percebi que estava perto do meu objetivo. Obstruíam-me ainda a vista alguns bordos e castanheiros e já eu estava entre as fachadas das antigas casas da guarnição, uns passos mais levaram-me até a praça da parada que é rodeada por uma fileira dupla de árvores.



Logo de início, o que mais me impressionou nesse lugar e que ainda hoje não compreendi, disse Austerlitz, foi o seu vazio. Sabia por Vera que Terezín voltara a ser há muitos anos uma povoação normal, e contudo passou um bom quarto de hora antes que avistasse, do outro lado da praça, um indivíduo, uma figura encurvada avançando com extrema lentidão, apoiada num cajado, mas mal desviei os olhos por um momento, já tinha desaparecido. De resto, em toda a

manhã, não encontrei mais ninguém nas ruas direitas e desertas de Terezín, a não ser um louco andrajoso que me saiu ao caminho entre as tílias do parque da fonte e que, numa espécie de alemão adulterado, contava não sei que história gesticulando furiosamente, mas que também desapareceu da face da terra, como se costuma dizer, ainda com a nota de cem coroas que lhe tinha dado na mão. Se a desolação desta cidade fortificada de traçado reticular rigorosamente geométrico, como a Cidade do Sol de Campanella, era já excepcionalmente opressiva, mais ainda a rejeição das fachadas mudas atrás de cujas janelas cegas nunca, sempre que levantei os olhos, vi uma cortina se mexer. Não concebia, disse Austerlitz, quem pudesse habitar aquelas casas solitárias ou se ainda morava alguém, se bem que tenha notado nos fundos, alinhados contra a parede, um grande número de latões de lixo numerados em vermelho com grandes algarismos.



Mas o mais inquietante de tudo ainda foram as portas e portões de Terezín, todas elas, foi o que pensei sentir, destinadas a impedir o acesso a trevas nunca antes penetradas e onde, imaginei, disse Austerlitz, não mexia uma palha, a não ser que a cal se desprendesse das paredes e as aranhas fabricassem a sua teia com as patas miúdas e diligentes correndo pelos soalhos ou suspensas, à espreita, das suas sedas.









Há não muito tempo, ao despertar do sono, dei comigo a olhar para o interior de uma dessas casernas de Terezín. Estava cheia do chão ao tecto de teias confeccionadas camada após camada por esses animais engenhosos. Ensonado, lembro-me de tentar fixar essa visão onírica na sua poeira cinzenta que por vezes se agitava com uma corrente de ar e de procurar descobrir o que encerrava, mas foi-se esfumando sob a recordação, que me acudiu ao espírito, das vitrines reluzentes, do Antikos BAZAR no lado oeste da praça, onde, por volta do meio-dia, esperei muito tempo que alguém viesse, esperança vã, abrir o estranho armazém. O Antikos BAZAR é, além de uma mercearia, o único comércio de Terezín, tanto quanto pude ver. Ocupa toda a frente de uma das

maiores casas e penso que continua muito para o fundo.



Só pude ver bem o que estava em exposição na vitrine, que devia ser uma ínfima parte da tralha amontoada no interior do bazar. Mas mesmo as quatro naturezas mortas dispostas, com toda a evidência, de um modo arbitrário, que pareciam ter-se desenvolvido muito naturalmente no meio dessas tílias sombrias que rodeavam a praça e cujos ramos se refletiam nas vidraças, exerceram sobre mim tal atração que levei muito tempo a me libertar e ali fiquei, de testa colada ao vidro frio, estudando os cem diferentes objetos como se um deles, ou a relação entre eles, pudesse me dar a resposta inequívoca às muitas perguntas que me era impensável formular. Qual o sentido da toalha de renda branca pendurada do espaldar da otomana e da cadeira da sala de estar com a cobertura de brocado desbotado? Que segredo encerram os três almofarizes de latão de tamanhos diferentes que pareciam debitar um discurso oracular, as taças de cristal, jarras de cerâmica e canecas de barro, a tabuleta de folha com a inscrição Theresienstädter Wasser, a caixinha de conchas, o realejo em miniatura, o peso de papel esférico com maravilhosas flores marinhas flutuando nas esferas de vidro, o modelo de navio, uma espécie de corveta com as velas desfraldadas, a blusa folclórica de um linho leve e claro, tecido de verão, os botões de chifre de veado, o descomunal barrete de oficial russo e o casaco da farda verde-azeitona combinando, com dragonas douradas, a cana de pesca, a bolsa de caçador, o leque japonês, a paisagem interminável pintada em volta de um abajur com pinceladas finas (seria um rio da Boêmia ou do Brasil, esse que corre sossegadamente)?



E depois, numa vitrine do tamanho de uma caixa de sapatos, pousado num bocado de ramo de árvore, um esquilo embalsamado, com sítios já roídos das traças, que assestava implacavelmente em mim o seu olho de conta de vidro e cujo nome checo veverka me veio à memória como o de um amigo há muito caído no esquecimento. Que tem a ver, perguntei a mim próprio, disse Austerlitz, este rio sem nascente nem foz que corre sempre para si próprio, com o veverka, o esquilo para sempre parado na mesma pose, ou com a composição de porcelana cor de marfim que representa um herói em cima de um cavalo empinado, inclinado para trás para recolher com o seu braço esquerdo um ser feminino inocente que já perdeu todas as esperanças e o salvar de um perigo não visível ao observador, mas que só pode ser terrível?



Tão intemporais como este instante do salvamento que foi perpetuado mas acontece ali eternamente eram todos aqueles ornamentos, utensílios e lembranças enalhados no bazar de Terezín que devido a circunstâncias inescrutáveis sobreviveram aos seus antigos possuidores e resistiram ao processo de destruição, por isso eu podia agora ver no meio deles o reflexo quase indistinto da minha própria sombra. Enquanto esperava um pouco mais junto do bazar, prosseguiu Austerlitz passado algum tempo, tinha começado a cair uma chuva miudinha e como nem o dono da loja, de seu nome Augustyn Nemeček, nem qualquer outra pessoa queria mostrar-se, resolvi continuar a andar, fui percorrendo algumas ruas até que dei por acaso, no ângulo nordeste da praça, com o chamado Museu do Gueto, cuja existência ignorava. Subi os degraus e entrei no saguão onde estava, sentada atrás de uma espécie de mesa de caixa, uma senhora de idade incerta com uma blusa lilás e com o cabelo frisado à moda antiga. Pôs de lado o trabalho de renda em que se ocupava e inclinou-se um pouco para me estender o bilhete de acesso. A minha pergunta, se eu era o único visitante, respondeu que o museu estava aberto há pouco tempo e por isso era raro vir gente de fora, em especial nessa época do ano e com aquele tempo. E as pessoas de Terezín, de qualquer modo, não iam lá, disse ela, deitando a seguir a mão ao lenço branco que estava a rematar com umas laçadas vagamente semelhantes a pétalas de flores. Segui pois sozinho para as salas de exposição, as do mezanino e do andar de cima, parei diante dos painéis explicativos, umas vezes a toda a pressa, outras lendo as legendas letra a letra, olhei para as reproduções fotográficas e não queria crer nos meus olhos: muitas vezes fui obrigado a virar costas e ir até a janela dos fundos ver o jardim, pois pela primeira vez estava perante uma representação dessa história de perseguição de que o meu sistema de evasão me mantivera alheado tanto tempo e que agora, naquela casa, me cercava por todos os lados. Estudei os mapas do Grande Reich alemão e seus protetorados que até então não passavam de manchas brancas na minha consciência topográfica, aliás altamente desenvolvida, segui o traçado dos caminhos de ferro que o atravessavam, fiquei como cego diante dos documentos da política demográfica dos nacional-socialistas, pela evidência da sua mania obsessiva da ordem e da pureza expressa numa série de práticas monstruosas, em parte improvisadas, em parte levadas a extremos de zelo; fiquei ciente da instauração, em toda a Europa central, de um sistema escravagista, da exaustão deliberada da própria força de trabalho, da origem e lugar de morte das vítimas, dos trajetos que tinham seguido, que nome usavam em vida e qual o aspecto dos seus guardas. Tudo isso compreendi e nada compreendi pois, à medida que percorria o museu, de uma sala para a seguinte e depois voltando atrás, sendo, como temo que fosse, culpado de ignorância, todos os detalhes que se me

revelavam ultrapassavam em muito a minha compreensão. Vi as peças de bagagem com que tinham chegado a Terezín os condenados vindos de Praga e de Pilsen, de Würzburg e de Viena, de Kufstein e de Karlsbad e de incontáveis outros lugares, objetos como bolsas de mão, fivelas de cintos, escovas de roupa e pentes por eles fabricados nas diversas manufaturas, planos de produção meticulosamente elaborados e projetos de exploração agrícola em áreas de cultivo no fosso das muralhas e no talude onde, em talhões rigorosamente delimitados, tinham que cultivar aveia e cânhamo ou então lúpulo, abóboras e milho. Vi folhas de balanço, registros de mortos, listas de toda a espécie e infindáveis colunas de algarismos e números que deviam servir para os administradores terem a certeza de que nada deixava de passar pelos seus olhos. E agora, sempre que penso no museu de Terezín, disse Austerlitz, vejo a planta encaixilhada das fortificações em estrela feita a aguarela de tons suaves de verde e ocre a mando de Sua Alteza real e imperial de Viena e, perfeitamente inserido nos acidentes do terreno circundante, o modelo de um mundo concebido racionalmente e regulamentado ao pormenor. Nunca foi sitiada, esta fortaleza impenetrável, nem pelos Prussianos, em 1866, pelo contrário, exceptuando que nas casamatas de um dos seus baluartes definharam não poucos presos políticos do império habsburgo, atravessou todo o século XIX como guarnição tranquila para dois ou três regimentos e cerca de dois mil civis, cidade situada um tanto à margem, de muros amarelos, com pátios interiores, arcadas, árvores podadas, padarias, cervejarias, casas de jogo, quartéis, arsenais, coretos, partidas ocasionais para manobras, esposas de oficiais a morrer de tédio e um regulamento de serviço que se cria eterno. Por fim, disse Austerlitz, quando a rendilheira veio ter comigo e me disse que não tardaria em fechar, ainda li pela enésima vez, num dos quadros, que em meados de Dezembro de 1942, portanto, precisamente quando Agáta chegou a Terezín, estavam encerradas no gueto, numa construção edificada numa superfície de um quilómetro quadrado, umas sessenta mil pessoas, e momentos depois, no exterior, na praça deserta, tive a nítida impressão de que afinal nunca os tinham levado embora, viviam ainda empilhados naquelas casas, nas caves e nos sótãos, subiam e desciam incansavelmente escadas, olhavam pelas janelas, deslocavam-se em grande número pelas ruas e vielas e, numa assembleia muda, enchiam até o espaço ocupado pelo ar tracejado a cinzento pela chuva fina. Com esta imagem nos olhos subi para o autocarro antigo que, surgido do nada, parou junto ao passeio mesmo à minha frente, a uns passos apenas da entrada do museu. Era um daqueles transportes que ligam o interior à capital. O motorista entregou-me sem palavras o troco de um bilhete de cem coroas e lembro-me ainda de ter ido até Praga com as moedas bem fechadas na mão. Lá fora, os campos da Boêmia iam

ficando cada vez mais escuros, estacas de lúpulo nuas, leiras de um castanho carregado, tudo plano e vazio. O autocarro ia sobreaquecido. Sentia que se formavam na minha testa gotas de suor e tinha o peito apertado. A certa altura voltei-me e vi que os passageiros iam a dormir, todos sem exceção. Os corpos torcidos debruçavam-se ou pendiam dos assentos. A um caía a cabeça para a frente, a outro pendia para o lado ou ia atirada para trás. Muitos emitiam um leve estertor. Apenas o motorista olhava para a frente, para a faixa da estrada reluzente da chuva. Como muitas vezes acontece quando se viaja para o sul, tinha a sensação de descer, sobretudo quando chegamos aos arredores de Praga e me pareceu que baixávamos por uma espécie de rampa e entrávamos num labirinto que percorríamos muito devagar, ora para a esquerda, ora para o outro lado, até que perdi totalmente o sentido de orientação. Por isso, ao chegarmos à estação rodoviária de Praga que ao princípio da noite é uma placa giratória superpovoada, ao romper pelo meio dos milhares de pessoas que esperavam, embarcavam e desembarcavam, segui pelo caminho errado. Na rua, era tanta gente vindo na minha direção, disse Austerlitz, a maior parte com grandes malas, rostos motivados, que pensei que, só podiam estar indo para o centro da cidade. Mas, vi mais tarde na planta, não fui para o centro, como antes pensara, seguindo uma linha mais ou menos reta, não, descrevi um amplo arco que quase me levava ao Vyerhad, contornei-o, seguindo depois pela Cidade Nova e pelas margens do Moldava até o meu hotel, na ilha de Kampa. Já era tarde quando me deitei, esgotado pela longa caminhada, e procurei adormecer ao som da água que galgava a represa sob a minha janela. Mas, quer fechasse quer abrisse os olhos, a noite toda vi imagens de Terezín e do Museu do Gueto, os tijolos dos muros da fortaleza, as vitrines do bazar, as infindáveis listas de nomes, uma mala de viagem de couro com uma dupla etiqueta dos hotéis Bristol de Salzburgo e de Viena, as portas fechadas que tinha fotografado, as ervas que cresciam entre as pedras da calçada, uma pilha de briquetes diante do respiro de uma cave, os olhos de vidro do esquilo e as sombras de Agáta e de Vera rebocando o tremó carregado no meio da tempestade de neve a caminho dos terrenos da Feira Industrial de Holešovice. Somente ao amanhecer dormi um pouco, mas mesmo então, em profunda inconsciência, não parou o fluxo de imagens, pelo contrário, adensaram-se ainda mais num pesadelo em que me apareceu, se; lá vindo de onde, no meio de uma região devastada situada no norte da Boêmia, a cidade de Dux que sabia ser o lugar onde Casanova passou os últimos anos da sua vida, no castelo do conde Waldstein, com o manuscrito das suas memórias, vários tratados matemáticos e esotéricos e o seu romance futurista em cinco partes *Icosameron*. Vi no meu sonho o velho libertino reduzido ao tamanho de um menino, rodeado pelas filas de lombadas douradas dos mais de quarenta mil

volumes da biblioteca do conde Waldstein, sozinho, à sua escrivaninha, numa tarde desagradável de novembro. Tinha tirado a cabeleira empoadada e o seu cabelo ralo pairava sobre a sua cabeça numa pequena nuvem branca. um sinal da dissolução da sua corporalidade. O ombro esquerdo um pouco inclinado, escrevia ininterruptamente. Não se ouvia mais nada além do roçar da pena que só parava quando o escritor erguia o olhar por uns segundos e os seus olhos úmidos, já meio cegos para a visão ao longe, buscavam a pouca luz que ainda restasse lá fora, sobre o parque de Dux. Para além do recinto, toda a região que vai de Teplice a Most e a Komutov estava inteiramente às escuras. A norte, de uma ponta a outra do horizonte, erguiam-se as montanhas da fronteira como um muro negro e ao longo do seu sopé as terras feridas, devastadas, encostas e socos implantados muito abaixo do que outrora fora a superfície da terra. Onde antes o solo era firme, onde corriam caminhos, onde viveram pessoas, raposas atravessaram os campos e aves de toda a espécie voaram de arbusto em arbusto, nada mais restava que espaço vazio um solo de pedras e cascalho e água estagnada, intocado até pelo movimento do ar. Como navios deslocando-se no escuro, as sombras de centrais termoelétricas queimando linhite, blocos cor de giz, torres de arrefecimento com bocas denteadas, altas chaminés encimadas por penachos imóveis de fumo branco recortadas contra as cores doentias que raiavam o céu ocidental. Somente o lado noturno do firmamento mostrava umas quantas estrelas, luzes baças e fuliginosas que se iam extinguindo uma a uma deixando crostas de feridas nas órbitas que sempre percorreram. A sul, num vasto semicírculo, erguiam-se os cones dos extintos vulcões boêmios que eu, no meu pesadelo, queria que entrassem em erupção e cobrissem de cinza negra tudo em redor. — Só por volta das duas e meia do dia seguinte, depois de me ter recomposto um pouco, saí da ilha de Kampa para ir à šporkova fazer a que seria, de momento, a minha última visita, continuou Austerlitz. Tinha já dito a Vera que iria fazer de novo a viagem de Praga para Londres de trem, através dessa Alemanha que não conhecia, mas que em breve voltaria e talvez arranjasse casa perto dela por alguns meses. Era um desses dias de Primavera luminosos e transparentes como vidro. Vera queixou-se de uma dor surda por trás dos olhos que a afligia já desde manhã cedo e pediu-me que corresse as cortinas das janelas do lado do sol. Na penumbra, recostada na sua poltrona de veludo vermelho, de pálpebras cerradas, ouviu-me contar o que tinha visto em Terezín. Perguntei também a Vera o nome checo do esquilo e ela respondeu, passado o momento que levou um sorriso a abrir-se lentamente no seu belo rosto, que se chama veverka. Contou-me então, disse Austerlitz, que muitas vezes estivéramos junto da cerca superior do jardim de Schönborn a ver os esquilos enterrando os seus tesouros. Depois de chegarmos a casa, tinha sempre que te ler alto o trecho

do teu livro favorito, que no entanto conhecias de cor da primeira à última linha, sobre a passagem das estações do ano, disse Vera, acrescentando que nunca me cansava de ver, em particular, as estampas sobre o Inverno, as lebres, os corços e as perdizes paralisados de espanto perante a paisagem coberta pelo nevão recente, e sempre que chegávamos a essa página, contou também Vera, disse Austerlitz, onde se lê que a neve cai através das copas das árvores e não tarda a revestir todo o solo da floresta, eu olhava para ela e perguntava: mas quando tudo estiver branco, como fazem os esquilos para saberem onde enterraram a comida? *Ale kdy vechno zakryje snih, jak veverky najdou to misto, kde si schovaly zásoby.* Era assim, disse Vera, que eu perguntava sempre o que tanto me inquietava. Sim, como é que os esquilos sabem, e que sabemos nós ao certo, e como nos lembramos, e, no fim, que desenterramos nós? Foi seis anos depois de nos despedirmos no portão do parque de exposições em Holešovice, prosseguiu Vera, que soube que em Setembro de 1944 Agáta tinha sido deportada para leste com mais milhar e meio de outros internados em Terezín. Ela própria, disse Vera, estava então incapaz de pensar em nada, nem em Agáta ou no que poderia ter-lhe acontecido, nem no que seria a sua própria vida num futuro sem sentido. Passou semanas inteiramente fora de si, sentindo uma espécie de estiramento exterior do seu corpo, tentou encontrar o fio à meada mas não conseguia acreditar que tudo acontecera realmente como acontecera. Todas as intermináveis diligências ulteriores que fez para tentar descobrir o meu paradeiro em Inglaterra e o do meu pai em França não obtiveram resultados. Por mais esforços que se fizesse, tudo era sempre como rastros perdidos na areia, pois à época, com um exército de censores a semear a barafunda nos correios, as respostas do estrangeiro levavam meses a chegar. Vera disse-me que talvez, disse Austerlitz, fosse de outro modo se ela tivesse podido dirigir-se pessoalmente às instâncias adequadas, mas faltaram-lhe tanto a oportunidade como os meios. E assim vão passando sem darmos por isso os anos que, em retrospectiva, parecem um só dia de chumbo. É certo que ela entrara para o ensino e se esforçara por prover às suas necessidades, mas desde esse tempo nunca mais respirou nem sentiu qualquer emoção. Somente nos livros do século passado e do anterior confiava ainda para ter uma ideia do que se chama estar vivo. A seguir a estes comentários de Vera seguia-se muitas vezes um total silêncio, como se nenhum de nós soubesse como continuar, disse Austerlitz, e mal demos pelo escoar das horas na casa obscurecida da šporkova. Ao anoitecer, quando me despedi de Vera com as suas mãos imponderáveis entre as minhas, acudiu-lhe ao espírito que Agáta, no dia da minha partida, na estação Wilson, quando o trem já desaparecia de vista, se tinha voltado para ela e dito: Ainda no Verão passado partimos daqui para Marienbad. E agora, para onde vamos nós agora? Esta

reminiscência, que não apreendi imediatamente, em breve me ocupou de tal maneira que nessa mesma noite eu, que quase nunca telefono a ninguém, telefonei a Vera do meu hotel na ilha. Sim, disse ela, numa voz que a fadiga tornava muito ténue, estivemos lá nesse tempo, no Verão de 1938, todos juntos, em Marienbad, a Agáta, o Maximilian, ela própria e eu. Foram três semanas maravilhosas, quase edílicas. Os termalistas com peso a mais ou excessivamente magros que deambulavam com particular lentidão pelas instalações com os seus copos na mão, irradiavam serenidade, comentara Agáta certa vez distraidamente. Ficamos na pensão Osborne-Balmoral Associados, mesmo por trás do Palace Hotel. De manhã íamos normalmente aos banhos e de tarde dávamos intermináveis passeios pelos arredores. Não tinha a mínima recordação dessas férias em que tinha quatro anos acabados de fazer, disse Austerlitz, e talvez tenha sido por isso que mais tarde, no fim de Agosto de 1972, nesse mesmo sítio, senti uma angústia cega ante a viragem para melhor que parecia iniciar-se então na minha vida. Tinha sido convidado por Marie de Verneuil, com quem mantinha correspondência desde os meus tempos de Paris, a acompanhá-la numa viagem pela Boêmia, onde ela devia efetuar alguns estudos históricos sobre a evolução arquitetônica das estâncias termais europeias e, penso hoje poder afirmá-lo, disse Austerlitz, ela queria também libertar-me do meu isolamento. Tinha preparado tudo o melhor possível. O seu primo Frédéric Félix, adido à embaixada de França em Praga, mandou uma enorme limusina Tatra buscar-nos ao aeroporto e levar-nos diretamente para Marienbad. Passamos duas ou três horas confortavelmente instalados nos estofos do banco de trás do carro enquanto seguíamos para oeste, atravessando uma região vazia por estradas com longas retas, ora descendo ao fundo de depressões, ora subindo a extensos planaltos dos quais a vista alcançava grandes distâncias, até, disse Marie, onde a Boêmia encontra o Mar Báltico. Por vezes passávamos cristas pouco elevadas, cobertas de florestas azuis recortadas em dentes de serra no céu uniformemente cinzento. Quase não havia trânsito. Muito raramente, aconteceu cruzar-nos com pequenos carros ligeiros e ultrapassamos um camião que se arrastava por uma longa subida deixando atrás de si espessas baforadas de gases de escape. E todo o caminho.

Desde que saímos do aeroporto, em Praga, fomos seguidos, sempre à mesma distância, por dois motociclistas fardados. Levavam capacetes de couro, óculos escuros de proteção, e as carabinas sobressaíam enviesadas dos seus ombros direitos. Estes dois acompanhantes não convidados puseram-me pouco à vontade, disse Austerlitz, sobretudo quando, depois de passarmos um cabeço, começamos a descer e eles desapareceram durante algum tempo do retrovisor para logo a seguir reaparecerem, ainda mais ameaçadores por as suas silhuetas se

recortarem já ao lusco-fusco. Marie, que não se deixava intimidar tão facilmente, ria-se e dizia que aqueles dois cavaleiros das trevas eram sem dúvida a guarda de honra dispensada pela SSR aos visitantes oriundos de França. Enquanto nos aproximávamos de Marienbad por uma estrada ladeada por montes arborizados e sempre a descer, foi escurecendo e lembro-me, disse Austerlitz, de ter sido tomado por uma ligeira inquietação quando saímos da cerração de pinheiros que cresciam até as casas e entramos sem ruído na cidade parcamente iluminada por uns quantos candeeiros de rua. O carro parou diante do Palace Hotel. Marie falou ainda com o motorista enquanto ele descarregava as nossas coisas, depois entramos no saguão a que uma fila de grandes espelhos murais duplicava o tamanho, tão vazio, tão silencioso que dir-se-ia ter já soado há muito a meia-noite. Decorreu muito tempo até que o recepcionista, cujo balcão ocupava um compartimento exíguo, levantasse os olhos da sua leitura para cumprimentar os hóspedes tardios com um Dobryveèr murmurado quase inaudivelmente. Esse homem de magreza extrema, em quem logo se fazia notar, por não poder ter mais de quarenta anos, a testa engelhada por rugas a partir da cana do nariz, procedeu às necessárias formalidades com imensa lentidão, quase como se se movesse numa atmosfera mais densa do que nós e sem uma palavra a mais: pediu para ver os nossos vistos, folheou os passaportes e o seu registro, fez uma longa entrada num caderno escolar quadriculado com uma caligrafia arrebicada, deu-nos um questionário para preencher, vasculhou uma gaveta à procura de uma chave e por fim, mediante uma campainha, fez surgir do nada um pacote que trazia uma bata de náilon cinza-rato a dar pelos joelhos e, tal como o próprio recepcionista, estava atacado por uma fadiga patológica que lhe paralisava as pernas. Quando subiu à nossa frente até o terceiro andar com as duas malas leves — o elevador metálico pata que Mane tinha chamado a minha atenção — entráramos no saguão estava à muito tempo morto de serviço — parecia um alpinista vencendo uma parte difícil da ascensão já perto do cume e acabou por ter que parar várias vezes para recobrar o fôlego, e nós parávamos também, dois degraus abaixo dele. Na subida não encontramos vivalma, com excepção de um segundo criado, vestido com a mesma bata cinzenta que o seu colega, devia ser, pensei eu, a de todos os empregados de hotéis de termas do Estado, que dormia sentado e, ao lado, no chão, uma bandeja com um copo quebrado. O quarto, um quarto que mais parecia um sótão de tempos idos. Marie começou logo a instalar-se, abriu todos os armários, foi ao quarto de banho, experimentou as torneiras e o enorme chuveiro antigo, inspecionou tudo atentamente. Estranho, disse ela no fim, mas parecia-lhe que, embora tudo o resto estivesse em ordem, a escrivanhinha aparentava não ser limpa há anos. Perguntou-me, disse Austerlitz, que explicação dar a tão notável fenómeno. Seria a escrivanhinha o lugar dos

fantasmas? Já não sei o que lhe respondi, disse Austerlitz, mas lembro-me de nessa noite termos ficado sentados à janela um par de horas e Marie me contar muitas coisas da história das termas, o abate da floresta no barranco junto às nascentes, no princípio do século XIX, a construção desordenada das primeiras habitações e albergues neoclássicos nas encostas e o grande desenvolvimento que se seguiu. Mestres de obras, pedreiros, caiadores, serralheiros e estucadores vieram de Praga, Viena e de toda a parte, até mesmo da Venécia. Um dos jardineiros da corte do príncipe Lobkowitz iniciou a transformação da floresta num parque paisagístico à inglesa, plantou árvores autóctones e rasas, colocou canteiros rodeados de sebes, traçou avenidas, túneis de verdura e mirantes. Nasceram do chão hotéis cada vez mais orgulhosos e salas de estar, balneários, gabinetes de leitura, uma sala de concertos e um teatro onde não tardaram a apresentar-se os corifeus das mais diversas artes. Em 1873 foi erigida a grande colunata de ferro e Marienbad passou a contar-se entre as mais mundanas estâncias da Europa. Das águas minerais, em especial da Fonte de Auschowitz afirmava Marie — e aqui, disse Austerlitz, com o seu forte sentido do cômico, ela lançou-se numa verdadeira coloratura verbal de termos médicos de diagnóstico — serem particularmente recomendadas para a obesidade que então grassava entre a classe burguesa, para problemas de estômago, preguiça intestinal e outros males do abdômen, distúrbios menstruais, cirrose do fígado, hipocondria esplênica, doenças dos rins, bexiga e trato urinário, adenomas e deformações escrofulosas, mas também para debilidade nervosa e muscular, astenia, tremura dos membros, paralisia, fluxos mucosos e sanguíneos, erupções cutâneas crônicas e quase todas as afecções imagináveis. Tenho em mente uma imagem, disse Marie, de homens muito gordos que ignoravam os conselhos que os médicos lhes davam de prescindirem dos prazeres da mesa, copiosos à época mesmo em termas, como meio de calar, pelo aumento da pujança física, a inquietante preocupação que neles suscita continuamente a defesa da sua posição social e vejo também outros aquistas, senhoras, na sua maioria, que, já pálidas e um tanto amarelas, deambulam ensimesmadas pelos caminhos entre um e outro dos templos nascentes ou, do alto dos mirantes, do Monte Amélia ou do castelo de Miramont, seguem em atitude elegíaca o espetáculo das nuvens que se deslocam sobre o vale. A rara sensação de felicidade que me dava ouvir falar a minha narradora, disse Austerlitz, parando -normalmente, fez-me pensar que também eu, como os aquistas de Marienbad de há cem anos, contraíra uma doença insidiosa e essa ideia arrastrou consigo a esperança de estar já a caminho da cura. Com efeito, nunca na minha vida tinha adormecido tão bem como nessa primeira noite passada com Marie. Ouvia a sua respiração regular. Os relâmpagos que de tempos a tempos sulcavam o céu mostravam, ao meu lado,

por um instante fugaz, o seu belo rosto, depois começou a cair lá fora o barulho de uma chuva persistente, os cortinados brancos enfunavam-se para dentro do quarto e senti ao adormecer um ligeiro abrandamento da tensão atrás da minha fronte que me deu a crença, ou a esperança, de estar enfim liberto. Mas a realidade foi muito diferente. Ainda de madrugada, acordei com uma abissal sensação de aturdimento, de tal modo que, sem poder ainda olhar para Marie, me ergui como se estivesse enjoado e me sentei na beira da cama. Tinha sonhado que um criado do hotel nos trouxera para pequeno almoço uma bebida de um verde venenoso, numa bandeja de folha, e um jornal francês em cuja primeira página se via um artigo sobre a necessidade de reformas nas instalações termiais, referindo várias vezes a triste sorte dos trabalhadores hoteleiros *qui portent*, dizia o jornal do meu sonho, disse Austerlitz, *ces longues blouses grises comme en portent les quincaillers*. O resto da folha constava quase exclusivamente de obituários do tamanho de selos do correio cujas letras minúsculas só com grande esforço conseguia decifrar. Os anúncios eram em francês, mas também em alemão, polaco e holandês. Lembro-me ainda, disse Austerlitz, de Frederieke van Wincklmann, de quem se dizia que era *kalm en rustig van ons heengegaan*, da estranha palavra *rouwkamer* e da nota: *De bloemen worden na de crematieplechtigheid neergelegd aan de voet van het Indisch Monument te Den Haag*. Fui até a janela e fiquei muito tempo a olhar para a rua ainda molhada da chuva, vi, no semicírculo desenhado pelos montes, os grandes hotéis, o Palace, o Pacifik, o Atlantic, o Metrópole, o Polônia e o Bohemia, com as suas filas de varandas, ângulos em torreão e águas-furtadas destacando-se da neblina matinal como navios num mar de trevas. Algures no passado cometi um erro, pensei, e estou agora a viver a vida errada. Mais tarde, durante um passeio até a arcada das fontes pelo povoado sem gente, tive sempre a sensação de que alguém caminhava ao meu lado ou que qualquer coisa tocara em mim. Cada nova perspectiva que se abria quando dobrávamos uma esquina, cada fachada, cada lance de escadas pareciam-me ao mesmo tempo familiares e totalmente estranhos. Senti o mau estado daqueles edifícios outrora senhoriais, as goteiras rotas, as paredes enegrecidas pela água da chuva, o reboco caído a deixar ver por baixo o tosco da alvenaria, as janelas parcialmente entaipadas com pranchas ou chapa ondulada, em tudo isso senti o reflexo do meu estado de espírito que não saberia explicar a mim próprio ou a Marie, nem neste primeiro passeio que demos pelo parque abandonado nem depois, ao fim da tarde, enquanto estivemos na kavárna da Město Moskva, Cidade de Moscou, a uma mesa por baixo de um quadro de pelo menos quatro metros quadrados pintado com nenúfares rosa. Lembro-me, disse Austerlitz, de termos pedido um sorvete, ou melhor, como se viu depois, um doce semelhante a um gelado, uma mistura pastosa a saber a

amido de batata, com aspecto de gesso e notável pelo fato de não derreter nem passada uma hora. Além de nós, havia na Cidade de Moscou apenas dois cavalheiros de idade, que jogavam xadrez numa mesa ao fundo. Também este chefe de mesa que, de mãos atrás das costas, olhava com ar ausente, através das cortinas rendadas manchadas de fumo, o outro lado da rua. A lixeira invadida por cerefólio gigante siberiano, ia já avançado na idade. Tinha o cabelo e bigode brancos cuidadosamente aparados, era fácil imaginá-lo com um fraque muito preto de talhe irrepreensível, um laço de veludo no engomado da camisa de alvura sobrenatural e sapatos de verniz cintilantes em que se refletiriam as luzes do saguão de um grande hotel. Quando trouxe a Marie, num pires, um maço largo e raso de quarenta cigarros cubanos adornado com um lindo motivo de folhas de palma e lhe deu fogo com toda a compostura, pude observar que ela muito o admirava. O fumo cubano pairava em espirais azuis entre nós e o ar e passou-se algum tempo antes que Marie me perguntasse o que tinha, porque estava tão ausente, tão ensimesmado, como é que a felicidade da véspera, que ela sentira, passara a esta: tão em baixo. E a minha resposta foi apenas que não sabia. Creio, disse Austerlitz, que procurei explicar que algo desconhecido, ali, em Marienbad, me revolvía o coração, qualquer coisa de muito banal, como um simples nome ou marca de que por nada nem ninguém neste mundo conseguimos lembra. Hoje, é impossível recordar em detalhe como passamos aqueles dois dias em Marienbad, disse Austerlitz. Sei que estive muitas horas nos banhos-massagem e nas cabines de repouso, o que por um lado me fez muito bem, mas por outro pode ter debilitado a minha resistência de tantos anos ao advento da memória. Uma vez fomos a um concerto no Teatro Gogol. Um pianista russo, de seu nome Bloch, tocou para meia dúzia de auditores os Papillons e as Cenas Infantis. No regresso ao hotel, Marie falou, quase em tom de aviso, disse Austerlitz, das trevas que envolveram Schumann à medida que ia enlouquecendo e de como no fim, no meio dos apertos do carnaval de Düsseldorf, galgara de repente o parapeito de uma ponte mergulhando nas águas geladas do Reno, de onde foi retirado por dois pescadores. Viveu ainda bastantes anos, disse Marie, num asilo privado para alienados mentais em Bona, ou Bad Godesberg, onde Clara o visitou esporadicamente acompanhada pelo jovem Brahms e, como já não se podia conversar com aquele homem completamente alheado do mundo que trauteava para si próprio notas desafinadas, contentavam-se em espreitar para o seu quarto por uma pequena abertura praticada na porta. Enquanto ouvia Marie e tentava imaginar o pobre Schumann no seu quarto de Bad Godesberg, tive sempre outra imagem diante dos olhos, a de um pombal por que tínhamos passado numa excursão a Königswart. Como a propriedade a que pertencia, esse pombal, que devia remontar ao tempo de Metternich, encontrava-

se num estado avançado de decadência. O chão do ninho construído estava coberto de excremento comprimido pelo seu próprio peso, mas já com uma altura de mais de dois pés, uma massa recozida onde repousavam os cadáveres de aves caídas dos seus nichos, mortalmente doentes, enquanto as suas companheiras ainda com vida, numa espécie de demência senil, na zona escura sob o telhado, onde já nada se vê, trocavam arrulhos de brando lamento e alguma penugem caía lentamente em espirais delgadas. Estas duas imagens de Marienbad, tanto a de Schumann louco como a dos pombos colados no lugar dos horrores, tornaram-me impossível qualquer avanço no conhecimento de mim próprio, por causa do tormento a elas inerente. No último dia da nossa visita, continuou Austerlitz por fim, ao fim da tarde, à laia de despedida, fomos passear no parque e descemos às chamadas fontes de Auschowitz. Encontra-se aí uma bela construção que abriga o fontanário envidraçado e tem o interior pintado de branco. Neste fontanário, que os raios do sol poente atravessavam e onde reinava um bem-vindo silêncio quebrado apenas pelo murmúrio da água, perguntou-me Marie, aproximando-se de mim, se sabia que no dia seguinte era o meu aniversário.



Amanhã, disse ela quando acordar vou te desejar tudo de bom e será como pedir a uma máquina cujo funcionamento ignoramos que trabalhe bem. E perguntou, disse Austerlitz, qual a razão de eu ser tão inacessível. Por que, perguntou ela, desde que chegamos aqui estás como um lago gelado? Por que vejo os teus lábios se abrindo como que para dizer alguma coisa, talvez mesmo gritar, e depois não ouço nada? Por que não desfez as malas quando chegamos e vive, por assim dizer, da sua mochila? Estávamos alguns passos afastados, como

dois atores num teatro. Os olhos de Marie mudavam de cor à medida que a luz diminuía. E de novo tentei explicar a ela e me explicar os sentimentos inconcebíveis que tinham me angustiado nos últimos dias; parecia até que as fachadas mudas das casas sabiam de mim coisas desagradáveis, que achava que devia estar sempre só e então mais que nunca, apesar de gostar muito dela. Não é verdade, disse Marie, que as pessoas precisem de ausência e de solidão. Não é verdade. Você tem é medo, e eu não sei de quê. Sempre foi um pouco distante, isso eu vi bem, mas agora parece estar num limiar que não ousa transpor. Nessa altura, fui incapaz de admitir que Marie tinha razão em tudo, mas hoje, disse Austerlitz, mas hoje sei por que me sentia na obrigação de me afastar sempre que alguém se aproximava muito de mim, sei que me afastando me sentia seguro e que ao mesmo tempo me sentia um ser assustador e odioso, inabordável. Caía a noite quando atravessamos o parque de volta. No escuro, de ambos os lados do caminho de saibro branco que serpenteava a nossa frente, havia árvores e arbustos e Marie, que por culpa minha perdi então para sempre, ia falando para si própria, a meia voz, palavras de que só me restam fragmentos e que diziam dos pobres amantes *qui se promenaient dans les allées desertes du parc*. Já quase tínhamos chegado à povoação, disse Austerlitz, quando, num lugar onde se erguia já dos prados a neblina branca, um pequeno grupo de dez ou doze pessoas baixinhas surgiu como do nada e cruzou nosso caminho, gente enviada para cura por alguma empresa pública checa ou vinda de algum outro país socialista irmão. Eram figuras excepcionalmente baixas, ligeiramente inclinadas para a frente. Avançavam a passo de ganso, em fila indiana, e todos levavam na mão um desses copos de plástico ásperos usados nessa época nas nascentes de Mariánské Lázně. Lembro-me também, acrescentou ainda Austerlitz, de que todos, sem exceção, usavam capas de chuva finas em azul acinzentado, como tinha sido moda no Ocidente nos anos 50. Ainda hoje ouço por vezes o ruído seco que produziram quando, tão pouco visíveis como tinham surgido de um dos lados do caminho, desapareceram de novo do outro. — Durante toda a noite, após a minha última visita à šporkova, continuou Austerlitz, as recordações de Marienbad não me abandonaram. Assim que começou a clarear, embalei as minhas coisas, deixei o hotel da ilha de Kampa, atravessei a ponte Carlos ainda imersa na neblina da manhã, percorri as ruas da Cidade Velha, depois atravessei uma Praça Venceslau ainda deserta e cheguei à estação central de Wilsonova que revelou em nada corresponder à imagem que dela me tinha dado o relato de Vera. A construção jugendstil, outrora famosa muito além de Praga, tinha sido cercada, obviamente nos anos 60, por medonhas fachadas de vidro e acréscimos de cimento e levei algum tempo para encontrar, acima da rampa de acesso dos táxis ao subsolo, uma entrada para esta espécie de presídio. O saguão

subterrâneo de teto baixo onde me encontrei estava repleto de hordas de passageiros que ali tinham passado a noite, em grupos ou em famílias, no meio das malas, e uma grande parte deles ainda dormia. Este acampamento, impossível de abranger num só olhar, encontrava-se mergulhado numa luz vermelho-lilás verdadeiramente infernal, proveniente de uma plataforma um pouco elevada, com uns bons dez metros por vinte, onde havia umas cem máquinas de jogos alinhadas em bateria, com pouca clientela, soltando solitárias a sua musicata. Passei por cima dos corpos imóveis deitados no chão, subi e desci escadas, sem conseguir me orientar naquela estação labiríntica que na realidade é constituída apenas por lojas e quiosques diversos. Acabei por perguntar a um empregado fardado que vinha na minha direção: *Hlavní nádraží?* *Wilsonovo nádraží?*, e ele me puxou pela manga, como se faz com os meninos perdidos, para um recanto um pouco afastado onde uma placa comemorativa assinalava que a estação tinha recebido em 1919 o nome do Presidente americano Wilson, amante da liberdade. Decifrei a placa e fiz um aceno de agradecimento ao funcionário que se deixara ficar ao meu lado e me levou ainda a dobrar algumas esquinas e a subir alguns degraus até uma espécie de mezanino de onde se podia olhar para cima e ver a imponente cúpula da antiga Estação Wilson, ou melhor, metade dessa cúpula, pois a outra metade estava por assim dizer cortada pela nova construção erguida dentro dela. Ao longo do semicírculo correspondente à cúpula corria uma galeria onde tinham instalado mesas de café. Ali fiquei uma meia hora, depois de ter comprado um bilhete para Hoek van Holland, até a partida do meu trem, procurando remontar às décadas anteriores, lembrar-me como era quando, no colo de Agáta — assim, disse Austerlitz, me tinha contado Vera — quase deslocara o pescoço porque não queria tirar os olhos daquela cúpula tão incrivelmente alta. Mas nem Agáta, nem Vera, nem eu próprio emergimos do passado. Por vezes parecia que o véu se ia rasgar, e então julgava, talvez por uma fração de segundo, sentir o ombro de Agáta ou ver o desenho da capa da revista de Charles Chaplin que Vera tinha comprado para a viagem, contudo, assim que pretendia fixar um destes fragmentos ou, também se pode dizer, regular a focagem, logo tudo desaparecia no vazio que me envolvia. Maior foi o meu espanto, sim, disse Austerlitz, o meu medo quando, mesmo antes da partida do meu trem das sete e treze, dei uma olhada pela janela do corredor e percebi com uma evidência que não deixava lugar a dúvida que já tinha visto, e à mesma meia luz, aquela cobertura de vidro e aço que abriga as plataformas, com os seus desenhos em retângulos, arcos de círculo, diagonais, horizontais e verticais, e quando depois o trem se pôs em marcha com infinita lentidão ao longo de um corredor entre fundos de casas, entrou no túnel aberto sob a Cidade Nova e atravessou o Moldava com uma batida regular, esse

momento foi para mim verdadeiramente, disse Austerlitz, como se o tempo tivesse parado no dia da minha primeira partida de Praga. A manhã estava sombria e opressiva. Sobre a toalha branca da pequena mesa do vagão-restaurante dos caminhos de ferro checos, onde tinha me instalado para ter melhor visão para fora, havia um pequeno abajur rosa, como os que outrora havia nas janelas dos bordéis belgas. O cozinheiro, com o barrete de lado na cabeça, fumava encostado na entrada do seu vagão e conversava com o criado, um homenzinho franzino de cabelo encaracolado, com um colete aos quadradinhos e laço amarelo. Lá fora, sob o céu carregado, iam passando campos e prados, lagos com carpas, bosques, uma curva de rio, um choupal, elevações e depressões, e perto de Beroun, se bem me lembro, uma pedreira de greda branca que se estendia por uma área de milha e meia quadrada: chaminés e altas torres de silos que desapareciam entre as nuvens baixas, enormes blocos de cimento já quebradiço com coberturas de chapa ondulada com ferrugem, fitas transportadoras ascendentes e descendentes, trituradoras para moer a pedra, montes cônicos de cascalho, barracas e vagões de mercadorias, tudo uniformemente coberto por uma camada de sedimento e pó cinza claro.



Depois, de novo o vasto campo aberto e por toda a parte, tanto quanto a vista alcança, nem um veículo nas estradas, nem uma só pessoa, exceptuando os chefes de estação que, fosse por tédio, fosse por hábito ou em virtude de qualquer regulamento que tivessem que respeitar, saíam para a plataforma mesmo nas paradas como Holoubvok, Chrást ou Rokycany, com o boné vermelho na cabeça, a maior parte deles, se bem observei, com bigodes louros, dispostos a não perder o expresso de Praga quando passasse atroando os ares nessa pálida manhã de abril. De Pilsen, onde fizemos uma paragem prolongada, só me lembro, disse Austerlitz, de ter saído para a plataforma para fotografar o capitel de um pilar de ferro que despertou em mim um reflexo de reminiscência.

Mas o que me perturbou ao vê-lo não foi a questão de saber se aquele capitel de forma complicada já coberto de manchas de fígado tinha ficado realmente gravado na minha memória quando, naquele tempo, no Verão de 1939, atravessei Pilsen com o transporte de crianças, e sim a ideia, em si ridícula, que me atravessou o espírito, de que aquele pilar de ferro a que a superfície escamada quase conferia vida, pudesse lembrar-se de mim e de certo modo, disse Austerlitz, ser testemunho do que eu próprio já não recordava. Passando Pilsen, a linha entra nos montes que separam a Boêmia da Baviera. Em breve negras florestas abraçavam o traçado da linha, retardando o ritmo da viagem. Tufos de neblina ou nuvens baixas pairavam entre os pinheiros a escorrer umidade até que, ao cabo de uma meia hora, a linha começou de novo a descer para o vale que ia alargando e chegamos a uma zona mais bonita. Não sei o que esperava da Alemanha, mas para onde quer que olhasse, disse Austerlitz, via sempre lugarejos e aldeias asseadas, oficinas e estaleiros primorosos, jardins tratados com amor, a lenha devidamente empilhada sob os telheiros, os caminhos que atravessam os campos muito bem alcatroados, estradas onde se deslocavam a grande velocidade carros de várias cores, florestas rentabilizadas, cursos de água regularizados e novas estações cujos chefes não eram obrigados a perfilar-se na plataforma. O céu mostrava algumas abertas, raios de sol simpáticos aclaravam aqui e além as terras e o trem, que do lado checo parecia avançar com dificuldade, avançava agora de repente com tal ligeireza que nem se acredita. Por volta do meio-dia chegamos a Nuremberg e quando vi numa guarita de sinais o nome, Nürnberg, escrito à maneira alemã, que eu não conhecia bem, veio-me ao espírito o que Vera tinha contado do relato feito pelo meu pai sobre o congresso do partido nacional-socialista do ano de 1939, o entusiasmo inflamado do povo ali reunido. Talvez tenha sido por isso que, em vez de indagar apenas sobre as ligações seguintes, como tencionara, saí sem prévia reflexão da estação de Nuremberg e penetrei na cidade desconhecida. Nunca tinha pisado solo alemão, sempre tivera o cuidado de evitar aprender topografia alemã, história alemã, conhecer as condições de vida atuais dos alemães e por isso a Alemanha era para mim, disse Austerlitz, incontestavelmente, o menos conhecido dos países, mais exótico do que o Afeganistão ou o Paraguai. Assim que saí da passagem inferior para a praça da estação imediatamente fui absorvido por uma incontável multidão que, como as águas no leito de um rio, fluía a toda a largura da rua, mas não na mesma direção, em duas, digamos que tanto para jusante como para montante. Creio que era um sábado, o dia em que as pessoas vão à cidade fazer compras e invadem esses paraísos de peões que, ao que parece e ao que depois ouvi dizer, existem mais ou menos com a mesma forma em todas as cidades alemãs. Nessa excursão, a primeira coisa que me saltou à vista foi o

grande número de casacos e chapéus de caçador, cinzentos, castanhos e verdes, e também que as pessoas em geral andavam com roupas boas e práticas, que os peões de Nuremberg calçavam sapatos de notável robustez. Evitava olhar muito para os rostos das pessoas com quem me cruzava. Achei estranho ouvir tão poucas vozes, o modo como aquela gente se movimentava na cidade sem barulho, e perturbou-me levantar os olhos para as fachadas de ambos os lados da rua e não ver uma única linha curva, mesmo naqueles prédios que, a julgar pelo estilo, deviam remontar ao século XVI ou ao século XV, nem na aresta das esquinas, nos frontões, nos caixilhos e parapeitos das janelas, nem uma só marca do passado. Lembro-me, disse Austerlitz, de pisar um ligeiro declive, de ter visto do parapeito de uma ponte dois cisnes alvos em água fusca e a seguir, acima dos telhados das casas, o castelo, dir-se-ia reduzido ao formato de um selo de correio. Não consegui decidir-me a entrar numa casa de pasto ou a comprar qualquer coisa numa das muitas bancas e quiosques. Mais ou menos ao fim de uma hora, quando quis tomar o caminho da estação, tive a plena sensação de ter que me debater numa corrente cada vez mais forte, fosse por estar numa subida, fosse por haver mais gente na direção contrária à minha do que na outra. De qualquer dos modos, disse Austerlitz, minuto a minuto ia-me sentindo mais receoso até que, já perto da estação, acabei por ter que parar junto da sede do Nurnberger Nachrichten, sob o arco de uma janela de arenito vermelho, e esperar até que a multidão de pessoas às compras se dissipasse um pouco. Hoje, não sei ao certo quanto tempo ali fiquei, com os sentidos embotados, à margem do curso ininterrupto de povo alemão, mas penso que seriam umas quatro ou cinco horas quando uma mulher idosa com uma espécie de chapéu tirolês com uma pena de galo parou ao meu lado e, tomando-me, talvez por causa da minha velha mochila, por um sem-abrigo, tirou da bolsa com dedos artríticos uma moeda de um marco que delicadamente me entregou como esmola. Quando, ao fim da tarde, segui finalmente viagem para Colônia, tinha ainda na mão essa moeda cunhada em 1956 com a efígie do chanceler Adenauer, disse Austerlitz. Fui quase todo o tempo no corredor, a olhar pela janela. Creio que é entre Wurzburg e Frankfurt que a linha atravessa uma zona de ricas florestas, carvalhos e faias despidos, mas também milhas e milhas de coníferas. Essa vista trouxe-me à memória um sonho que tive em Bala, em casa do pregador, e mais tarde, muitas vezes, com uma terra sem fim e sem nome toda coberta de negras florestas que eu tinha que atravessar sem saber para onde, e despertou em mim a ideia de que o que então via desfilar lá fora era o original dessa imagem que há tantos anos me perseguia. Acudiu-me também ao espírito uma segunda obsessão que tinha há muito: um irmão gêmeo que ia comigo numa viagem interminável, sentado à janela, no canto do compartimento, sem se mexer, a olhar para a noite. Nada

sabia dele, nem sequer como se chamava, e nunca tínhamos trocado uma só palavra, mas sempre que pensava nele atormentava-me a ideia de que no fim da viagem morria de tísica e ficava arrumado na rede bagageira, no meio das nossas outras coisas. Sim, e depois, continuou Austerlitz, já perto de Frankfurt, ao entrar pela segunda vez na minha vida no vale do Reno, à vista da Torre dos Ratos, na chamada Cova de Bingen, fiquei a saber com toda a certeza porque é que a torre da barragem de Vyrnwy sempre fora para mim tão inóspita. Nunca mais pude arrancar os olhos à corrente forte do rio ao crepúsculo, aos batelões aparentemente imóveis metidos até as bordas na água, às árvores e silvados na outra margem, ao fino tracejado vertical dos vinhedos, às nítidas linhas transversais dos muros de suporte, às falésias cinza e às ravinas definindo os flancos do que me parecia um pré-histórico e inexplorado reino.



Enquanto esta paisagem, para mim realmente mitológica, me mantinha sob feitiço, disse Austerlitz, o sol poente penetrara nas nuvens e enchia com a sua luz todo o vale, iluminava, à nossa passagem, os cumes do outro lado no ponto onde três enormes chaminés se erguiam no céu, de modo que toda a serra na margem ocidental parecia oca, apenas a camuflagem exterior de um centro fabril subterrâneo com muitas milhas de superfície. Quando se percorre o vale do Reno, disse Austerlitz, é difícil dizer em que época estamos. Até os castelos que dominam o rio e têm nomes estranhos, de ressonância fictícia, como Reichenstein, Ehrenfels ou Stahleck, ao vê-los do trem não sabemos dizer se são medievais ou construídos por barões da indústria no século passado. Alguns, por exemplo, Burg Katz e Burg Maus, parecem radicar na lenda, as próprias ruínas, à primeira vista, as semelham-se a um cenário de teatro romântico. O fato é que, ao descer o Reno nessa viagem, já não sabia em que época da minha vida estava. Ao clarão crepuscular vi o braseiro do amanhecer vermelho de um outro tempo propagar-se na outra margem para logo inflamar o céu e ainda hoje, se penso nas minhas viagens pelo Reno, a segunda pouco menos aterradora que a primeira, tudo se mistura na minha cabeça, o que vivi e o que li, as memórias que emergem e de novo se afundam, as imagens que se sucedem e os dolorosos espaços em branco onde nada resta. Vejo esta paisagem alemã, disse Austerlitz, tal como a descreveram os viajantes anteriores, o grande rio ainda não regularizado que em certos sítios galga as margens, salmões a saltar na água,

caranguejos a correr na areia fina; vejo os sombrios desenhos que Victor Hugo fez a pena de nanquim sobre os castelos do Reno e John Mallord Turner sentado num banquinho articulado, não longe da cidade assassina de Bacharach, a pintar com mão célere as suas aguarelas, vejo as águas profundas de Vyrnwy e os habitantes afundados de Llanwddyn e vejo, disse Austerlitz, o grande exército de ratos que se diz ter sido uma horda cinzenta que flagelou o país, precipitar-se na torrente e remar desesperadamente, com os pequenos focinhos a aflorar apenas à superfície, para alcançarem a ilha salvadora. Imperceptivelmente, o dia tinha declinado enquanto Austerlitz contava e a luz começava a faltar quando saímos juntos da casa de Alderney Street para irmos pela Mile End Road até um sítio um pouco fora da cidade, o grande cemitério de Tower Hamlets que, tal como o complexo de edifícios adjacente do Hospital de St. Clemens, com um muro de tijolo alto a rodeá-lo, pertencia, segundo um comentário de passagem de Austerlitz, ao cenário onde decorrera esta parte da sua história. No crepúsculo que lentamente descia sobre Londres percorremos as veredas entre memoriais erigidos nos tempos vitorianos em honra dos mortos, monumentos e mausoléus, cruzes de mármore, esteias e obeliscos, urnas bojudas e figuras de anjos, quase sempre sem asas ou muito danificados, petrificados, assim me pareceu, no momento em que iam levantar voo e abandonar a terra. A maior parte destes memoriais há muito tempo tinham sido deslocados ou tombados completamente por obra das raízes dos bordos que crescem por toda a parte. Os sarcófagos cobertos de líquen azul pálido, verde claro, ocre ou laranja estavam quebrados, as próprias sepulturas, umas saídas em parte do chão, outras semiafundadas no terreno, dir-se-ia que um tremor de terra abalara o bairro dos mortos ou que estes, chamados ao Juízo Final, tinham abandonado as suas moradas e, no seu pânico perturbado, a bela ordem que lhes impomos.



Nas primeiras semanas após sua volta da da Boêmia, assim retomou

Austerlitz a narrativa pelo caminho, aprendera de cor os nomes e as datas de nascimento e morte dos defuntos, levava para casa seixos e folhas de hera e também, uma vez, uma rosa de pedra e a mão caída de um anjo, mas, nestes meus passeios por Tower Hamlets, tanto os dias me acalmavam, disse Austerlitz, como de noite me visitavam estados de terrível angústia que por vezes duravam horas e horas com crescente intensidade. De pouco me serviu descobrir a fonte da minha perturbação, ver-me, ao longo de todos os anos passados, com extrema clareza, como a criança subitamente arrancada ao seu ambiente familiar: a razão não se impunha ao sentimento, que sempre reprimira, de rejeição, de aniquilamento. Esta angústia terrível me surpreendia no meio dos mais simples gestos, ao apertar os sapatos, ao lavar as xícaras do chá ou enquanto esperava que a água fervesse na chaleira. Em breve tempo ficava com a língua e o palato secos como se tivesse passado vários dias no deserto, respirava cada vez mais depressa, o coração arquejante palpitando na garganta, suor frio por todo o meu corpo, até nas costas da mão trêmula, e tudo o que olhava me parecia coberto por uma neblina negra.



Julgava gritar, mas nenhum som saía dos meus lábios, queria sair à rua e não chegava a mexer-me e uma vez, após uma contração longa e dolorosa, senti-me mesmo explodir por dentro e as partes do meu corpo dispersarem-se numa terra negra e distante. Agora já não sei, disse Austerlitz, quantos ataques deste gênero tive nesse tempo, mas um dia, quando caí a caminho do quiosque ao fundo de Alderney Street e bati com a cabeça no meio-fio da calçada, fui admitido no hospital de St. Clemens, último de uma série de diferentes clínicas e salas de observação, e dei comigo numa das enfermarias de homens quando mais tarde acordei após o que me disseram terem sido quase três semanas de ausência mental que na realidade não afetou as funções orgânicas, mas paralisou todos os meus processos intelectuais e toda a atividade emocional. No estado curiosamente apático em que me tinham posto os medicamentos ministrados, disse Austerlitz, e apontava com a mão esquerda a alta fachada de tijolo do

edifício da instituição por trás do muro, passei o inverno perambulando pelos corredores, sem gosto e sem vontade, horas olhando por uma das janelas sujas para o cemitério onde estamos agora, sem sentir nada dentro da cabeça além das quatro paredes calcinadas do meu cérebro. Mais tarde, quando se registrou alguma melhora do meu estado, passei a observar, pela alvorada, graças a um telescópio que me emprestou um dos enfermeiros, as raposas em correrias pelo cemitério, esquilos aos saltos e aos pulos que depois estacavam sem motivo, o rosto de algumas pessoas que passavam ocasionalmente e o lento bater de asas de um mocho, ao crepúsculo, no seu voo em círculos largos sobre as pedras tumulares. Por vezes conversava com um ou outro dos internos no hospital, por exemplo, com um assentador de telhados que afirmava lembrar-se com inteira clareza do momento em que, a meio do trabalho, em determinado lugar por trás da sua frente se rompeu qualquer coisa que esticara demais e ouvira pela primeira vez, no rouco aparelho de transístores pousado à sua frente no caibro, a voz do mensageiro das más novas que desde então o seguia constantemente.



Enquanto estive lá também não era raro pensar, disse Austerlitz, no modo como o pregador Elias tinha enlouquecido e no asilo de pedra de Denbigh, de onde só saiu para a cova. Só em mim próprio, na minha própria história e no estado em que estava me era impossível pensar. Logo no princípio do mês de Abril, um ano depois do meu regresso de Praga, tive alta. A médica com quem tive a última consulta hospitalar recomendou-me que procurasse uma atividade de pouco esforço físico, por exemplo, em horticultura, e foi assim que durante os dois anos seguintes, todas as manhãs bem cedo, à hora a que os empregados de

escritório acorrem à City, eu fiz o caminho inverso para ir para Romford, o meu novo local de trabalho, um centro municipal de plantas ornamentais anexo a um grande parque que emprega, ao lado de jardineiros formados, um certo número de auxiliares com deficiência ou com necessidade de encontrar repouso psíquico em alguma atividade. Não sei explicar, disse Austerlitz, como foi que, com o correr dos meses passados lá, em Romford, comecei a recuperar, se foi devido ao convívio com pessoas que, embora psiquicamente mal, se mostravam em parte alegres, ao clima sempre quente e úmido das estufas, ao aroma do solo musgoso que enchia toda a atmosfera, ao padrão de retilinearidade que se oferecia aos olhos ou à rotina do próprio trabalho, aparar e envasar cuidadosamente as estacas, transplantar as plantas que já tivessem crescido, cuidar dos alfobres e, era a tarefa que mais me agradava, regar com o crivo fino. Enquanto jardineiro auxiliar em Romford, disse Austerlitz, comecei a passar minhas noites e fins de semana debruçado sobre o pesado tomo, percorrendo quase oitocentas páginas impressas, que H. G. Adler, um nome até então desconhecido para mim, tinha escrito entre 1945 e 1947 sobre a criação, o desenvolvimento e a organização interna do gueto de Theresienstadt sob as mais duras condições, parte em Praga, parte em Londres, no que continuou a trabalhar até sua publicação por um editor alemão, em 1955.





Ler seu livro linha a linha foi abrindo meus olhos para coisas que, na minha visita à cidade fortificada, a minha ignorância quase total me impedira de imaginar, mas foi de uma lentidão infinita por causa dos fracos conhecimentos de alemão, sim, disse Austerlitz, posso mesmo afirmar que me foi quase tão difícil como seria a decifração de sinais cuneiformes ou ideográficos de uma escrita babilônia ou egípcia. Sílabas a sílabas, tinha que decifrar os longos compostos de muitos elementos que não constavam do meu dicionário e que a terminologia administrativa do alemão reinante em Theresienstadt visivelmente produzia num fluxo contínuo. E quando enfim decifrei o sentido de termos e conceitos como Barackenbestandteillager, Zusatzkostenberechnungsschein, Bagatellreparaturwerkstätte, Menagetransportkolonnen, Küchenbeschwerdeorgane, Reinlichkeitsreihenuntersuchung ou ainda Entwesungsübersiedlung — para meu espanto, Austerlitz pronunciou estas palavras alemãs encadeadas sem a menor hesitação e sem sombra de sotaque — tive ainda que procurar, prosseguiu ele, com idêntico esforço o sentido presuntivo das minhas reconstruções nas diversas frases e num contexto mais geral que constantemente ameaçava escapar-me, por um lado porque não raro uma mesma página me levava até a meia-noite e num período de tempo tão alargado se perde muita coisa, por outro porque o sistema do gueto, com a sua distorção quase futurista da vida social, continuava a ter para mim um carácter de irreabilidade, apesar de Adler descrever com todos os detalhes e em toda a sua funcionalidade.

descasque de batatas, na moagem de ossos ou na secção de colchões, no serviço dos doentes e acamados, na desinfestação e combate aos ratos, no serviço de alocação, na documentação central, na administração autônoma instalada na barraca BV denominada “o castelo”, ou no transporte de mercadorias assegurado dentro do recinto por uma miscelânea de carroças diversas e quatro dúzias de antigas carretas funerárias trazidas para Theresienstadt das comunidades rurais extintas do protetorado, que transitavam pelas ruas muito concorridas com dois homens aos varais, quatro a oito a empurrar agarrados aos raios, estranhos veículos vacilantes com a tinta preta e prateada a escamar e a que não tardaram a serrar grosseiramente as carroçarias estragadas, boleias altas e toldos suportados por colunas torneadas até que as partes de baixo com números e letras escritos deixaram de trair a sua finalidade original, finalidade essa, aliás, disse Austerlitz, que continuava a ser muitas vezes a sua, pois uma parte da carga que era preciso transportar diariamente em Theresienstadt eram os mortos, sempre numerosos porque, devido à alta densidade populacional e à penúria alimentar, as doenças infecciosas como escarlatina, enterite, difteria, icterícia e tuberculose não eram controladas, a média de idade dos deportados de território do Reich para o gueto era superior aos setenta anos e as pessoas eram levadas a crer, antes de transportadas, que iriam para uma certa estância terapêutica chamada Theresienbad situada na Boêmia, com belos jardins, esplanadas, pensões e vivendas, em muitos casos persuadidas ou obrigadas a assinar os chamados Heimeinkaufsverträgen, pretensos contratos de direito de residência com valor nominal até oitenta mil Reichsmark — essas pessoas, iludidas por tais enganos, apresentavam-se completamente equipadas, com suas melhores roupas e uma bagagem em que havia toda espécie de objetos e lembranças, com valor sentimental mas totalmente inúteis em Theresienstadt, muitas vezes já debilitadas de corpo e alma, sem controle sobre seus sentidos, delirantes, sem sequer se lembrar do nome e assim, nesse estado de fraqueza, ou não sobreviviam ou, poucos dias após o chamado confinamento, em virtude das extremas alterações psicopáticas da sua personalidade, uma espécie de infantilismo que os desligava da realidade e acarretava a perda quase total da capacidade de falar e agir, eram imediatamente selecionadas para o setor psiquiátrico instalado na casamata do quartel de cavalaria onde, em regra, nas condições terríveis ali existentes, morriam no espaço de uma a duas semanas; por isso, embora não faltassem em Theresienstadt médicos e especialistas que, conforme podiam, tratavam seus companheiros de prisão, e a despeito da caldeira de desinfecção a vapor instalada na torrefação de malte da antiga fábrica de cerveja, a despeito da câmara de gás cianídrico instalada pela Kommandatur no âmbito da campanha contra os piolhos e de outras medidas de higiene, o

número de mortos — aliás, disse Austerlitz, inteiramente dentro das intenções dos responsáveis pelo gueto — elevou-se muito acima dos vinte mil só nos dez meses entre agosto de 1942 e maio de 1943, pelo que a marcenaria da antiga escola de equitação deixou de poder entregar caixões prontos em número suficiente e altura houve em que mais de quinhentos mortos foram empilhados por camadas sobrepostas na morgue central do quartel junto à estrada de Bohusevice, os quatro fornos a nafta do crematório trabalhando noite e dia em ciclos de quarenta minutos, funcionando no extremo limite da sua capacidade, disse Austerlitz, e sobre este sistema, continuou ele, de internamento e trabalho forçado de Theresienstadt, destinado em última análise exclusivamente à extinção da vida, cujo organograma reconstituído por Adler regia todas as funções e competências com um zelo técnico-administrativo demencial, desde o destacamento de brigadas inteiras para a construção da linha de trem de Bohusevice para a fortaleza até o homem encarregado de velar sozinho pelo funcionamento do relógio da igreja católica desafetada, sobre este sistema era exercida uma vigilância e controle estatístico constantes, em especial em relação ao número total de internados do gueto, tarefa excepcionalmente dispendiosa, muito além dos requisitos civis, se pensarmos que chegavam constantemente novos transportes e nas seleções regulares de pessoas a serem mandadas para outros locais com a indicação de processo R.n.e., Rückkehr nicht erwünscht, Regresso não desejado, pelo que os responsáveis das SS, para quem o rigor dos números era um princípio fundamental, mandaram por diversas vezes proceder a censos, até um, disse Austerlitz, em 10 de novembro de 1943, fora das muralhas, em pleno campo, no barranco de Bohusevice, em que toda a população do gueto — crianças, velhos e doentes que quase não podiam caminhar incluídos —, depois de ter sido reunida ao amanhecer nos pátios dos quartéis, teve que sair em marcha, vigiada por guardas armados e formada em blocos levando à frente cartazes de madeira numerados, sem poderem sair das filas nem por minutos, obrigados a esperar um dia inteiro sob o frio penetrante da neblina a chegada dos SS que finalmente, pelas três horas, vieram nas suas motos iniciar o processo de contagem e depois ainda repetiram duas vezes a operação até se convencerem, por volta da hora de jantar, de que o resultado a que tinham chegado, mais o número dos raros indivíduos que haviam ficado do lado de dentro dos muros, correspondia na realidade ao efetivo previsto de quarenta mil cento e quarenta e cinco, e aí apressaram-se a partir, esquecendo-se, com a pressa, de dar a ordem de regresso, de modo que aquela multidão de tantos milhares de pessoas passou aquele dia cinzento de 10 de novembro no mesmo lugar do barranco de Bohusevice até altas horas da noite, numa agitação crescente, encharcados até os ossos, dobrados como vime sob as bátegas de chuva que vieram varrer o terreno,

até que por fim, numa vaga de pânico, se precipitaram para dentro da cidade de que a maior parte acabava de sair pela primeira vez desde a transferência e onde em breve, disse Austerlitz, logo após o Ano Novo, ante a perspectiva da visita de uma comissão da Cruz Vermelha prevista para a primavera de 1944 e considerada pelas instâncias competentes do Reich uma boa oportunidade de dissimular o carácter das deportações, se iniciaria a chamada ação de embelezamento que consistiu num vasto programa de saneamento levado a cabo pelos habitantes do gueto sob a direção das SS: arranjo de gramados e caminhos e instalação de um local para urnas com columbário, colocação de bancos de jardim e tabuletas de sinalização de madeira lavrada com motivos florais, à maneira alemã, plantação de mais de mil estacas de roseira, uma creche e um jardim de infância com grinaldas, caixas de areia, tinas para chapinhar e carrosséis; e o antigo cinema OREL, que até então servia de tugúrio aos habitantes mais velhos, em cuja sala obscura pendia ainda do tecto o lustre enorme, foi em poucas semanas transformado em sala de teatro e de concertos ao mesmo tempo que abriam, com mercadorias vindas dos armazéns das SS, estabelecimentos comerciais, alimentação e utensílios domésticos, vestuário para homem e senhora, sapataria, roupa interior, malas e artigos de viagem; passou a haver também um lar para convalescentes, uma capela, uma biblioteca com empréstimo de livros, um ginásio, uma estação de correios com serviço de encomendas postais, um banco cujo gabinete de direção foi mobilado com uma espécie de secretária de marechal de campo e estofos de clube, bem como um café com guarda-sóis e cadeiras articuladas para criar uma atmosfera de estância termal convidativa para quem passa, enfim, os melhoramentos e embelezamentos não tinham fim, foi serrar, pintar e envernizar até chegar a data da visita e Theresienstadt, depois de uma vez mais, no meio de toda esta azáfama, terem sido despachadas para leste sete mil e quinhentas das pessoas menos apresentáveis para, por assim dizer, abrir uma clareira, transformou-se num Eldorado potemkinesco capaz de deslumbrar até muitos dos próprios habitantes ou pelo menos de lhes despertar certas esperanças, de modo que a comissão constituída por dois dinamarqueses e um suíço, quando foi guiada pelas ruas segundo um rigoroso plano e horário delineado pela Kommandatur e percorreu os passeios limpos, esfregados nessa mesma manhã com lixívia, pôde ver com os seus próprios olhos aquela gente simpática e satisfeita, poupada aos horrores da guerra, debruçada às janelas, ver como andavam bem vestidos, como eram bem tratados os poucos doentes, como recebiam boa comida em serviços de louça e usavam luvas brancas para lhes distribuírem pão cortado, os cartazes que em cada esquina anunciavam eventos desportivos, cabarés, representações teatrais e concertos, ver como os habitantes da cidade, no fim do trabalho,

acorriram aos milhares a tomar o ar fresco nas muralhas e bastiões, pareciam passageiros de um paquete oceânico a dar a volta ao mundo, um espetáculo em tudo tranquilizador que os Alemães, fosse por motivos de propaganda ou para legitimarem aos seus próprios olhos os seus atos, logo após o fim da visita registraram num filme ao qual, como refere Adler, em Março de 1945, quando a maioria dos intervenientes já não estava viva, acrescentaram ainda uma banda sonora de música popular judia e do qual foi encontrada uma cópia, depois da guerra, na zona de ocupação britânica que ele, Adler, disse Austerlitz, nunca chegou a ver e que parece ter-se perdido por completo.

Verzeichnis der als Sonderweisungen bezeichneten Arbeiten.

1. Dienststelle
2. Kameradschaftsheim
3. SS-Garage
4. Kleine Festung
5. Deutsche Dienstpost
6. Reserve-Lazarett
7. Berliner Dienststelle
8. Gendarmerie
9. Reichsrippenforschung
10. Landwirtschaft
11. Torfabladen
12. Schleusenmühle
13. Eisenbahnbau Ing. Figlovský
14. Eisenbahnbau eig. Rechnung
15. Feuerlöschteiche E I, H IV
16. Straßenbau Leitmeritz
17. Straßenbau f. Rechnung Ing. Figlovský (T 321)
18. Uhrenreparaturenwerkstätte
19. Zentralamt f. d. Regelung der Judenfrage in Prag
20. Bau des Wasserwerks (T 423)
 - a) Ing. Figlovský
 - b) Artesia, Prag
 - c) Ing. C. Pítrous, Prag
 - d) sonstige Posten
21. Silagenbau Ing. Figlovský
(Hilfsdienst)
22. Kanalisationsarbeiten (T 45)
23. Kanalisationsarbeiten für Rechnung Ing. Figlovský
24. Bau der Silagegrube Ing. Figlovský
25. Steinbruch Kamaik
26. Krematoriumbau
27. Hilfsarbeiten und Schießstätte Kamaik-Leitmeritz
28. Kreta-Bauten und deren Erhaltungskosten
29. Chemische Kontrollarbeiten
30. Gruppe Dr. Weidmann [s. 19. Kap.]
31. Bucherfassungsgruppe [s. 19. Kap.]
32. Schutzbrillenerzeugung
33. Uniformkonfektion
34. Rindsledergaloschen
35. Zentralbad (arische Abt.)
36. Glimmerspalen
37. Kaninchenhaarscheren
38. Tintenpulversäckchenfüllen
39. Elektrizitätswerk
40. Kartonagenwerkstätte
41. Lehrspiele
42. Markenderwarenenerzeugung (früher Galanterie)
43. Instandhaltung von Uniformen
44. Jutesäcke-Reparatur
45. Bijouterie
46. Straßenerhaltung und Straßenreinigung
47. Arbeitsgruppe Jungfern-Breischan
48. Projektierte Hydrozentrale
49. NSFK-Flugplatz
50. Schießhof
51. Schieß-Stand
52. Holzkohleerzeugung



Durante meses, disse Austerlitz, procurei em vão no Imperial War Museum e outros locais encontrar indicações do paradeiro desse filme, pois, embora antes de sair de Praga tenha ido a Theresienstadt e estudado até a mais ínfima nota a descrição meticulosa de Adler, sentia-me incapaz de voltar ao gueto e imaginar que Agáta, a minha mãe, pode ter estado nesse lugar nessa época. Pensei sempre que, se ao menos se pudesse encontrar o filme, eu talvez pudesse vê-lo ou intuir como foi a realidade e imaginava muitas vezes que reconheceria Agáta sem a menor dúvida, a jovem que ela seria em comparação comigo, ou entre os clientes na esplanada do falso café, ou a vender modas e miudezas, a tirar um par de luvas de uma gaveta com todo o cuidado, ou como Olímpia na peça Os Contos de Hoffmann que, conta Adler, foi levada à cena em Theresienstadt no âmbito da ação de embelezamento. Imaginava também, disse Austerlitz, vê-la na rua com um vestido de verão e uma capa leve: só ela, de um grupo de habitantes do gueto em passeio, pareceria encaminhar-se diretamente para mim, aproximando-se passo a passo até eu ter a impressão que saía do filme e entrava em mim. Estas fantasias estão na base do estado de extrema agitação em que me encontrava quando o Imperial War Museum, através do Arquivo Federal de Berlim, conseguiu uma cópia em cassete do filme de Theresienstadt que eu procurava.

Revejo-me, disse Austerlitz, numa das cabines de vídeo do museu, a pôr com mãos trêmulas a cassete na fenda negra do gravador e depois, sem que percebesse bem as coisas, vi as diversas fases de trabalho de um ferreiro com o martelo e a bigorna, a olaria e a oficina de gravação de madeira, a marroquinaria e a fábrica de sapatos — sucessão ininterrupta de martelar e amolar, soldar, cortar, colar e coser — e em segundos desfilavam em cadeia os rostos estranhos, trabalhadores e trabalhadoras saíam ao fim do dia das casernas e atravessavam

um campo vazio sob um céu cheio de nuvens brancas imóveis, jogavam futebol no pátio interior de uma caserna perante um público numeroso acotovelando-se nas arcadas e galerias do térreo e do primeiro e segundo andares, homens a tomar duche nos banhos públicos, cavalheiros bem postos que iam buscar livros à biblioteca, uma orquestra completa a dar um concerto e lá fora, ao pé das muralhas, nas hortas banhadas na luz do sol de Verão, umas dúzias de pessoas alisavam canteiros, regavam os tomateiros e feijoeiros, apanhavam as lagartas das borboletas da couve e depois, ao serão, pessoas sentadas em bancos à porta das casas com um ar contente, as crianças a quem ainda dão mais algum tempo para brincar, uma pessoa a ler um livro, outra a conversar com uma vizinha, outras simplesmente com os braços apoiados no parapeito das janelas como era costume antigamente, à hora do crepúsculo. No imediato, não consegui meter na cabeça qualquer destas imagens que esvoaçavam diante dos meus olhos como uma espécie de irritação contínua que se agravou quando, para meu horror, vi que esta cassette de Berlim com o título original *Der Führer schenkt den Juden eine Stadt* [O Führer oferece uma cidade aos Judeus] era uma montagem de cerca de catorze minutos onde, contrariando as minhas esperanças, não aparecia Agáta, por mais vezes que eu passasse a cassette e por mais que buscasse entre aqueles rostos fugidios. A impossibilidade de fixar melhor aquelas imagens que pareciam desaparecer mal surgiam, disse Austerlitz, acabou por me dar a ideia de mandar fazer uma cópia dos fragmentos de Theresienstadt em câmara lenta com a duração de uma hora e efetivamente, neste documento quatro vezes mais longo que desde então não parei de rever, as coisas e as pessoas até então ocultas tornam-se visíveis. Agora tem-se a impressão de que os homens e mulheres trabalham nas oficinas como sonâmbulos, tal o tempo que precisavam para puxar para cima a agulha com a linha quando cosiam, tal o peso com que caíam as suas pálpebras, a lentidão com que moviam os lábios quando falavam para a câmara. Não caminhavam, pareciam flutuar, como se os pés não tocassem no chão. A forma dos corpos esbatia-se e, especialmente nas cenas de exterior, à luz clara do dia, perdia nitidez, como os contornos da mão humana nas fotografias e electrografias realizadas por Louis Dragnet em Paris, no fim do século XIX. Os muitos pontos danificados da película que antes quase não notara diluíam-se, mesmo no meio da imagem, manchavam-na, dando origem a zonas brancas com pintas pretas que me faziam lembrar vistas aéreas do extremo norte ou uma gota de água vista ao microscópio. Mas o mais perturbador, disse Austerlitz, era a transformação dos ruídos nesta versão em câmara lenta. Numa curta sequência do início que mostra o trabalho sobre o ferro ao rubro e a ferração de um boi de tiro na forja de um ferrador, a alegre polca de um qualquer compositor vienense de operetas que se ouve na banda sonora da cópia de Berlim torna-se uma

marcha fúnebre que se arrasta de um modo quase grotesco e as outras peças musicais que acompanham o filme, de que somente consegui identificar o cancan de La Vie Parisienne e o scherzo de Sonho de uma Noite de Verão, de Mendelssohn, evoluem num mundo que poderia dizer-se subterrâneo, das profundezas tenebrosas, assim disse Austerlitz, aonde voz humana jamais desceu.



Não se compreende nada do comentário. Onde a cópia berlinense, numa voz enérgica, arrancada à laringe com violência, falava de grupos de intervenção e das centúrias que realizavam conforme as necessidades os mais diversos trabalhos e eventualmente recebiam formação de modo a que todos os que tivessem vontade de trabalhar ganhassem a possibilidade de se integrar sem dificuldade no processo de trabalho, nesse ponto, disse Austerlitz, tudo o que se percebia era um grunhido ameaçador como só uma vez ouvi, há muitos anos, num 1º de Maio invulgarmente quente, em Paris, no Jardin des Plantes, quando, após um acesso de indisposição, fiquei um tempo sentado junto de um aviário, não longe da jaula das feras invisíveis do sítio onde estava e, pensei eu então, disse Austerlitz, privados da razão por força do cativeiro, os leões e os tigres davam a ouvir os seus rugidos lamentosos horas a fio, sem descanso. Sim, e depois, prosseguiu Austerlitz, mais para o fim vem a sequência relativamente longa da primeira audição da peça musical de um compositor de Thereseinstadt, se não estou em erro trata-se do Estudo para Orquestra de Cordas, de Pavel

Haas. Começamos por ver a sala desde a entrada, com as janelas todas abertas, e com muito público, que não está sentado em filas, conforme é costume nos concertos, mas a umas mesas para quatro, como num restaurante, em cadeiras de estilo alpino, provavelmente feitas para a ocasião na marcenaria do gueto, com um coração recortado no espaldar. Ao longo de todo o concerto, a câmara vai procurando grandes planos de diversas pessoas, entre elas um senhor de idade cuja cabeça, com o cabelo grisalho cortado curto, enche a metade direita da imagem enquanto do lado esquerdo, um pouco atrás e junto ao canto superior, surge o rosto de uma mulher jovem que mal se distingue das sombras que o rodeiam, pelo que não o tinha notado logo. Tem ao pescoço, disse Austerlitz, um colar de três voltas finas que pouco se destaca do vestido escuro subido, e no cabelo uma flor branca. Exatamente como nas frouxas recordações e outros raros indícios que hoje me restam, assim imagino a atriz Agáta, pensei eu, e olho uma e outra vez aquele rosto para mim tão estranho quanto familiar, disse Austerlitz, rebobino o filme várias vezes e vejo no indicador horário no canto superior do ecrã os Algarismos que cobrem uma parte do seu rosto, os minutos e os segundos, das 10h53 às 10h57, e os centésimos de segundo que correm tão depressa que não se podem fixar nem decifrar.



— No princípio deste ano, prosseguiu finalmente Austerlitz que, no meio da narrativa, tinha caído numa profunda abstração, no princípio deste ano, disse ele, pouco depois do nosso último encontro, fui pela segunda vez a Praga, reatei a conversa com Vera, instituí num banco uma espécie de fundo de

rendimento para ela e fiz tudo o que foi possível por melhorar a sua situação. Quando não estava demasiado frio na rua, chamávamos um motorista de táxi que eu tinha posto ao serviço de Vera para quando ela precisasse para nos levar a alguns sítios que ela tinha mencionado e que ela própria não via há uma eternidade, segundo a sua expressão. Da torre do mirante de Petřín ficamos olhando a cidade, seguimos os carros e os trens afastando-se ao longo das margens do Moldava e atravessando as suas pontes. Passeamos algum tempo entre as árvores ao sol pálido de Inverno, estivemos umas duas horas sentados no planetário do parque de exposições de Holešovice e dissemos os nomes das constelações que ainda reconhecíamos, primeiro em francês, depois em checo ou vice-versa, e uma vez fomos até Liboc, ao parque natural, onde se encontra, no meio de uma bela paisagem, um castelo recreativo em forma de estrela, mandado construir pelo arquiduque Fernando do Tirol que Vera me tinha dito ser um dos destinos favoritos nas saídas de Agáta e Maximilian. Fui vários dias seguidos ao arquivo do Teatro de Praga, na Celetná, examinar os registros dos anos de 1938 e 1939, e aí, no meio das cartas, documentos pessoais, programas e recortes de jornais amarelados pelo tempo, dei com a fotografia de uma atriz anônima que parecia corresponder à obscura recordação que tenho da minha mãe e em quem Vera, que antes havia observado durante muito tempo o rosto da espetadora que eu tinha copiado do filme de Theresienstadt para depois sacudir a cabeça e o pôr de lado, pois Vera imediatamente e sem sombra de dúvida, como ela disse, reconheceu Agáta tal como ela era então.



Nesta parte da narrativa, Austerlitz e eu tínhamos percorrido o caminho desde o velho cemitério por trás do hospital de St. Clemens até Liverpool Street. Quando nos despedimos junto à estação dos trens, Austerlitz entregou-me, num envelope que trazia a foto do arquivo teatral de Praga, como lembrança, disse ele, pois estava prestes a partir para Paris para procurar o rastro do seu pai e se situar na época que ele lá vivera, sentindo-se, por um lado liberto da sua falsa vida inglesa, por outro acabrunhado pela obscura sensação de não pertencer a esta cidade que no princípio lhe fora alheia, nem em lugar nenhum do mundo.

Foi em setembro desse mesmo ano que recebi um postal de Austerlitz com o seu novo endereço (6, rue des Cinq-Diamants, no 13º arrondissement), um convite, como eu bem sabia, a visitá-lo assim que possível. Quando desembarquei na Gare du Nord reinavam ainda as temperaturas do pino do verão, ao cabo de dois meses de uma seca que estiolara grandes áreas do país, e não diminuíram até outubro. Logo de manhã cedo o termômetro subia aos vinte e cinco graus e por volta do meio-dia a cidade, literalmente, gemia sob a imensa campânula de vapores de gasolina e de chumbo que pairava sobre toda a Ile-de-France. O ar cinza azulado, sufocante, estava parado. O tráfego avançava nos boulevards ao ritmo das fronteiras, as altas fachadas de pedra tremiam como

miragens à luz intensa, as folhas das árvores nas Tulherias e no jardim do Luxembourg estavam todas queimadas, as pessoas vagões do metrô e nos seus intermináveis corredores onde soprava um vento quente de deserto andavam mortas de cansaço. Encontrei Austerlitz, como combinado, no bistrô La Havane, Boulevard Auguste Blanqui, perto da estação de metrô Glacière. Quando entrei nesse local muito escuro, mesmo a meio do dia, passavam numa tela de televisão de pelo menos dois metros quadrados colocado num suporte de parede alto as imagens dos rolos de fumaça gigantescos que há várias semanas sufocavam cidades e aldeias da Indonésia, lançando cinzas claras na cabeça dos que se aventuravam fora de portas por um ou outro motivo com uma máscara de proteção no rosto. Ficamos os dois alguns momentos vendo o espetáculo dessa catástrofe do outro lado do mundo até que Austerlitz, sem qualquer preâmbulo, como era seu hábito, começou a contar. Da primeira vez que estive em Paris, no fim dos anos 50, disse ele virando-se para mim, aluguei um quarto em casa de uma senhora de certa idade, de seu nome Amélie Cerf, número 6 da rue Émile Zola, a apenas alguns passos da Pont Mirabeau, essa massa de cimento informe que ainda hoje vejo por vezes nos meus sonhos angustiados. A bem dizer, tencionava, ao voltar, arranjar casa nessa rue Émile Zola, mas acabei por decidir me instalar aqui, no décimo terceiro arrondissement, onde meu pai, Maximilian Aychenwald, que teve na rue Barrault seu último endereço, deve ter andado algum tempo antes de desaparecer sem deixar rastro e irrevogavelmente. De qualquer maneira, as minhas pesquisas nesse prédio da rue Barrault, que atualmente está quase todo vazio, não deram frutos, bem como as diligências nos registros municipais, tanto devido à proverbial má vontade dos funcionários públicos parisienses que o verão quente desse ano piorava mais como pela crescente reserva que sentia em apresentar nos diversos sítios requerimentos que, como dizia a mim próprio, não levariam a nada. E assim não demorei a percorrer sem plano nem objetivo as ruas que partem do Boulevard Auguste Blanqui, de um lado até a Place d'Italie, do outro até Glacière, sempre na esperança irracional de ver subitamente o meu pai vir na minha direção ou sair da porta de um prédio.



Fiquei horas sentado neste bar, tentando imaginar meu pai em seu terno trespassado cor de ameixa que entretanto estava um pouco amarrotado, curvado sobre uma das mesas do café escrevendo aos seus entes queridos em Praga essas cartas que nunca chegaram. Refletia continuamente se ele teria sido internado a seguir à primeira rusga em Paris, em Agosto de 1941, nos blocos em construção em Drancy ou somente em Julho do ano seguinte, quando um exército de polícias franceses foi buscar treze mil cidadãos judeus às suas casas na chamada grande rafle, em que mais de uma centena dos perseguidos saltaram pela janela ou se suicidaram por outro meio. Por vezes, creio ver os carros celulares sem janelas atravessar a cidade petrificada de terror e a multidão dos presos a céu

aberto no Vélodrome d'Hiver, os trens de mercadorias em que pouco depois os deportaram com partida de Drancy e de Bobigny; via imagens em que atravessavam o grande Reich alemão, via o meu pai, sempre com seu belo terno e o chapéu de veludo preto na cabeça, muito ereto e quieto, no meio de toda aquela gente aflita. Mas depois pensava antes que Maximilian devia ter conseguido sair de Paris a tempo, que tinha ido para sul, passado os Pirineus a pé e morrido algures na fuga. Ou achava, como já referi, disse Austerlitz, que o meu pai ainda estava em Paris, só à espera de uma boa ocasião para se dar a conhecer. Este gênero de intuições ocorre-me sempre em lugares que pertencem mais ao passado do que ao presente. Por exemplo, caminhando pela cidade, dou uma olhadela a um desses pátios interiores onde nada mudou em décadas e sinto quase fisicamente o curso do tempo abrandar quando entra no campo gravitacional das coisas esquecidas. Todos os momentos da vida me parecem então juntar-se num mesmo espaço, como se os acontecimentos futuros já existissem e estivessem somente à espera que enfim os descobramos, tal como, quando aceitamos um convite, vamos ter a determinada casa a determinada hora. E não é concebível, continuou Austerlitz, que também tenhamos encontros marcados no passado, no que já foi e está em grande parte extinto, e tenhamos que ir lá à procura dos lugares e das pessoas que conservam conosco algum tipo de ligação? Foi por isso que há pouco tempo, numa manhã particularmente abafada, andei pelo Cimetière de Montparnasse, instalado no século XVII pelos irmãos da Misericórdia nos terrenos do Hôtel-Dieu, hoje rodeado por torres de escritórios, entre as sepulturas dos Wölfflin, Wormser, Meyerbeer, Ginsberg, Franck e muitas outras famílias judias, num setor um pouco à parte, e foi como se, a despeito de ter passado tanto tempo desconhecendo as minhas origens, já tivesse estado no meio deles ou eles continuassem a acompanhar-me. Li todos os seus belos nomes alemães e fixei-os — em memória da minha senhoria da rue Émile Zola também o de um tal Hyppolyte Cerf, o qual, nascido em Neuf-Brisach em 1807, sem dúvida terá sido antes Hippolyte Hirsch e, segundo a inscrição, muitos anos após o seu casamento com Antoinette Fulda, de Frankfurt, a 8 de Março de 1890, ou seja, a 16 de Adar de 5650, faleceu em Paris. Entre os filhos destes antepassados vindos da Alemanha para se instalarem em Paris havia Adolphe e Alphonse e também Jeanne e Pauline que trouxeram para a família os genros, os senhores Lanzberg e Ochs, e na geração seguinte o casal Hugo e Lucie Sussfeld, Ochs em solteira, mortos quando deportados em 1944, segundo uma pequena placa meio coberta por um ramo seco de aspargo afixada no interior do estreito mausoléu.



Uma dúzia de anos separa essa época que hoje já lá vai há meio século de Novembro de 1958, que foi quando eu cheguei com as minhas poucas coisas a casa de Amélie Cerf, rue Émile Zola, pensei eu, disse Austerlitz, enquanto decifrava através do raminho de espargo ressequido a sucessão de letras das palavras morts en déportation. Perguntei então a mim próprio: que são doze ou treze desses anos? São apenas um único ponto de intolerável dor? Seria Amélie Cerf, que recordo como uma pessoa quase imaterial, a única sobrevivente da sua estirpe? Foi por isso que ninguém lhe dedicou um pensamento no mausoléu de família? Terá vindo repousar para este jazigo ou, como Hugo e Lucie, perdeu-se no ar cinzento? Pelo que me diz respeito, prosseguiu Austerlitz após uma longa

pausa, aquando da minha primeira temporada em Paris e depois, ao longo da vida, esforcei-me por nunca levantar os olhos do objeto do meu estudo. A semana, ia todos os dias à biblioteca nacional da rue Richelieu, onde costumava ficar no mesmo sítio até a noite em muda solidariedade com os incontáveis trabalhadores intelectuais, perdendo-me nas minúsculas notas de rodapé das obras que consultava, nos livros mencionados nessas notas e nos comentários a estes, indo sempre mais para trás, da descrição científica da realidade para os mais extravagantes detalhes, numa espécie de regressão contínua que ficou registrada sob a forma das minhas notas cada vez mais dispersas e divergentes que em breve se tornaram impenetráveis. Ao meu lado sentava-se quase sempre um cavalheiro idoso, com um cabelo bem penteado e manguitos, que há décadas trabalhava numa enciclopédia de história da igreja em que chegara à letra K, de forma que, como é óbvio, jamais chegaria ao fim. Enchia uma após outra com uma caligrafia miúda, como se gravasse, sem a menor hesitação, sem nunca fazer emendas, as suas pequenas fichas que depois alinhava a sua frente numa ordem meticulosa. Certa vez, mais tarde, vi num curta-metragem preto e branco sobre a vida da Bibliothèque Nationale como as mensagens circulavam a grande velocidade por correio pneumático entre as salas de leitura e as estantes ao longo do que poderia chamar-se um circuito nervoso e como a comunidade de investigadores ligados ao aparelho da biblioteca forma um ser extremamente complexo em constante evolução que se alimenta de miríades de palavras e gera por seu turno miríades de palavras. Creio que esse filme, que vi apenas uma vez mas que na minha imaginação se foi tornando mais fantástico e assombroso, tem o título *Toute la mémoire du monde* e foi feito por Alain Resnais.

Nessa época, perguntava muitas vezes a mim mesmo, naquela sala de biblioteca cheia de zumbidos, sussurros e tosses, se estava na Ilha da Bem Aventurança ou, pelo contrário, numa colônia penal, pergunta que me rondava a cabeça num dia particularmente fixado na minha memória, em que, do meu lugar temporário de trabalho no primeiro andar, sala das coleções de documentos e manuscritos, passei talvez uma hora a contemplar a fila de janelas altas fronteiras onde se refletiam as ardósias negras do telhado, as estreitas chaminés de tijolo vermelho, o azul de gelo cintilante do céu e o cata-vento branco de folha, uma andorinha elevando-se no azul celeste. As imagens reflectidas nas vidraças antigas eram um tanto irregulares, onduladas, e lembro-me que, ao vê-las, disse Austerlitz, sem que saiba o motivo, vieram-me as lágrimas aos olhos. Foi nesse mesmo dia, acrescentou Austerlitz, que Marie de Verneuil que, tal como eu, trabalhava nas coleções de documentos e deve ter reparado no meu estranho ataque de melancolia, me passou um bilhete a convidar-me para ir tomar café. No estado em que me encontrava, não pensei na natureza invulgar do

seu gesto, antes lhe comuniquei com um aceno de cabeça o meu acordo, quase por obediência, pode-se dizer, e desci com ela as escadas, disse Austerlitz, atravessamos o pátio interior e saímos da biblioteca para as ruas banhadas no ar fresco e agradável de uma manhã algo festiva, em direção ao Palais Royal onde passamos muito tempo sentados sob as arcadas ao lado de uma vitrine, lembro-me, disse Austerlitz, onde estavam expostas centenas e centenas de soldados de chumbo com as fardas coloridas do exército de Napoleão, em ordem de marcha e formação de batalha. Nesse primeiro encontro, e mesmo depois, Marie nada me contou de si mesma nem da sua vida, talvez por pertencer a uma família muito distinta e desconfiar que eu não pertencia por assim dizer a lado nenhum. A conversa no café da arcada do Palais Royal onde Marie tomou primeiro chá de menta e a seguir sorvete de baunilha, depois de termos descoberto os nossos interesses comuns girou sobretudo em torno de coisas da história da arquitetura, e entre outras, tenho-o ainda bem presente, disse Austerlitz, uma fábrica de papel na Charente que Marie visitara recentemente com um primo e que, segundo ela, disse Austerlitz, era um dos mais estranhos lugares que tinha visto. O edifício enorme, feito de barrotes de carvalho, que por vezes geme sob o seu próprio peso, situa-se, meio oculto pelas árvores e silvados, na curva de um rio verde escuro, disse Marie. Dois irmãos, ambos com garra para o ofício, um deles vesgo, o outro com um ombro torto, estão lá dentro transformando a massa encharcada de papel e farrapos em folhas em branco, limpas, que depois secam nas prateleiras de uma grande coberta no andar de cima. Lá, disse Marie, fica-se envolto numa penumbra silenciosa, vê-se a luz do dia através das ripas das persianas, ouve-se o murmúrio da água passando na represa, a roda girando lentamente, e desejamos então a paz eterna. Tudo o que depois Marie me deu a entender, disse Austerlitz, estava já contido nesta história da fábrica de papel em que me oferecia a alma sem falar de si. Nas semanas e meses seguintes, continuou Austerlitz, fomos muitas vezes juntos passear no jardim do Luxembourg, nas Tulherias e no Jardin des Plantes, para trás e para frente na esplanada entre a cortina de plátanos, a fachada oeste do Museu de História natural uma vez à direita, outra à esquerda, dentro e fora do jardim de inverno, pelos caminhos sinuosos do jardim alpino ou então nas avenidas desagradáveis do zoológico, onde outrora eram exibidos animais de grande porte trazidos das colônias africanas, elefantes, girafas, rinocerontes, dromedários e crocodilos, ao passo que agora a maior parte das jaulas, guarnecidas de tristes resíduos da natureza, ramos de árvores, rochas artificiais e poças de água, estão vazias e abandonadas. Nos nossos passeios, não raro ouvimos uma dessas crianças que os pais insistem em levar ao zoológico exclamar: *Mais il est ou? Pourquoi il se cache? Pourquoi il ne bouge pas? Est-ce qu'il est mort?* Por mim, só me lembro

de ter visto, num recinto poeirento sem mato, uma família de corças que um fardo de palha juntara em bela harmonia perto da vedação, e Marie insistiu para que tirasse uma foto deste bonito grupo.



Disse-me então uma coisa que nunca mais esqueci, disse Austerlitz, que os animais cativos e nós, o público humano que os observa, nos olhamos mutuamente *à travers une brèche d'incompréhension*. O primeiro ou terceiro fim de semana de cada mês, prosseguiu Austerlitz encaminhando a narrativa noutro sentido, Marie passava com os pais e o restante da família, que possuía diversas propriedades, umas na zona das florestas de Compiègne, outras mais ao norte, na Picardia, e nessas alturas em que ela não estava em Paris e eu ficava sempre numa certa inquietação, ia normalmente descobrir os arredores da cidade, pegava o metrô e ia a Montreuil, Malakoff, Charenton, Bobigny, Bagnolet, Le Pré-Saint-Gervais, Saint-Denis, Saint-Mandé ou outro lugar, percorria as ruas despovoadas dos domingos e tirava centenas do que eu chamava vistas de banlieu que, vazio, correspondiam por inteiro, como mais tarde compreendi, à minha situação de desamparo. Numa destas expedições suburbanas, num domingo de Setembro particularmente carregado em que cruzavam o céu nuvens de tempestade vindas de sudoeste, descobri em Maisons-Alfort, nos vastos terrenos da Ecole Vétérinaire ali fundada há duzentos anos, o Museu de Medicina Veterinária, cuja existência desconhecia. Na portaria estava um velho marroquino com uma espécie de albornoz e um fez na cabeça. Ainda tenho o bilhete, que comprei por vinte francos, disse Austerlitz e, tirando-o da carteira, passou-o por cima da mesa do bistrô onde nos encontrávamos como se tivesse uma importância particular.

RECEVÉ	Reçu n.º	1. Peto		ECOLE VETERINAIRE	
L754115	6/03/59	20		ECOLE VETERINAIRE	
		REGIE DE		REG.	
DATE	NOM de la partie versante	DÉSIGNATION DES PRODUITS	VERSEMENT en numéraire	CHEQUES bancaires	CHEQUE postaux

Dentro do museu, continuou Austerlitz, numa caixa de escada bem proporcionada, assim como nas três salas de exposição do primeiro andar, não encontrei viva-álma e por isso me pareceu tudo tão monstruoso naquele silêncio que o ranger do soalho sob os meus passos acentuava, os preparados expostos em vitrinas que vão até o tecto, todos sem excepção do fim do século XVIII e princípio do século XIX: modelos em gesso de mandíbulas de diversos roedores e ruminantes, cálculos renais tão grandes e tão perfeitamente esféricos como bolas de jogar, encontrados em camelos de circo; um leitão com apenas umas horas de vida, em corte, a que um processo de diafanização química tinha tornado os órgãos transparentes e que flutuava agora num líquido como um peixe dos fundos que nunca vê a luz do dia; um feto de cavalo azul pálido que tinha levado uma injeção subcutânea de mercúrio no trajeto venoso para criar contraste, e o mercúrio ressumava formando padrões semelhantes a flores de gelo; crânios e esqueletos das mais diversas criaturas, aparelhos digestivos inteiros em formol, órgãos com malformações patológicas, corações atrofiados e fígados inchados, árvores de brônquios, algumas com três pés de altura, cujas ramificações cor de ferrugem pareciam formações de coral, bem como, na secção teratológica, monstruosidades imagináveis e inimagináveis, bezerros com focinhos janusinos ou com duas cabeças, ciclopes com um frontal descomunal, um ser humano nascido no dia em que o imperador foi banido para a Ilha de Santa Helena, a que as pernas coladas davam um aspecto de sereia, um carneiro com dez patas e criaturas horrendas constituídas por pouco mais que um fragmento de pele, uma asa torta, metade de uma garra. Mas o mais pavoroso de tudo, disse Austerlitz, estava ao fundo do último gabinete do museu, a figura de corpo inteiro de um cavaleiro que na época que se seguiu à Revolução o anatomista e preparador Honoré Fragonard, então no auge da sua fama, esfolara tão habilmente que nas cores do sangue coagulado apareciam com nitidez todas as fibras dos músculos tensos do cavaleiro, bem como da sua montaria que se lança para a frente com expressão de pânico, e todas as veias azuladas, todos os tendões e ligamentos amarelo-ocre.



Fragonard, que pertencia a uma família célebre de perfumistas provençais, terá preparado desse modo, ao longo da sua vida ativa, mais de trezentos cadáveres e partes de corpos, o que permite concluir que esse agnóstico que não acreditava na imortalidade da alma terá ocupado os dias e as noites com a morte, rodeado pelo cheiro adocicado da decomposição, movido talvez pelo desejo de garantir ao corpo caduco ao menos uma parcela de vida eterna mediante um processo de vitrificação, logo de transformação, da sua substância corruptível num prodígio hialino. Nas semanas que se seguiram à minha visita ao Museu de Veterinária, continuou Austerlitz com os olhos virados para o boulevard, foi impossível para mim evocar o que quer que fosse do que acabo de

contar porque no metrô de volta de Maisons-Alfort tive o primeiro de muitos desmaios que viria a sofrer e que causam perda temporária mas completa da memória, uma afecção referida nos manuais de psiquiatria, tanto quanto sei, disse Austerlitz, como epilepsia histérica. Só quando revelei as fotografias que tirara nesse domingo de Setembro em Maisons-Alfort pude, com a ajuda delas e guiado pelas perguntas pacientes de Marie, reconstruir a experiência perdida. Lembrei-me então de que nessa tarde, ao sair do museu, estava tudo branco de calor nos pátios da escola de medicina veterinária, que ao caminhar junto ao muro julguei ter chegado a uma região abrupta e intransitável e senti necessidade de me sentar, não obstante continuei a andar com o clarão ofuscante do sol nos olhos e cheguei à estação do metrô onde tive que esperar um tempo que me pareceu infinito o trem seguinte na penumbra soturna do túnel. A carruagem em que segui na direção Bastilha, disse Austerlitz, não ia muito cheia. Lembrei-me depois de um cigano que ia a tocar acordeão e de uma indochinesa de pele muito escura e uma cara tão encolhida, com uns olhos muito encovados, que até metia medo. Quanto aos outros passageiros, só me lembro que iam todos a olhar para o lado, para o escuro onde não havia mais nada para ver além do reflexo esbatido da carruagem em que seguiam. Pouco a pouco fui-me lembrando de me ter sentido mal de repente durante a viagem, uma dor fantasma a espalhar-se pelo meu peito, e de ter pensado que ia morrer desse coração fraco que herdei não sei de quem. Só vim a mim na Salpêtrière, para onde me tinham levado, numa enfermaria com quarenta pacientes ou mais, algures naquele imenso complexo de edifícios onde sempre foram incertas as fronteiras entre hospital e penitenciária e que foi, por assim dizer, medrando ao longo dos séculos até se tornar um universo autônomo ali situado, entre o Jardin des Plantes e a Gare d'Austerlitz. No estado de semi-inconsciência em que por lá fiquei alguns dias, vi-me a vaguear num labirinto de milhas de corredores, abóbadas, galerias e grutas onde os nomes de diversas estações de metrô — Camp Formio, Crimée, Elysée, Iéna, Invalides, Oberkampf, Simplon, Solferino, Stalingrad — bem como certos cambiantes de cor e manchas no ar pareciam indicar ser ali o lugar do exílio dos caídos no campo da honra ou dos que tiveram morte violenta. Via ao longe exércitos de almas sem redenção arrastarem-se pelas pontes para a outra margem ou atravessarem túneis na minha direção, o olhar fixo, frio e apagado. Por vezes mostravam-se também em lugares distantes, acoradas no chão de pedra numa das catacumbas onde, esfarrapados e sujas, frente a frente e em silêncio, faziam com as mãos movimentos de esgravatar. E uma vez, lembro-me, estava já melhorando, disse Austerlitz, e num desses meus estados de inconsciência, invadido pela dolorosa sensação de que qualquer coisa em mim queria emergir do esquecimento, vi-me diante de um cartaz publicitário pintado

em traços largos que estava colado na parede do túnel e representava uma família feliz em férias de inverno em Chamonix. Em fundo, os picos das montanhas brancos de neve e por cima um céu de um azul maravilhoso, e a margem superior não cobria completamente um aviso amarelecido afixado pela câmara municipal de Paris em julho de 1943. Quem sabe, disse Austerlitz, o que teria sido de mim na Salpêtrière, quando não me lembrava de nada de mim mesmo, da minha história anterior ou seja do que for e dizia, como mais tarde me contaram, coisas sem pé nem cabeça em diversas línguas, quem sabe o que seria de mim se um enfermeiro chamado Quentin Quignard, de olhar irrequieto e cabelo ruivo flamejante, não tivesse descoberto no meu caderno de notas as iniciais quase ilegíveis M. V., seguidas do endereço 7, place des Vosges, que Marie, depois de nossa primeira conversa no café da arcada do Palais Royal, escrevera num espaço livre entre as minhas notas. Depois de a terem chamado, ela passou horas e dias na minha cabeceira, falando-me com calma, e em princípio eu não sabia quem ela era, disse Austerlitz, embora sentisse saudade dela, sobretudo quando sucumbia ao peso de um enorme cansaço e, num último arroubo de consciência, tentava tirar a mão de baixo dos cobertores para lhe dizer adeus mas também para lhe mostrar que esperava que voltasse em breve. Numa de suas visitas regulares ao meu leito de doente na Salpêtrière, trouxe-me da biblioteca do avô um livrinho de farmacologia publicado em Dijon em 1755, *pour toutes sortes de maladies, internes et externes, invétérées et difficiles à guérir*, como indicava a página de rosto, exemplo perfeito da arte tipográfica em que o próprio tipógrafo, um tal Jean Ressayre, num recado que serve de prefácio ao receituário, recorda às pias damas caridosas da boa sociedade que foram eleitas pela mais alta instância que preside aos nossos destinos para instrumentos da divina misericórdia e que se os seus corações se voltarem para os desvalidos e para os aflitos que sofrem misérias, chamarão a si e aos membros da sua família toda a ventura, toda a prosperidade e todas as bênçãos do céu. Li cada linha deste belo prefácio várias vezes, bem como as receitas para o fabrico de óleos aromáticos, pós, essências e infusões para acalmar os nervos doentes, para lavar o sangue das secreções de bÍlis negra, para repelir a melancolia, onde se fala de folhas de rosa brancas e cor-de-rosa, violetas selvagens, flores de pêssago, açafão, cidreira, eufrásia, e realmente, com a leitura deste livrinho de que ainda hoje sei de cor passagens inteiras, readquiri a confiança em mim próprio e recuperei a memória, disse Austerlitz, fui pouco a pouco conseguindo vencer essa debilidade física que me tomara a seguir à visita ao museu de Medicina Veterinária, de forma que em pouco tempo fiquei capaz de andar de braço dado com Marie pelos corredores sombrios e poeirentos da Salpêtrière. Quando tive alta e saí daquela fortaleza para doentes que se inscreve em trinta hectares de

terreno com as suas quatro mil camas ocupadas por doentes, representando a cada momento a lista inteira dos males que podem afetar a humanidade, retomamos os nossos passeios pela cidade, prosseguiu Austerlitz. Entre as imagens que retive na memória conta-se a de uma rapariguinha com uma cabeleira rebelde e olhos verde-água que, ao saltar à corda numa das clareiras de saibro do Luxembourg, tropeçou na bainha do seu impermeável demasiado comprido e esfolou o joelho direito, cena que despertou em Marie um déjà-vu pois há mais de vinte anos, disse ela, precisamente naquele sítio, tinha-lhe acontecido a mesma coisa, um incidente de que então se envergonhara e que tinha despertado nela pela primeira vez um vislumbre de morte. Pouco depois, numa tarde de sábado nebulosa, fomos até a zona meio abandonada que se estende entre as linhas da Gare d'Austerlitz e o Quai d'Austerlitz, na margem esquerda do Sena, onde nesse tempo havia apenas cais de mercadorias, armazéns, entrepostos, alfândegas e uma ou outra oficina de mecânica. Numa superfície livre perto dos terrenos da estação tinha o circo itinerante Bastiani montado a sua pequena tenda já muito remendada e enfeitada com fieiras de luzes laranja. Entramos, sem o termos previamente acordado, já muito perto do fim do espetáculo. Havia umas poucas dúzias de mulheres e crianças em assentos baixos à volta da pista, ou melhor, não era bem uma pista, disse Austerlitz, era mais um redondel delimitado por umas pazadas de serradura e pela primeira fila de espetadores, tão reduzido que um cavalinho teria dificuldade em ali trotar em círculos. O último número, que ainda chegamos a tempo de ver, foi apresentado por um ilusionista com uma comprida capa azul-noite que tirava da cartola um galo bantã com uma plumagem maravilhosamente colorida e pouco maior que uma pega ou um corvo. Obviamente bem amestrada, esta ave de cores magníficas executou um percurso em miniatura em que teve que transpor diversas escadas, escadotes e obstáculos, deu o resultado certo de contas que o mágico lhe mostrava em cartões com diferentes grafias, como dois vezes três ou quatro menos um, mediante as bicadas correspondentes, a uma ordem sussurrada, de lado deitou-se no chão para dormir, numa posição curiosa, com uma asa aberta, e por fim desapareceu de novo dentro da cartola de seda. Após a saída de cena do ilusionista as luzes foram-se apagando lentamente e assim que os nossos olhos se habituaram à escuridão vimos no céu da tenda inúmeras estrelas desenhadas com tinta fluorescente, o que criava realmente a ilusão de estarmos ao ar livre. E enquanto olhávamos com uma certa emoção, disse Austerlitz, para aquele firmamento artificial cuja orla inferior quase podíamos tocar com a mão, um após outro todos os artistas da trupe foram entrando na pista, o mágico, a sua bela mulher e os seus três também belos filhos, todos de cabelos escuros, o último dos quais vinha com uma lanterna e

um ganso branco de neve. Cada qual trazia o seu instrumento. Se não estou em erro, havia um pífaro, uma tuba um tanto amassada, um tambor, uma concertina e um violino e vinham todos vestidos à oriental, com compridos mantos orlados de pele, os homens com um turbante verde claro. A um sinal que trocaram, começaram a tocar de um modo contido mas penetrante que, logo ao primeiro compasso, a despeito ou talvez por causa de eu ter vivido sempre sem verdadeiro contacto com a música, me emocionou profundamente. Não sei dizer o que tocaram naquela tarde de sábado os cinco saltimbancos na sua tenda de circo montada por trás da Gare d'Austerlitz para um magro público vindo sabe Deus de onde, mas pareceu-me, disse ele, música oriunda de muito longe, do leste, pensei eu, do Cáucaso ou da Turquia. Também não sei o que me sugeriram esses sons produzidos por aqueles músicos que por certo não sabiam ler pautas. Por vezes tive a impressão de ouvir naquela música um hino de igreja galês há muito esquecido, outras, as voltas de uma valsa, muito mansamente e no entanto vertiginosas, o tema de um ländler ou o arrastar de uma marcha fúnebre que serve para avançar em fila e deixar a cada compasso o pé ura instante no ar antes de voltar a pousá-lo. O que em mim se passou enquanto ouvia aquela música noturna extraordinariamente exótica que os instrumentos algo desafinados pareciam arrancar do nada, não sei, disse Austerlitz, e na altura também não sabia se era dor o que me oprimia o peito ou se pela primeira vez na minha vida ele se expandia de felicidade. Porque é que certas tonalidades, modulações e sínopes nos emocionam a esse ponto, nunca um ser tão pouco musical como eu poderá compreender, disse Austerlitz, mas hoje, em retrospectiva, quer-me parecer que foi a imagem do ganso branco impassível e imóvel no meio dos artistas músicos o mistério que me tocou. O pescoço ligeiramente avançado, as pálpebras cerradas, sob aquele céu pintado da tenda, até se dissiparem as últimas notas, como se conhecesse a sua sorte e a daqueles com quem estava.

No nosso encontro seguinte, na Brasserie La Havane, disse Austerlitz, retomando a sua história, talvez eu soubesse já que na zona da margem esquerda do Sena onde assistira com Marie de Verneuil a esse inesquecível espetáculo de circo, que o correr dos anos foi degradando, se construía entretanto a nova Bibliothèque Nationale que recebeu o nome do presidente francês. A velha biblioteca da rue Richelieu foi encerrada, como eu próprio verifiquei recentemente, disse Austerlitz; a sala abobadada com os quebra-luzes verdes de porcelana que davam uma luz tão repousante foi abandonada, os livros nas prateleiras, em anfiteatro foram levados e os leitores que antigamente se sentavam lado a lado às mesas numeradas por pequenas placas de esmalte, com pleno respeito pelos seus predecessores, parecem ter-se desvanecido no ar frio. Não me parece, disse Austerlitz, que sejam muitos os antigos leitores a

frequentar a nova biblioteca no Quai François Mauriac. Quem não quiser chegar num desses trens de metrô sem condutor guiado por uma voz fantasmagórica àquela terra de ninguém desolada onde se situa a estação da biblioteca terá que pegar um ônibus na praça Valhubert ou então fazer a pé o último trecho do caminho pela marginal ventosa até aquele edifício de uma monumentalidade obviamente inspirada pelo desejo do presidente de se imortalizar e que, disse Austerlitz, como verifiquei aquando da minha primeira visita, tanto pelas dimensões exteriores como pela disposição interior, é um lugar inóspito, intransigente, adverso às necessidades de um verdadeiro leitor.



Chegando à nova biblioteca a partir da praça Valhubert depara-se com escadarias com trezentos metros de comprimento e uma largura de cento e cinquenta, em ângulo reto com ambas as ruas adjacentes, a rodear todo o complexo, feitas de incontáveis tábuas de madeira dura com entalhes que fazem lembrar o soco de um zigurate. Subidas as pelo menos quatro dúzias de degraus estreitos e altos, o que mesmo para visitantes jovens não deixa de ter os seus perigos, disse Austerlitz, chega-se a uma esplanada positivamente esmagadora para a vista e cujo pavimento é feito das mesmas tábuas com entalhes, com uma área de nove campos de futebol a contar entre os quatros cantos que as torres de vinte e dois andares da biblioteca arrematam. Especialmente em dias em que o vento, o que não é raro, disse Austerlitz, fustiga de chuva toda esta plataforma exposta, dá para pensar que por descuido fomos parar no convés do Berengaria ou outro gigante dos mares e não ficaríamos surpresos se a certa altura, ao mugido da ronca, víssemos o horizonte da cidade de Paris elevar-se e abater-se segundo o ritmo regular do navio que balança sobre ondas alterosas rumo à linha das torres ou vendo as figuras minúsculas que imprudentemente se tivessem aventurado no convés varridas por uma rajada de vento e levadas para a imensidão do Oceano Atlântico. Quanto às quatro torres de vidro, disse Austerlitz, a que, como num romance futurista, deram os nomes de tour des lois, tour des temps, tour des nombres e tour des lettres, sugerem a quem contempla

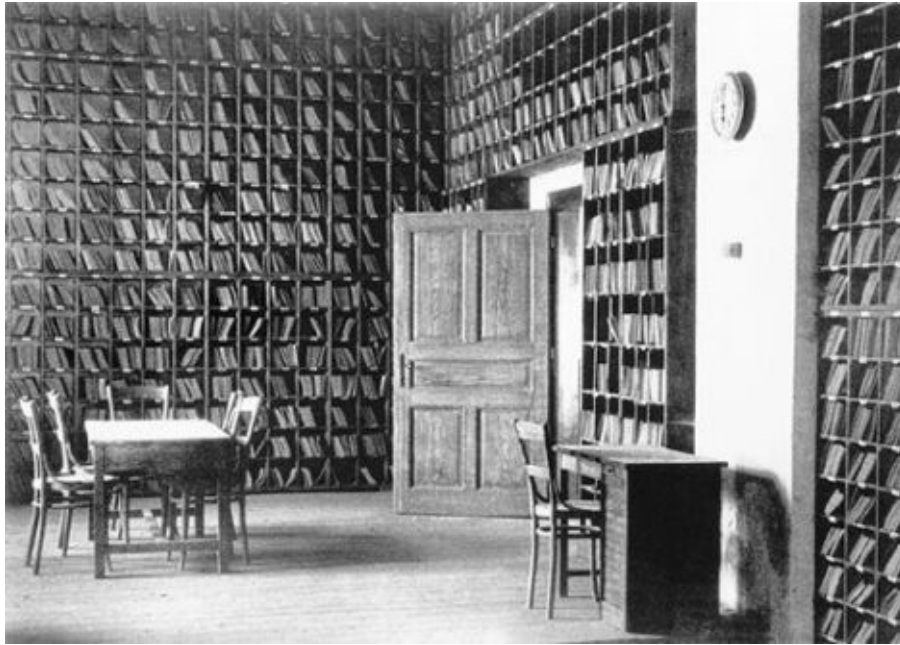
as suas fachadas e imagina atrás das gelosias fechadas um espaço em grande parte ainda por ocupar, uma cena babilônica. A primeira vez que estive na plataforma da nova biblioteca nacional, disse Austerlitz, levei algum tempo a descobrir o sítio onde os visitantes seguem por passadeira rolante para um andar mais abaixo, que na realidade é um térreo. Esta descida — depois do cansaço de subir para a plataforma — pareceu-me logo um desvario obviamente imaginado não encontro outra explicação, disse Austerlitz para desestabilizar e humilhar o leitor, tanto mais que esse dia da minha primeira visita terminou diante de uma porta de correr fechada a cadeado, na aparência provisoriamente, diante da qual tínhamos que deixar-nos revistar por uns seguranças com meia farda. O chão da grande sala para onde se entra a seguir está forrado com alcatifa cor de ferrugem e há por lá, colocados longe uns dos outros, uns quantos bancos estofados estreitos e muito baixos, sem encosto e de assentos articulados, onde os visitantes que queiram se sentar ficam com os joelhos quase na altura da cabeça, de modo que a primeira ideia que me veio à cabeça ao vê-los, disse Austerlitz, foi que aquelas formas, isoladas ou em grupo, acoradas no chão se faziam ali, com a última luz da tarde, uma pausa na travessia do Sahara ou da península do Sinai.



Fácil é concluir, continuou Austerlitz, que não é sem mais que se vai da sala do Sinai vermelho para o bastião interior da biblioteca; primeiro é preciso fazer o pedido num balcão de informações onde está uma meia dúzia de senhoras e a seguir, se o pedido exceder em alguma coisa o corriqueiro, tira-se um número, como nas repartições de finanças, e espera-se uma meia hora ou mais que outro funcionário da biblioteca nos chame a um cubículo à parte, onde

se diz o que se deseja e se recebe as respectivas instruções, como se se tratasse de um negócio de natureza nitidamente dúbia a tratar à porta fechada. Apesar de todas estas medidas de controle acabei por conseguir, disse Austerlitz, arranjar lugar na sala de leitura pública do haut-de-jardin, onde nos tempos seguintes passei horas, dias inteiros, absorto, como é agora hábito meu, a olhar para o pátio interior, para essa estranha reserva natural como que recortada na superfície da plataforma, um fosso com a profundidade de dois ou três andares onde foram plantados cerca de cem pinheiros bravos adultos transportados não sei como, disse Austerlitz, da Forêt de Bord para este seu exílio. Olhar o verde cinza das grandes copas destas árvores que talvez pensem ainda na sua pátria normanda é como olhar para uma charneca acidentada, ao passo que da sala de leitura só se vê a casca avermelhada dos troncos que, embora seguros por cabos de aço esticados em diagonal, oscilam um pouco nos dias tempestuosos, como plantas marinhas num aquário. Por vezes, nos devaneios a que me abandonava na sala de leitura, era como se visse, disse Austerlitz, nos cabos diagonais que subiam do solo para o dossel verde, artistas de circo que iam subindo, um pé adiante do outro, com as pontas da vara de equilíbrio a vibrar, até o cimo, ou então, sempre no limite do invisível, via correr de um lado para o outro esses dois esquilos que uma história apócrifa que me chegou aos ouvidos diz terem sido soltos ali na esperança de que se reproduzam e fundem, naquele pinhal artificial, uma colônia numerosa que sirva de distração ao leitor que acaso levante os olhos dos seus livros. Aconteceu também várias vezes, disse Austerlitz, aves perdidas na floresta da biblioteca voarem para o reflexo das árvores nas vidraças e caírem sem vida no chão após um choque surdo. Ali, no meu lugar da sala de leitura, pensei muito na relação que existe entre esses acidentes imprevistos, a queda mortal de uma criatura isolada desviada do seu caminho natural ou os sintomas recorrentes de paralisia que afetam o sistema eletrônico de informações, por um lado, e o traçado cartesiano da Bibliothèque Nationale e cheguei à conclusão de que em cada um dos projetos que concebemos e desenvolvemos a dimensão e o grau de complexidade dos sistemas de informação e controle que lhe são adstritos são fatores decisivos e por conseguinte a perfeição exaustiva e absoluta do conceito, na prática, pode coincidir, acaba mesmo por ter que coincidir com uma disfunção crônica e uma fragilidade intrínseca. Pelo menos para mim, disse Austerlitz, para mim que, afinal, dediquei uma grande parte da minha vida ao estudo dos livros e me sinto tão bem como em casa na Bodleian, no British Museum e na rue de Richelieu, esta nova biblioteca enorme que devia ser, segundo uma expressão odiosa agora em voga, o repositório de todo o nosso patrimônio escrito, revelou-se inútil para a minha pesquisa do rastro perdido do meu pai em Paris. Confrontado dia após dia com um sistema que parecia feito

somente de entraves e que me agredia cada vez mais os nervos, pus as minhas investigações de lado durante algum tempo e uma manhã, quando por qualquer razão me vieram ao espírito os cinquenta e cinco volumes vermelhos da biblioteca da šporkova, iniciei a leitura dos romances de Balzac que até então desconhecia, e em primeiro lugar da história do Coronel Chabert de que Vera tinha falado, o homem cuja carreira gloriosa ao serviço do imperador termina abruptamente no campo de batalha em Eylau quando é derrubado da sela por um golpe de sabre e cai ao chão, inconsciente. Anos depois, passados a vaguear pela Alemanha, voltou, como se ressuscitado de entre os mortos, voltou a Paris para reclamar os seus bens, a sua esposa que entretanto voltara a casar, a condessa Ferraud, e o seu próprio nome. Tal um fantasma, disse Austerlitz, ergue-se diante de nós no consultório do advogado Derville um velho soldado seco e magro, como se lê nessa passagem. Os seus olhos parecem cobertos por uma capa transparente e tremulam intermitentemente como madrepérola suja à luz das velas. O seu rosto, agudo como uma lâmina, está lívido e no pescoço traz uma gravata de seda preta de má qualidade. *Je suis le colonel Chabert, celui qui est mort à Eylau*, apresenta-se com estas palavras, antes de falar da vala comum (uma *fosse des morts*, escreve Balzac, disse Austerlitz) para onde o atiraram juntamente com os outros que caíram no dia da batalha e onde acabou por vir a si, como ele diz, com a sensação de dor extrema. J'entendis, ou crus entendre, Austerlitz cita de memória enquanto contempla pela janela da brasserie o Boulevard Auguste Blanqui, *des gémissements poussés par le monde des cadavres au milieu du quel je gisais. Et quoique la mémoire de ces moments soit bien ténébreuse, quoique mes souvenirs soient bien confus, malgré les impressions de souffrance encore plus profondes que je devais éprouver et qui ont brouillé mes idées, il y a des nuits ou je crois encore entendre ces soupirs étouffés*. Poucos dias depois desta leitura que, continuou Austerlitz, ao seu jeito de folhetim, reforçou em mim a suspeita há muito alojada de que a fronteira entre a morte e a vida é mais permeável do que costumamos pensar, estava eu na sala de leitura quando, ao abrir uma revista americana de arquitetura — eram precisamente seis da tarde — eu me deparo com uma foto cinzenta de grande formato que mostra uma sala cheia até o tecto de cacifos abertos onde hoje estão guardados os processos dos prisioneiros da chamada pequena fortaleza de Terezín. Lembrei-me, disse Austerlitz, de que na minha primeira visita ao gueto da Boêmia não fui capaz de entrar no posto avançado situado no talude na parte de fora da cidadela em estrela, e talvez tenha sido por isso que, ao ver a sala do arquivo, fiquei com a convicção de que o meu verdadeiro posto de trabalho se encontrava lá, nessa pequena fortaleza de Terezín em cujas casamatas frias tanta gente perecera, e com o sentimento de culpa de não estar lá.



Enquanto sofria com tais pensamentos, bem ciente de que, continuou Austerlitz, iam afluindo à minha cara os sinais dessa perturbação que tantas vezes me assalta, fui abordado por um funcionário da biblioteca chamado Henri Lemoine que ainda me conhecia do meu primeiro tempo de Paris, quando ia diariamente à me Richelieu. Jacques Austerlitz?, perguntou Lemoine junto à minha mesa e ligeiramente inclinado para mim, e assim, disse Austerlitz, naquela sala de leitura do haut-de-jardin que àquela hora começava a esvaziar-se pouco a pouco, começou entre nós uma longa conversa sussurrada sobre a progressiva perda da nossa capacidade de memória concomitante da proliferação informacional e sobre o colapso total, l'effondrement, na expressão de Lemoine, da Bibliothèque Nationale. O novo edifício da biblioteca que, tanto pela sua localização como pelos regulamentos a raiar os limites do absurdo que procuram excluir o leitor como inimigo potencial é pois, disse Austerlitz, para Lemoine, quase a manifestação oficial da necessidade firme e cada vez mais patente de pôr fim a tudo que ainda esteja vivo no passado. A determinada altura da nossa conversa, disse Austerlitz, acedendo a um meu pedido casual, Lemoine levou-me ao décimo oitavo andar da torre sueste, ao chamado belvedere, de onde se avista todo o aglomerado urbano, um amontoado de calcário descorado que se foi formando ao correr dos milênios, assente num solo hoje totalmente cavo, minado, espécie de excrescência cuja progressão concêntrica se estende muito

para além dos Boulevards Davout, Soult, Poniatowski, Masséna e Kellermann até a cintura exterior de arrabaldes já imersos no lusco-fusco. Umas milhas a sueste, uma mancha verde no meio do cinzento uniforme com uma espécie de matacão no meio que Lemoine identificou como a aldeia dos macacos no Bois de Vincennes. Mais perto, o sorvedoiro de vias de tráfego com trens e carros arrastando-se em todas as direções como negros escaravelhos e lagartas. É estranho, disse Lemoine, mas de lá de cima tinha sempre a impressão de que a vida em baixo se esboroa silenciosa e lentamente, que o corpo da cidade está atacado por uma doença obscura de propagação subterrânea, e no momento em que Lemoine fazia esta observação lembrei-me, disse Austerlitz, dos meses de Inverno do ano de 1959, quando estudava na rue de Richelieu uma obra em seis volumes orientadora dos meus trabalhos, *Paris, ses organes, ses fonctions et sa vie dans la seconde moitié du XIXème siècle* que Maxime du Camp, que antes, como ele conta, percorrera os desertos do Oriente feitos da poeira dos mortos, começou a escrever por volta de 1890 num estado emocional resultante de uma esmagadora visão do Pont Neuf e viria a completar sete anos mais tarde. Na outra ponta do andar do belvedere, disse Austerlitz, via-se para norte, para além da diagonal do Sena, do bairro do Marais e da Bastilha. Um muro de nuvens cor de tinta estava a formar-se sobre a cidade já imersa em sombra e em breve seria impossível distinguir as suas torres, palácios e monumentos, a não ser o branco espectral da cúpula de Sacré Coeur. Estávamos a um pé do envidraçado que vai até o chão. Assim que se baixa o olhar para a plataforma clara e para as copas escuras das árvores mais altas que ela, sentimo-nos sugados pelo vazio e somos obrigados a dar um passo atrás. Contou-me Lemoine que por vezes, disse Austerlitz, ali em cima, sentia o correr do tempo rodear-lhe as têmporas e a testa, mas provavelmente, acrescentou, é apenas o reflexo de uma consciência das várias camadas que se sobrepõem lá em baixo, no solo urbano, que o passar dos anos foi formando na minha cabeça. No terreno vazio entre as agulhagens da gare d'Austerlitz e o Pont Tolbiac onde hoje se ergue essa biblioteca, por exemplo, houve até o fim da guerra um grande entreposto para onde os Alemães levavam todo o espólio tirado das casas dos judeus de Paris. Foram umas quarenta mil, creio, disse Lemoine, as habitações esvaziadas na época numa operação que durou um mês e para a qual requisitaram toda a frota automóvel das empresas de mudanças de Paris e criaram um exército de não menos de mil e quinhentos carrejões. Todos os que participaram de algum modo neste programa altamente organizado de expropriação e reaproveitamento, os estados-maiores responsáveis e por vezes rivais da potência ocupante, os serviços de finanças e fisco, os registros cadastral e civil, os bancos e seguradoras, a polícia, as firmas de transportes, os senhorios e zeladores imobiliários, todos tinham forçosamente

que saber, disse Lemoine, que poucos dos internados em Drancy regressariam. A maior parte dos valores, bens, ações e imóveis apropriados sumariamente nessa época, disse Lemoine, encontram-se ainda hoje nas mãos do Estado e da cidade. E ali, no armazém de Austerlitz-Tolbiac, amontoou-se no ano de 1942 tudo o que a nossa civilização produziu para embelezar a vida ou para mero uso doméstico, desde cômodas Luís XVI, porcelanas de Meisser, tapetes persas e bibliotecas inteiras até o último dos conjuntos de saleiro e pimenteiro. Ouvi mesmo dizer recentemente a um homem que trabalhou no armazém, disse Lemoine, que havia umas caixas de cartão especiais para guardar à parte o colofônio retirado das caixas dos violinos confiscados, por razões de higiene. Mandaram vir para Dancy mais de quinhentos historiadores da arte, antiquários, restauradores, marcheteiros, relojoeiros, peleiros e costureiras que, guardados por um contingente de soldados da Indochina, trabalharam dia após dia catorze horas na reparação e seleção, segundo o seu valor, dos bens que chegavam — faqueiros de prata com faqueiros de prata, painéis com painéis, brinquedos com brinquedos, etc. Mais de setecentos trens dali partiram para as cidades destruídas do Reich. Não era raro, disse Lemoine, visitarem o depósito, que os prisioneiros chamavam Les Galeries d'Austerlitz, os bonzos do Partido vindos da Alemanha e as altas patentes das SS e da Wehrmacht, com as suas esposas ou outras damas, para escolher uma mobília de sala para uma villa em Grunewald, um serviço de Sèvres, um casaco de peles ou um Pleyel. As coisas mais valiosas, naturalmente, não foram despachados em gros para as cidades bombardeadas; e hoje já ninguém sabe onde foram parar e toda esta história está sepultada, no sentido próprio do termo, sob as fundações da Grande Bibliothèque do nosso faraônico presidente, disse Lemoine. Lá em baixo, nas plataformas sem gente, esmorecia a última claridade. As copas do pequeno pinhal que do alto tinham parecido um tapete verde de musgo já não eram mais que um retângulo negro uniforme. Ficamos ainda algum tempo no belvedere, lado a lado, em silêncio, a olhar a cidade já cintilante de luzes.

Pouco antes de partir de Paris encontrei-me ainda uma vez com Austerlitz para um café matinal no boulevard Auguste Blanqui e ele disse-me que no dia anterior soubera por um colaborador do serviço de documentação da rue Geoffroy-l'Asnier que Maximilian Aychenwald teria sido internado no fim de 1942 no campo de Gurs e que ele, Austerlitz, deveria investigar nesse lugar situado no sul, no sopé dos Pirineus. Curiosamente, disse Austerlitz, umas horas antes do nosso último encontro, quando voltava da Bibliothèque Nationale e pegou a correspondência na Gare d'Austerlitz, tivera o pressentimento de estar mais perto do seu pai.



Como eu talvez soubesse, na quarta-feira anterior uma parte do tráfego ferroviário estivera paralisada por uma greve, e por causa do silêncio nada habitual que reinava na Gare d'Austerlitz, ocorrera-lhe a ideia de que o seu pai devia ter partido de Paris daquela estação próxima da sua casa na rue Barrault a seguir à entrada dos Alemães. Imaginei, disse Austerlitz, que o via debruçar-se da janela do compartimento à partida, vi os rolos de fumo branco subindo da locomotiva que se punha pesadamente em movimento. Fiquei então meio aturdido, a vaguear pela estação, pelo labirinto dos corredores subterrâneos, pelas passagens aéreas de peões, pelos lanços de escadas que sobem e descem. Esta estação, disse Austerlitz, foi sempre para mim a mais misteriosa de todas as de Paris. Passei lá muitas horas nos meus tempos de estudante e até escrevi uma espécie de memorando sobre a sua traça e a sua história. Nesse tempo, fascinava-me particularmente o fato de os trens do metrô que vêm da Bastille, depois de atravessarem o Sena por um viaduto de ferro, entrarem de lado no andar superior da estação, como se a fachada os engolisse. Ao mesmo tempo inquietava-me o espaço por trás dessa fachada, quase completamente vazio e com uma luz fraca, onde se erguia um estrado montado com barrotes e pranchas toscos, com uns suportes que pareciam forcas e toda a espécie de ganchos de ferro ferrugentos, que mais tarde me disseram servir para pendurar as bicicletas. A primeira vez que subi a esse estrado, uma tarde de domingo a meio das férias, não vi lá uma única bicicleta, e talvez fosse por isso, ou por causa das penas de pombo pousadas nas tábuas do chão, que se me impôs a ideia de que estava no cenário de um crime sem castigo. Ainda por cima, essa sinistra construção de madeira continua a existir. Nem sequer se dispersaram ainda as penas dos pombos cinzentos. E há manchas escuras, de óleo lubrificante, talvez, ou de fenol, ou de qualquer outro produto, não se sabe. Outra coisa que me perturbou nessa tarde de domingo em que subi ao tal estrado foi ver, ao fim de algum tempo a olhar àquela luz difusa para a estrutura metálica ornamental da fachada

norte, lá no cimo, duas figuras talvez ocupadas em reparações, movendo-se suspensas de fios, como aranhas negras na sua teia. — Não sei, disse Austerlitz, o que tudo isto significa, por isso vou continuar à procura do meu pai e também de Marie de Verneuil.



Era quase meio-dia quando nos despedimos junto ao metrô Glacière. Antigamente, disse Austerlitz a terminar, havia aqui fora grandes pântanos onde as pessoas patinavam no inverno, exatamente como em Bishopsgate, em Londres, e a seguir entregou-me as chaves da sua casa de Alderney Street. Poderia instalar-me lá sempre que quisesse, disse ele, e estudar as foto em preto e branco que um dia seriam tudo o que restaria da sua vida. E não deveria esquecer, disse ele ainda, de bater na porta inscrita no muro de tijolo da casa ao lado da sua, pois atrás desse muro há o que ele não podia ver de nenhuma das suas janelas, um espaço plantado com tílias e lilases onde desde o século XVIII são enterrados os membros da comunidade asquenaze, entre eles o rabino David Tevele Schiff e o rabino Samuel Falk, o Baal Schem de Londres. Suspeitava, disse Austerlitz, que as mariposas que entravam em sua casa vinham do cemitério, que descobrira poucos dias antes de sair de Londres, quando o portão foi aberto pela primeira vez em todos os anos que vivera em Alderney Street. No interior, uma mulher baixinha dos seus setenta anos, guarda das instalações, soube-se depois, passeava entre as campas de chinelos.



Ao seu lado, e quase da mesma altura dela, um cão pastor belga já grisalho, mas tímido, que respondia ao nome Billie. A luz clara da primavera que atravessava as folhas das tília acabadas de abrir poder-se-ia pensar, disse-me Austerlitz, fazer parte de um conto que, como a própria vida, fosse envelhecendo com o tempo. A história do cemitério de Alderney Street com que Austerlitz se despediu de mim não queria sair-me da cabeça e pode ter sido esse o motivo de, no regresso, eu ter parado em Antuérpia para voltar a ver o Nocturama e voltar a Breendonk. Passei uma noite agitada num hotel em Astridsplein, num quarto detestável forrado de papel marrom com vista para empenas cegas, chaminés de ventilação e coberturas planas vedadas com arame farpado.



Creio que havia na cidade uma festa popular. Fosse como fosse, as sirenes das ambulâncias e da polícia uivaram até de manhã. Ao acordar de um pesadelo, vi os aviões, como minúsculas flechas de prata, atravessar de dez em

dez minutos o ar muito azul sobrevoando as casas vizinhas ainda imersas na obscuridade. Quando saí do Flamingo Hotel — chamava-se assim, se bem me lembro —, por volta das oito horas, vi uma mulher pálida dos seus quarenta anos junto à recepção, atrás da qual não havia ninguém, deitada numa marquesa alta, com os olhos revirados. Os dois homens da ambulância discutiam lá fora, na calçada. Atravessei Astridsplein em direção à estação, comprei um café em copo de cartão e apanhei o primeiro trem suburbano para Malines, de onde fiz a pé os dez quilômetros até Willebroek através dos arrabaldes mais exteriores e do campo já em grande parte colonizado. Do que vi nesse caminho, nada resta na minha memória. Apenas vejo ainda uma casa notavelmente estreita, na realidade tinha pouco mais que a largura de um quarto, de tijolo acastanhado, pousada num talhão igualmente estreito rodeado por uma sebe de tuias, e tudo me pareceu muito belga. Mesmo ao lado dessa casa corre um canal e no momento em que eu ia a passar deslizava por ele uma comprida barcaça carregada de repolhos tão grandes e tão redondos como balas de canhão, sem ruído, aparentemente sem timoneiro, sem deixar esteira nas águas negras. Tal como há trinta anos, estava um calor pouco habitual quando cheguei a Willebroek. O forte, na sua ilha azul e verde, estava na mesma, mas o número de visitantes tinha nitidamente aumentado. No parque de estacionamento diversos autocarros aguardavam e na portaria atropelava-se um bando de miúdos da escola com roupas coloridas, em redor da caixa e do pequeno quiosque. Alguns tinham-se adiantado pela ponte, até o pórtico escuro que também desta vez e após longa hesitação não consegui transpor. Estive algum tempo numa das barracas de madeira onde os SS instalaram uma oficina de tipografia para produzir diversos formulários e cartões de felicitações. O tecto e as paredes estalavam com o calor e perpassou por mim a ideia de que o meu cabelo podia pegar fogo, como o de S. Julião quando atravessava o deserto. Mais tarde sentei-me na beira do fosso que rodeia a fortaleza. Ao longe, para lá da colônia penal, da vedação e das torres de vigia, vi os prédios AUSTERLITZ altos de Malines avançando cada vez mais pelo campo fora. Um ganso cinzento nadava nas águas escuras, uma vez para cá, outra vez para lá. A certa altura saiu para a margem e sentou-se na erva, não muito longe de mim. Tirei da minha mochila o livro que Austerlitz me deu no nosso primeiro encontro em Paris. Era do teórico da literatura londrino Dan Jacobson (um colega que nestes anos todos nunca cheguei a conhecer, tinha dito Austerlitz) e tratava da investigação que o autor fizera para descobrir o avô, o rabino Yisrael Yehoshua Melamed, conhecido por Haschel. Tudo o que Heschel tinha deixado ao neto como herança consistia em um calendário de bolso, um cartão de identidade russo, um estojo de óculos gasto onde havia, ao lado dos óculos, um bocado de seda já em farrapos e uma fotografia de estúdio que

mostrava Herschel de sobrecasaca preta e cartola na cabeça. Um dos olhos está tapado, pelo menos é o que se vê na capa do livro; no outro, reconhece-se ainda numa pequena mancha branca a centelha de vida que se extinguiu quando Herschel, logo a seguir à Primeira Guerra Mundial, morreu de ataque cardíaco, aos cinquenta e três anos. Foi esta morte prematura que levou Menuchah, a viúva do rabino, a emigrar em 1920 com os nove filhos da Lituânia para a África do Sul e deste modo Jacobson passou a maior parte da sua infância perto das minas de diamantes de Kimberley, na cidade do mesmo nome. A época, a maior parte das minas estavam já desafetadas, foi o que li sentado em frente da fortaleza de Breendonk, incluindo as duas mais importantes, a Kimberley Mine e a De Beers Mine e, como não estavam seladas, quem quisesse podia aventurar-se até a beira dos buracos gigantescos e olhar para os poços de vários milhares de pés de fundo. Era verdadeiramente aterrador, escreve Jacobson, ver abrir-se aquele vazio a um passo da terra firme, perceber que não há transição, apenas aquela linha que divide o lado da vida corrente do seu inimaginável contrário. O abismo onde não entra um raio de sol é a imagem de Jacobson para qualificar o passado enterrado da sua família e do seu povo que, ele sabe-o, jamais poderá ser içado desse poço. Nas suas viagens pela Lituânia, Jacobson não encontra vestígios dos seus antepassados, apenas as marcas do extermínio a que o coração doente de Herschel poupou os seus no momento em que parou de bater. Da cidade de Kaunas, onde se situava o estúdio em que Herschel outrora tirou uma fotografia, diz Jacobson que os Russos, no fim do século XIX, a tinham cercado com uma cintura de doze fortes que mais tarde, em 1914, a despeito da posição elevada em que os tinham construído, do grande número de canhões, da espessura dos muros e dos meandros dos corredores, se revelaram perfeitamente inúteis. Alguns dos fortes, escreve Jacobson, miram mais tarde, outros serviram de prisão aos Lituanos e depois novamente aos Russos. Em 1914 caíram nas mãos dos Alemães, entre eles o famoso Forte IX, onde instalaram postos de comando da Wehrmacht e onde nos três anos seguintes foram mortas mais de trinta mil pessoas. Os seus restos mortais, segundo Jacobson, repousam num campo de aveia, a cem metros da face exterior das muralhas. Até maio de 1944, com a guerra já perdida há muito, continuaram a chegar a Kaunas transportes vindos de ocidente. As últimas notícias conhecidas dos prisioneiros encerrados nas masmorras da fortaleza dão testemunho. Nous sommes neufcents Français, escreve Jacobson, que viu a frase escrita na parede caiada do bunker. Outros deixaram-nos apenas uma data e o local de nascimento com os nomes: Lob, Mareei, de St. Nazaire; Wechsler, Abram, de Limoges; Max Stern, Paris, 18.5.44. Sentado junto ao fosso da fortaleza de Breendonk, li o capítulo quinze de Heschey's Kingdom até o fim e a seguir fiz-me ao caminho para voltar a

Malines, onde cheguei ao cair da noite.

FIM

O Autor



W. G. SEBALD nasceu em Wertach im Allgäu, Alemanha, em 1944. Estudou língua e literatura alemã em Freiburg, Suíça, e em Manchester. Ensinou na Universidade East Anglia em Norwich, Inglaterra, durante trinta anos, tornando-se professor de literatura europeia em 1987, e de 1989 a 1994 foi o primeiro diretor do Centro Britânico para Tradução Literária. Seus livros conquistaram uma série de prêmios internacionais, incluindo o National Book Critics Circle Award, o prêmio do Los Angeles Times, o de Literatura de Berlim e o Nord Literatur. Morreu em dezembro de 2001.

Digitalização
Amag Ramgis

2008

